



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Juliane Kely Zanardi

**Educação midiática na era da (des)informação: o gênero do discurso *fake news***

Rio de Janeiro

2024

Juliane Kely Zanardi

**Educação midiática na era da (des)informação: o gênero do discurso *fake news***



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

Z27 Zanardi, Juliene Kely.  
Educação midiática na era da (des)informação: o gênero do discurso fake news/ Juliene Kely Zanardi. – 2024.  
227 f.: il.

Orientador: Tania Maria Nunes de Lima Camara.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise crítica do discurso – Teses. 2. Notícias falsas – Teses. 3. Redes sociais on-line – Teses. 4. Desinformação – Teses. 5. Educação midiática - Teses I. Camara, Tania Maria N. L. (Tania Maria Nunes de Lima). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Julienne Kely Zanardi

**Educação midiática na era da (des)informação: o gênero do discurso *fake news***

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 30 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara (Orientadora)

Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira

Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Denise Salim Santos

Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcela Martins de Melo Fraguas

Colégio Universitário Geraldo Reis

---

Prof. Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta Tese a meu filho, Heitor Zanardi Garcia, e a meu marido, Amaury Garcia, que sempre me inspiram e me motivam a ser uma pessoa melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família nuclear, que não apenas me incentivou a seguir em frente, mas lidou, pacientemente, com minhas alterações de humor e minhas ausências ao longo da escrita desta Tese.

Agradeço também a meus pais, João Políbio e Vera Lúcia, por terem me dado o dom da vida e feito inúmeros sacrifícios para que eu conseguisse chegar até aqui.

Faço um agradecimento especial à Prof<sup>ª</sup> Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara, que, mais uma vez, aceitou ser minha orientadora e foi minha grande interlocutora nesse processo, não apenas no âmbito acadêmico, mas também pessoal, me apoiando em todas as circunstâncias.

Agradeço também aos professores que gentilmente aceitaram fazer parte da composição desta banca, especialmente à Prof<sup>ª</sup> Dra Maria Teresa Gonçalves Pereira e Prof<sup>ª</sup> Dra Denise Salim Santos, que também fizeram parte da minha banca de qualificação e deram sugestões preciosas para que eu pudesse encontrar as melhores maneiras para finalizar o trabalho.

Agradeço aos meus alunos, pois esta pesquisa só tem sentido por causa deles. É por eles que sempre me esforço para ser uma professora melhor e busco no meio acadêmico formas de renovar e aprimorar minhas práticas.

Agradeço também aos colegas, do trabalho e da universidade, que acompanharam minha trajetória e me deram apoio até aqui. Agradeço, especialmente, à Adriana D'albrieux e ao Jorge Bastos, por terem, dialogicamente, me ajudado a adentrar nas ideias do Círculo de Bakhtin. Também faço um agradecimento especial a Naiara Martins Barrozo e Samanta Samira, com quem compartilhei as agruras e os deleites da vida acadêmica.

Uma mentira pode dar a volta ao mundo, enquanto a verdade ainda calça seus sapatos.

*Mark Twain*

## RESUMO

ZANARDI, Juliene Kely. *Educação midiática na era da (des)informação: o gênero do discurso fake news*. 2024. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O termo *fake news* ganhou notoriedade e se popularizou no final de 2016, relacionado a dois eventos políticos que tiveram grande repercussão no cenário mundial: as eleições presidenciais norte-americanas, que culminaram na vitória de Donald Trump, e o processo de desligamento do Reino Unido da União Europeia, conhecido como *Brexit*. A possível interferência de notícias falsas no resultado das duas votações provocou amplo debate e controvérsias entre a opinião pública. A partir desses fatos, a expressão *fake news* se consolidou e tem sido utilizada para referir uma série de textos que circulam na internet, veiculando conteúdo falso ou enganoso. Diante do quadro, a presente Tese se volta para o estudo das *fake news* como um novo gênero do discurso que se consolidou na contemporaneidade, atrelado ao atual cenário sociopolítico e ao advento das redes sociais. Para tal, são utilizados como referência trabalhos já realizados sobre o fenômeno estudado, tais como Wardle (2017), Santaella (2018) e Anstead (2021), além da teoria dos gêneros proposta pelo Círculo de Mikhail Bakhtin (2009; 2011). Considerando os graves impactos sociais provocados pela divulgação de conteúdo falso, o estudo se volta especialmente para a Educação Midiática como meio de combate, visando a apontar caminhos para sua abordagem como gênero do discurso nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: *fake news*; educação midiática; gêneros discursivos; práticas de leitura; ensino.

## ABSTRACT

ZANARDI, Juliene Kely. *Media education in the era of (mis)information: fake news as a genre of the discourse*. 2024. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The expression “fake news” gained notoriety and popularity in the end of 2016, due to two political events of world repercussion: the US presidential elections that culminated in the victory of Donald Trump and the process through which the United Kingdom left the European Union, known as Brexit. The possibility of interference of fake news on the result of both referenda sparked debate and controversy within the sphere of public opinion. After such facts, the term fake news has become common, and has been used to refer to a series of texts that circulate the internet, showing deceitful or false content. Considering such panorama, the present dissertation focusses on fake news as a new genre of the discourse that has been consolidated in contemporaneity, connected to the present sociopolitical backdrop and to the advent of social media. Works written on the phenomenon of fake news such as Wardle (2017), Santaella (2018) and Anstead (2021) have been referred to. Besides, we have used the theory of the genres of the discourse developed by the circle of Mikhail Bakhtin (2009 e 2011). Acknowledging the deep social impact caused by the dissemination of false content, the research turns especially to Media Education as a tool to combat fake news, aiming at showing possibilities to approach it as a discursive genre in Portuguese Language lessons.

Keywords: fake news; media education; genres of the discourse; reading practices; language teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Tipos de desordem informativa no meio digital .....	55
Figura 2 –	Notícia falsa publicada pela página <i>Alerta Guarujá</i> sobre suposta sequestradora de crianças .....	75
Figura 3 –	Atividade de livro didático que usa o gênero editorial para abordar o fenômeno das <i>fake news</i> .....	84
Figura 4 –	Atividade de livro didático que usa o gênero campanha para abordar o fenômeno das <i>fake news</i> .....	86
Figura 5 –	Atividade de livro didático que usa o gênero reportagem para abordar o fenômeno das <i>fake news</i> .....	87
Figura 6 –	Atividade de livro didático que sugere o uso do gênero exposição oral para abordar o fenômeno das <i>fake news</i> .....	88
Figura 7 –	Categorias de reelaboração dos gêneros do discurso .....	98
Figura 8 –	Exemplo de reelaboração do gênero notícia na rede social <i>Twitter</i> .....	106
Figura 9 –	Tipos de produção de conteúdo desinformativo .....	109
Figura 10 –	Exemplo de uso da sátira/paródia na composição de <i>fake news</i> .....	110
Figura 11 –	Exemplo de sátira ou paródia convertida em <i>fake news</i> .....	111
Figura 12 –	Exemplo de conteúdo enganoso na imprensa tradicional .....	112
Figura 13 –	Exemplo de conteúdo enganoso na composição de <i>fake news</i> .....	113
Figura 14 –	Comparação entre foto original e foto adulterada do Papa Francisco .....	114
Figura 15 –	Gerador de <i>fake news</i> .....	115
Figura 16 –	Exemplo de notícia falsa criada com o gerador de <i>fake news</i> .	116
Figura 17 –	Exemplo de conteúdo impostor na composição de <i>fake news</i> .	117
Figura 18 –	Comparação entre <i>site</i> real e <i>site</i> impostor .....	118

Figura 19 –	Conteúdo fabricado por meio do uso da técnica do <i>deepfake</i> ..	119
Figura 20 –	Exemplo de conteúdo fabricado na composição de <i>fake news</i>	120
Figura 21 –	Exemplo de conexão falsa na composição de <i>fake news</i> .....	121
Figura 22 –	Exemplo de contexto falso na composição de <i>fake news</i> .....	122
Figura 23 –	Exemplo de conteúdo manipulado na composição de <i>fake news</i> .....	123
Figura 24 –	Comparação entre foto original e foto manipulada para a composição de uma <i>fake news</i> .....	124
Figura 25 –	Exemplos de <i>fake news</i> com teorias conspiratórias sobre a vacina contra covid-19 .....	127
Figura 26 –	Exemplos de <i>fake news</i> baseadas em discurso de ódio .....	128
Figura 27 –	Exemplo de viés sensacionalista na imprensa tradicional .....	129
Figura 28 –	<i>Fake news</i> sobre o “ <i>kit gay</i> ” .....	130
Figura 29 –	Uso de expressões típicas de determinado grupo social em <i>fake news</i> .....	132
Figura 30 –	Uso de <i>emojis</i> e de letras garrafais .....	133
Figura 31 –	Exemplos da construção composicional típica das <i>fake news</i> em redes sociais e aplicativos de mensagem .....	135
Figura 32 –	Simulação de outros gêneros nas <i>fake news</i> .....	136
Figura 33 –	Exemplo de <i>fake news</i> sem divisão em dois componentes .....	138
Figura 34 –	Exemplo de <i>site</i> que se apresenta como portal de jornalismo independente com tendência a publicar conteúdo falso/malicioso .....	140
Figura 35 –	Três <i>fake news</i> sobre a mesma temática .....	142
Figura 36 –	Exemplo de <i>fake news</i> construída a partir de conexão falsa ....	150
Figura 37 –	Notícia original usada como base para composição de conexão falsa .....	151
Figura 38 –	Exemplo de <i>click-bait</i> para análise (Atriz magoada com a Globo) .....	154

Figura 39 –	Exemplo de <i>click-bait</i> para análise (Acidente de Pablio Vittar) .....	154
Figura 40 –	Exemplo de <i>click-bait</i> para análise ( <i>Remake</i> de <i>Jurassic Park</i> ) .....	155
Figura 41 –	Exemplo de <i>click-bait</i> para análise (Johnny Depp inconsciente) .....	156
Figura 42 –	Chamada sensacionalista (“Mulher dá à luz uma tartaruga”) ..	157
Figura 43 –	Chamada sensacionalista (“Luan Santana morto a tiros”) .....	158
Figura 44 –	Exemplo de sátira de telejornal .....	160
Figura 45 –	Comentários de internautas sobre paródia de telejornal .....	162
Figura 46 –	<i>Fake fake news</i> .....	163
Figura 47 –	Exemplos de <i>fake news</i> relacionadas à pandemia de Covid-19	164
Figura 48 –	Anatomia das <i>fake news</i> .....	165
Figura 49 –	Reportagem da revista <i>Veja</i> sobre o “boimate” .....	166
Figura 50 –	Retratação da revista <i>Veja</i> sobre o caso do “boimate” .....	167
Figura 51 –	Sátira publicada pela <i>New Science</i> como brincadeira de 1º de abril .....	168
Figura 52 –	Reportagem 1 sobre o caso do “boimate” .....	168
Figura 53 –	Reportagem 2 sobre o caso do “boimate” .....	169
Figura 54 –	Texto de opinião sobre o caso do “boimate” .....	170
Figura 55 –	Postagem em <i>blog</i> sobre o caso do “boimate” .....	170
Figura 56 –	Notícia equivocada sobre a morte da rainha Elizabeth (portal)	172
Figura 57 –	Notícia equivocada sobre a morte da rainha Elizabeth (rede social) .....	173
Figura 58 –	Retratação da <i>Folha de S. Paulo</i> sobre notícia equivocada acerca da morte da rainha Elizabeth .....	174
Figura 59 –	Postagens que criticam erro cometido pela <i>Folha de S. Paulo</i> .	175

Figura 60 –	Matéria do programa <i>Hoje em dia</i> sobre a grávida de Taubaté	175
Figura 61 –	<i>Podcast</i> sobre o caso da falsa grávida de Taubaté .....	176
Figura 62 –	Reportagem sobre o caso da falsa grávida de Taubaté .....	176
Figura 63 –	Manchete para análise (Mortes relacionadas à vacina) .....	178
Figura 64 –	Manchete para análise (Ivermectina mais eficaz do que vacina) .....	178
Figura 65 –	Manchete para análise (Vacinas como projeto de bioterrorismo) .....	178
Figura 66 –	Manchete para análise (Lote especial de vacinas) .....	178
Figura 67 –	Manchete para análise (Vacinas atualizadas para novas variantes) .....	179
Figura 68 –	Manchete para análise (Vacina brasileira para covid) .....	179
Figura 69 –	Manchete para análise (Nova vacina contra bronquiolite) .....	179
Figura 70 –	Manchete para análise (Dia D para vacinação no DF) .....	179
Figura 71 –	Verificação de informação falsa (Mortes relacionadas à vacina) .....	181
Figura 72 –	Verificação de informação falsa (Ivermectina mais eficaz do que vacina) .....	182
Figura 73 –	Verificação de informação falsa (Vacinas como projeto de bioterrorismo) .....	182
Figura 74 –	Verificação de informação falsa (Lote especial de vacinas) ....	182
Figura 75 –	<i>Print</i> de notícia falsa em portal de jornalismo independente ...	183
Figura 76 –	Recortes temáticos típicos de <i>fake news</i> antivacina .....	188
Figura 77 –	Vocabulário das <i>fake news</i> (“plandemia”) .....	189
Figura 78 –	Vocabulário das <i>fake news</i> (“fraudemia”) .....	189
Figura 79 –	Vocabulário das <i>fake news</i> (“vachina”) .....	190
Figura 80 –	Vocabulário das <i>fake news</i> (“picada da serpente”) .....	190

Figura 81 –	Vocabulário das <i>fake news</i> (“absorvente de boca”) .....	191
Figura 82 –	<i>Fake news</i> sobre vacinas com suástica estilizada .....	193
Figura 83 –	<i>Fake news</i> sobre vacinas com associação ao holocausto .....	194
Figura 84 –	Notícia falsa sobre suposto leilão dos Correios .....	196
Figura 85 –	Notícia verdadeira sobre leilão dos Correios .....	196
Figura 86 –	Verificação realizada pela agência <i>Reuters</i> .....	197
Figura 87 –	Denúncia sobre o falso leilão no portal <i>Reclame Aqui</i> .....	198
Figura 88 –	Uso de notícias falsas para aplicação de golpes financeiros ....	199
Figura 89 –	<i>Fake news</i> do falso leilão dos Correios postadas no <i>Instragram</i> .....	200
Figura 90 –	<i>Fake news</i> do falso leilão dos Correios postadas no <i>Tik Tok</i> ...	200
Figura 91 –	Aplicativo <i>Google Lens</i> .....	201
Figura 92 –	Imagem manipulada com a finalidade de homenagem .....	202
Figura 93 –	Uso da IA para criar imagens realistas de personagens de desenhos .....	203
Figura 94 –	Imagem manipulada postada por engano .....	203
Figura 95 –	Imagem adulterada de Michelle Obama .....	204
Figura 96 –	Imagem manipulada do Papa Francisco com finalidade de humor .....	205
Figura 97 –	Arte criada por IA e apropriada na composição de <i>fake news</i> .	206
Figura 98 –	Foto manipulada para ancorar <i>fake news</i> sobre ator Keanu Reeves .....	207
Figura 99 –	Foto manipulada com finalidade sensacionalista .....	207
Figura 100 –	Aplicativos de edição de texto, fotos e vídeos .....	208
Figura 101 –	Reportagem sobre uso de <i>deep fake</i> .....	210
Figura 102 –	Uso do <i>deep fake</i> para inserir pessoa falecida em peça publicitária .....	211

Figura 103 –	Vídeo de campanha “Mensagem para Ella” .....	211
Figura 104 –	Reportagem sobre o risco do <i>FaceApp</i> .....	212

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Polos do texto de acordo com a perspectiva bakhtiniana .....	30
Quadro 2 –	Quadro comparativo entre o texto dos PCN e seus referenciais teóricos ..	41
Quadro 3 –	Distinção entre tipologia textual e gênero discursivo/textual .....	45
Quadro 4 –	Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos .....	51
Quadro 5 –	Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos revisitados .....	53
Quadro 6 –	Campos de atuação social propostos na BNCC para orientar as práticas de linguagem nos níveis Fundamental e Médio .....	83
Quadro 7 –	Dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão compreendidas no tratamento das práticas leitoras .....	89
Quadro 8 –	Transcrição do texto da reportagem do “boimate” .....	167
Quadro 9 –	Transcrição de verificação feita pela <i>Agência Lupa</i> .....	185
Quadro 10 –	Levantamento do vocabulário referente à pandemia nas peças de <i>fake news</i> apresentadas .....	191

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TDIC	Tecnologias da informação e comunicação

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
1	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....	22
1.1	<b>Concepção dialógica da linguagem</b> .....	25
1.2	<b>Gêneros do discurso</b> .....	32
1.3	<b>Gêneros do discurso e ensino de língua materna</b> .....	37
1.3.1	<u>Gêneros do discurso como objeto de ensino de língua materna: algumas reflexões</u> .....	40
1.3.2	<u>Gêneros do discurso e as TDIC: os multiletramentos</u> .....	48
2	<b>AS <i>FAKE NEWS</i> COMO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO</b> .....	55
2.1	<b>Origem do termo <i>fake news</i></b> .....	56
2.2	<b>A novidade das <i>fake news</i></b> .....	58
2.2.1	<u>Da mídia de massa à mídia fragmentada: o intermediário agora é outro</u> .....	60
2.2.2	<u>Algoritmos: os filtros de personalização e a prisão das bolhas</u> .....	65
2.2.3	<u>Pós-verdade</u> .....	69
3	<b>EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E COMBATE ÀS <i>FAKE NEWS</i></b> .....	73
3.1	<b>O problema das <i>fake news</i>: impactos sociais e formas de combate</b> .....	74
3.2	<b>Educação midiática: os PCN e a BNCC</b> .....	78
3.3	<b>Entre a teoria e a prática: a teoria do Círculo de Bakhtin como norte para práticas de leitura de <i>fake news</i></b> .....	84
4	<b>O GÊNERO DISCURSIVO <i>FAKE NEWS</i></b> .....	96
4.1	<b><i>Fake news</i>: a emergência de um novo gênero no meio digital</b> .....	97
4.2	<b>Procedimentos envolvidos na fabricação de <i>fake news</i></b> .....	108
4.3	<b>Regularidades composicionais das <i>fake news</i></b> .....	124
4.3.1	<u>Conteúdo temático</u> .....	125

4.3.2	<u>Estilo da linguagem</u> .....	130
4.3.3	<u>Construção composicional</u> .....	134
4.3.4	<u>Análise dos elementos composicionais de três <i>fake news</i></u> .....	141
5	<b><i>FAKE NEWS</i> NA SALA DE AULA: CAMINHOS POSSÍVEIS</b> .....	146
5.1	<b>Proposta 1: conexão falsa/<i>click-bait</i>/sensacionalismo</b> .....	149
5.2	<b>Proposta 2: sátira ou paródia/ “barriga”/forma composicional</b> .....	159
5.3	<b>Proposta 3: conteúdo enganoso/<i>fact-checking</i></b> .....	177
5.4	<b>Proposta 4: conteúdo impostor/Falso contexto/<i>Remix</i></b> .....	195
5.5	<b>Proposta 5: conteúdo fabricado e manipulado/ inteligência artificial datificação</b> .....	200
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	213
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	219

## INTRODUÇÃO

Embora seja impossível precisar o momento de seu surgimento ou até mesmo estabelecer uma definição que dê conta de sua complexidade, a mentira, inegavelmente, acompanha a trajetória da humanidade. Sob diferentes roupagens e acepções, a mentira perpassa as relações humanas e parece exercer um fascínio maior do que o seu contraponto, a verdade, como denuncia a epígrafe que abre a presente Tese – ela própria uma espécie de mentira, já que não há evidências de que realmente tenha sido elaborada pelo escritor Mark Twain (CHOKSHI, 2017).

Mas o que é a mentira?

Derrida, no artigo “História da mentira: prolegômenos” (1996), traça uma intrigante discussão filosófica sobre o tema, a partir de teóricos como Hannah Arendt e Alexandre Koyré. Ainda que reconheça a complexidade do assunto e a impossibilidade de, de fato, traçar a existência de uma história da mentira, Derrida apresenta uma definição tradicional do termo sob a ótica ocidental, a qual tomamos como ponto de partida:

a mentira não é um fato ou um estado, é um ato intencional, um mentir – não existe a mentira, há este dizer ou este querer-dizer que se chama mentir: mentir seria dirigir a outrem (pois não se mente senão ao outro, não se pode mentir a si mesmo, a não ser a si mesmo enquanto outro) um ou mais de um enunciado, uma série de enunciados (constativos ou performativos) cujo mentiroso sabe, em consciência, em consciência explícita, temática, atual, que eles formam asserções total ou parcialmente falsas; é preciso insistir desde já nessa pluralidade e complexidade, até mesmo heterogeneidade. Tais atos intencionais são destinados ao outro, a outro ou outros, a fim de enganá-los, de levá-los a crer (a noção de crença é aqui irredutível, mesmo que permaneça obscura) naquilo que é dito, numa situação em que o mentiroso, seja por compromisso explícito, por juramento ou promessa implícita, deu a entender que diz toda a verdade e somente a verdade. (DERRIDA, 1996, p. 9).

Percebe-se, pois, que a concepção clássica e dominante de mentira necessariamente engloba uma intenção: enganar o outro, fazendo-o acreditar, como se verdade fosse, em algo que conscientemente se sabe ser parcial ou totalmente falso.

A partir desse denominador comum, as mentiras atravessam as práticas sociais dos seres humanos ao longo do tempo, sob diferentes rótulos, modos e objetivos. Vão desde uma simples “lorota”, contada entre amigos para se autopromover, à propaganda enganosa veiculada massivamente para induzir o público a fazer algo. Englobam desde a mentira

“piedosa”, dita para supostamente poupar ou não magoar o outro, a boatos e difamações capazes de destruir reputações, vidas, comunidades inteiras<sup>1</sup>.

Como não poderia deixar de ser, a mentira se (re)atualiza de acordo com as novas configurações sociais, avançando também pelas interações que se dão no meio virtual. Nos últimos anos, temos acompanhado nos noticiários o fenômeno das *fake news*. O termo se consolidou e ganhou evidência a partir de dois eventos políticos ocorridos no final de 2016: a resolução do Reino Unido de sair da União Europeia (conhecida como *Brexit*) e as eleições presidenciais norte-americanas, que culminaram na vitória de Donald Trump. Em ambos os casos, a possível influência da circulação de notícias falsas no resultado das votações provocou amplo debate e controvérsias entre a opinião pública.

A expressão se popularizou de tal forma que acabou por ser eleita como a palavra do ano de 2017 pelo dicionário *Oxford* e persiste nos noticiários e no discurso público e acadêmico, atrelada a eventos políticos e sociais de grande vulto, como a recente pandemia de Covid-19 e a eleição presidencial brasileira de 2022, as quais teriam sido fortemente impactadas pela difusão de conteúdo falso na forma de *fake news*.

Dada a atualidade e a relevância do tema, a presente Tese vem se unir a estudos acadêmicos que se propõem a investigar as *fake news* como uma nova modalidade de mentira, típica do contexto contemporâneo. Mais especificamente, inserindo-se nos estudos de linguagem, volta-se para sua análise como um gênero do discurso, visando à sua aplicabilidade no ensino de língua materna. Assim, objetiva-se contribuir para o combate às *fake news*, apresentando um suporte teórico para a formação de professores e para a elaboração de programas e materiais didáticos que contemplem uma abordagem crítica do tema em sala de aula.

A partir do exposto, no primeiro capítulo, demonstramos o percurso metodológico empregado ao longo da pesquisa, bem como o principal referencial teórico da Tese: o conceito de gêneros do discurso desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin. Além de dedicar uma seção especialmente à apresentação desse conceito, abordamos também a perspectiva bakhtiniana de linguagem e conceitos a ela relacionados, como texto, enunciado, signo e dialogismo, conforme a teoria apresentada em Bakhtin (2011), Bakhtin/Volochínov (2009) e Mediévedev (2012). Discutimos, ainda, a apropriação do conceito de gêneros do discurso no ensino de Língua Portuguesa, evidenciando problemas em tal transposição e apontando possibilidades teóricas de sua efetiva implementação, especialmente com o advento da

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, é importante lembrar os impactos da propaganda nazista contra determinados grupos sociais, em especial, o povo judeu.

internet e das novas tecnologias da informação, a partir do conceito de multiletramentos (ROJO, 2013; ROJO e BARBOSA, 2015; ROJO e MOURA, 2019). Nesse sentido, defendemos como posição o uso da nomenclatura gêneros do discurso/discursivos e não gêneros de textos/textuais, por considerarmos que aquela reflete de forma mais fiel a teoria bakhtiniana ao apontar para uma abordagem para além da materialidade do texto.

O segundo capítulo da Tese se volta para o exame do termo *fake news*, traçando sua origem e sua definição como um fenômeno necessariamente contemporâneo. Visando a tal objetivo, empreende-se uma pesquisa bibliográfica sobre o tema a partir de teóricos como Pariser (2012), Santaella (2018), Bucci (2019) e Anstead (2021). No capítulo, são abordados aspectos sociopolíticos e tecnológicos do mundo contemporâneo interligados à emergência das *fake news*, tais como a fragmentação da informação decorrente do advento da internet, a perda de credibilidade da imprensa tradicional, o surgimento dos filtros de personalização e o fenômeno da pós-verdade.

No terceiro capítulo, apresenta-se uma discussão acerca dos impactos sociais negativos gerados pela propagação de *fake news*, bem como estratégias para seu enfrentamento, como a criação de dispositivos legais sobre o tema e o trabalho das agências de verificação, o chamado *fact-checking*. Considerando o recorte da Tese, é dada especial atenção ao conceito de educação midiática como forma de combate às *fake news*. Além de traçar, por meio de pesquisa bibliográfica, um histórico básico e uma definição do termo, visa-se a evidenciar o escopo do ensino de língua materna na educação midiática, a partir de documentos que orientam e regem a educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, principalmente, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

O quarto capítulo dedica-se ao estudo do gênero do discurso *fake news*, a partir da teoria proposta pelo Círculo de Bakhtin. Tomando como apoio não apenas a base teórica apresentada no capítulo 1, mas também estudos já empreendidos sobre as *fake news*, como Wardle (2017), Freire (2019), Legroski (2020) e Guimarães Filho (2022), objetiva-se empreender um levantamento dos aspectos sociocomunicativos e composicionais que caracterizam esse gênero discursivo.

No último capítulo, pretende-se apontar caminhos para um trabalho crítico com as *fake news* nas aulas de Língua Portuguesa, para além do debate sobre a questão como tema transversal. Para tal, apresentam-se cinco propostas de atividade que se centram na leitura e análise de textos/enunciados reconhecidos como *fake news* por agências especializadas em verificação de fatos, evidenciando não apenas características formais, mas, principalmente, aspectos sociocomunicativos (não só do contexto de interação mais imediato, mas também do

contexto social mais amplo) que determinam o gênero. Tendo em vista a ligação das *fake news* com o campo jornalístico-midiático, as atividades incluem textos/enunciados de outros gêneros que circulam nessa esfera.

Destacamos a importância de uma abordagem pedagógica das *fake news* que não seja estanque de outros gêneros da esfera jornalística-midiática, não só porque estas, em muitos casos, emulam seus formatos, mas, principalmente, pelas relações dialógicas que se estabelecem entre esses diferentes textos/enunciados. Além disso, cabe frisar que, no meio virtual, conteúdo desinformativo e malicioso aparece em meio a grande volume de informação, cabendo aos usuários a difícil tarefa de identificar e filtrar aquilo que é relevante e/ou confiável. Cremos que o aprimoramento de tal capacidade de julgamento só pode ser dar em atividades que se aproximem tanto quanto possível de contextos reais de interação, na medida em que textos/enunciados de diferentes gêneros não existem de maneira isolada, mas em diálogo.

Reconhecemos que se trata de um tema novo e rico, com muitos recortes possíveis e aspectos ainda a serem explorados. Esperamos que a presente Tese se mostre uma contribuição não só para estudos futuros sobre a questão, mas também, e principalmente, para uma renovação das práticas de sala de aula, visando à formação de indivíduos críticos, conscientes e éticos.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e suas formas em sentido estritamente linguístico. São as formas de enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade.

*Medviédev*

A presente Tese se volta para o estudo do fenômeno popularmente conhecido como *fake news*, partindo da hipótese de que estas configuram um novo gênero discursivo surgido na contemporaneidade. A partir desse ponto, o objetivo principal da pesquisa é apontar caminhos para o estudo do gênero discursivo *fake news*, como anteriormente afirmado, nas aulas de língua materna da Educação Básica. Considerando o impacto negativo da propagação de *fake news* em nossa sociedade, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que ampliem a competência discursiva e a capacidade crítica dos estudantes, bem como os habilitem a lidar com o imenso fluxo de informação que circula no meio digital.

Tendo em vista os objetivos mencionados, empreendeu-se uma pesquisa qualitativa, essencialmente pautada no estudo bibliográfico de conceitos e aspectos relacionados ao tema. Nesse sentido, o conceito de gêneros do discurso, conforme desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin, se mostrou um fundamento teórico fundamental que perpassou toda a pesquisa.

É importante ressaltar que o chamado Círculo de Bakhtin envolve não apenas o trabalho desenvolvido pelo seu membro mais conhecido, o filósofo russo Mikhail Bakhtin, mas também pelos seus contemporâneos Valentin Volochínov e Pavel Medviédev<sup>2</sup>. A questão da autoria dos escritos vinculados ao Círculo é bastante problemática, já que algumas publicações originalmente assinadas por Volochínov e Medviédev foram posteriormente divulgadas como se fossem do próprio Bakhtin. Assim, nem sempre é possível assegurar a real autoria dos textos.

Além disso, os escritos do Círculo de Bakhtin não apresentam uma teoria organizada ou uma metodologia acabada para o tratamento dos fatos linguísticos. Como pontua Fiorin (2008), a obra bakhtiniana é marcada pelo inacabamento, inclusive no sentido literal do

---

<sup>2</sup> Há variação na forma como os nomes são grafados em português. Para uniformizar a escrita ao longo da Tese, optamos por empregá-los sempre da mesma forma, seguindo a grafia presente nas indicações bibliográficas das edições consultadas ao longo da pesquisa.

termo, já que muitos dos textos a que temos acesso são manuscritos não concluídos ou rascunhos. Assim, ao longo da obra, muitos conceitos são (re)examinados, havendo, até mesmo, variação no uso das nomenclaturas.

Soma-se a isso o fato de que a divulgação da obra bakhtiniana se deu de forma assistemática, não seguindo a ordem cronológica de sua produção, o que dificulta ainda mais compreender a progressão dos conceitos que aparecem em seus escritos. No caso específico do público brasileiro, lidamos com traduções que nem sempre partem do original russo. Assim, além da variação de nomenclatura presente ao longo dos escritos do próprio Círculo, as diferentes traduções concorrem para a flutuação terminológica da teoria disponível. Além disso, alguns escritos permanecem sem tradução para o português, o que dificulta o acesso à totalidade da obra.

Considerando, pois, a inviabilidade de lidar diretamente com o todo da obra bakhtiniana, focalizamos alguns escritos específicos do Círculo na apresentação das ideias e dos conceitos aqui desenvolvidos, a saber:

- 1) “Os gêneros do discurso” e “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, presentes em *Estética da criação verbal* (2011), de Bakhtin;
- 2) “Duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico”, “Língua, fala e enunciação”, “A interação verbal” e “Tema e significação da língua”, presentes em *Filosofia e marxismo da linguagem* (2009), de Bakhtin/Volochínov;
- 3) “Os elementos da construção artística”, presente em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (2010), de Medviédev<sup>3</sup>.

Eventualmente, outros escritos do Círculo podem ser mencionados, além de trabalhos de pesquisadores que se dedicaram a investigar suas obras, como Brait (2012), Brait e Pistori (2012), Sobral (2009), Fiorin (2008) e Faraco (2009). Além disso, como os conceitos desenvolvidos pelos membros do Círculo não foram originalmente elaborados visando à sua aplicação em práticas escolares, também tomamos como base estudos promovidos por autores como Brait (2000), Rodrigues (2005, 2019), Rojo (2009, 2013), Rojo e Barbosa (2015) e Sobral (2011) que demonstram a produtividade da teoria bakhtiniana para o ensino de língua materna, bem como problematizações em relação ao processo de transposição da teoria para a prática em sala em aula.

---

<sup>3</sup> Nos três casos, foi mantida a indicação de autoria presente nas edições consultadas.

Quanto à problemática da autoria dos escritos do Círculo de Bakhtin, adotamos como prática referenciar cada texto de acordo com a indicação bibliográfica da edição da qual foi extraída, sem nos deter nos pormenores da questão, uma vez que esta não configura objeto direto da pesquisa. Além disso, como algumas edições consultadas (não só do Círculo) são anteriores ao *Novo Acordo Ortográfico*, em vigor desde 2009, quando houver citações diretas de tais textos, preservaremos a ortografia original da publicação.

Apoiada, portanto, em tais princípios, a primeira etapa da pesquisa se voltou à investigação do processo de emergência e estabilização das *fake news* como um novo gênero do discurso surgido na contemporaneidade. A fim de investigar aspectos externos e internos da constituição do gênero em pauta, foram levantados estudos de diferentes áreas do conhecimento acerca do fenômeno, bem como de fenômenos correlatos, como pós-verdade, datificação e filtros de personalização. Assim, também ancoram a pesquisa trabalhos como os empreendidos por Pariser (2012), Wardle (2017), Santaella (2018), Bucci (2019) e Anstead (2021). Além disso, baseamo-nos em pesquisas que já se voltaram para o exame das *fake news* como um novo gênero do discurso, tais como Freire (2019) e Guimarães Filho (2022).

Para demonstrar aspectos composicionais das *fake news* como gênero, a partir da investigação realizada, foram utilizados como *corpus* de análise textos verificados e identificados como *fake news* por agências de checagem, como a *Agência Lupa* e a *Aos Fatos*.

A etapa seguinte da pesquisa se voltou à aplicação do estudo empreendido para as práticas de sala de aula, especialmente no que tange ao ensino de Língua Portuguesa no segundo segmento do ciclo fundamental. Primeiramente, buscou-se demonstrar a necessidade e a relevância da educação como forma de combate às *fake news*, conforme pontuado por diversos especialistas do tema. Nesse sentido, mostrou-se proveitoso um breve estudo sobre o conceito de educação midiática. Além disso, por meio de documentos que fundamentam e regem a educação brasileira, como os PCN e a BNCC, dedicamo-nos a compreender o lugar do ensino de língua materna nessa questão, especialmente no que tange ao problema das *fake news*.

O último passo da pesquisa voltou-se para a elaboração de propostas de atividades que poderiam ser usadas nas aulas de língua materna, com o propósito de desenvolver um trabalho de leitura e análise das *fake news* como gênero. Para a confecção das atividades, além de *prints* de *fake news* que efetivamente circularam em rede (e já devidamente verificadas por páginas de agências de checagem), foram utilizadas versões didatizadas para a sala de aula. Ainda como apoio à formulação dessas atividades, baseamo-nos em estudos dedicados ao trabalho com gêneros da esfera jornalística-midiática em sala de aula, como Alves Filho

(2011) e Ribeiro (2018), bem como materiais já publicados com orientações sobre como identificar o gênero em pauta.

Explicitado o percurso metodológico empreendido ao longo da pesquisa, o presente capítulo terá seções dedicadas a um panorama da perspectiva bakhtiniana acerca da linguagem, especialmente no que se refere ao conceito de gêneros do discurso, uma vez que tal base teórica fundamentou toda a execução do estudo que ora apresentamos.

### 1.1 Concepção dialógica da linguagem

Embora a presente Tese, por seu recorte, se dedique especialmente ao conceito de gêneros do discurso dentro do todo da teoria bakhtiniana, é impossível abordá-lo sem relacioná-lo à concepção de linguagem que subjaz os trabalhos do Círculo e a conceitos a ela interligados. Assim, esta seção destina-se à apresentação da visão acerca da linguagem presente nos trabalhos de Bakhtin, Volochínov e Medviédev.

Ao longo das obras do Círculo de Bakhtin, observa-se uma crítica a correntes teóricas em voga na época que abordavam a língua como um sistema de formas abstrato, a partir de unidades gramaticais como a palavra e a oração. De acordo com a visão bakhtiniana, essas unidades são convencionais e, embora tenham sua validade para certo plano de análise dos fenômenos linguísticos, não representam a verdadeira forma de funcionamento da língua. A partir disso, em vários de seus escritos, Bakhtin, Volochínov e Medviédev apontam o enunciado como a unidade real da comunicação discursiva.

Diferentemente da oração ou da frase, que têm limites puramente gramaticais, o enunciado não pode ser apreendido isoladamente do contexto de sua realização. Ele é concebido como o produto da interação entre dois indivíduos *socialmente organizados* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116). Seus limites não são, portanto, convencionais, mas estabelecidos, de forma concreta, pela alternância dos sujeitos do discurso:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Assim, de acordo com a visão bakhtiniana, ainda que haja variações quanto ao volume, conteúdo ou modo de composição, cada enunciado apresenta limites absolutamente precisos: de um lado, os enunciados que o antecederam; do outro, os enunciados responsivos subsequentes.

É importante frisar que, nessa perspectiva, o enunciado vai muito além da simples troca verbal imediata entre dois sujeitos empíricos isolados e autossuficientes. No que tange à figura do locutor, como ressalta Bakhtin (2011), este não se apresenta como um Adão bíblico que se relaciona com objetos virgens aos quais nomeia pela primeira vez. Consoante o filósofo,

a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como um processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294-5)

Assim, embora do ponto de vista físico/fisiológico seja razoável falar em único locutor, todo e qualquer enunciado produzido por um indivíduo é perpassado por enunciados de outros, os quais assimila, reelabora, comenta, questiona, refuta. O falante pressupõe não só um sistema de língua preexistente, mas também enunciados antecedentes com os quais seu enunciado, de alguma forma, se relaciona (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Opondo-se ao subjetivismo individualista<sup>4</sup>, Bakhtin/Volochínov (2009) rejeita a ideia de que a enunciação se apresenta como um ato puramente individual, ou seja, como resultado da expressão de determinado indivíduo que, por meio da linguagem, manifesta seus gostos, desejos, pensamentos, impulsos. Tal visão estabelece um dualismo entre aquilo que é interior (o conteúdo individual a exprimir) e sua objetivação exterior, valorizando o primeiro como centro organizador e formador do enunciado.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2009, p. 116), a real natureza da enunciação nos mostra o contrário: não é a atividade mental que organiza a expressão, e, sim, “*a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação” (GRIFO DO AUTOR). De acordo com o autor, toda palavra, enquanto enunciado, comporta duas faces: ao

---

<sup>4</sup> Na segunda parte do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2009), Bakhtin/Volochínov, a fim de apresentar uma proposta de filosofia marxista da linguagem, se opõe a duas perspectivas teóricas em voga na época: o “subjetivismo individualista”, representado por nomes como Vossler, Leo Spitzer e Lorck, e o “objetivismo abstrato”, cujo maior expoente era Saussure.

mesmo tempo que procede *de* alguém, se destina *a* alguém, sendo, portanto, *produto da interação entre locutor e ouvinte*.

Dessa forma, a palavra não pertence inteiramente ao locutor, dado que aquilo que o “eu” diz não é resultado passivo da vontade e da consciência de um único indivíduo. A palavra se dirige sempre a um interlocutor. Mesmo que não haja um interlocutor empírico, ele existe ao menos como uma virtualidade representativa do grupo social a que pertence o locutor. É a partir da ideia que faz de seu destinatário e da relação que mantém com ele (se pertencem ou não a um mesmo grupo social, se ocupam posições hierárquicas socialmente distintas, se há proximidade ou não entre eles etc.) que o locutor elabora o enunciado.

Além disso, o próprio conteúdo interior a exprimir é também socialmente construído. O objeto do discurso do falante, seja qual for, não lhe é original: ele já está, de alguma forma, “ressalvado, contestado, elucidado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes” (BAKHTIN, 2011, p. 300). Como exemplifica Bakhtin/Volochínov (2009, p. 125), só o grito inarticulado de um animal procede do interior como mera reação fisiológica, sem qualquer marcação ideológica. Toda enunciação humana, desde a mais primitiva, é circunscrita às condições extraorgânicas do meio social.

Assim, o mundo interior de um indivíduo, sua subjetividade, é, em verdade, um produto da inter-relação social. Qualquer personalidade, mesmo a de tipo individualista, é *socialmente estruturada*: constrói-se a partir das relações que mantemos uns com outros. Nessa perspectiva, o locutor não é um sujeito acabado em si mesmo, que expressa, por meio da palavra, sua individualidade. Ao contrário, é por meio da palavra que o “eu” se define em relação ao outro e, em última instância, em relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117). Logo, a enunciação não pode ser entendida como fruto da consciência de um único indivíduo, uma vez que, por sua própria constituição, o sujeito não é uno, mas produto da interação com o outro.

Isso, todavia, não significa que o sujeito locutor é uma marionete, anulada pelas determinações sociais. Segundo a perspectiva bakhtiniana, o sujeito não pode escapar da responsabilidade daquilo que diz/faz: ainda que opere dentro das “regras” socialmente estabelecidas, ele o faz à sua maneira, de acordo com sua própria avaliação. De um lado, essa avaliação responsável

supõe propor ao outro um dado modo de ver as coisas no mundo, e a presença desse outro envolve a tentativa de chegar a um acordo com esse outro (que também faz sua avaliação responsável) sobre aquilo que se faz (se fala), porque, sem esse acordo, não há compreensão ou aceitação dos atos dos sujeitos. (...) Do outro, ser

responsável supõe mostrar-se diante do outro como alguém que assume aquilo que fala/faz, pois embora todo ato seja social num dado aspecto, sendo portanto repetível, no outro todo ato é individual, irrepetível, porque nunca ocorre da mesma maneira que outros atos: cada sujeito realiza o “mesmo” de “outra” maneira, de uma maneira sua, sem que com isso deixe de se alterar no contato com o outro e sem que os atos únicos que realiza sejam tão diferentes que não tenham elemento em comum com outros atos a ponto de não ser reconhecidos como atos do universo de atos possíveis e compreensíveis. (SOBRAL, 2009, p. 52)

Do mesmo modo, o sujeito interlocutor não pode ser entendido como alguém a quem cabe apenas decodificar uma mensagem. Como pontua Bakhtin (2011), representações esquemáticas que apresentam o ouvinte como um mero receptor passivo em face do processo ativo do falante correspondem a apenas uma fração da realidade (a compreensão do significado do discurso ouvido) e não ao objetivo real da comunicação discursiva. Ao captar e compreender o significado (linguístico), o interlocutor “ocupa em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 271). E, ainda que não ocorra uma réplica verbal imediata, a compreensão ativamente responsiva do ouvinte, de alguma forma, irá se manifestar (em uma ação, em uma mudança de comportamento, em uma fala futura etc.):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271)

Assim, todo falante é, em maior ou menor grau, também um respondente, já que seu discurso é sempre atravessado pelos enunciados que o precederam, respondendo, de alguma forma, a eles.

A partir do exposto, como pondera Bakhtin/Volochínov (2009, p. 96), o processo de descodificação (compreensão) não pode ser confundido com o processo de identificação. O ato de descodificação não se resume ao reconhecimento de uma forma linguística utilizada pelo locutor. Em realidade, a ação essencial nesse processo é compreendê-la em um contexto particular, concreto e preciso.

Nesse sentido, é importante estabelecer a distinção entre significado e sentido, conforme apresentada por Bakhtin (2011). Embora possua um significado compreensível como uma unidade significativa do sistema língua, a palavra, vista de forma isolada, não é provida de plenitude semântica capaz de suscitar uma atitude responsiva de outro falante. Apenas emoldurada em um contexto comunicativo específico, ela se coloca como enunciado plenamente válido, adquirindo, assim, plenitude de sentido.

Para melhor compreensão do que foi exposto, apresentamos um exemplo dado pelo próprio Bakhtin (2011). De modo semelhante às palavras da língua, uma oração como “o sol saiu”, analisada isoladamente, é neutra, pois não reflete a posição de um falante em um determinado contexto comunicativo, tampouco desencadeia uma posição responsiva do outro. Embora apresente um significado compreensível, nessa situação, ela corresponde apenas a um elemento da língua que está disponível para ser usado por qualquer falante, sem que se possa reivindicar sua autoria. No entanto, essa mesma sequência de palavras adquire *status* de enunciado pleno, se, por exemplo, usada por uma mãe que entra no quarto do filho adormecido e abre as cortinas. Nesse contexto específico, ela se torna a expressão da posição de um falante (tem autoria) e demanda uma resposta do interlocutor (levantar imediatamente, ignorar, reclamar, pedir mais cinco minutos etc.).

De forma similar, Bakhtin/Volochínov (2009) diferencia a palavra como sinal e como signo. O sinal “é uma entidade de conteúdo imutável”, sempre idêntico a si mesmo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96). Configura apenas um instrumento técnico para designar um objeto (preciso e imutável) ou um acontecimento (também preciso e imutável), não podendo, pois, refletir ou refratar nada. Por sua vez, o signo é variável e flexível, além de ideologicamente orientado pelo contexto em que se insere. Só o sinal é identificado; o signo é descodificado (compreendido) em uma enunciação particular.

Importante destacar que, embora reconheça o componente “sinalidade” (e seu processo correlato, a “identificação”) da palavra, Bakhtin/Volochínov (2009) destaca que, na prática viva da língua, uma forma linguística sempre se apresenta para os interlocutores no contexto de enunciações precisas e, portanto, em contexto ideológico preciso:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 98-9)

Nesse sentido, ao tratar do conceito de texto, Bakhtin (2011) identifica dois polos de sua realização. Por um lado, todo texto “pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo), de signos<sup>5</sup>, uma linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 309). A esse sistema corresponde tudo aquilo que é repetido/repetível e reproduzido/reproduzível. Por outro lado, o texto, na qualidade de enunciado, é algo

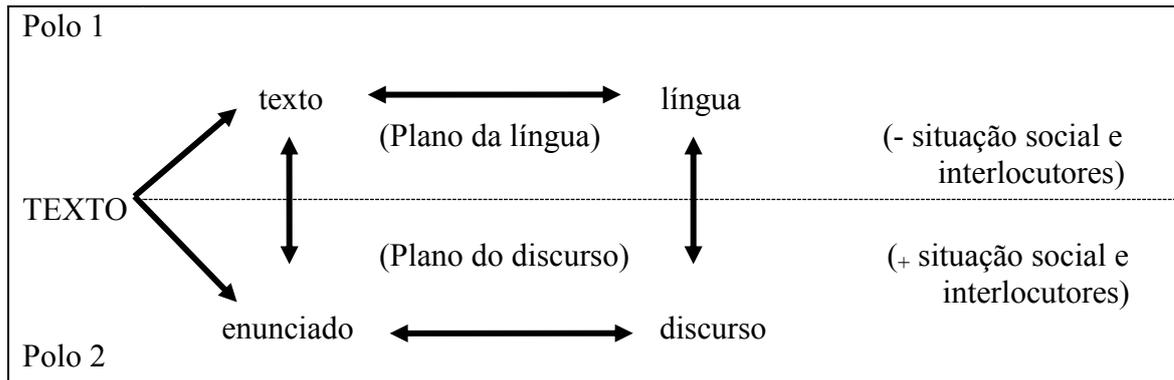
---

<sup>5</sup> Respeitamos aqui os termos empregados na obra traduzida citada, mas cabe salientar que “signo” aqui equivale a “sinal”, de acordo com a discussão anterior, extraída de Bakhtin/Volochínov (2009).

individual, único e singular, e é nisso que reside seu sentido. Esse segundo polo é inerente ao próprio texto, mas só se revela em um contexto e na cadeia da comunicação discursiva de determinado campo da atividade humana.

O esquema abaixo (Quadro 1), apresentado por Rodrigues (2005, p.159), resume tal panorama teórico:

Quadro 1 – Polos do texto de acordo com a perspectiva bakhtiniana



Fonte: RODRIGUES, 2005, p. 159.

A partir do exposto, percebe-se que, na concepção bakhtiniana, o estudo da linguagem não se resume ao aspecto mais superficial e estável do texto ou das unidades da língua, enquanto um sistema abstrato. Embora se reconheça a validade, até certo ponto, desse tipo de abordagem, os escritos de Bakhtin e seus companheiros evidenciam que esta não dá conta da realidade da comunicação discursiva. Como analisa Sobral (2009, p. 33), as obras do Círculo podem ser vistas como uma busca de superar “propostas teóricas e metodológicas que tomam a parte pelo todo, que julgam o todo a mera soma ou a simples junção de partes, que não levam suas propostas às últimas consequências ou que sequer se dão conta dessas consequências”.

Toda enunciação, por mais significativa e completa que possa parecer, “constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128). Assim, o estudo de formas linguísticas isoladas ou do texto como um produto acabado em si mesmo não abarca o enunciado em sua complexidade. Há que se considerar não apenas o contexto mais imediato de sua realização, mas também o contexto social mais amplo e o curso histórico das enunciações. Como assevera Bakhtin/Volochínov (2009, p.127),

[a] verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema lingüístico abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

No fragmento acima, observa-se que a palavra “diálogo”, na obra bakhtiniana, não se refere simplesmente a uma forma composicional do discurso, marcada pelo encontro face a face entre dois interlocutores. Mais do que isso, descreve a própria essência da linguagem humana. Cada enunciado configura um “elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272): responde, de alguma forma, aos enunciados que o antecederam e se projeta a enunciados futuros, dialogando com eles. Dessa forma, segundo Fiorin (2008, p.19),

todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.

Cabe ressaltar que a palavra “diálogo” aqui não pressupõe o tom apaziguador, de acordo ou consenso, típico do uso corrente. A forma como um enunciado se relaciona com outros se dá diferentes maneiras. Além de posições responsivas como a adesão, a convergência, a complementação, existe a possibilidade de questionamento, de embate, de refutação etc. Como explica Faraco (2009), as relações dialógicas são compreendidas na obra bakhtiniana como espaços de tensão entre enunciados. Para que elas ocorram,

é preciso que qualquer material lingüístico (ou de qualquer materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas. (FARACO, 2009, p. 66)

Por fim, para apresentar um panorama do conceito de dialogismo ao longo da obra do Círculo de Bakhtin, resumimos as três dimensões do fenômeno observadas por Sobral (2009, p. 35-6) nos escritos bakhtinianos:

- 1) o dialogismo se mostra uma condição essencial de ser e de agir dos sujeitos, uma vez que a própria constituição destes e sua ação no mundo se dá na relação com outros sujeitos, na interação com eles;
- 2) o dialogismo é a condição de possibilidade de produção de enunciados/discursos e, conseqüentemente, de sentidos, visto que todo enunciado faz parte de uma ininterrupta cadeia comunicativa, respondendo a enunciados que lhe antecederam e se projetando para enunciados futuros;
- 3) o dialogismo é também a base de uma forma de composição de enunciados/discursos: há “discursos tendencialmente monológicos” (em que, em termos de organização e de projeto enunciativo se tende a neutralizar, na superfície discursiva, as vozes que os constituem, pondo em destaque a voz do locutor) e “discursos tendencialmente dialógicos” (em que, em contrapartida, se tornam evidentes as vozes que os constituem).

Explicitado, em linhas gerais, o conceito de linguagem que permeia a obra bakhtiniana, na próxima seção, dedicamo-nos, especialmente, a apresentar o conceito de gêneros do discurso, central para o desenvolvimento do presente estudo.

## 1.2 Gêneros do discurso

A fim de apresentar o conceito de gêneros do discurso desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin, partimos da apresentação mais tradicional do termo, extraída do texto intitulado “Os gêneros do discurso”, presente na obra *Estética da criação verbal* (2011):

O emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado

campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominados *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-2)

Os gêneros configuram, portanto, de certa forma, modelos discursivos que orientam a comunicação humana. Embora cada enunciado seja único e irrepetível, o falante não inventa novos modos de falar a cada situação comunicativa. Ele recorre a tipos e formas socialmente constituídos. Nesse sentido, os gêneros são normativos, na medida em que os enunciados, por mais singulares que sejam, não constituem uma combinação absolutamente livre das formas da língua: ao elaborar um enunciado, o falante não só aciona, obrigatoriamente, as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical), mas também as “formas de enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 285).

Isso, entretanto, não implica a ideia de que os gêneros sejam formas engessadas e imutáveis de discurso. Como é frisado na própria definição que abre esta seção, os gêneros configuram “*tipos relativamente estáveis de enunciado*” (BAKHTIN, 2011, p. 262), uma vez que são determinados pelas especificidades de cada esfera comunicativa humana. Como tais esferas estão sempre sujeitas a mudanças e transformações, os gêneros são maleáveis: à medida que determinada esfera se desenvolve e se complexifica, o repertório de gêneros a ela vinculados naturalmente cresce e se diferencia. Assim, os gêneros existem em número ilimitado, pois surgem ou modificam-se, adaptando-se às necessidades comunicativas humanas.

A depender das especificidades de cada esfera comunicativa, pode haver formas de gêneros mais padronizadas ou estereotipadas (como, por exemplo, em ritos militares ou jurídicos) e formas mais flexíveis, plásticas e livres (como ocorre em diversos gêneros da comunicação cotidiana). No primeiro caso, há maior grau de estabilidade e coação, estabelecendo-se certos limites à vontade discursiva do falante, no entanto isso não impede a possibilidade de modificação/adaptação do gênero ao contexto comunicativo. Por outro lado, embora o segundo caso possibilite ao falante uma reformulação mais livre e criadora, não se trata de uma liberdade irrestrita. Como assevera Bakhtin (2011, p. 284), “é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente”. Por exemplo, uma pessoa pode ter bom domínio sobre os modos de dizer de uma determinada esfera social (sabe redigir um memorando, dar uma palestra ou compor a letra de uma canção), mas se mostrar pouco à vontade com gêneros (até, aparentemente, mais simples) de outras esferas, como conversar com colegas de trabalho em uma festa ou pedir uma informação a um desconhecido.

Nesse sentido, é interessante apresentar a diferença que Bakhtin (2011) estabelece entre gêneros primários e secundários. Os chamados gêneros discursivos primários (simples) são os da vida cotidiana, essencialmente (mas não só) orais. Conforme elucida Faraco (2009, p. 132), eles se constituem e se desenvolvem “em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea e estão em relação mais direta com seu contexto mais imediato”. É o caso dos gêneros da interação familiar, das narrativas espontâneas, das atividades mais simples do cotidiano.

Os gêneros discursivos secundários (complexos), por sua vez, advêm de “condições de um convívio social mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 263). Bakhtin esclarece ainda que, no processo de sua constituição, esses gêneros incorporam e reelaboram diferentes gêneros primários, que, integrando aqueles, perdem seu vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios.

Cabe, pois, notar que, em seu processo de emergência, um novo gênero não é completamente novo ou surge do nada. Ele toma como ponto de partida e se ancora no repertório de gêneros já existentes, relacionando-se com eles.

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...]. Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial é importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade (BAKHTIN, 2008, p.340).

Em relação a esse processo de emergência dos gêneros, é importante ressaltar que todos os atos humanos (o que inclui as interações discursivas) são situados em uma dimensão espaço-temporal específica. “À interligação fundamental das relações temporais e espaciais”, Bakhtin (2010, p. 211) dá o nome de cronotopo<sup>6</sup>, que, como explicita, significa “tempo-espaço”.

Como formas relativamente estáveis de enunciar intrinsecamente ligadas às diferentes esferas da atividade humana, os gêneros são necessariamente determinados pelo contexto (não

---

<sup>6</sup> Como explica Sobral (2014, p. 138), não há uma definição que abarque a complexidade do conceito de “cronotopo” na obra bakhtiniana. No entanto, ressalta que, apesar dos variados sentidos observados ao longo das reflexões de Bakhtin, há uma continuidade de sentido que se manifesta em três eixos: “o da forma de entender o mundo da experiência; o da forma de organização dos discursos; e o de arquitetura dos gêneros” (SOBRAL, 2014, p. 138). Dada a importância de tal conceito na constituição e no funcionamento dos gêneros, apresentamos, ainda que em linhas gerais, para melhor compreensão da natureza destes.

só da interação mais imediata, como também em um sentido mais amplo), e isso vai se refletir na materialidade textual, onde se encontram indícios do tempo-espaço em que o enunciado foi concebido. No entanto, o conceito de cronotopo não pressupõe uma visão única e una do tempo-espaço: dentro de um cronotopo, há vários cronotopos coexistindo, uma vez que estes implicam modos de compreensão da realidade. Assim, cada gênero do discurso carrega em si formas específicas de compreensão do tempo-espaço, ou seja, vai apresentar recortes/dimensões diferentes da realidade que serão refletidos e refratados no texto/enunciado.

Conforme explicam Pereira *et al.* (2019, p.351),

cada gênero do discurso possui uma orientação espaço-temporal singular, um cronotopo particular, à medida que cada um é determinado por condições sociais, históricas e culturais específicas. Dito de outro modo, podemos considerar que cada situação social de interação que se estabiliza (relativamente) dá origem a um novo cronotopo e, conseqüentemente, a novo gênero.

A partir do exposto até o momento, percebe-se que a concepção de gênero do Círculo de Bakhtin é marcada, ao mesmo tempo, pela mutabilidade e pela estabilidade: o “gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal e é mutável porque está em constante transformação, se altera a cada vez que é empregado, havendo mesmo casos em que um gênero se transforma em outro” (SOBRAL, 2009, p. 115).

Retomando, mais uma vez, a transcrição que abre a presente seção, é possível distinguir duas dimensões dos gêneros sinalizadas na conceituação apresentada. Por um lado, Bakhtin apresenta os constituintes internos do gênero, ou seja, os elementos que integram sua composição: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Por outro lado, frisa que tais elementos se constituem a partir de e refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera comunicativa. Portanto, como elucidam Brait e Pistori (2012, p. 375), “o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida”.

Assim, além da forma composicional, o gênero apresenta, principalmente, uma forma arquitetônica. Enquanto a primeira faz referência à materialidade composicional do texto, a segunda diz respeito “à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos de relações entre o autor, o tópico e o ouvinte” (SOBRAL, 2009, p. 68). Em outras palavras, trata da organização do discurso, a partir do projeto enunciativo do autor e do tipo de relação que propõe com o interlocutor.

Como afirma Bakhtin (2011, p. 289),

[t]odo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

A partir da passagem, percebe-se que o modo de composição do enunciado é determinado pela posição/intenção do falante em relação a um projeto de dizer direcionado a um interlocutor. Dessa maneira, a forma arquitetônica determina a forma composicional e não contrário. Todavia, não existe forma arquitetônica sem forma composicional, pois a organização arquitetônica “precisa de um material no qual moldar o conteúdo” (SOBRAL, 2009, p. 69). Como explica Sobral (2014, p. 113), o momento arquitetônico pode ser equiparado à formação/concepção do gênero, enquanto o momento composicional pode “ser pensado como a ‘textualização’ do gênero assim formado/concebido”.

Isso posto, não é viável, a partir da perspectiva bakhtiniana, uma abordagem dos gêneros que se limite aos aspectos formais de sua construção. Conforme assinalam Brait e Pistori (2012, p.378),

o estudo do gênero deve levar em conta uma concepção de texto que considere, necessariamente, a forma arquitetônica. Embora esse seja um conceito difícil, que se diferencia de forma composicional, mas não o exclui, o analista de gênero, que se coloca na perspectiva dialógica, deve se apropriar dele. De maneira simplificada, pode se dizer que, diante de um gênero, e dos textos que o constituem, é necessário considerar suas dimensões (interna/externa), de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade de compreender a vida, a sociedade, e a elas responder. Esse movimento amplo, e não apenas descritor das estruturas, da forma composicional, visa justamente à forma arquitetônica do gênero, do texto, dos textos.

Tendo em vista tais ponderações, a próxima seção destina-se a reflexões sobre a apropriação do conceito de gêneros do discurso no âmbito do ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Além de sinalizar problemas ocorridos nessa transposição, pretende-se apresentar caminhos teóricos para sua efetiva implementação.

### 1.3 Gêneros do discurso e ensino de Língua Portuguesa

Como evidencia Rojo (2008), bem ou mal, a noção de gêneros do discurso tem perpassado a tradição escolar brasileira ao longo dos séculos. Do chamado *trivium*, que englobava estudos de retórica, poética e gramática, à consolidação do Português como disciplina, ao final do Brasil Império, a noção de gênero oriunda da poética e da retórica aristotélica sempre fez parte dos programas escolares do país.

Nesse primeiro momento de didatização, priorizaram-se os gêneros poéticos, cuja leitura servia como modelo para “boa” aquisição da língua, embasando os estudos de gramática e as práticas de redação/composição. Conforme avalia Rojo (2008), citando Geraldini (1984), nota-se um uso do *texto como pretexto* para outras atividades didáticas e objetos de estudo. Em uma perspectiva bakhtiniana, observa-se, pois, uma abordagem dos textos voltada essencialmente a aspectos formais de sua composição.

Cabe salientar que, nesse período, o modelo de escola era bastante diferente do atual. Tratava-se de uma escola destinada a uma parcela pequena da população: uma elite que pretendia seguir estudos universitários. Tinha, assim, um caráter preparatório para a formação de um público muito específico, não sendo algo obrigatório e acessível a todos.

Segundo Clare (2002), esse quadro começa a se alterar especialmente na década de 60, quando se firma o processo de democratização da escola, em função de um novo modelo econômico de país. A partir de 1964, com a ditadura militar, passa-se a visar ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil, por meio da expansão industrial. Nesse contexto, a escola assume o papel de fornecer os recursos humanos necessários para viabilizar tal projeto.

Isso acarreta uma grande mudança no perfil da comunidade escolar, não só em termos econômicos, mas também culturais. Antes destinada a um grupo seletivo, oriundo das elites, a escola começa a receber também pessoas advindas das camadas populares, o que faz com que o público discente seja marcado por uma heterogeneidade de letramentos e de variedades dialetais.

O perfil do professor também muda. Com a necessidade de ampliação do número de docentes para atender à nova demanda, a profissão, que até então era exercida por membros da elite, perde o *status* de outrora e passa a ser vista como meio de ascensão para aqueles que pertencem às camadas mais pobres da sociedade. Os novos professores não detinham, portanto, a mesma bagagem cultural e o domínio da variedade de prestígio da língua de seus antecessores. Além disso, devido à necessidade de suprir com urgência a demanda repentina,

sua formação se deu por meio de cursos rápidos, sem maior embasamento teórico (GERALDI, 1997, p. 116).

Nesse contexto de mudanças na composição da comunidade escolar e em consonância com o avanço midiático ocorrido na época, foi sancionada a Nova Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71, em que se estabelece a língua portuguesa como instrumento de comunicação e expressão da cultura brasileira. A partir disso, a disciplina Língua Portuguesa foi vertida em Comunicação e Expressão, no então 1º segmento do 1º grau (que equivale atualmente aos anos iniciais do Ensino Fundamental) e Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa, no 2º segmento (atualmente, os anos finais do Ensino Fundamental). Apenas no 2º grau (atual Ensino Médio), conservou-se denominação condizente com as práticas e os currículos até então tradicionais: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

A nova realidade gera mudanças nas práticas de sala de aula, culminando na chamada *virada pragmática ou comunicativa* no ensino de língua materna (ROJO, 2008). Como aponta Clare (2002, s.p.), para se adequar ao novo perfil de aluno, opta-se por “um ensino utilitário com a língua voltada para a oralidade” e, conseqüentemente, menos normativo e rigoroso em relação aos padrões considerados cultos. Refletindo uma visão de língua como instrumento de comunicação e expressão, a teoria da comunicação passa a ser uma referência nas práticas: busca-se habilitar o aluno a “funcionar” como emissor e receptor de mensagens pela utilização de códigos verbais e não verbais” (CLARE, 2002, s.p.).

Acompanhando a mudança de perfil dos profissionais da educação, os materiais didáticos também sofrem grandes transformações. No lugar das antologias, seletas e gramáticas, surgem os livros didáticos como material de apoio, a fim de suprir as lacunas de conhecimento dos novos professores, que deixam de ser os responsáveis por preparar suas aulas (BEZERRA, 2010, p. 45). Nesse contexto, os autores de livros didáticos passam a ter papel decisivo na didatização dos objetos de ensino e na construção dos conteúdos a serem ministrados (ROJO, 2008).

No que tange à questão dos gêneros, observa-se um apagamento do uso do termo em referenciais teóricos, propostas, programas e materiais didáticos, muito provavelmente em função da perda de espaço dos gêneros poéticos e retóricos. Passa-se a falar em textos, priorizando-se especialmente aqueles que circulam nas esferas jornalística e publicitária, havendo destaque também para os de natureza não verbal, como charges e quadrinhos.

A partir desse ponto, em uma atitude crítico-reflexiva, observa-se um movimento em relação ao papel do texto como unidade de ensino. Trabalhos como o de Geraldi (1984) destacam a centralidade do texto nas aulas de Língua Portuguesa e alertam contra seu uso

como mero pretexto para práticas tradicionais: em vez de modelo a ser reproduzido ou de fonte de exemplos de estruturas ou unidades gramaticais, a entrada do texto na sala de aula deveria ancorar práticas de leitura e de produção. Tal mentalidade acarretou mudanças de currículos e programas, ao longo das décadas de 1970 e 1990.

Todavia, como observa Rojo (2008, p. 89-90),

as práticas didáticas consolidadas apresentam sempre resistências, e o uso do texto como pretexto tem continuidade e vem a ser suplementado pela gramaticalização do texto ele próprio, por meio do acesso dos professores a teorias cognitivas de leitura e de produção e a teorias da linguística textual na década de 1980. Nas práticas de leitura e produção, assim como nos materiais didáticos que circulam em sala de aula, o *texto* entra menos como produtor de sentidos e mais como suporte de análises gramaticais, agora também *textuais*, como se o mero conhecimento de estruturas e tipos textuais, regras e normas pudesse fazer circular o diálogo e os sentidos.

Somam-se a esse contexto transformações sociopolíticas ocorridas no final do século passado que trouxeram novas demandas educacionais. Nas décadas de 1960 e 1970, o desenvolvimento industrial da América Latina motivou uma política educacional que priorizava a formação de profissionais habilitados a operar maquinarias ou dirigir processos de produção. Isso levou o Brasil a propor, na década de 1970, a profissionalização compulsória, o que diminuía a pressão da demanda por ensino superior. A partir da década de 1990, porém, com a globalização e os avanços tecnológicos, o volume de informação aumenta exponencialmente e impõe novos parâmetros para a formação dos cidadãos. Como afirma Rojo (2008, p. 90-1), o alvo principal da formação do aluno passa a ser não mais o acúmulo de conhecimentos, mas “a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade para utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação”.

Em um mundo multissemiótico (um mundo não só de letras, mas também de cores, sons, imagens e *design* que constroem sentidos em textos orais/escritos e hipertextos) e permeado pela diversidade de discursos, ensinar e entender o funcionamento da linguagem no mundo atual se torna uma tarefa central da escola (MOITA LOPES E ROJO, 2004, p. 43-6). De acordo com Rojo (2008, p.91-2),

trata-se de dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam.

É nesse contexto que a noção de gênero discursivo/textual é (re)convocada no ensino de Língua Portuguesa, especialmente a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no final da década de 1990 (ROJO, 2008, p. 92). No documento, o texto é apontado como unidade de trabalho nas aulas de língua materna, e a noção de gênero, como constitutiva dos textos, passa a ser vista como objeto de ensino. No próximo tópico, apresentamos uma discussão sobre a transposição didática do conceito de gênero como objeto de ensino de língua materna.

### 1.3.1 Gêneros do discurso como objeto de ensino de língua materna: algumas reflexões

Como pondera Rodrigues (2019, p. 39), embora os gêneros, de alguma maneira, sempre tenham estado presentes nos programas escolares brasileiros, do ponto de vista de uma orientação teórico-metodológica para o ensino e aprendizagem de práticas de linguagem, sua efetiva entrada se deu no final da década de 1980 e início da década de 1990, principalmente após a publicação dos novos documentos oficiais de ensino dos Estados e da União. A partir disso, conforme sinaliza a própria autora, cabem questionamentos sobre como se deu a transposição do conceito de gêneros discursivos/textuais para o ambiente escolar, não só em termos teóricos, mas também no que concerne às práticas de sala de aula.

Apesar do avanço que a publicação dos PCN significou para a educação brasileira, o texto do documento, como referencial teórico para práticas pedagógicas, revela alguns problemas no que tange às orientações para o ensino de língua materna. Um primeiro problema apontado por Rodrigues (2003) é a forma como conceitos centrais da proposta – como os de língua, linguagem, texto e discurso – são desenvolvidos ao longo do documento. Ora são tratados de maneira marginal (vide o conceito de letramento que aparece, em poucas linhas, em uma nota de rodapé), pressupondo do leitor um conhecimento prévio de teorias que costumam circular apenas no meio acadêmico; ora são tratados de forma extremamente simplificada, presumindo um leitor pouco familiarizado com tais conceitos. Considerando que o interlocutor previsto pelos PCN são, em essência, os professores da Educação Básica, tal exposição teórica se mostra insuficiente para orientá-los em suas práticas.

Outro problema ainda mais preocupante é a mistura acrítica de perspectivas teóricas de natureza distinta, o que acaba por gerar incoerências ao longo do documento. Autores como Brait (2000), Rodrigues (2003) e Rojo (2008) evidenciam que, embora não indiquem com

clareza a fonte dos conceitos didatizados, os PCN mesclam claramente a teoria bakhtiniana acerca dos gêneros discursivos/textuais com outras vertentes teóricas, especialmente a Linguística Textual do grupo da Universidade de Genebra, representada por nomes como Bronckart, Schneuwly e Dolz.

O quadro a seguir, elaborado por Rojo (2008), destaca passagens que demonstram essa mistura de correntes teóricas ao longo do texto dos PCN.

Quadro 2 – Quadro comparativo entre o texto dos PCN e seus referenciais teóricos

<p>Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza <b>temática, composicional e estilística</b>, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele <b>gênero</b>. Desse modo, a noção de gênero, como constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (PCN, p. 23).</p>	<p>Todos esses três elementos – <b>o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional</b> – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinado(a) esfera/campo da comunicação. Evidentemente, cada esfera/campo de utilização da língua elabora seus <i>tipos relativamente estáveis</i> de enunciados, sendo isso que denominamos <b>gêneros do discurso</b> (Bakhtin, 1952-3/1979:262).</p>
<p>Ao tomar a língua materna como objeto de ensino, a dimensão de como os sujeitos aprendem e de como os sujeitos desenvolvem sua competência discursiva não pode ser perdida. O ensino de língua portuguesa deve se dar num espaço em que <b>práticas de uso da linguagem</b> sejam compreendidas em sua <b>dimensão histórica</b> e em que as necessidades de análise e de sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorram dessas mesmas práticas. (PCN, p. 24)</p>	<p>As <b>práticas de linguagem</b> implicam dimensões, por vezes, <b>sociais e cognitivas</b> e linguísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular. Para analisá-las, as interpretações feitas pelos agentes da situação são essenciais. Essas interpretações dependem da identidade social dos atores e das representações que eles têm dos usos possíveis da linguagem e das funções que eles privilegiam de acordo com sua trajetória. Nesse sentido, as práticas sociais “<i>são lugar de manifestação do individual e do social na linguagem</i>” (Bautier, 1995:p. 203) (Schneuwly e Dolz, 1997: 72-73)</p>

Fonte: ROJO, 2008, p. 93.

Como conclui Rodrigues, a análise global da apresentação dos conceitos de texto e gênero bem como da bibliografia exposta nos PNC evidenciam

a sua filiação à Linguística Textual e à Teoria Enunciativo-discursiva Bakhtiniana, com predominância da primeira sobre a segunda, constituindo-se esta, muitas vezes,

como um acréscimo às concepções da Linguística Textual e não como elemento fundante para a definição dos conceitos apresentados e sua implicação nas propostas pedagógicas. Ainda, pela análise da apresentação teórica do documento e das referências, percebe-se que as noções da Teoria Bakhtiniana entram nos PCNs a partir da leitura que o grupo de Genebra (...) realiza dessa teoria. (2003, p. 1261)

A título de exemplo, uma das incoerências que advém da combinação de tais teorias diz respeito à noção de enunciado. Conforme a definição de texto apresentada pelos PCN:

[o] discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja a sua extensão, é o texto, uma seqüência verbal construída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, *não passa de um amontado aleatório de enunciados*. (BRASIL, 1998, p. 21. GRIFO NOSSO)

A partir do fragmento, nota-se que o “enunciado” é apresentado neste trecho dos PCN como uma unidade menor do que o texto, já que um texto sem coesão e coerência é visto apenas como “um amontoado aleatório de enunciados”. Como esclarece Rodrigues (2003, p. 1263), essa concepção é oriunda da Linguística Textual, que compreende o texto como um “conjunto coerente de enunciados”.

Tal perspectiva vai de encontro à teoria bakhtiniana, que aponta o enunciado como a verdadeira unidade da comunicação discursiva, conforme exposto anteriormente. Considerando os dois polos do texto observados por Bakhtin (2011), a definição deste termo apresentada no fragmento coloca em evidência as propriedades formais de sua composição (sua materialidade linguística) e não o texto na condição de enunciado, em que se revelam suas relações dialógicas na cadeia discursiva. Nesse sentido, cabe ressaltar mais uma vez que, ao teorizar sobre os gêneros, Bakhtin direciona seus estudos para este último polo, priorizando o processo de constituição dos tipos relativamente estáveis de enunciados sociais e não as características formais de sua composição.

Assim, embora os PCN remetam claramente à teoria bakhtiniana na apresentação do conceito de gênero (conforme se observa no Quadro 2) e, em certas passagens, destaquem a importância de uma abordagem que leve em conta não só aspectos ligados ao contexto imediato da enunciação, mas também condições sócio-históricas de sua realização, observa-se no documento uma tendência ao estudo da materialidade textual no tratamento dos gêneros.

Como conclui Rojo (2008, p. 94-5),

[a]o se apropriarem do conceito de gênero do discurso do Círculo de Bakhtin para efeitos de didatização, os PCN realizam tanto uma operação de **desarticulação** do

conceito de seu espaço de sentido original, como uma **rearticulação** do conceito com outros já presentes nesta esfera de comunicação escolar (documentos educacionais oficiais, teorias de didática de língua materna), que dão gênese a um *novo conceito* e não somente a um *novo uso do conceito*. (GRIFOS DA AUTORA.)

Nesse sentido, conforme pondera Brait (2000, p. 24), ainda que as indicações dos PCN possam ser coerentes e produtivas em vários aspectos, elas se afastam da proposta do dialogismo bakhtiniano quando apontam para um trabalho com o texto encerrado em modelos preestabelecidos. Por sua vez, Rojo (2002, p. 48) corrobora tal crítica e a estende a propostas ou tentativas de implementações práticas, que, “por estarem muito mais sedimentadas em teorias estruturais ou textuais, acabam reduzindo a postura enunciativa à mera declaração de intenções e realizando, na prática, análises formais (epilingüísticas e metalingüísticas) de textos”.

Consequentemente, um dos principais problemas ocorridos na transposição didática do conceito de gêneros para a sala de aula é uma abordagem que, muitas vezes, se limita (ou quase) à análise das estruturas dos textos ou em que a dimensão estrutural se sobrepõe aos elementos da interação (RODRIGUES, 2019, p. 41). Embora se reconheça a dimensão textual dos gêneros e seja relevante para seu estudo considerar as formas *relativamente* estáveis de sua composição, não se pode apagar a dimensão social e interativa que os determinam (forma arquitetônica).

Outro problema decorrente de uma abordagem focada na estrutura é o risco de uma visada normativa ou prescritiva, que vai de encontro à maleabilidade característica dos gêneros. Por mais estabilizada que a forma composicional de determinado gênero possa parecer, ela é apenas um de seus componentes e sua estabilidade é *relativa*, já que determinada por fatores extralingüísticos, como o projeto de dizer do enunciador, o interlocutor previsto, o contexto social mais imediato etc. Assim, os gêneros não podem ser vistos como “fôrmas” para que o aluno preencha na elaboração de seus textos/enunciados (RODRIGUES, 2019, p. 43).

Também são comuns atividades que se voltam para o ensino conceitual dos gêneros, a partir das quais os alunos são levados a definir e classificar os gêneros, elencar suas principais características, identificar tipos/seqüências textuais etc. Esse tipo de proposta parte do pressuposto de que, ao conhecer o conceito de gêneros discursivos/textuais e ser capaz de identificá-los e classificá-los, o aluno passe a ler e escrever em diferentes gêneros e, consequentemente, interaja com proficiência em diferentes esferas comunicativas (RODRIGUES, 2019, p. 43).

Além de ir de encontro à concepção bakhtiniana de gênero, como pondera Alves Filho (2011, p. 77), tais rótulos podem ser enganadores, já que, muitas vezes, usamos o mesmo nome para referir textos muito diferentes entre si, a exemplo da notícia, que pode apresentar formas composicionais variadas refletindo contextos sociocomunicativos distintos. Não se trata, é claro, de não poder nomear os gêneros em sala de aula, mas de fazê-lo com cautela e não como um fim em si mesmo. Mais importante do que dizer o nome do gênero de determinado texto, é compreender sua funcionalidade e o processo de sua constituição.

Refletindo as incoerências observadas na exposição teórica dos próprios PCN, outro problema identificado por Rodrigues (2019, p. 41) em relação aos programas, materiais didáticos e atividades de sala de aula é uma confusão conceitual acerca dos gêneros que leva a um uso indiscriminado do termo. Como observa a autora, a noção de gênero, muitas vezes, é reinterpretada, recobrando diferentes unidades/recortes textuais. Assim, não é difícil encontrar designações como “gênero jornalístico” ou “gênero narração”, em que o conceito de gênero foi equiparado, respectivamente, à noção de esfera discursiva e à de tipo/sequência textual.

Aliás, é muito comum nas aulas de língua materna o pareamento entre os gêneros e as tipologias textuais, apesar de sua natureza absolutamente distinta. Enquanto os gêneros constituem tipos de enunciados socialmente constituídos da língua/discurso e existem em número ilimitado, refletindo as necessidades comunicacionais dos seres humanos; os tipos textuais são sequências linguísticas presentes no interior do texto, que se resumem a número finito de variedades: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição<sup>7</sup>. Estes configuram, portanto, um constructo teórico embasado estritamente em formas linguísticas que compõem os textos.

O quadro a seguir, elaborado por Marcuschi (2010), evidencia com mais clareza a distinção entre os dois termos:

---

<sup>7</sup> Autores como Adam (2011) incluem ainda o tipo dialogal, o que não altera o caráter finito das tipologias textuais.

Quadro 3 – Distinção entre tipologia textual e gênero discursivo/textual

<b>TIPOS TEXTUAIS</b>	<b>GÊNEROS TEXTUAIS<sup>8</sup></b>
1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por suas propriedades sociocomunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marcuschi 2010, p.24

Além dos problemas já mencionados, Alves Filho (2011, p. 74) pontua que um equívoco muito frequente nos programas e práticas de sala de aula é a premissa de que expor o aluno a uma grande quantidade de gêneros garantirá sua proficiência em diversas esferas comunicativas. Embora a heterogeneidade seja algo característico dos gêneros, o autor frisa que seu tratamento adequado como objeto de ensino não se esgota na exposição assistemática de tal variedade. Ademais, diversificar demasiadamente o número de gêneros acarreta o risco de uma abordagem superficial destes. Assim, Alves Filho (2011, p. 74) alerta que não se deve sacrificar um mínimo de aprofundamento em cada gênero particular ou entre gêneros interrelacionados em prol de apresentar o maior número de gêneros possível.

<sup>8</sup> Conservamos a nomenclatura presente no texto original, embora, consideremos mais apropriado o termo “gêneros discursivos/do discurso”, como será defendido ao final deste tópico.

Ainda segundo o autor, mais do que diversificar textos e gêneros caberia diversificar os contextos e os modos de abordagem. Nesse sentido, Alves Filho (2011, p. 75) argumenta que outro problema comum na didatização dos gêneros advém justamente de um tratamento uniforme, que desconsidera as especificidades de cada um deles. Cita como exemplo atividades que tomam o tema como ponto de partida para a produção de textos de diferentes gêneros e atividades de leitura que quase sempre solicitam ao aluno que reelabore a ideia principal do texto ou destaque suas principais informações, independentemente do gênero. Como reflete o autor, “a variedade de gêneros clama por variedade de abordagem nas atividades de análise, de leitura e de escrita dos textos” (ALVES Filho, 2011, p. 75).

A partir do exposto, observa-se que, apesar da profusão de textos de diferentes gêneros na sala de aula, principalmente a partir da publicação dos PCN, os programas, materiais didáticos e práticas pedagógicas frequentemente se afastam dos pressupostos bakhtinianos, ao focalizar aspectos formais da composição dos gêneros, por vezes recaindo até em uma orientação normativa e prescritiva. Além disso, os textos, de diferentes gêneros, são, muitas vezes, trabalhados de forma isolada, sem levar em consideração aspectos sociocomunicativos de sua constituição, como, por exemplo, as filiações discursivas assumidas pelo locutor, o interlocutor idealizado etc.

Um agravante destacado por Bueno (2011) é que, além do tratamento descontextualizado, muitos textos passam ainda por deformações ao serem transpostos para o contexto escolar. A autora menciona como exemplo reportagens que são transcritas em livros didáticos sem a formatação em colunas característica do gênero no jornal impresso e/ou com supressão de imagens e até mesmo trechos do texto original, sem que haja qualquer sinalização disso.

Obviamente, ao figurar como objeto de ensino nas aulas de língua materna, os gêneros sofrem inevitavelmente modificações, ainda que parciais, para atender aos objetivos didáticos. Assim, “o gênero na escola será sempre uma variação do gênero de referência” (BUENO, 2011, p. 36). Entretanto, como assinala a autora, é dever da escola buscar expor os alunos a situações comunicativas que se aproximem ou emulem o máximo possível as situações reais ocorridas fora de sala de aula. Não é o que ocorre no exemplo citado, em que se opera uma deformação tão grande na apresentação da reportagem que descaracteriza sua constituição como gênero, transformando-a em um texto meramente didático que se distancia substancialmente do contexto comunicativo do texto/enunciado original.

Todos os problemas aqui evidenciados mostram que a implementação da noção de gênero como objeto de ensino se deu, em grande parte, a partir de pressupostos e práticas que

se distanciam da teoria bakhtiniana. A própria nomenclatura “gêneros textuais”, adotada pelos PCN e reproduzida em programas, materiais didáticos e práticas de sala de aula, aponta para uma abordagem que tem como foco a materialidade textual, deixando em segundo plano e até mesmo negligenciando a dimensão social e interativa do texto na condição de enunciado.

Tomando como base a própria teoria do Círculo de Bakhtin, Rodrigues (2019, p. 48-9) observa que a escola – como esfera da atividade humana, com seus agentes, discursos, práticas, finalidades sociais – reinterpretou a noção de gêneros e o seu papel nas aulas de língua materna a partir do horizonte apreciativo da tradição escolar, marcada pela prevalência do ensino conceitual e taxionômico em detrimento do praxiológico e procedimental. Assim, apesar das inúmeras críticas feitas, inclusive no texto dos próprios PCN, ao ensino tradicional de gramática, voltado para a prescrição, classificação e análise de extratos descontextualizados da língua, o que se percebe é, muitas vezes, a migração desse mesmo tipo abordagem para o estudo dos gêneros.

Diante do exposto, reiteramos posição já assumida em Dissertação de Mestrado (ZANARDI, 2016), em que, acompanhando autores como Rojo (2009, 2012) e Brait (2000), defendemos uma aproximação cada vez maior das práticas pedagógicas do ensino de língua materna com a perspectiva bakhtiniana. Isso não significa o completo abandono de abordagens textuais, mas a compreensão de que um ensino pautado nos gêneros não pode se limitar ao exame dos aspectos formais dos textos.

Cabe ressaltar que os próprios escritos do Círculo de Bakhtin não descartam o estudo da materialidade linguística dos textos, mas o colocam em um nível inferior de prioridade em relação à análise do contexto de enunciação e aos tipos de enunciados a ele relacionados (os gêneros), conforme se observa no fragmento abaixo de *Marxismo e filosofia da linguagem*, em que se propõe a seguinte ordem metodológica para o estudo da língua:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2009, p. 129)

Como esclarece Rojo (2005, p. 198), o modelo de análise bakhtiniano parte, portanto, da situação social ou de enunciação para o estudo do gênero/enunciado/texto e, só então, ao exame das formas linguísticas relevantes. Apoiando-se em tal referencial metodológico, nesta

Tese, o exame das *fake news* como um novo gênero discursivo bem como a proposição de atividades didáticas para a sua abordagem em sala de aula priorizarão os aspectos sociocomunicativos da produção/recepção desses tipos relativamente estáveis de enunciados a seus aspectos formais. Por essa razão, em vez do termo “gêneros de texto/textuais”, presente em muitos programas e propostas didáticas, optamos pela nomenclatura “gêneros do discurso/discursivos”, por entender que esta reflete melhor uma proposta que não se limite à forma composicional dos gêneros, mas que contemple a sua arquitetônica.

Considerando as grandes transformações sociais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, com as quais as *fake news* têm estreita ligação, o próximo tópico será dedicado a uma reflexão sobre a pertinência da teoria bakhtiniana em relação a esse novo contexto, a partir do conceito de multiletramentos.

### 1.3.2 Gêneros do discurso e as TDIC: os multiletramentos

Como aponta Soares (2012), o termo *letramento* teria surgido na década de 1980, atrelado a mudanças culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. Segundo a autora, à medida que mais pessoas aprendem a ler e a escrever e que a sociedade se torna cada vez mais grafocêntrica, a *alfabetização* (ou seja, o processo de aquisição do alfabeto) se mostra insuficiente para que os indivíduos possam responder às demandas de leitura e escrita que se fazem continuamente. Faz-se necessário também saber fazer uso do ler e escrever, de ser capaz de participar das práticas sociais que envolvem o uso da leitura e da escrita.

O conceito de letramento aparece então como uma forma de referir “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2012, p. 20). Em outras palavras, não diz respeito simplesmente ao processo de codificar e decodificar o código da língua escrita – a alfabetização –, mas de saber fazer uso da leitura e da escrita socialmente, de praticar a leitura e a escrita, de responder às demandas sociais de leitura e escrita adequadamente. Assim, corresponde não ao processo de aquisição da língua escrita, mas de seu *desenvolvimento*, algo que, de fato, nunca é interrompido.

De acordo com Rojo e Moura (2019, p. 17), os novos estudos do letramento, encabeçados por Street (1984) e trazidos para o Brasil por Kleiman (1995) evidenciam as práticas letramento como modos culturais de utilização da língua escrita na vida cotidiana,

com os quais as pessoas lidam socialmente, sejam elas alfabetizadas ou não. Essas práticas são múltiplas e variadas, englobando desde situações simples, como a leitura do preço de determinado produto, a contextos mais complexos, como a escrita de uma tese acadêmica. Assim, os “eventos de letramento” compreendem qualquer circunstância em que a escrita, de alguma forma, faça parte da natureza da interação e dos processos interpretativos dos participantes. Considerando, pois, a diversidade de práticas envolvidas, o conceito de letramento passa a ser visto como plural: *letramentoS*.

Ao final do século 20, em 1996, um grupo de pesquisadores de países anglófonos (ingleses, americanos e australianos) se reuniu na cidade de Nova Londres, nos Estados Unidos, para discutir mudanças que se observavam nas práticas de letramento. O Grupo de Nova Londres (GNL), como ficou conhecido, destacava o impacto das novas mídias digitais na configuração dos textos, que já não eram mais essencialmente escritos e apresentavam uma pluralidade de linguagens (“multimodalidade”). Além disso, o fenômeno da globalização também interferia nas práticas interativas, possibilitando a convivência e a relação entre culturas, etnias, línguas muito diversas (“multiculturalidade”). Assim, para referir a esses dois níveis de multiplicidade que envolvem as práticas de letramento contemporâneas, foi cunhado o termo *multiletramentos*.

Esse conceito aponta para novas demandas que surgem no contexto escolar em função das transformações ocorridas, especialmente, a partir dos avanços tecnológicos. Em primeiro lugar, as novas mídias mudaram a forma como os textos contemporâneos são produzidos e recebidos, acarretando uma multiplicidade de linguagens, semioses e mídias na construção de seus sentidos. A partir disso, já não basta mais o “letramento da letra”, centrado no código escrito, pois, no mundo contemporâneo, também é demandado aos indivíduos “saber traduzir imagens e sons, articular imagens em movimento”, entre outros conhecimentos (ROJO, 2015, p. 330).

Além disso, especialmente nos grandes centros urbanos, observa-se o convívio de culturas muito diferentes entre si, o que se reflete na composição dos textos contemporâneos, que hibridizam uma variedade de culturas. Assim, cabe aos indivíduos também saber lidar com tal heterogeneidade. Como ressalta Rojo (2013, p. 17), faz-se necessário que “a instituição escolar prepare a população para o funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas”.

Soma-se a isso, os acréscimos ao debate trazidos por pesquisadores como Knobel e Lankshear (2007), em função dos avanços nas novas digitais da informação e da comunicação

(TDIC). Várias mudanças, como o aumento das bandas de conexão e o surgimento de novos aplicativos e dispositivos digitais, propiciaram o surgimento de uma nova mentalidade<sup>9</sup> que interfere na forma como interagimos, culminando nos chamados “novos letramentos”. Estes são

mais participativos, colaborativos, distribuídos; ou seja, menos individualizados, autorados, dependem menos de licenças de publicação. Assim sendo, são menos dominados por especialistas, seguem regras e normas mais fluidas, os coletivos são as unidades de produção, competência e inteligência. Os novos letramentos maximizam relações, diálogos, redes e dispersões, são o espaço da livre informação e inauguram uma cultura do remix e da hibridação. (ROJO e MOURA, 2019, p. 26)

Percebe-se, portanto, que aquilo que já era observado pelo Grupo de Nova Londres se intensificou. As transformações tecnológicas ocorridas recentemente viabilizaram e ampliaram novas possibilidades de textos/discursos, os quais se apresentam cada vez mais multissemióticos ou multimodais. Além disso, novas dinâmicas de produção e recepção foram oportunizadas, aumentando as exigências quanto à capacidade crítica dos indivíduos de interagir no meio digital. Assim, continuamente, novos (multi)letramentos têm sido demandados.

Considerando que a teoria do Círculo de Bakhtin foi elaborada essencialmente a partir do exame de textos escritos, impressos, literários e canônicos, cabe o questionamento: seria tal teoria capaz de compreender as complexas interações que se dão no contexto contemporâneo, oferecendo um fundamento teórico ainda válido para o ensino de língua materna?

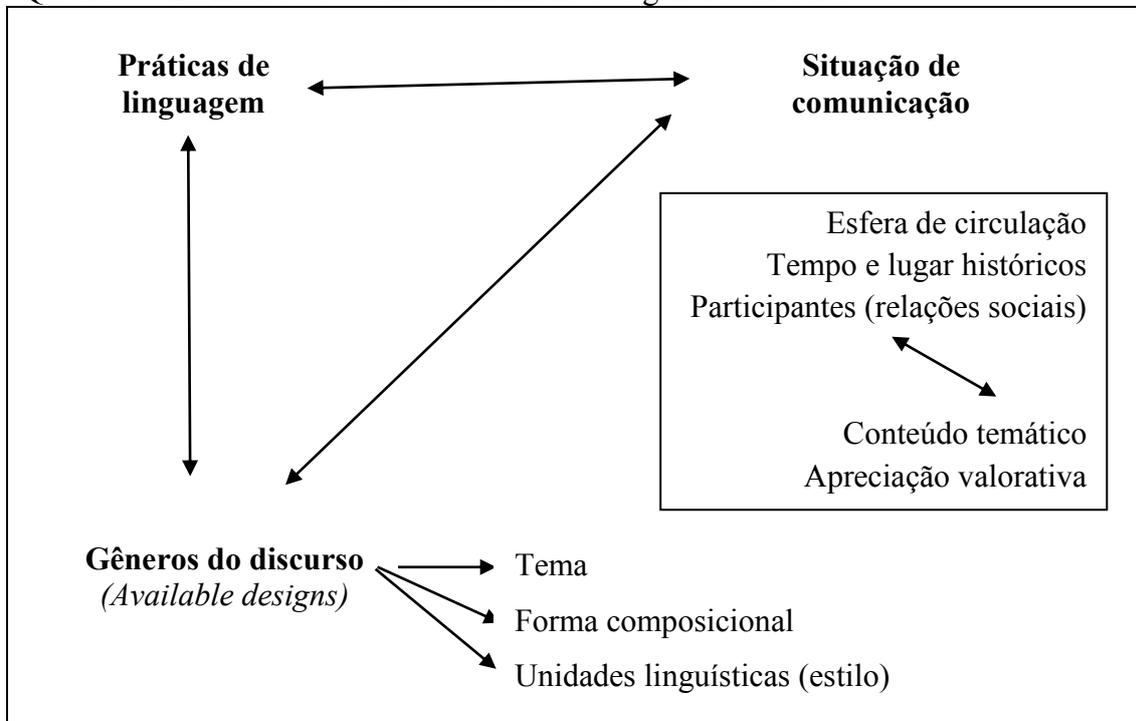
Em artigo intitulado “Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos” (2013), Rojo se propõe a responder à questão semelhante, defendendo a ideia de que os textos contemporâneos multissemióticos/multimodais apresentam alguns desafios à teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, mas não impedimentos. A fim de embasar tal proposição, a autora, então, elabora uma breve síntese da teoria proposta pelo Círculo de

---

<sup>9</sup> Trata-se da chamada “mentalidade 2.0”. A primeira geração da internet (*web 1.0*) segue o funcionamento da cultura de massa, em que a informação se dá de forma unidirecional (de um para muitos). Com o surgimento das redes sociais, a *web* se tornou cada vez mais interativa, colocando os próprios usuários em posição de destaque na produção de conteúdo (*web 2.0*). À proporção que as pessoas foram se familiarizando com a *web 2.0*, “foi possível a marcação e a etiquetagem semântica de conteúdos dos usuários” (ROJO & MOURA, 2019, p. 42), abrindo caminho para *web 3.0* (a internet “inteligente”), que pretende ser capaz de antecipar e mapear os interesses dos usuários, disponibilizando conteúdo personalizado. Como sinalizam Rojo & Moura (2019, p. 42), já se vislumbra a possibilidade de uma *web 4.0*: um enorme sistema operacional inteligente e dinâmico, que incluiria a “internet das coisas”, capaz de “suportar as interações dos indivíduos e das coisas, utilizando os dados disponíveis, instantâneos ou históricos para propor tomada de decisão, com base num complexo sistema de inteligência artificial”, operado a partir de tecnologias móveis e ubíquas, como *smartphones*, relógios, óculos e até mesmo *chips* implantados.

Bakhtin, evidenciando alguns de seus conceitos centrais, conforme representação apresentada no diagrama a seguir (Quadro 4).

Quadro 4 - Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos



Fonte: Rojo, 2013, p. 27.

Como explica Rojo (2013), as práticas de linguagem ou enunciações ocorrem sempre forma situada, ou seja, em determinadas situações de comunicação, definidas pelo funcionamento de suas esferas/campos de circulação de discursos. Tais esferas – assim como seu funcionamento – são elas próprias situadas historicamente, variando de acordo com o tempo histórico e as culturais locais ou globais (cronotopo). A partir do funcionamento de cada esfera, definem-se não só os participantes possíveis da enunciação (e as relações sociais que podem ser estabelecidas entre eles), mas também uma série de conteúdos temáticos admitidos.

A autora ressalta, entretanto, que, segundo a perspectiva de Bakhtin, a enunciação não é determinada mecanicamente pelo funcionamento das esferas de circulação de discursos. A significação e o tema de um texto/enunciado são definidos, sobretudo, em função da apreciação de valor (ou avaliação axiológica) “que os interlocutores fazem uns dos outros e de si mesmos ou de seus lugares sociais e do conteúdo temático em pauta, que apreciado valorativamente, transforma-se em tema (irrepetível) do enunciado” (ROJO, 2013, p. 28).

O funcionamento das esferas também determina formas específicas de enunciar, típicas de campo social – os gêneros do discurso (ou *available designs*, na nomenclatura do Grupo de Nova Londres). Esses tipos de enunciado são *relativamente* estáveis, variando de acordo com o tempo e o lugar históricos e as situações específicas de enunciação. Assim, exercer uma prática de linguagem situada implica selecionar e operar dentro dos parâmetros (flexíveis) de determinado gênero, que define as formas de composição do enunciado e seu estilo, em função da elaboração de um tema, ou seja, “de certos efeitos de sentido visados pela vontade enunciativa do locutor e dependentes de sua apreciação de valor sobre significações ou parceiros interlocutores” (ROJO, 2013, p. 28).

No que tange ao funcionamento dos textos/enunciados contemporâneos, a grande questão que se coloca é como as novas mídias e tecnologias, bem como a diversidade de linguagens e semioses delas decorrentes, podem ser tratadas dentro de tal panorama teórico.

Uma primeira ponderação que Rojo (2013) apresenta a esse respeito é a de que cada mídia/tecnologia seleciona as modalidades ou semioses que lhes são pertinentes. O impresso, por exemplo, permite o uso de imagens estáticas e escritas, mas não sons ou imagens em movimento. A transmissão radiofônica permite sons e falas, mas não imagens. Mídias mais recentes, como a televisiva e, principalmente, a digital, abarcam o conjunto de semioses possíveis. A partir disso, cabe destacar que, afinal, não há texto “unimodal”, já que, mesmo o texto escrito, admite marcações gráficas que contribuem para a construção de seu sentido (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 108). Assim, as novas mídias e tecnologias apenas ampliam o leque de escolhas semióticas possíveis na elaboração de textos/enunciados.

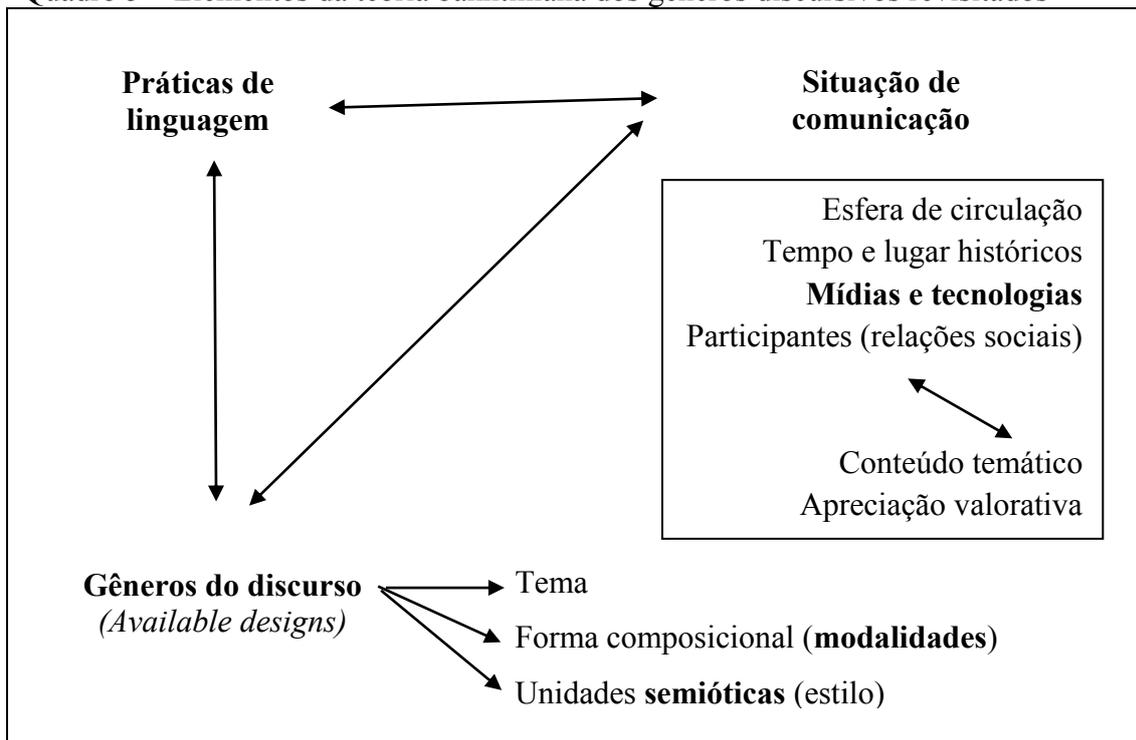
Outra observação feita pela autora é que diferentes esferas de circulação de discursos, como a jornalística e a publicitária, por exemplo, passaram a se valer das novas mídias e tecnologias em seu funcionamento; ao passo, que outras, como a jurídica, se mantêm mais ligadas à tradição da cultura escrita e do impresso. Assim, para atingir suas finalidades e ecoar seus temas, as variadas esferas selecionam, entre os recursos disponíveis, diferentes combinações e semioses. As novas mídias e tecnologias apenas fazem parte do conjunto de escolhas possíveis que podem ser acionadas ou não. Acabam se destacando, entretanto, pelos efeitos imediatos que provocam na forma de composição e no estilo dos gêneros, modificando-os.

Percebe-se, pois, que o surgimento e o desenvolvimento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, embora acarretem mudanças significativas na forma composicional dos textos/enunciados contemporâneos e em seus modos de circulação, não invalidam ou impactam substancialmente a teoria bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso.

Como afirma Rojo (2013, p. 29), desde que munida de conhecimentos sobre as várias semioses, ela “parece capaz de articulá-las de maneira consistente, visando à significação e abrindo mão da fragmentação ou do formalismo de outras propostas”<sup>10</sup>.

A partir disso, a autora propõe a seguinte atualização (Quadro 5) ao fluxograma apresentado anteriormente, incorporando à teoria bakhtiniana as mudanças causadas pelo uso das novas mídias e tecnologias:

Quadro 5 – Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos revisitados



Fonte: Rojo, 2013, p. 30.

Em trabalho anterior, Rojo (2009) já apontava para o proveito da teoria proposta pelo Círculo de Bakhtin em uma pedagogia dos multiletramentos, não só em relação à questão da multimodalidade, mas também à da multiculturalidade, uma vez que diferentes culturas, em diferentes esferas, terão práticas comunicativas e textos/gêneros diferenciados. Nesse âmbito, a teoria bakhtiniana se mostra, mais uma vez potente, pois abre caminho para o desenvolvimento de um letramento crítico, em que os textos/enunciados são observados como “materialidades de discursos, carregados de apreciações e valores, que buscam efeitos de sentido e ecos e ressonâncias ideológicas” (ROJO, 2009, p. 114).

<sup>10</sup> Em seu artigo, Rojo (2013) faz críticas ao método de análise proposto pelo Grupo de Nova Londres: uma gramática analítica para cinco modalidades (linguística, visual, espacial, gestual e sonora). Segundo a autora, tal modelo apresenta problemas pela sua tendência à fragmentação, à formalização e à descontextualização. Cita como exemplos a separação dos níveis de análise e a busca de isomorfismo ou funcionamento semelhante entre as diferentes semioses.

Como evidencia a teoria bakhtiniana, a recepção de um texto/discurso não se configura como um ato passivo de mera decodificação: é uma ação de réplica, não de repetição. Diante da diversidade de culturas e mídias envolvidas na construção de textos/enunciados contemporâneos, se mostra cada vez mais necessária uma abordagem na escola e fora dela que não se restrinja ao exame da forma ou do conteúdo destes, mas que revele finalidades, intenções, ideologias, capacitando os indivíduos a (re)agir criticamente a eles. Em outras palavras, uma abordagem discursiva, capaz de localizar o texto em seu espaço histórico e ideológico e desvelar seus efeitos de sentido, “replicando a ele e com ele dialogando” (ROJO, 2009, p. 112). Nesse sentido, a teoria idealizada pelo Círculo de Bakhtin se mostra uma ancoragem bastante proveitosa.

Ademais, como destacam Rojo e Barbosa (2015, p. 120-1), em verdade, o contexto contemporâneo traz nova vitalidade às teorizações de Bakhtin, Volochínov e Medievédév:

Nunca antes a ideia de que o enunciado é um elo na cadeia verbal que remete a (e se trama a partir de ou nos) enunciados anteriores e que se estabelece como referência para enunciados ulteriores, a postulação de responsividade no cerne dos atos de compreensão e a concepção bakhtiniana de autoria – como uma orquestração de vozes – puderam ser tão evidenciadas quanto com as novas mentalidades, mídias e ambientes. Para quem se ressentia da ausência de comprovações empíricas mais evidentes e diretas para aceitar as postulações de Bakhtin, eis que os funcionamentos hipermidiáticos e em rede e a prática da remixagem envolvendo diferentes modalidades de linguagem as trazem e encarnam de forma cabal.

Diante do exposto, conclui-se que a concepção do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem permanece potente, mesmo em meio às mudanças sociais e tecnológicas ocorridas na contemporaneidade, e se mostra um profícuo arcabouço teórico para organizar práticas de produção e recepção de textos/enunciados na escola.

## 2 AS FAKE NEWS COMO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO

Quem gritar mais alto, com mais frequência e com maior alcance, passará a ser considerado o arauto da verdade.

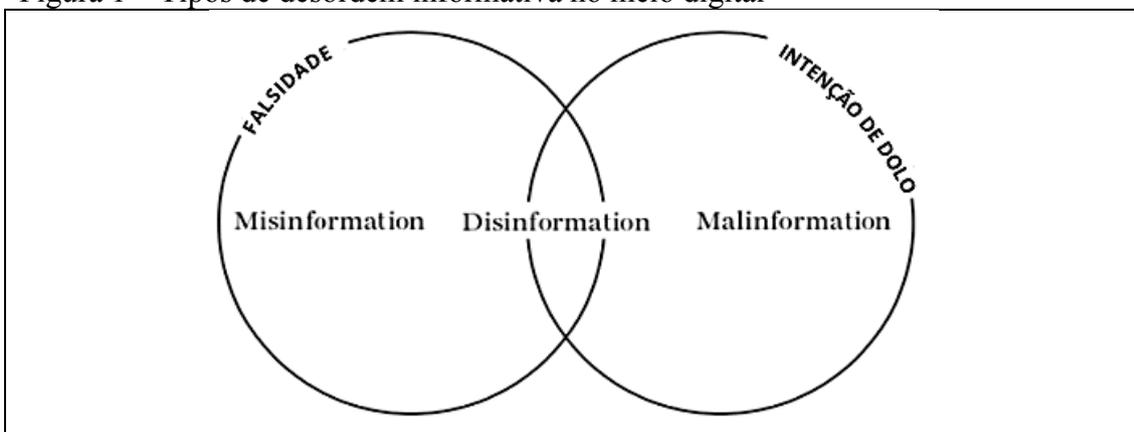
*Castilho*

Eleita como a palavra do ano de 2017 pelo dicionário *Oxford*, a expressão *fake news* se popularizou como uma forma de fazer referência a informações inverídicas que circulam especialmente no meio virtual. Todavia, definir o que são as *fake news* e traçar suas origens não é uma tarefa simples. Como pontua Claire Wardle (2017), o termo, na realidade, recobre não apenas um amplo ecossistema de informações – que vai além do que conhecemos como “*news*” (notícias) –, mas também uma variedade de contextos de criação e de divulgação de conteúdos total ou parcialmente falsos.

Diante da complexidade da questão, a autora, inclusive, optou, em um primeiro momento, pelo uso dos termos “*disinformation*” e “*misinformation*” para distinguir, respectivamente, a criação e o compartilhamento deliberado de informações sabidamente falsas da divulgação inadvertida desse tipo de conteúdo. Posteriormente, Wardle (2020) incluiu uma terceira categoria, a qual denominou “*malinformation*”, para contemplar também o uso de informações verdadeiras, porém de maneira tendenciosa ou descontextualizada, com a intenção de provocar dolo.

A figura abaixo esquematiza as diferentes variáveis que envolvem a circulação de conteúdo falso e/ou malicioso no meio digital.

Figura 1 – Tipos de desordem informativa no meio digital



Fonte: Wardle, 2020.

Soma-se a tal complexidade o uso amplo e irrestrito do termo *fake news*, como observado por Eugênio Bucci (2019, p. 39). Segundo o autor, situações diversas, como circulação de boatos, divulgação de publicidade enganosa ou discordância em relação a determinado assunto, têm sido referidas indistintamente sob o rótulo de *fake news*, de forma que a expressão vem sendo associada a qualquer tipo de mentira que seja veiculada. Há ainda pesquisadores, como o historiador Robert Darnton (2017), que defendem que, embora recente, o termo remete na verdade a uma prática já antiga na história da humanidade, havendo registros de sua existência pelo menos desde o século VI.

Diante de tal panorama, cabe no presente capítulo traçar as origens da expressão *fake news*, bem como delimitar os aspectos que as definem como um fenômeno contemporâneo. Para isso, na primeira seção, será realizado, com base em estudo bibliográfico, um histórico sobre o uso do termo, objetivando determinar quando começou a ser empregado e com que acepções. Na seção seguinte, a partir de autores como Santaella (2018), Bucci (2019) e Anstead (2021), pretende-se demonstrar como o uso massivo de tal nomenclatura na atualidade se relaciona a um contexto histórico e tecnológico específico, caracterizando as *fake news* como um fenômeno contemporâneo.

## 2.1 Origem do termo *fake news*

Embora a criação e a difusão de conteúdo falso não seja algo novo na história da humanidade, a popularização do termo *fake news* para referir esse tipo de prática é relativamente recente. De acordo com levantamento feito por Claire Fallon (2017) a partir de consulta à ferramenta *Google Trends*, a expressão ganhou destaque no meio digital em novembro de 2016, associada ao contexto das eleições presidenciais norte-americanas. Ainda de acordo com a autora, o termo teria sido inicialmente empregado para referir artigos publicados em rede com informações falsas a respeito da então candidata à presidência Hillary Clinton.

Por sua vez, Nick Anstead (2021), ao traçar os usos instituídos da expressão *fake news* nos discursos público e acadêmico, identifica três momentos distintos. De acordo com o autor, o termo teria sido empregado, primeiramente, para aludir ao trabalho de programas ou portais de humor que fazem paródias de gêneros jornalísticos, como *The Onion* e *The Daily Show*. Posteriormente, atingiu maior visibilidade no contexto de dois eventos políticos de grande

destaque no cenário mundial: 1) as eleições norte-americanas que culminaram na vitória de Donald Trump e 2) a votação do referendo que acabou por consolidar o chamado *Brexit*, processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Em ambos os casos, a expressão *fake news* foi amplamente utilizada como forma de referir à fabricação e difusão de narrativas falsas que teriam influenciado diretamente os resultados de tais votações. Por fim, Anstead identifica como mais recente o uso da expressão como dispositivo retórico, a partir do qual se desqualifica o discurso de opositores rotulando-o como *fake news*, estratégia que vem sendo bastante empregada no âmbito político por personalidades como Donald Trump.

Corroborando os marcos identificados por Fallon e Anstead, a expressão *fake news* foi escolhida como a palavra do ano de 2017 pelo dicionário de inglês *Oxford*, da editora britânica Collins, o que evidencia a relação entre a popularização do termo e os eventos políticos ocorridos na mesma época. Como destaca Fallon (2017), isso, no entanto, não significa que o termo tenha sido cunhado nesse período, havendo indícios de seu uso desde o final do século XIX. Conforme dados coletados do dicionário norte-americano *Merriam-Webster* pela autora, há registros do uso a expressão *fake news* em diversos artigos publicados na década de 1890, incluindo um texto, publicado em 1891 pelo *The Buffalo Commercial* (Nova Iorque), em que se encontra a seguinte declaração: “O gosto do público certamente não tem apetite genuíno por ‘*fake news*’ (‘notícias falsas’) e maledicências ‘especialmente preparadas’ como as que foram servidas por uma organização local há um ou dois anos atrás”<sup>11</sup> (TRADUÇÃO PRÓPRIA).

A partir do exemplo, percebe-se que já nesse período, a expressão remetia a informações falsas postas em circulação. Fallon destaca ainda que, embora espalhar esse tipo de conteúdo seja uma prática antiga, o aparecimento da expressão “*fake news*” apenas na década de 1890 se justifica pelo fato de que o próprio adjetivo “*fake*” era, à época, um vocábulo recente na língua inglesa. Assim, antes do final do século XIX, para remeter ao mesmo tipo de prática, os falantes anglófonos faziam uso de uma alternativa óbvia: “*false news*”. A autora conclui, então que, embora o termo *fake news* seja atualmente a maneira mais usual de referir ao fenômeno, a criação e divulgação de notícias falsas é uma prática que se estende por séculos e sempre houve formas para rotulá-la.

Partindo de tal panorama, cabem alguns questionamentos: 1) Se a expressão *fake news* já existia na língua inglesa desde o século XIX, por que sua popularização, inclusive entre

---

<sup>11</sup> “*The public taste [...] certainly has no genuine appetite for ‘fake news’ and ‘special fiend’ decoctions such as were served up by a local syndicate a year or two ago*”. (apud FALLON, 2017)

falantes não-anglófonos, se deu apenas no contexto do *Brexit* e das eleições presidenciais norte-americanas de 2016? 2) Se não se trata de uma prática nova e já existem outras maneiras de nomeá-la, a que se deve a preferência atual pelo termo *fake news* como forma de referir à criação e divulgação de conteúdo falso?

Acreditamos que a própria teoria concebida pelo Círculo de Bakhtin é capaz de oferecer pistas para responder a tais questões. Como evidenciado no capítulo 1, segundo a perspectiva bakhtiniana, a palavra não é neutra, refletindo ideologicamente a posição dos falantes a cada enunciação. A partir de tal premissa, observamos que o emprego recorrente do termo *fake news* na atualidade se relaciona a um novo contexto de uso da expressão, marcado por transformações sociais e tecnológicas que mudam radicalmente a forma como informações falsas são produzidas, difundidas e interpretadas. Além disso, essa nova forma de criação e disseminação de conteúdo falso afeta de modo especial a configuração social existente, ao ameaçar instituições até então hegemônicas (como a imprensa, o sistema judiciário e a comunidade científica) e, conseqüentemente, o próprio estado democrático de direito, como se verá adiante.

Não se trata, pois, do mesmo uso do termo apontado por Fallon, no século XIX, mas de uma especificação que só é possível no contexto atual, já que nomeia um fenômeno novo, específico da contemporaneidade. Ademais, não nos parece gratuito que a expressão utilizada para nomear o fenômeno seja oriunda da língua inglesa, uma vez que este se fez notório e tomou vulto a partir de eventos ocorridos em países anglófonos (Estados Unidos e Inglaterra), que, historicamente – e ainda no mundo contemporâneo – influenciam a política e a cultura ocidental. Na próxima seção, trataremos mais a fundo desse novo contexto.

## 2.2 A novidade das *fake news*

A produção e a propagação de notícias notadamente falsas com o objetivo de manipular ou enganar o público não configuram um fenômeno específico da atualidade. Diversos autores como Darnton (2012, 2017), Harari (2018) e Malik (2018) têm apresentado em seus trabalhos exemplos de como a prática de criar e espalhar conteúdo falso se estende ao longo da história da humanidade. Todavia, como ressalta Santaella (2018), ainda que estratégias de enganação não sejam algo recente, seria contraproducente para a compreensão

do que ocorre na atualidade não considerar o impacto das novas tecnologias e das mudanças sociais a elas associadas na criação e difusão de conteúdo falso e/ou malicioso.

Como evidencia a autora, antes da popularização da internet, no período hegemônico dos meios de comunicação em massa, as notícias eram fabricadas por fontes restritas e relativamente confiáveis, uma vez que estas deveriam seguir práticas pautadas no código de ética do jornalismo (SANTAELLA, 2018, s.p.). Com a emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais, surgiram novas formas de criar, publicar, compartilhar e consumir informações, as quais não sofrem o mesmo tipo de regulação das mídias tradicionais. A partir disso, instaurou-se uma dinâmica inédita de publicação e compartilhamento de conteúdo que atingiu seu ápice com o surgimento das mídias móveis, que viabilizaram a interação via *web* em qualquer espaço e tempo. Assim, ainda que não haja nenhuma novidade na falsificação de fatos e informações, as *fake news* emergem de um novo contexto que oferece condições propícias para sua criação e disseminação em volume, alcance e velocidades sem precedentes.

Além disso, como destaca Anstead (2021), o fenômeno que conhecemos como *fake news* está associado a uma configuração social específica, marcada por um enfraquecimento institucional das democracias liberais. Assim, as interações de desinformação ocorridas na atualidade marcam também uma espécie de ruptura em relação ao conceito de verdade, já que instituições como a imprensa tradicional e a comunidade científica, antes tidas como referência, têm sido colocadas em descrédito.

Embora haja uma relação intrínseca entre os avanços tecnológicos e os eventos políticos e sociais ocorridos nas últimas décadas, sendo impossível dissociá-los, para melhor esmiuçar os elementos que caracterizam as *fake news* como um tipo específico de criação e difusão de conteúdo falso atrelado ao contexto contemporâneo, a presente seção encontra-se dividida em três partes. Primeiramente, mostraremos como as transformações tecnológicas e sociais ocorridas nas últimas décadas alteraram a forma como consumimos notícias, retirando a hegemonia da imprensa tradicional como fonte de informação. A seguir, abordaremos a questão dos algoritmos ou filtros de personalização, fenômeno atrelado ao contexto digital, que afeta a forma como os usuários da rede acessam conteúdos e, conseqüentemente, apreendem o mundo à sua volta. Por fim, trataremos do conceito de pós-verdade, que tem sido usado para definir o comportamento da sociedade em relação à verdade no mundo contemporâneo.

### 2.2.1 Da mídia de massa à mídia fragmentada: o intermediário agora é outro

Como o próprio nome sugere, as *fake news* (em tradução literal, “notícias falsas”) têm uma estreita ligação com a esfera jornalística. Conforme destaca Bucci (2019), trata-se necessariamente de um fenômeno pós-imprensa, pois as *fake news* emergem não apenas emulando características formais de gêneros do âmbito jornalístico, mas também falseando seu contexto de produção na tentativa de se fazerem passar como resultado do trabalho de agências ou veículos de imprensa tradicionais.

Essa proximidade entre as *fake news* e o jornalismo não é fortuita. Como demonstram autores como Pariser (2012), Santaella (2018) e Anstead (2021), as *fake news* surgem em um contexto de gradativa perda de espaço e de credibilidade da mídia tradicional, a partir do advento da internet e, conseqüentemente, de novas formas de produção e acesso à informação. A fim de melhor compreender tal contexto, traçaremos um panorama histórico sobre a ascensão da imprensa como referência para a opinião pública e os fatores que levaram à perda de sua hegemonia na atualidade.

Conforme constata Anstead (2021), cada sociedade apresenta uma concepção própria do que é a verdade e quem ou que instituições estariam autorizadas a revelá-la. Assim, embora possa haver similaridades entre conteúdos falsos ou enganosos propagados em outras épocas e as atuais *fake news*, não podemos enquadrá-los exatamente como o mesmo tipo de interação, visto que ocorrem em contextos distintos e específicos. Para demonstrar tal ponto, o autor traça, então, uma breve linha do tempo da história da desinformação, tomando como ponto de partida o período da Idade Média.

A partir de relatos de cronistas medievais, Anstead (2021) destaca que, no medievo, a verdade era inerentemente pautada pela crença religiosa, sendo essencialmente uma ideia moral e teológica. Basicamente, baseava-se na premissa de que Deus prevaleceria e os infiéis seriam aniquilados. Isso era mais importante do que qualquer aspecto factual. Nesse contexto, a Bíblia era tida como referência e a Igreja era a única instituição autorizada a interpretá-la. Mesmo antes do advento da imprensa, tentativas de verter as sagradas escrituras para línguas vernaculares foram fortemente reprimidas, pois o livre acesso e, conseqüentemente, a livre interpretação do texto bíblico acarretariam necessariamente um desvio das práticas ortodoxas e o surgimento de ideias que colocariam em xeque toda estrutura e hierarquia em que a sociedade medieval foi moldada.

Embora não tenha sido exatamente uma criação do Ocidente<sup>12</sup>, o surgimento e a popularização da imprensa, associados a outros fatores de ordem social e política, acarretaram mudanças radicais em tal configuração. Analisando esse período de transição, Anstead (2021) cita uma série de eventos históricos, sendo o mais significativo deles a Peste Negra, que levaram ao questionamento da economia feudal em que se estruturava a sociedade medieval e, conseqüentemente, de seu referencial de verdade. Como arremata o autor,

[a]s estruturas sociais que legitimaram as instituições que atuavam como guardiãs da verdade bíblica estavam sob ataque, e novas formas de acessá-la (especialmente as bíblias vernaculares) e interpretações mais radicais das escrituras emergiram como investida direta contra essa autoridade. (ANSTEAD, 2021, s.p.) (TRADUÇÃO PRÓPRIA)

Apesar de cauteloso quanto a teorias que apontam o surgimento da imprensa no mundo ocidental como o fator decisivo para esse movimento ruptura, Anstead (2021) destaca a sua importância nesse processo. A combinação entre o desenvolvimento das técnicas de impressão e o aumento da população alfabetizada levou à emergência de uma cultura letrada, que tornou a imprensa rapidamente um negócio lucrativo e em ampla expansão. Para ilustrar esse crescimento, o autor apresenta dados que mostram o aumento expressivo do número de obras impressas ao longo do tempo. Estima-se que apenas no ano de 1550 tenha havido a produção de mais três milhões de livros, o que é um volume superior a toda produção ocorrida ao longo do século XIV. Já no período entre 1751 e 1800, a Holanda já produzia por ano cerca de um livro para cada dois membros de sua população, e outras formas de material impresso surgiram, como os jornais e os folhetins.

O aprimoramento das técnicas de impressão tornou cada vez mais rápido e barato produzir e distribuir textos em grande quantidade, o que possibilitou a emergência de uma indústria jornalística. Inicialmente, os veículos de jornalismo tinham uma configuração bastante diferente do modelo com o qual estamos familiarizados. Como aponta Pariser (2012, p. 54), os primeiros jornais tinham um caráter mais comercial, servindo como meio de informação sobre os preços e as condições do mercado a donos de empresas, e dependiam de assinaturas ou ganhos com publicidade para se manterem. Foi apenas com o surgimento dos tabloides (chamados, em língua inglesa, de "*yellow press*" e, no Brasil, de "imprensa amarela" ou "imprensa marrom"), em meados do século XIX, nos Estados Unidos, que os cidadãos comuns se tornaram o principal público dos jornais.

---

<sup>12</sup> Anstead (2021) ressalta que sistemas de impressão já existiam no Oriente, citando como exemplo a China, que usava a xilogravura há séculos, e a Coreia, que havia criado uma tecnologia similar à impressão tipográfica antes de seu aparecimento na Europa Ocidental.

Foi nessa época que os jornais passaram a apresentar formatos mais próximos do que conhecemos na atualidade. Elementos como uso de letras e formatações especiais para dar destaque às manchetes, divisão da publicação em seções temáticas (como esportes, economia, moda, entretenimento etc.) e inserção de fotografias são inovações que datam desse período. No entanto, como destaca Anstead (2021), é também o momento da história da imprensa que mais permite aproximações com o fenômeno das *fake news*. Isso porque era uma imprensa fortemente marcada pelo sensacionalismo, tornando-a alvo de muitas críticas.

Segundo o autor, a crítica mais significativa aos tabloides estadunidenses teria ocorrido por ocasião da Guerra Hispânico-Americana, em 1898. Na época do conflito, a imprensa sensacionalista publicou diversas manchetes anti-Espanha, incluindo algumas que reportavam como fato o envolvimento espanhol na explosão e conseqüente naufrágio de um navio de guerra norte-americano (algo até hoje não confirmado), estimulando na população sentimentos jingoístas<sup>13</sup> e pró-guerra.

Pariser (2012), por sua vez, ressalta o surgimento de um grande debate em torno do papel da imprensa após a Primeira Guerra Mundial, em que se destacaram dois importantes intelectuais: Walter Lippmann e John Dewey. Abismado com o empenho dos jornais na propaganda de guerra, Lippmann (*apud* PARISER, 2012, p. 55) questionava o poder que os veículos de imprensa da época detinham de influenciar a opinião pública sem qualquer restrição, o que, a seu ver, era uma ameaça ao governo democrático. Dewey (*apud* PARISER, 2012, p. 56), por sua vez, em resposta às ideias de Lippmann, reconheceu que a mídia poderia ser facilmente usada para manipular o pensamento do público, mas defendia que os jornais e os jornalistas tinham um papel fundamental no processo de despertar o senso de cidadania das pessoas. Assim, embora

discordassem quanto às linhas gerais da solução, Dewey e Lippmann concordavam com o fato de que a produção de notícias era um empreendimento fundamentalmente político e ético – e consideravam que os editores deveriam tratar essa imensa responsabilidade com grande cuidado. (...) Seguindo os clamores de Lippmann, os jornais mais confiáveis ergueram uma divisória entre a seção de negócios da empresa e a redação. Começaram a defender a objetividade e a censurar as reportagens parciais. Foi esse modelo ético – segundo o qual os jornais têm a responsabilidade de informar e criar o público de forma neutra – que guiou as aspirações do jornalismo no último meio século. (PARISER, 2012, p. 56)

---

<sup>13</sup> O termo “jingoísmo” surgiu no século XIX, no Reino Unido, para designar o nacionalismo exacerbado e uma postura extremamente bélica em relação à Rússia, assumidos por um partido político inglês da época (conhecido como os “jingos”). Por extensão, a palavra passou a ser usada para referir qualquer forma de patriotismo fanático e agressivo.

Nesse sentido, Anstead (2021) ressalta um desfecho irônico na história dos tabloides norte-americanos. Quando Joseph Pulitzer, um dos grandes nomes da imprensa amarela, faleceu, deixou dois importantes legados: a criação da Escola de Jornalismo de Columbia e o estabelecimento de um prêmio homônimo, que passou a configurar uma espécie de selo de qualidade, integridade e realização jornalísticas. Esses dois feitos marcam, pois, uma mudança de postura da imprensa estadunidense: como parte de uma indústria rentável, o ofício do jornalista foi profissionalizado e institucionalizado. Assim, emergiu, nos Estados Unidos, uma nova forma de jornalismo que se propõe objetivo e que tem a função social de investigar e responsabilizar aqueles que estão em posição de autoridade. Em maior ou menor grau, esse modelo de jornalismo foi replicado em outros países.

Ao longo do século XX, os avanços tecnológicos se intensificaram e a indústria dos meios de comunicação em massa se expandiu. Além das publicações impressas, o rádio e a televisão também foram se popularizando como meios de entretenimento e transmissão de notícias. Nesse contexto, os veículos de imprensa se mantiveram como meio hegemônico de acesso à informação e como referência para a formação da opinião pública. Isso porque detinham total controle sobre aquilo que chegava ao grande público.

No modelo de comunicação de massa, as opções do público são restritas. A televisão, por exemplo, dispunha de um número limitado de canais e a programação ofertada deveria ser assistida em tempo real. Também a mídia impressa estava circunscrita a um número restrito de publicações e o conteúdo era fechado a cada edição. Assim, um grande número de pessoas consumia exatamente o mesmo conteúdo ao mesmo tempo e cabia aos editores dos veículos de imprensa o papel de definir que conteúdo era esse.

Com o surgimento e contínuo desenvolvimento das novas tecnologias da informação, ampliaram-se as possibilidades de escolha do público. No campo do audiovisual, por exemplo, os serviços de *streaming* e outras plataformas *online* permitem acesso a conteúdo personalizado, na hora que o espectador desejar. Essas inovações também tiveram impactos na mídia impressa, que cada vez mais tem se estendido para o meio digital. Como pontua Anstead (2021), tal mudança afeta o próprio processo de produção de notícias, que, em vez de publicações fixas, agora segue a política do "*first online*" (que poderia ser traduzido como "quem posta primeiro"), fazendo com que novos conteúdos apareçam a todo momento nos portais de notícia da internet.

Essa fragmentação do público foi ainda mais intensificada pelo surgimento das mídias sociais. O fácil acesso a plataformas de publicação (como *blogs* e redes sociais) e o barateamento de dispositivos que permitem a edição e o compartilhamento de conteúdo

(como *laptops*, *tablets* e aparelhos de celular com câmera) possibilitaram a qualquer usuário da rede ser também produtor de conteúdo. Até mesmo os veículos de imprensa tradicionais se adaptaram a esse contexto, abrindo espaço para o chamado "*user-generator content*" (conteúdo gerado pelo usuário). Diferentemente da tradicional coluna "carta do leitor", que ainda passava pelo crivo dos editores, hoje as páginas *online* de grandes jornais já possibilitam comentários ilimitados do público.

Como destaca Anstead (2021), essa combinação entre a fragmentação da audiência e a possibilidade de produção de conteúdo pelos próprios usuários da rede minou o papel tradicionalmente atribuído aos editores dos grandes veículos de comunicação de arbitrar e organizar a informação que vem a público. O sistema de informação se tornou agora mais poroso e os limites do debate considerado "aceitável" se tornaram mais difíceis de precisar. A título de exemplo, o autor pondera que fatos como a deficiência de Franklin Roosevelt ou o alcoolismo e gradual declínio da saúde de Winston Churchill, raramente mencionados pelos jornalistas a eles contemporâneos, seriam difíceis de ocultar do grande público nos dias atuais.

Pariser (2012), por sua vez, assinala não só a perda do poder de arbitragem da imprensa tradicional, mas também a queda de sua própria credibilidade nesse processo. Conforme ressalta o autor, no modelo de comunicação em massa, os detentores dos meios de comunicação raramente davam visibilidade aos seus próprios erros e omissões, sinalizando-os, no máximo, em erratas perdidas no meio do jornal sem nenhum destaque. Quando o público passou a consumir notícias de múltiplas fontes, as diferenças de cobertura se tornaram mais evidentes. Há, por exemplo, *blogs* especializados em política que expõem problemas ou aspectos não considerados na abordagem dos grandes jornais. Essa pluralidade de fontes tem, pois, como efeito a queda da confiança em uma fonte específica e a abertura para a consolidação de outras formas de acesso à informação, ainda que não baseadas nos mesmos princípios éticos que norteiam a imprensa tradicional, favorecendo a propagação das chamadas *fake news*. Como assevera Pinheiro,

[a]s *fake news* – sejam aquelas literalmente falsas, sejam as que esticam o sentido das palavras para ter um impacto radicalmente polarizante – dependem de um terreno fértil, já preparado para elas: a descrença generalizada em todas as instituições, em especial na imprensa. A campanha de descrédito de jornais e da imprensa em geral é uma peça central na promoção de *fake news*. (PINHEIRO, 2019, p. 93)

Já no dizer de Pariser (2012), esse enfraquecimento da imprensa tradicional como mediadora do debate público não significa, entretanto, o fim da mediação e,

consequentemente, o acesso livre e democrático do público à informação, como pode parecer à primeira vista. Trata-se, na verdade, de uma mudança de mediador, só que agora menos visível. Para melhor compreender tal dinâmica, cumpre tratar no próximo tópico a questão dos algoritmos e o fenômeno das bolhas ou câmaras de eco.

### 2.2.2 Algoritmos: os filtros de personalização e a prisão das bolhas

O advento e a expansão da internet trouxeram consigo uma expectativa de uma maior democratização do acesso à informação. Antes concentrada em algumas instituições e grupos de indivíduos, esta passaria a ser acessível a todos em qualquer lugar e a qualquer momento. Não demorou muito, entretanto, para que esse clima de otimismo se desfizesse. A facilidade tanto de produção quanto de acesso a conteúdos em rede acarretou um volume imenso de informações, nem todas relevantes ou confiáveis, cabendo aos usuários a árdua tarefa de avaliar aquilo que seria realmente importante.

Ao descrever o momento atual, Sayad (2019) comenta que vivemos uma espécie de “Idade Média às avessas” – ou “Idade Mídia”, como nomeia. Se no passado medieval, conhecido também como “idade das trevas”, o acesso ao conhecimento era restrito e permanecia obscuro para a maioria; na contemporaneidade, de maneira oposta, haveria “um excesso de luz igualmente perturbador” (SAYAD, 2019, p. 71). Apesar de haver muita informação acessível, ironicamente, essa abundância também culminou em um excesso de desinformação.

Por sua vez, o blogueiro e analista de mídia Steve Rubel (2007) pondera que a torrente de informações a que somos submetidos levará a sociedade inevitavelmente ao que chama de “colapso da atenção”. Diante do imenso fluxo de conhecimento acumulado em rede, se torna cada vez mais inviável aos indivíduos analisar e selecionar aquilo que realmente é relevante. Examinar as informações que circulam em rede já é uma tarefa que exige dedicação em tempo integral.

É nesse contexto que surgem os chamados algoritmos, também chamados de filtros de personalização ou filtros-bolha. Trata-se de mecanismos usados em diferentes *sites* para identificar, a partir dos acessos realizados pelos usuários, padrões de interesse e filtrar as informações de acordo com o perfil de cada um deles. Por exemplo, ao realizar uma busca no *Google*, ainda que digitem a mesma sequência de palavras, dois indivíduos diferentes não

receberão os mesmos resultados: a partir dos dados previamente coletados, o algoritmo do *site* selecionará os conteúdos que julgar mais apropriados para cada um.

À primeira vista, os filtros de personalização poderiam configurar, pois, uma solução viável para auxiliar os usuários da rede a lidar com o excesso de informações a que são submetidos no contexto *online*, selecionando aquilo que seria relevante de acordo com os interesses de cada um. Na prática, como alerta Pariser (2016, p. 76-77), os filtros acabam interferindo na inter-relação entre nossos processos mentais e o ambiente externo, pois limitam a variedade de informações a que somos expostos a ideias com as quais já estamos familiarizados e com as quais já concordamos. Assim, não há espaço para ampliarmos nossos horizontes ou lidarmos com o contraditório.

Como observa Pariser (2012), ainda que não esteja livre de críticas, a mídia tradicional, não personalizada, apresenta informações variadas, garantindo certa representatividade daquilo que acontece no mundo, em diferentes níveis. Por exemplo, ao folhearmos um jornal, mesmo que não nos interessemos e não leiamos as notícias inteiras, tomaremos conhecimento, por meio das manchetes, de que há uma guerra em curso na Ucrânia ou de que houve uma enchente em Petrópolis que vitimou várias famílias.

Ao contrário, direcionados pelos filtros de personalização, nem chegamos a ter acesso àquilo que não é considerado como nosso interesse. Assim, permanecemos alheios a certos acontecimentos e sequer somos capazes de mensurar o quanto o que estamos vendo é representativo da realidade à nossa volta. Conforme explica Pariser (2012), é como se o usuário estivesse preso em uma bolha invisível em que tudo que vê ou consome é reflexo de si próprio, dificultando o acesso a informações ou opiniões que divirjam de suas preferências e convicções.

O fenômeno das bolhas, também chamado por especialistas de “câmaras de eco” ou “salas espelhadas” (SANTAELLA, 2018), tem impacto direto na proliferação e efetividade das *fake news*. Como demonstram estudos na área da psicologia, a filtragem de informações não é algo exclusivo do contexto *online*. De acordo com Nassim Nicholas Taleb (2021), os seres humanos têm uma tendência natural a comprimir dados, reduzindo as inúmeras informações apreendidas por meio dos seus sentidos a conceitos que captam a ideia fundamental. A partir disso, formamos “esquemas” de compreensão da realidade, que nos ajudam lidar com o mundo à nossa volta. Por exemplo, por meio dos esquemas formados, ao nos depararmos com uma cadeira, somos capazes não apenas de identificá-la como tal, mas também de fazer uso dela.

Apesar do evidente caráter positivo dos esquemas, eles podem interferir na nossa capacidade de observar diretamente a realidade. Estudos científicos mostram que nossos esquemas podem não só direcionar nossa atenção a certos detalhes do que acontece à nossa volta, em detrimento de outros, mas também nos levar até mesmo a fabricar informações com base em nosso conhecimento prévio.

Assim, uma vez que formamos determinados esquemas, tornamo-nos predispostos a fortalecê-los. Trata-se do que tem sido chamado na Psicologia Cognitiva de “viés da confirmação”. Como esclarece Perosa (2017), quando um indivíduo é confrontado por informações que contrariem sua visão de mundo, há poucas chances de que aceite o dado novo como fato e coloque em questionamento seus sistemas de crenças ou mude de opinião. Assim, o “viés da confirmação” designa essa tendência natural que temos de aceitar informações que dão suporte a nossas ideias e crenças preexistentes e de rejeitar aquelas que as contradizem.

Conforme constata Ferrari (2018, p. 64), no mercado das convicções, as *fake news* “oferecem uma solução customizada para cada necessidade”. Sem nenhum comprometimento ético com a imparcialidade ou a veracidade das informações transmitidas, podem ser fabricadas sob medida para cooptar um determinado grupo, reafirmando acriticamente seus sistemas de crenças. Como os mecanismos de filtragem dos algoritmos se baseiam nos hábitos de acesso dos usuários da rede, não fazendo distinção entre informações falsas e verdadeiras, as *fake news* encontram facilmente os destinatários mais receptíveis a acreditar na desinformação por elas veiculadas, tornando-os cada vez mais presos às suas bolhas.

Cabe ainda destacar que os filtros de personalização não foram criados com o simples propósito de auxiliar os usuários da rede na difícil tarefa de selecionar conteúdos que lhe sejam relevantes em meio à saturação de informações do mundo digital. Como sinaliza Pariser (2012), trata-se de uma “barganha”: em troca do serviço de filtragem, fornecemos às grandes empresas uma imensa quantidade de dados sobre nós mesmos, fenômeno conhecido como *datificação*. Assim, cada clique que damos configura uma mercadoria, que pode ser leiloadada a quem fizer a melhor oferta.

Essas informações se convertem em uma estratégia de negócios para os gigantes da internet: quanto mais personalizadas forem as nossas ofertas de informação, maior o alcance de propagandas publicitárias e maior a probabilidade de adquirirmos os produtos e serviços anunciados. Dessa forma, a personalização é uma estratégia fundamental de vendas de anúncios, serviços e mercadorias para grandes *sites* da internet como o *Google*, o *Facebook*, o *YouTube* e a *Amazon*.

Essa dinâmica mercadológica vem se amplificando por toda rede. Conforme explica Santaella (2018, s.p.), as plataformas *online* operam seguindo a lógica dos caça-cliques (*clickbaits*), em que o conteúdo é valorizado pelo volume de tráfego de uma postagem ou página. Em outras palavras: quanto mais acessado, mais determinado conteúdo se converte em dinheiro por meio da divulgação paralela de anúncios publicitários personalizados. Seguindo essa lógica, os filtros

mexem com nossas partes mais compulsivas, criando uma “mídia compulsiva” para fazer com que cliquemos mais e mais. A tecnologia, em grande medida, não distingue uma compulsão de um interesse geral – e para quem esteja apenas à procura do maior número de visitantes possível em seu site, para vender espaço a anunciantes, a diferença talvez não importe muito. (PARISER, 2012, p. 115)

O documentário *O dilema das redes* (2020), dirigido por Jeff Orlowski, destaca de maneira muito clara esse caráter propositalmente viciante dos filtros de personalização. Para ressaltar os perigos ocultos em tal dinâmica, recupera (ainda que com leves alterações)<sup>14</sup>, uma frase proferida pelo professor da Universidade de Yale Edward Rolf Tufte (1997) em entrevista dada à rede de livrarias *Computer Literacy Bookshops*: “Existem apenas duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a de drogas e a de *softwares*”.

Tal comparação evidencia que, de maneira similar ao que ocorre no mercado de venda de drogas ilícitas, a dinâmica mercadológica existente no contexto *online* não inclui uma preocupação com as consequências negativas que possam advir aos clientes/usuários, desde que o negócio se mostre rentável. Ou seja, para aqueles que desejam apenas lucrar financeiramente na grande rede, o grau de veracidade ou de confiabilidade de uma informação ou os impactos dela em seu público podem pouco importar, contanto que esta atraia cliques e compartilhamentos, gerando maior capital.

A personalização, no entanto, não se restringe apenas à oferta de propaganda personalizada e não influencia apenas nossos hábitos de compras. Conforme aponta Pariser (2012, p. 13), para um número cada vez maior de pessoas, *feeds* de notícias de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, têm se transformado em sua principal fonte de acesso à informação. De acordo com o autor, cerca de 36% dos americanos com menos de 35 anos de idade já consomem notícias por meio de redes sociais. Conseqüentemente, os algoritmos também podem ser usados para influenciar ou manipular ideologicamente os usuários da rede.

---

<sup>14</sup> A frase que aparece na entrevista original é “*there are only two industries which refer to their customers as users, drugs and computers*” (em português: existem apenas duas indústrias que referem seus clientes como usuários: a de drogas e a de computadores).

Como apontam estudiosos como Romanet (2019), existem verdadeiras agências especializadas na produção e difusão massivas de conteúdo malicioso na internet com objetivos políticos. Nesse sentido, os filtros de personalização se tornam uma ferramenta poderosa para a efetividade das *fakes news*. Conforme exemplifica Pariser,

o modo como o algoritmo agrupa os dados – por cidade, por grupo étnico ou por fronteiras naturais – determina que partido mantém suas cadeiras no Congresso e que partido as perde. Se o público não prestar muita atenção no que o algoritmo faz, o resultado poderá ser o oposto do esperado – acordos escusos entre partidos sancionados pelo uso de um código “neutro”. (PARISER, 2012, p. 201)

Soma-se a isso a criação de usuários falsos em plataformas *online*, que auxiliam no disparo de conteúdo enganoso e na mobilização do público para a visualização e o compartilhamento. Além dos *trolls*, perfis falsos em redes sociais administrados por pessoas reais com o objetivo deliberado de inflamar os ânimos de outros usuários, há também os *bots*, *softwares* que simulam a ação humana para gerenciar contas em redes sociais de forma automatizada. Já criados, em essência, sem nenhum comprometimento com a verdade, *trolls* e *bots* não são apenas usados para postar e espalhar *fake news*, mas principalmente para instigar o público a interagir com elas, curtindo, comentando ou replicando informações falsas.

Nesse contexto, as crenças e convicções dos indivíduos, independentemente do grau de veracidade das informações veiculadas, representam um elemento-chave para estimular a movimentação dos usuários na rede e, conseqüentemente, um fator determinante no direcionamento dado pelos filtros. A partir disso, o conceito de “pós-verdade” configura um tema importante, que será discutido na próxima seção.

### 2.2.3 Pós-verdade

O termo “pós-verdade” (no original em inglês, “*post-truth*”) ganhou destaque após matéria de capa da revista *The Economist* publicada em setembro de 2016 com o título “*Art of the lie: Post-truth politics in the age of social media*” (em português, “Arte da mentira: política da pós-verdade na era das mídias sociais”<sup>15</sup>). Segundo redação da própria reportagem, a expressão “pós-verdade” evidencia “o cerne do que há de novo na política: a verdade já não

---

<sup>15</sup> Versão em português disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,arte-da-mentira,10000075581>. Acesso em: 20 nov. 2023.

é falseada ou contestada; tornou-se secundária”. Com essa afirmação, a publicação se refere a práticas de personalidades políticas como Donald Trump, à época candidato à presidência dos Estados Unidos: diferentemente das mentiras políticas do passado, que visavam “criar uma visão enganosa do mundo”, as mentiras de políticos como Trump não teriam o intuito de convencer o público, mas sim de “reforçar preconceitos”.

Pouco tempo depois, “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano de 2016 pelo dicionário *Oxford*, a partir de uma lista de palavras selecionadas para refletir as principais tendências e eventos de diferentes âmbitos sociais ocorridos naquele ano. De acordo com a definição do dicionário britânico, o termo “pós-verdade” é apresentado como "relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal"<sup>16</sup>.

Apesar do destaque conseguido pela expressão no ano de 2016, em associação aos eventos políticos ocorridos no período, o termo teria sido cunhado, na verdade, em 1992, pelo roteirista e dramaturgo sérvio-estadunidense Steve Tesich. Em coluna à revista semanal *The Nation*, Tesich redigiu o ensaio intitulado “*A Government of Lies: the Watergate syndrome*” (em português, “Um governo de mentiras: a síndrome de *Watergate*”) para apresentar uma análise dos impactos sociais do escândalo político conhecido como *Watergate*. Segundo o autor, depois do episódio, que levou à renúncia de Richard Nixon (então presidente dos Estados Unidos), e de revelações desconfortáveis sobre a Guerra do Vietnã, o povo norte-americano passou a sentir vergonha da verdade e a não querer mais receber más notícias, ainda que fossem verdadeiras ou vitais para a nação. A partir disso, os governantes teriam sido, de certa forma, “autorizados” a mentir, desde que se garantisse a sensação de bem-estar entre a população.

Em conclusão a essa constatação, Tesich termina seu texto prevendo terríveis implicações futuras desse comportamento para a sociedade norte-americana:

Nós rapidamente nos tornamos protótipos daquilo que monstros totalitários só podiam aspirar em seus sonhos. Todos os ditadores até então tiveram de trabalhar duro para suprimir a verdade. Nós, por nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que nós adquirimos um mecanismo espiritual que pode desnudar a verdade de qualquer significância. De um jeito muito elementar, nós, como um povo livre, decidimos voluntariamente que nós queremos viver em um mundo de pós-verdade. (1992, s.p. TRADUÇÃO PRÓPRIA).

---

<sup>16</sup> No original, “relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts”. In: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Após alguns anos de esquecimento, o termo foi retomado, em 2004, pelo conferencista e professor Ralph Keyes com a publicação do livro *A era da pós-verdade: Desonestidade e enganação na vida contemporânea* (2018). Na obra, o autor evidencia como as mentiras, antes contadas com certa hesitação, culpa, vergonha ou timidez, tendem a ser dissimuladas em nossa sociedade a ponto de se tornarem banais. Segundo Keyes, no mundo da pós-veracidade, não se admite a alcunha de “mentiroso”: exageramos, nos enganamos, nos expressamos mal, mas nunca mentimos. Assim, a mentira é relativizada e normalizada sem maiores implicações morais ou éticas, podendo ser até premiada, ao dar visibilidade e notoriedade para quem a profere.

Posteriormente, no dia 1º de abril de 2010, o blogueiro David Roberts retomou o termo em artigo publicado no portal de jornalismo independente *Grist* sob o título “*Post-truth politics*” (em português, “Política da pós-verdade”). A expressão foi usada por Roberts para designar uma cultura política em que a opinião pública e as narrativas midiáticas – “*politics*”, segundo nomenclatura usada pelo autor – se tornaram completamente desconectadas das “ferramentas pelas quais são debatidas, estruturadas e implementadas as políticas públicas e, ao fim e ao cabo, a própria substância dos Estados democráticos de direito” (BUCCI, 2018, p. 22) – denominadas “*policy*”. Em seu artigo, Roberts (2010) já observava uma prática empregada por membros do partido Republicano norte-americano para manipular a opinião dos eleitores, ao tratar como controversas quaisquer ações do partido adversário, o Democrata, rejeitando-as e criticando-as por meio de rótulos como “comunismo”, “tirania” ou “política de apaziguamento”, ainda que sem qualquer fundamento.

O já mencionado artigo da revista *The Economist* revela, pois, uma continuidade e intensificação dessa prática no contexto das eleições norte-americanas de 2016 e ainda observa sua presença em outras partes do mundo, como o Reino Unido, em que a votação do referendo que decidiria sua permanência ou não na União Europeia foi fortemente influenciada por uma campanha pró-saída que se baseava em dados sem procedência. O artigo evidencia ainda a repercussão das novas mídias sociais nesse processo de difusão da política da pós-verdade, já que a fragmentação das fontes permitiu que mentiras sejam espalhadas com maior velocidade e aparência de verdade.

A expressão pós-verdade revela, portanto, uma dinâmica até então inédita nas sociedades democráticas. Ainda que não seja uma novidade a existência de políticos desonestos, a forma como o público responde a isso se modificou: a “indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conivência” (D’ANCONA, 2018, p. 34), de forma que a mentira

passa a ser a regra e não mais a exceção. Como bem define, Kathleen Higgins (2016), o termo pós-verdade

se refere a um contexto em que mentiras descaradas se tornam algo rotineiro na sociedade, e isso significa que políticos podem mentir sem qualquer tipo de restrição. Trata-se de algo diferente do clichê de que todos os políticos mentem e fazem promessas que não têm nenhuma intenção de cumprir, visto que isso ainda pressupõe que a honestidade seja a posição padrão. No mundo da pós-verdade, tal premissa não se mantém. (HIGGINS, 2016, s.p.) (Tradução própria)

Assim, as *fake news* se converteram em uma estratégia de campanha poderosa, havendo indícios, inclusive, da existência de agências especializadas em difundir conteúdo falso para alavancar candidaturas políticas (ROMANET, 2019). Além do aparato tecnológico, são essenciais para a efetividade desse tipo de campanha a própria disposição do público em receber sem questionamentos as informações que lhe são repassadas, por mais absurdas que possam parecer, e a sua falta de indignação ou ainda a sua adesão irrestrita, mesmo diante de evidências que demonstrem que determinado conteúdo possa ser mentiroso.

Como constata Roberts (2010), na política da pós-verdade, os eleitores não se baseiam na análise de fatos para definir seus posicionamentos políticos e decidirem seus votos. Ao contrário, escolhem, com base em seus próprios valores prévios, um partido ou candidato e passam a agir de acordo com a posição preconizada por este. A partir disso, só interessam fatos que sirvam para sustentar a defesa desse posicionamento. Assim, tais eleitores tornam-se vítimas fáceis e replicadores de *fake news*, aderindo a estas acriticamente desde que sirvam para reforçar suas ideias pré-concebidas.

No próximo capítulo, nos debruçamos mais a fundo sobre os impactos negativos das *fake news* em nossa sociedade e, a partir de trabalhos de estudiosos no assunto, apontamos caminhos possíveis para seu combate, destacando, especialmente, a importância da Educação Midiática.

### 3 EDUCAÇÃO MUDIÁTICA E COMBATE ÀS *FAKE NEWS*

Embora a desinformação tenha muitas razões para existir no vertiginoso mundo das redes, ela, efetivamente, só se propaga porque seu dínamo se chama ignorância. E arma mais letal contra a epidemia da ignorância, por sua vez, se chama educação.

*Lucia Santaella*

Conforme apontado no capítulo anterior, apesar da popularidade do termo, apresentar uma definição de *fake news* que abarque a complexidade do fenômeno não é uma tarefa simples. Mesmo reconhecendo tal dificuldade, a tentativa de delimitar tal conceito faz-se necessária a fim de melhor compreender os aspectos que o caracterizam. Assim, tomamos como ponto de partida três definições distintas propostas por especialistas de diferentes áreas.

De acordo com definição proposta por Frias Filho, diretor da redação do jornal *Folha de S. Paulo*, o termo *fake news*

deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrechoque de visões extremadas. Cabe também discernir entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé. (FRIAS FILHO, 2018, p.43)

Por sua vez, Lucia Santaella, professora dos programas de pós-graduação em Comunicação e Semiótica e em Tecnologias da Inteligência e *Design Digital*, ambos da PUC-SP, sinaliza que

notícias falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos. (SANTAELLA, 2018. s.p.)

Por fim, o jurista e professor da Faculdade de Direito da USP Ronaldo Porto Macedo Junior, pondera que

é evidente que *fake news* podem significar uma notícia forjada de forma deliberada para enganar uma audiência e, dessa forma, gerar algum tipo de vantagem econômica ou política indevida. Contudo, há casos limítrofes de difícil enquadramento, como websites que veiculam informações parcialmente distorcidas, descontextualizadas, enviesadas ou dúbias. (...) O importante, contudo, é destacar que o conceito de *fake news* se refere a veiculação de mensagem capaz de gerar algum tipo de fraude dentro do sistema de comunicação que ela opera. Nos dias de hoje, o sistema das redes sociais, com suas regras, impactos, potencialidades e atores, é um ponto central na própria definição de *fake news*. (MACEDO JUNIOR, 2019, p. 81)

A partir das definições apresentadas, percebe-se que, para além da presença de conteúdo falso ou enganoso, as *fake news* são apresentadas como algo que necessariamente acarreta algum tipo de dolo intencional ao receptor, uma vez que, para atender aos interesses financeiros ou políticos de quem as produz, o público é induzido “a adotar decisões contrárias àquelas que tomaria se conhecesse a verdade dos fatos” (BUCCI, 2019, p. 41). Isso abarcaria, inclusive, sua participação involuntária no circuito de propagação de conteúdo falso, visto que os usuários comuns da rede configuram uma peça fundamental de promoção das *fake news*, por meio dos compartilhamentos.

Tendo em vista o dolo inerente à fabricação e à difusão das chamadas *fake news*, na próxima seção, apresentaremos mais detalhadamente exemplos de seu impacto negativo em nossa sociedade, bem como alternativas possíveis que concorrem para o combate ao problema.

### 3.1 O problema das *fake news*: impactos sociais e formas de combate

Como já exposto, a intenção de enganar o receptor para obter algum tipo de ganho é um componente importante do fenômeno das *fake news*. Algumas vezes, o objetivo pode ser simples e aparentemente inofensivo: levar o usuário a clicar em um *link* para gerar monetização. No entanto, a depender do conteúdo veiculado, as consequências podem ser catastróficas. Certamente, um dos casos mais trágicos e de maior repercussão relacionados à propagação de *fake news* em nosso país foi o da dona de casa que foi espancada até a morte por moradores do Guarujá, no litoral de São Paulo, após boatos divulgados em uma rede social que a associavam a sequestros de crianças para prática de magia negra<sup>17</sup>. A postagem

---

<sup>17</sup> In: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html> (Acesso em 09/06/2023).

(Figura 2) vinha acompanhada de um retrato falado da suposta sequestradora<sup>18</sup>, que foi identificada pela população como sendo a moradora do bairro Fabiane Maria de Jesus, linchada em via pública por um grupo de pessoas, enquanto muitas outras assistiam à cena.

Figura 2 – Notícia falsa publicada pela página *Alerta Guarujá* sobre suposta sequestradora de crianças



Fonte: Observatório da imprensa, 2022.

As *fake news* também têm sido usadas frequentemente na aplicação de golpes contra os usuários. Um exemplo recente de circulação desse tipo de conteúdo nas redes sociais foi o anúncio de um suposto programa criado pelo Governo Lula para facilitar a negociação de débitos de pessoas endividadas<sup>19</sup>. Segundo apuração realizada pela Agência Lupa, além de anunciar um programa inexistente, a postagem contava ainda com um *link* que direcionava para uma página que apresentava informações da empresa Serasa de forma fraudulenta. Percebe-se, pois, o objetivo claro de enganar o usuário, induzindo-o a oferecer dados bancários e financeiros que certamente serão usados na aplicação de golpes.

A circulação de *fake news* também têm tido impactos preocupantes no que tange à saúde pública, vide sua apropriação como veículo de divulgação das ideias do chamado

<sup>18</sup> O retrato falado era autêntico, no entanto havia sido feito pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, em 2012, quando uma mulher era investigada por suspeita de tentativa de sequestro de um bebê.

<sup>19</sup> In: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/02/e-falso-feirao-limpa-nome-atribuido-ao-governo-lula> (Acesso em 09/06/2023).

“movimento antivacina”, que, por meio de premissas falsas – algumas delas veiculadas desde 1885 (LARSSON, 2020) –, vem espalhando o medo e a incerteza em relação à eficácia das vacinas. Como resultado, cresce ao redor do mundo o número de pessoas que se recusam a se vacinar e a vacinar seus filhos, favorecendo o retorno de doenças já erradicadas, como no recente surto de sarampo ocorrido na Itália (CRUZ, 2017). No Brasil, por exemplo, no ano de 2023, a campanha de imunização contra influenza só atingiu metade da meta pretendida<sup>20</sup>, e membros do próprio governo atribuem a baixa adesão à difusão de *fake news* antivacina<sup>21</sup>.

Outro exemplo claro é o impacto da circulação de *fake news* no combate à propagação da pandemia do novo coronavírus. Estudo promovido por Galhardi *et al.* (2020) demonstra como postagens com conteúdo falso em aplicativos de mensagem e redes sociais, como o *WhatsApp* e o *Facebook*, incentivaram a população brasileira a tomar medidas ineficazes para combater o contágio ou agravamento da doença, colocando em risco a adesão aos cuidados cientificamente comprovados, além de contribuir para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde pública. Soma-se a isso o fato de que vacinas testadas e aprovadas para imunização da população brasileira contra a covid-19 foram colocadas sob suspeita por meio da divulgação *fake news*, afetando a cobertura vacinal<sup>22</sup>.

Além disso, muitas pesquisas têm evidenciado o uso sistemático de *fake news* visando à manipulação política para fins eleitorais. Ignacio Romanet (2019), por exemplo, percebe uma relação direta entre a vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas de 2016 e a difusão de notícias falsas. De acordo com o autor, Trump teria propagado massivamente mentiras fabricadas contra sua adversária Hillary Clinton e outros membros do partido Democrata, “apoiando-se em verdadeiras agências de ciberguerra, pagas por empresas americanas para servir à sua campanha” (ROMANET, 2019, p. 126). Isso teria lhe ajudado a garantir o sucesso nas eleições, ainda que a grande mídia e até mesmo membros de seu próprio partido demonstrassem desagrado em relação à sua candidatura.

Ainda consoante Romanet (2019), esse modelo de campanha, que fere a ética e se baseia na difusão de notícias e fatos falsos, tem sido replicado ao redor do mundo. O autor, inclusive, aponta indícios de sua implementação nas eleições brasileiras de 2018, na qual notícias falsas teriam impulsionado a candidatura de Jair Bolsonaro. Amorim e Vieira (2020)

---

<sup>20</sup> In: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5100657-com-baixa-adesao-433-milhoes-de-brasileiros-se-vacinaram-contragripe.html> (Acesso em 10/06/2023).

<sup>21</sup> In: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/06/08/alckmin-culpa-fake-news-por-baixa-cobertura-vacinal-no-pais-e-fala-sobre-desafio-de-ampliar-vacinacao-temos-que-perseverar.ghtml> (Acesso em 10/06/2023).

<sup>22</sup> No Dia Nacional da Imunização (09/06/2023), cerca de apenas 12% da população adulta havia tomado a dose da vacina bivalente contra covid. Cf. <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/dia-nacional-da-imunizacao-cobertura-vacinal-no-brasil-vai-muito-mal/> (Acesso em 10/06/2023).

corroboram essa hipótese, apresentando dados que sinalizam a ação de agências de *marketing* pagas para espalhar desinformação favorável ao então candidato do PSL durante as eleições de 2018 e mostrando evidências do mesmo tipo de esquema em outros países da América Latina.

A partir do exposto, fica evidente a necessidade de cautela no uso da internet e, mais especificamente, das redes sociais como canal de acesso a informações. Ainda que a intenção seja simplesmente a de induzir o público a clicar ou replicar algo para gerar monetização, a circulação de *fake news* representa um sério risco social, podendo gerar impactos negativos em diferentes esferas, como educação, saúde pública, mercado de consumo e política.

Diante do problema, a necessidade de maior regulação e fiscalização em relação às informações postadas em rede tem se mostrado uma pauta frequente. No Brasil, por exemplo, está em tramitação o Projeto de Lei 2630/2020, popularmente conhecido como “PL das *fake news*”, que visa estabelecer normas para transparência no uso de redes sociais e serviços de mensagens privadas<sup>23</sup>.

Embora esse tipo de ação seja algo necessário e desejável, como pondera Santaella (2018, s.p.), “as mídias digitais se constituem em um campo extremamente amplo e imbricado”, o que inviabiliza um total controle sobre o imenso volume de postagens. Genesini (2017, p. 50), por sua vez, pontua que nem mesmo o uso da inteligência artificial tem se mostrado eficiente na identificação de *fake news* ou de mensagens de ódio, o que evidencia a necessidade de mediação humana no processo.

Nesse sentido, agências de checagem (*fact-checking*), como Agência Lupa, Aos Fatos, UOL Confere, Fato ou Fake, Boatos.Org e Estadão Verifica têm se mostrado uma importante ferramenta no combate às *fake news*<sup>24</sup>. Trata-se de uma ramificação do jornalismo que tem por objetivo verificar a veracidade de informações que transitam nas mídias sociais. O proveito dessa ferramenta, todavia, está condicionado ao acesso que o público tem a ela. Embora redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter* já disponibilizem ferramentas que sinalizem que determinado conteúdo foi submetido à verificação, ainda depende muito da iniciativa do próprio usuário buscar fontes que confirmem ou não a veracidade das informações a que tem acesso por meio da *internet*.

Cabe mencionar, como fator que interfere nesse processo, a prática do *zero rating*, promovida por operadores de telefonia e empresas de tecnologia. Trata-se de uma estratégia

---

<sup>23</sup> Cf. <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944> (Acesso em 10/06/2023).

<sup>24</sup> O próprio Governo Federal criou o portal “Brasil contra *fake*” para divulgar verificações de *fake news* que circulam na internet. Cf. <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake> (Acesso em 09/06/2023).

comercial por meio da qual o consumidor recebe como benefício acesso gratuito, sem consumo de pacotes de dados, a serviços *online*, como redes sociais e aplicativos de mensagens. Isso possibilita acesso ilimitado a meios utilizados para veiculação de *fake news*, ao passo que o acesso a *sites* de busca, portais de jornalismo e de agências de verificação não é oferecido na mesma medida. Assim, o trabalho dos verificadores de conteúdo acaba não tendo o mesmo alcance e impacto que as *fake news* que pretendem desmentir.

A partir disso, autores como Santaella (2018), Frias Filho (2018), Boyd (2018) e Sayad (2019) têm defendido que o melhor caminho para lidar com o problema das *fake news* é uma educação que permita ao indivíduo avaliar e agir criticamente diante do grande volume de informações que circula em rede, o que envolve tanto a “competência técnica para o uso das ferramentas disponíveis quanto a competência para a interação e o engajamento” no meio digital (SANTAELLA, 2018, s.p.). É o que se tem denominado “educação midiática”, tema que será tratado com maior profundidade na próxima seção do capítulo.

### 3.2 Educação midiática: os PCN e a BNCC

Como demonstra histórico realizado por Bevórt e Belloni (2009), a preocupação com aspectos políticos e ideológicos decorrentes da crescente utilização das mídias no âmbito cotidiano remonta a algumas décadas. Já nos anos de 1960, termos como “mídia-educação” e “educação para as mídias”<sup>25</sup> aparecem no discurso de órgãos internacionais, particularmente a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), para referir o uso proveitoso das novas mídias, especialmente na educação a distância para populações privadas de estruturas de ensino e profissionais qualificados. Paralelamente, intelectuais e educadores usavam a mesma nomenclatura para alertar sobre os riscos inerentes ao uso dessas mídias, como a influência cultural e a manipulação política, e sinalizar a necessidade de desenvolver abordagens críticas em relação a elas no campo da educação.

Segundo as autoras, nos anos 70, estabelece-se mais claramente a distinção entre essas duas dimensões (o uso das novas mídias como ferramenta pedagógica e o seu tratamento como objeto de estudo) e especifica-se o escopo da educação midiática, direcionando-a para a

---

<sup>25</sup> Cabe destacar que há uma variação de nomenclatura para referir às demandas educacionais surgidas a partir do advento e avanço das mídias digitais. Por ser de uso recorrente em estudos da área e estar sendo adotado atualmente pelo governo federal brasileiro, elegemos o termo “educação midiática” para referir à questão.

formação crítica em relação ao uso das diferentes mídias, independentemente do suporte técnico. Posteriormente, conforme histórico traçado por Bevórt e Belloni (2009, p. 1087), houve, no ano de 1982, uma reunião promovida pela UNESCO, na qual os 19 países participantes afirmaram, por meio de um documento comum – a *Declaração de Grünwald*<sup>26</sup> –, “a necessidade de os sistemas políticos e educacionais promoverem a compreensão crítica, pelos cidadãos, dos ‘fenômenos da comunicação’ e sua participação nas (novas e antigas) mídias” (WILSON *et al.*, 2013, p. 16). Esse direito dos cidadãos foi reforçado na *Declaração Alexandria*<sup>27</sup>, de 2005, que colocou “a alfabetização midiática e informacional<sup>28</sup> no centro da educação continuada” (WILSON *et al.*, 2013, p. 16).

Passados 25 anos da *Declaração de Grünwald*, realizou-se, em 2007, um encontro comemorativo do evento na cidade de Paris. Segundo as autoras, no encontro, observou-se que, apesar dos avanços, o trajeto percorrido até então ainda era insatisfatório. Constatou-se que, embora tenha havido iniciativas interessantes, elas ainda apresentavam um caráter optativo, de forma que a educação midiática não passou a integrar oficialmente nenhum sistema educativo. A partir das discussões, foram elaboradas 12 recomendações prioritárias, divididas em quatro eixos temáticos, para promover a educação midiática, em documento que ficou conhecido como *Agenda de Paris*<sup>29</sup>.

Visando à real implementação da educação midiática ao redor do mundo, a UNESCO tem lançado uma série de materiais que buscam orientar a criação de currículos e a capacitação de profissionais para a formação de cidadãos críticos e responsáveis no uso das mídias, tais como *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores* (2013)<sup>30</sup>, *Global Standards for Media and Information Literacy Curricula Development Guidelines* (2019)<sup>31</sup> e *Media and information literate citizens: think critically, click wisely!* (2021)<sup>32</sup>.

<sup>26</sup> Cf. <https://milobs.pt/politica/the-grunwald-declaration-on-media-education-declaracao-de-grunwald-saida-do-simposio-internacional-em-media-education-em-grunwald-alemanha/> (Acesso em 11/06/2023).

<sup>27</sup> Cf. <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/wsis/Documents/beaconinfoc-pt.pdf> (Acesso em 11/06/2023).

<sup>28</sup> Em material publicado pela UNESCO voltado para a formação de professores, reconhecem-se duas áreas convergentes de atuação: “a alfabetização informacional enfatiza a importância do acesso à informação e a avaliação do uso ético dessa informação” e “a alfabetização midiática enfatiza a capacidade de compreender as funções da mídia, de avaliar como essas funções são desempenhadas e de engajar-se racionalmente junto às mídias com vistas à autoexpressão.” (WILSON, 2013, p.18)

<sup>29</sup> Cf. [https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Parisagendafin\\_en.pdf](https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Parisagendafin_en.pdf) (Acesso em 11/06/2023).

<sup>30</sup> Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418> (Acesso em 15/08/2022).

<sup>31</sup> Disponível em:

[https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/files/2022/02/Global%20Standards%20for%20Media%20and%20Information%20Literacy%20Curricula%20Development%20Guidelines\\_EN.pdf](https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/files/2022/02/Global%20Standards%20for%20Media%20and%20Information%20Literacy%20Curricula%20Development%20Guidelines_EN.pdf) (Acesso em 11/06/2023).

<sup>32</sup> Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377068> (Acesso em 11/06/2023).

O Brasil, como membro da UNESCO<sup>33</sup>, naturalmente tem compromisso com tal agenda. Na década de 1990, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) já apontavam para a necessidade de considerar, no âmbito da Educação Básica brasileira, o impacto das novas “tecnologias da comunicação” na interação entre os indivíduos e na produção de conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 135-136). Apresentando de forma mais enfática tal diretriz, a *Base Nacional Curricular Comum* (BNCC), prevê, como uma das competências gerais a ser desenvolvida ao longo das três etapas da Educação Básica,

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 7)

Além disso, recentemente o Governo Federal tem direcionado esforços no sentido de estabelecer uma política nacional de educação midiática<sup>34</sup>. Tendo em vista tal finalidade, a Secretaria de Comunicação da Presidência da República, já elaborou um documento-base para discussão do tema e disponibilizou-o para consulta pública<sup>35</sup> a fim de garantir a ampla participação da população no debate.

Como esclarece Sayad (2019, p. 73), o termo educação midiática recobre uma série de conhecimentos e saberes necessários para uma interação eficiente e crítica no mundo digital. Segundo a autora,

pode se estender desde **uma literacia básica no campo do jornalismo (como identificar fontes, gêneros textuais, notícias falsas, mídias e vieses das notícias)**, passando pela “fluência digital” (como pesquisar e utilizar as redes sociais de forma ética, criativa e cidadã), pela livre expressão na produção de mídia (sites, blogs, filmes e podcasts produzidos pelos estudantes como forma de comunicação criativa, livre e participação política), até o manejo de questões relativas à cultura digital e à privacidade (lidar com a nova lei de proteção de dados, direitos autorais e o surgimento de moedas digitais ou criptomoedas). (SAYAD, 2019. p. 73, grifo nosso)

A partir da definição apresentada, é possível perceber um claro escopo do ensino de língua materna dentro da educação midiática. Além da proficiência técnica no manejo das diferentes mídias, uma interação eficiente, crítica e ética no meio digital envolve o

<sup>33</sup> Cf. <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco#:~:text=A%20Representa%C3%A7%C3%A3o%20da%20UNESCO%20no,do%20desenvolvimento%20humano%20e%20social> (Acesso em 11/06/2023).

<sup>34</sup> Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/governo-federal-elabora-politica-nacional-de-educacao-midiatica> (Acesso em 11/06/2023).

<sup>35</sup> Cf. <https://www.gov.br/participamaisbrasil/educacao-midiatica> (Acesso em 11/06/2023).

desenvolvimento de uma competência discursiva do usuário que lhe permita lidar com os diferentes gêneros e discursos que circulam na internet.

Reconhecendo tal escopo, a própria BNCC, nas diretrizes para o ensino de língua materna nos níveis Fundamental e Médio, destaca a esfera jornalística-midiática e sinaliza a importância de não apenas considerar os gêneros a ela relacionados, mas também as práticas contemporâneas de circulação de informações (como curtir, comentar, compartilhar etc.) e questões éticas relacionadas ao contexto digital, como a proliferação de *fake news*, o *cyberbullying* e a propagação de discursos de ódio.

Nesse sentido, apresenta como uma das dez competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa no nível fundamental: “mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais” (BRASIL, 2018, p. 87).

Por sua vez, para a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio, prevê-se como uma das sete competências a serem desenvolvidas

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 490)

No que tange às *fake news*, foco da presente Tese, a BNCC já apresenta, inclusive, um direcionamento mais específico, ao propor habilidades para tratamento do tema a serem desenvolvidas no ensino da disciplina Língua Portuguesa. No Ensino Fundamental, é uma habilidade comum prevista para 8º e 9º anos:

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes. (BRASIL, 2018, p. 177)

E para o 9º ano, especificamente, prevê-se ainda como habilidade a ser desenvolvida:

(EF09LP01) **Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las**, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (BRASIL, 2018, p. 177, grifo nosso)

No Ensino Médio, por sua vez, o tema é retomado e aprofundado a partir da previsão das seguintes habilidades:

(EM13LP39) **Usar procedimentos de checagem** de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores etc.), **de forma a combater a proliferação de notícias falsas** (*fake news*).

(EM13LP40) **Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno** e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos – , de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem. (BRASIL, 2018, p. 521, grifo nosso)

Considerando tal panorama, até porque as diretrizes previstas na BNCC têm caráter normativo e devem ser observadas nos currículos e programas escolares, cumpre pensar em estratégias práticas para desenvolver as habilidades destacadas no documento. Nesse sentido, a proposta pedagógica dos multiletramentos, já apresentada no capítulo 1 desta Tese, se mostra como um referencial teórico importante, inclusive aludido, de certa forma, na própria BNCC<sup>36</sup> em passagens como:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. (...)

Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. (...)

Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. (BRASIL, 2018, p. 68-70)

Como também evidenciado no Capítulo 1, a teoria bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso se mostra um aliado potente a tal proposta. Em seus trabalhos, Rojo (2009) e Rojo e

---

<sup>36</sup> Embora o nome de Rojo apareça entre os redatores do documento e a passagem mostre uma clara ligação com as teorizações propostas pelo Grupo de Nova Londres acerca dos multiletramentos, não há referências bibliográficas que deixem explícita essa relação. O mesmo ocorre com conceitos oriundos da teoria bakhtiniana, como “gênero do discurso”, “esferas/campos de atividade humana” e “dialogia”, que aparecem no documento, sem maiores explicações e sem referência da fonte teórica.

Barbosa (2015) já apontavam o conceito de esferas/campos de comunicação/circulação de discursos e, conseqüentemente, o de gêneros do discurso como eixos norteadores possíveis para uma pedagogia dos multiletramentos.

A BNCC corrobora tal direcionamento ao propor “campos de atuação social” como modos de contextualizar e orientar as práticas de linguagem no ensino de Língua Portuguesa nos níveis Fundamental e Médio, como resume o quadro abaixo:

Quadro 6 – Campos de atuação social propostos na BNCC para orientar as práticas de linguagem nos níveis Fundamental e Médio

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Fonte: BNCC, 2018, p. 501

Além disso, o documento aponta para a necessidade de expandir o repertório de gêneros do discurso e consolidar seu domínio ao longo do ensino de Língua Portuguesa nos níveis fundamental e médio. Assim, a teoria bakhtiniana se mostra claramente como uma base teórica que fundamenta as práticas pedagógicas do ensino de língua materna na BNCC.

Tendo isso em vista, na próxima seção, buscaremos evidenciar como esses e outros conceitos da teoria do Círculo de Bakhtin podem ser acionados em atividades práticas para o tratamento das *fake news* na sala de aula.

### 3.3 Entre a teoria e a prática: a teoria do Círculo de Bakhtin como norte para práticas de leitura de *fake news*

Tomando como ponto de partida as próprias habilidades específicas propostas pela BNCC para o tratamento didático das *fake news* nas aulas de Língua Portuguesa, as quais foram apresentadas na seção anterior (EF09LP01, EM13LP39 e EM13LP40), observa-se que o documento não prevê apenas a discussão sobre o tema, mas também o desenvolvimento de habilidades procedimentais, como a checagem de dados do contexto de produção (fonte, data, local e autoria), a análise da formatação e a comparação entre diferentes fontes. Obviamente, o aprimoramento de tais habilidades não pode se dar de maneira abstrata, por meio de conceituações e instruções descontextualizadas, mas somente na interação concreta com tais textos/enunciados.

No entanto, como o trabalho com as *fake news* configura uma demanda recente no contexto escolar, observa-se ainda uma predominância de atividades de cunho teórico e conceitual sobre o tema. Discute-se o que são as *fake news*, como identificá-las, como proceder diante delas, a partir de textos de outros gêneros. Como exemplo, apresentamos abaixo algumas propostas retiradas de livros didáticos voltados, respectivamente, para o 9º ano do ensino fundamental (Figuras 3 e 4) e para o ensino médio (Figuras 5 e 6).

Figura 3 – Atividade de livro didático que usa o gênero editorial para abordar o fenômeno das *fake news*

**PRODUÇÃO DE TEXTO**

**Editorial: construção e recursos expressivos**

Jornais e revistas, quando noticiam fatos, evitam misturar notícia com opinião. Assim, procuram veicular a notícia com imparcialidade (embora não exista texto inteiramente neutro) e, quando querem opinar sobre um fato relevante, expressam seu ponto de vista em uma seção criada especificamente para esse fim: o editorial.

Da mesma família de outros gêneros textuais argumentativos, o editorial faz a defesa de um ponto de vista de uma empresa jornalística, ou seja, expressa uma opinião que não é individual. Por isso, tem uma finalidade persuasiva, isto é, procura convencer o leitor a partir de argumentos.

Leia, a seguir, um editorial publicado em um jornal do interior do estado de São Paulo.

**Senso crítico e 'fake news'**

A preocupação com o fenômeno do *fake news* (notícias falsas) é um dos desafios globalizados da atualidade e ganhou dimensão extraordinária com a revolução da internet. O modelo de veiculação da informação não é mais restrito aos profissionais do ramo e aos tradicionais processos de produção da indústria de comunicação de massa.

Professor: Nesta seção, são trabalhadas principalmente as seguintes habilidades propostas na BNCC: (EF09LP03), (EF09LP16), (EF09LP17), (EF89LP03), (EF89LP04), (EF09LP01).

Professor: Se possível, antes de iniciar o trabalho, traga revistas e jornais impressos para a sala de aula ou explore com a turma portais de revistas e jornais na internet. Peça aos alunos que identifiquem os editoriais das publicações. Explore com eles a localização do editorial, pergunte se encontram uma assinatura no texto e levante hipóteses: Quem é o responsável pelo editorial?

Fonte: CEREJA; VIANNA, 2023. p. 26.

Na Figura 3, percebe-se o uso do gênero editorial<sup>37</sup> como base para uma atividade de leitura que visa não somente evidenciar as características peculiares deste gênero, mas também aspectos sobre o fenômeno das *fakes news* desenvolvidos no texto. Ao final da sequência, sugere-se a escrita de um editorial para um jornal a ser organizado pela turma e apresentado em uma mostra intitulada “Ser jovem em tempo de internet e *fake news*”. Embora os autores indiquem explicitamente a EF09LP01 como uma das habilidades a serem trabalhadas na atividade, não se observa nenhuma proposta concreta relacionada a ações como verificação da fonte, análise da formatação, comparação entre diferentes fontes ou consulta a *sites* de curadoria, conforme apresentado no texto da BNCC<sup>38</sup>. Nesse sentido, há apenas uma atividade de interpretação e análise linguística que tem como texto de referência uma campanha desenvolvida pelo Senado Federal para auxiliar no combate às *fake news* (Figura 4).

---

<sup>37</sup> Interessante destacar que o texto foi transcrito, descaracterizando sua formatação original.

<sup>38</sup> O tema das *fake news* (e outros relacionados como as bolhas de personalização e a pós-verdade) ainda aparece ao longo do mesmo capítulo do livro em uma tirinha, uma charge e uma reportagem. Em todos esses casos, os textos servem de apoio para atividades de interpretação do conteúdo e/ou de análise da composição dos textos. Nenhum exemplo de *fake news* é apresentado.

Figura 4 – Atividade de livro didático que usa o gênero campanha para abordar o fenômeno das *fake news*

**Semântica e discurso**

O texto a seguir faz parte de uma campanha desenvolvida pelo Senado Federal. Leia-o.

**COMO NÃO CAIR NOS BOATOS DE INTERNET**

**Confira a fonte da notícia.**  
A fonte tem credibilidade? É reconhecida?

**Use o bom senso, seja um pouco cético em relação ao que lê.**

**Leia a notícia completa.**

**Veja se não é notícia velha.**

**Não caia no alarmismo.**

**FICOU EM DÚVIDA? NÃO COMPARTILHE!**

Há páginas especializadas em inventar e divulgar boatos. É preciso evitá-las.

A notícia parece bizarra ou absurda? Então há uma boa chance de que não seja verdadeira.

As vezes o título é distorcido só para chamar a atenção. Quando você vai ler, não é nada daquilo.

BOMBA! Notícias em tom alarmista não costumam ser verdadeiras!

Algumas notícias são verdadeiras, mas estão desatualizadas.

Senado Federal

(Disponível em: <http://senadofederal.tumblr.com/post/112780976282/como-identificar-not%C3%ADcias-falsas>. Acesso em: 5/6/2018.)

**1** A propósito do texto, responda:

- Que finalidade ele tem? Ensinar a não ser enganado por notícias falsas da internet.
- Qual é o público-alvo? Os usuários de internet em geral.
- O que pode justificar o interesse do Senado Federal em tratar de "boatos de internet"?
- Palavras e expressões como "não cair, não é nada daquilo, BOMBA!" e **bizarra** remetem a um contexto de menor ou de maior formalidade? Qual efeito de sentido a presença delas constrói no texto?

**1. c)** Instituições públicas, especialmente as ligadas ao mundo político, são alvo frequente de notícias falsas, o que pode levá-las a sofrer perda de credibilidade. Por isso essas instituições, entre elas o Senado, têm interesse em desmascarar notícias falsas.

Fonte: CEREJA; VIANNA, 2023. p. 24.

Já nesta outra coleção, voltada para o ensino médio, percebe-se o uso de uma reportagem (Figura 5) como ponto de partida para uma atividade de leitura que tem como foco o exame de aspectos do gênero e a interpretação do conteúdo do texto. Na sequência, outro texto (um artigo científico) é usado para tratar da pós-verdade como um fenômeno correlato à proliferação de *fake news*.

Figura 5 – Atividade de livro didático que usa o gênero reportagem para abordar o fenômeno das *fake news*

**SUA LEITURA 1**

Leia a reportagem publicada após a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos (2016), que traz uma discussão sobre a influência das redes sociais na vida das pessoas. Como você acha que o conteúdo das redes determina as escolhas dos usuários? Anote as informações que mais chamarem a sua atenção e que, de alguma forma, estejam relacionadas com o seu cotidiano.

**Texto 1**

Componente do texto

**EXPRESSO**

**Facebook e eleições: as críticas ao caso Trump e a resposta da rede social**

**Tatiana Dias** 15 de nov. de 2016 (atualizado 16/11/2016 às 08h44)

*Empresa é acusada de não agir para impedir que boatos se espalhem. Uma das consequências, segundo os críticos, é a eleição do magnata republicano para comandar os EUA*

**TEMAS**

INTERNACIONAL

TECNOLOGIA

SOCIEDADE

**COMPARTILHE**

FOTO: SHARON BERGMAN/FLORIANCREATIVE COMMONS

Donald Trump em campanha no estado americano de Nevada, em janeiro de 2016.

Desde que Donald Trump foi eleito para a presidência dos EUA, contrariando pesquisas e surpreendendo analistas, funcionamento e posicionamento do Facebook têm sido questionados por grande parte da mídia americana.

Fonte: PAIVA *et al.*, 2020. p. 187

Mais uma vez, embora os autores mencionem, nas orientações destinadas ao professor, o trabalho com as habilidades EM13LP39 e EM13LP40, não há atividades voltadas para a verificação da fonte, a análise da formatação, a comparação com outras fontes, entre outros procedimentos apontados nas diretrizes da BNCC para a abordagem das *fake news*. Ao final da sequência, há apenas uma proposta de exposição oral sobre o tema, em que se sugere que os estudantes pesquisem textos em redes sociais e avaliem a veracidade de seu conteúdo, sem que tais procedimentos tenham sido trabalhados em outras atividades. Como orientação para auxiliar os alunos na execução da tarefa, recomenda-se, em um *box* informativo apresentado ao lado do comando e das instruções da proposta, o endereço de um *site* em que se encontra uma história em quadrinhos com explicações sobre como proceder para descobrir se uma informação é verdadeira ou falsa.

Figura 6 – Atividade de livro didático que sugere o uso do gênero exposição oral para abordar o fenômeno das *fake news*

SUA VOZ NO MUNDO

EXPOSIÇÃO ORAL COM APOIO DE SLIDES

**Proposta**

Neste capítulo, você pôde ler e refletir sobre o impacto das *fake news* na sociedade, considerando o fenômeno da pós-verdade. Agora, você e seus colegas vão analisar textos diversos que circulam nas redes sociais, avaliando se o conteúdo é ou não verdadeiro, a fim de combater *fake news*. Depois, vão organizar os dados coletados e apresentá-los oralmente para os demais colegas e professores.

GÊNERO	PÚBLICO	OBJETIVO	CIRCULAÇÃO
Exposição oral com apoio de slides	Alunos e professores	Pesquisar informações que circulam nas redes sociais e apresentar os resultados, visando ao combate às <i>fake news</i> .	Sala de aula

**Planejamento**

- 1 Para iniciar, organizem-se em pequenos grupos. Façam essa divisão em comum acordo e aproveitem para definir o tempo de apresentação.
- 2 Antes de se reunirem, cada aluno deve selecionar uma matéria considerada suspeita que tenha recebido ou sido compartilhada nas redes sociais. Pode-se optar por textos sobre procedimentos terapêuticos, questões políticas ou culturais que pareçam tendenciosas, polêmicas ou alarmistas.
- 3 Na primeira reunião, definam qual será o foco da investigação do grupo. Para isso, avaliem qual matéria tem conteúdo mais questionável ou que pode ter um impacto mais danoso à população e que, por isso, precisa ser verificado.

**PARA EXPLORAR**

» **Quadrinhos que ajudam a descobrir se uma informação é verdadeira ou falsa**

A agência Aos Fatos tem por objetivo verificar informações e desenvolver projetos de impacto para combater desinformações. Na página da agência, é possível ler uma história em quadrinhos produzida em parceria com a International Fact-Checking Network (IFCN) com dicas de como avaliar uma informação como verdadeira ou falsa.

Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/este-cartum-vai-ajuda-lo-a-descobrir-se-uma-informacao-e-verdadeira-ou-falsa/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

» **Como identificar uma notícia falsa?**

Nesta reportagem, você encontra dicas de como avaliar

Fonte: PAIVA *et al.*, 2020. p. 199

Tais exemplos evidenciam uma prática ainda muito comum em relação ao tratamento das *fake news* na sala de aula: parte-se do pressuposto de que explicando, teoricamente, o que elas são e seus impactos, além de oferecer instruções abstratas de como identificá-las, seja possível preparar os alunos a reconhecer e a lidar criticamente com conteúdo falso.

Diante de tal cenário, o principal objetivo desta Tese é apresentar propostas práticas, baseadas na interação com textos/enunciados reconhecidos como *fake news*, que ajudem os alunos a desenvolver a capacidade crítica e a competência discursiva necessárias não só para identificar *fake news* em potencial, mas também para agir de forma responsável e ética no contexto *online*. Naturalmente, as propostas terão como foco práticas leituras, uma vez seria incoerente propor práticas de produção de textos do gênero, dados os sérios problemas éticos envolvidos na criação e propagação de *fake news*.

Nesse sentido, pode-se tomar como uma boa referência o próprio quadro apresentado na BNCC para o tratamento das práticas leitoras.

Quadro 7 – Dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão compreendidas no tratamento das práticas leitoras

<p>Reconstrução e reflexão sobre as <b>condições de produção e recepção dos textos</b> pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc.</li> <li>• Analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade, seus usos e funções relacionados com as atividades típicas do campo, seus diferentes agentes, os interesses em jogo e as práticas de linguagem em circulação e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros.</li> <li>• Refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hipermídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os multiletramentos.</li> <li>• Fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais.</li> <li>• Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam</li> </ul>
--	--

	<p>nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social<sup>33</sup>, gif, meme, fanfic, vlogs variados, political remix, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, e-zine, fanzine, fanvídeo, vidding, gameplay, walkthrough, detonado, machinima, trailer honesto, playlists comentadas de diferentes tipos etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital.</p>
<p><b>Dialogia e relação entre textos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes nos textos e sobre os efeitos de sentido do uso do discurso direto, indireto, indireto livre, citações etc.</li> <li>• Estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a identificação e compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo, do papel da paráfrase e de produções como as paródias e a estilizações.</li> </ul>
<p><b>Reconstrução da textualidade,</b> recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer relações entre as partes do texto, identificando repetições, substituições e os elementos coesivos que contribuem para a continuidade do texto e sua progressão temática.</li> <li>• Estabelecer relações lógico-discursivas variadas (identificar/ distinguir e relacionar fato e opinião; causa/efeito; tese/ argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).</li> <li>• Selecionar e hierarquizar informações, tendo em vista as condições de produção e recepção dos textos.</li> </ul>
<p><b>Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar implícitos e os efeitos de sentido decorrentes de determinados usos expressivos da linguagem, da pontuação</li> </ul>

<p>Compreensão dos <b>efeitos de sentido</b> provocados pelos usos de <b>recursos linguísticos e multissemióticos</b> em textos pertencentes a gêneros diversos</p>	<p>e de outras notações, da escolha de determinadas palavras ou expressões e identificar efeitos de ironia ou humor.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste), de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix) e da performance – movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico e elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) que nela se relacionam.</li> <li>• Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc. em artefatos sonoros.</li> </ul>
<p><b>Estratégias e procedimentos de leitura</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.</li> <li>• Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.</li> <li>• Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.</li> <li>• Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.</li> <li>• Localizar/recuperar informação.</li> <li>• Inferir ou deduzir informações implícitas.</li> <li>• Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.</li> <li>• Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais</li> </ul>

	<p>adequada de um vocábulo ou expressão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender os sentidos globais do texto.</li> <li>• Reconhecer/inferir o tema.</li> <li>• Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens.</li> <li>• Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.</li> <li>• Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura.</li> </ul>
<p><b>Adesão às práticas de leitura</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura, textos de divulgação científica e/ou textos jornalísticos que circulam em várias mídias.</li> <li>• Mostrar-se ou tornar-se receptivo a textos que rompem com seu universo de expectativa, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.</li> </ul>

Fonte: BNCC, 2018, p. 72-4.

A partir do quadro, percebe-se que a abordagem proposta pela BNCC para as práticas de leitura não está restrita ao exame da materialidade formal dos textos de maneira isolada. Além de procedimentos ligados à análise e compreensão do tema e das várias semioses envolvidas na construção dos textos, o documento destaca como dimensões importantes a reconstituição das condições de produção e recepção dos textos (contexto sócio-histórico, vínculo com determinada esfera comunicativa, projeto discursivo, participantes etc.) e as relações dialógicas com outros textos/enunciados.

Assim, alguns conceitos importantes da teoria bakhtiniana devem ser contemplados nessa perspectiva. Como já mencionado, os conceitos de gêneros do discurso<sup>39</sup> e de esfera

<sup>39</sup> Diante da complexidade dos textos/enunciados contemporâneos Melo e Rojo (2019) ponderam que nem sempre o conceito de gêneros do discurso é potente ou suficiente por si próprio, pois, se, por um lado, não há dificuldades em perceber certos enunciados típicos do contexto digital, como o *email*, um *twitt* ou um videoclipe como gêneros, a mesma facilidade não ocorre em relação a *blogs*, portais e redes sociais, por exemplo. Assim, as

comunicativa/de circulação de discursos se mostram centrais, pois permitem compreender o processo de emergência, criação e circulação dos tipos relativamente estáveis de enunciados que surgem relacionados a cada campo da atividade humana, evidenciando a maleabilidade e a dinamicidade destes.

Por sua vez, Pereira *et al.* (2019) salientam três conceitos que consideram nucleares para o estudo dos gêneros sob um matiz dialógico: cronotopo, ideologia e valoração. Em relação ao primeiro conceito (já apresentado no capítulo 1 desta Tese), as autoras ponderam que

refletir sobre o momento histórico de produção, a autoria, o veículo de circulação, os prováveis interlocutores, enfim, o contexto sócio-histórico e ideológico que (...) situa [um texto] cronotopicamente é o primeiro ato de uma atividade de leitura. É o ato de situar na vida e na história que o torna parte de uma realidade que pode ser acessada pelo leitor, propiciando, assim, que a interação entre autor e leitor se estabeleça. (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 364)

No que tange ao segundo conceito, Pereira *et al.* resgatam definição apresentada por Volochínov, no ensaio “O que é a linguagem?”, de 1930, para evidenciar como todo ato de interação humana é perpassado pela ideologia. Volochínov (1930, *apud* PEREIRA *et al.*, 2019, p. 354) entende a ideologia como “todo conjunto social de reflexões e das interpretações da realidade social e natural que acontecem no cérebro do homem e são expressos por meio de palavras (...) ou outras formas sígnicas”<sup>40</sup>. Assim, segundo as autoras, a ideologia pode ser interpretada como

a maneira como concebemos o mundo, as pessoas, a realidade e passamos a expressá-los pela linguagem. Todavia, essa concepção de mundo não é puramente subjetiva; é afetada socialmente por interesses dos grupos com os quais convivemos ou da classe social à qual pertencemos. Baseada em um sistema de valores, a ideologia constitui nossos comportamentos e atitudes, orienta nossa práxis em direção à reprodução da ordem social existente e/ou a sua manutenção como “definitiva” e “natural”. (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 355)

Nesse sentido, na concepção do Círculo, a palavra é um signo ideológico por excelência, pois, diferentemente de outros sistemas semióticos, não tem outra função a não ser a de ser signo. O vermelho, por exemplo, para além de ser a cor natural de determinados seres e objetos, pode como signo adquirir diferentes sentidos, a depender do contexto, tais como

---

autoras sugerem como caminho, nesses casos, o conceito de arquetônica (que apresentamos no capítulo 1 desta Tese), por entenderem que quaisquer objetos discursivos podem ser observados por esse prisma.

<sup>40</sup> Trata-se de uma tradução das próprias autoras de versão italiana do ensaio de Volochínov, publicada no livro *I linguaggio come pratica sociale* (1980).

paixão, proibição ou comunismo. A palavra, por sua vez, “*está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 99. grifo do autor).

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. (BAKHTIN, 2011, p. 292-3)

A ideologia integra, portanto, todos os atos interativos humanos e se materializa na linguagem, que nunca é neutra, pois sempre reflete e refrata uma ideologia. Assim, “o sentido ideológico de um signo encontra sua explicação nas interações estabelecidas entre os sujeitos, que são determinadas pelo cronotopo no qual estão inseridos e que impregna os tons valorativos dos signos”. (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 358)

Todo enunciado, como ato social, é determinado não só pelas condições histórico-sociais, mas também pela situação concreta da enunciação. De uma variedade de objetos e significados disponíveis, cada enunciado configura uma espécie de recorte. Por exemplo, o que parece ser uma mesma palavra do um ponto de vista da língua como sistema abstrato poderá ter diferentes entonações, a depender do meio social e da situação particular de interação em que está inserida. Assim, Medviédev (2012, p. 185) assinala que “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa do meio ideológico”. De acordo com autor, essa avaliação social determina o enunciado como um todo.

Por sua vez, Bakhtin (2010) destaca que todos os atos do sujeito são pautados por tons emotivo-volitivos. Nas diversas situações de interação de que participa, o sujeito “sempre responde com atitudes avaliativas sobre si, sobre o outro e sobre o mundo” (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 360). Cabe lembrar que esse sistema de valoração, ao mesmo tempo que é individual, é também social, já que o próprio sujeito se constitui na interação com outros sujeitos de maneira sócio e historicamente situada.

A partir de tais considerações, as autoras sinalizam três passos importantes para orientar uma aula de leitura:

1) **Reconhecer o contexto de produção que subsidia o gênero e, conseqüentemente, o texto, objeto de estudo.** Essa ação propicia que a leitura se situe a partir da dimensão extraverbal que o envolve, o que remete às suas **amplitudes cronotópicas.** (...)

- 2) **Identificar no texto as vozes que o constituem ideologicamente**, partindo do princípio de que todo texto é tecido por **fiões ideológicos** que se entrelaçam nas palavras (signos ideológicos) que o organizam. (...)
- 3) **Compreender que os textos são saturados de projeções axiológicas/valorativas**, ancoradas no tempo-espaço, uma vez que a palavra, como signo social e ideológico, comporta avaliações sociais do(s) sujeito(s) que a organiza(m). (PEREIRA *et al.*, 2019, p. 365-366, grifo das autoras)

Com base em tal arcabouço teórico, no último capítulo desta Tese, propomos apresentar sugestões de atividades que se voltem para a leitura e análise de textos/enunciados já identificados como *fake news* por agências de verificação, em diálogo com textos/enunciados de outros gêneros da esfera jornalístico-midiática. Para isso, o próximo capítulo será destinado a uma apresentação de aspectos relativos à constituição das *fake news* como um gênero discursivo.

#### 4 O GÊNERO DISCURSIVO *FAKE NEWS*

No regime da pós-verdade, (...) as emoções no plano do verbal são ditas e associadas a “convicções” pessoais afirmadas, ao passo que o não verbal sustenta o peso do que é mostrado.

*Arnoux*

O presente capítulo tem por objetivo apresentar um estudo das *fake news* como gênero discursivo. Além de observar regularidades que caracterizam sua forma composicional, a partir dos elementos constitutivos dos gêneros (conteúdo temático, estilo e construção composicional), pretende-se evidenciar, especialmente, aspectos sociocomunicativos que concorrem para sua concepção arquitetônica.

Embora diferentes trabalhos anteriores a este, como Freire (2019), Legroski (2020), Fante, Silva e Graça (2020) e Guimarães Filho (2022), já tenham se dedicado ao estudo das *fake news* como um gênero discursivo/textual, não se trata de uma tarefa simples. Por configurar um tema de pesquisa recente e tendo em vista a própria dinamicidade dos gêneros, não há ainda consenso quanto à caracterização das *fake news* como um tipo *relativamente* estável de enunciado.

Freire (2019), por exemplo, engloba no termo não apenas as notícias falsas publicadas por fontes desconhecidas na internet (como o caso do chamado *Kit gay*), mas também notícias com informações errôneas produzidas pela imprensa tradicional em outras mídias (como o caso da Escola Base), evidenciando similaridades discursivas entre elas. Guimarães Filho (2022), por sua vez, entende as *fake news* como textos/enunciados que se materializam apenas no meio digital, mas restringe a conceituação do termo como gênero àqueles que se apropriam dos formatos típicos da imprensa tradicional para veicular conteúdo falso. Já Legroski (2020) pondera que, devido às contingências das redes sociais, as *fake news*, como gênero, podem apresentar aspectos formais que em nada se assemelham às notícias do jornalismo profissional.

Assim, a partir da leitura destes e de outros trabalhos, propomo-nos neste capítulo a traçar nossa própria caracterização das *fake news* como gênero discursivo, a qual orientará as atividades didáticas propostas no último capítulo da Tese.

#### 4.1 *Fake news*: a emergência de um novo gênero no meio digital

Como já discutido no capítulo 2, compreendemos as *fake news* como um fenômeno contemporâneo necessariamente atrelado, entre outros fatores, a avanços tecnológicos (como o advento da internet, a criação das redes sociais e o desenvolvimento de dispositivos móveis cada vez mais sofisticados e multifuncionais) que propiciaram novas dinâmicas de interação e, conseqüentemente, novas maneiras de produzir e compartilhar textos/enunciados.

Conforme explica Araújo (2016, p. 52), o espaço digital, decorrente de tais inovações, não deve ser entendido como uma nova esfera comunicativa, mas como um ambiente capaz de absorver e transmutar para si “diferentes esferas de atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos”. Segundo o autor, em sua migração para o universo *online*, os diferentes gêneros passam pelo que chama de processo de conectividade<sup>41</sup>, entendida como “as diferentes formatações e convergências por que passam as práticas discursivas na *Web*” (ARAÚJO, 2016, p. 52). Ou seja, ao serem transpostos para o meio digital, os gêneros sofrem necessariamente transformações resultantes de apropriações sociais da tecnologia pelos indivíduos.

Para tratar dessas transformações dos gêneros no contexto digital, Araújo (2016), retoma o conceito de transmutação/reelaboração desenvolvido por Zavam (2009) e Costa (2010), a partir da teoria bakhtiniana<sup>42</sup>. A respeito da mutabilidade dos gêneros, Zavam (2009) propõe duas categorias: a *transmutação inovadora*, quando o gênero sofre alterações em sua configuração sem resultar em um gênero distinto, e a *transmutação criadora*, quando as mudanças dão origem a um novo gênero. Segundo a autora, a transmutação inovadora pode ser interna (quando a mudança não se relaciona à incorporação de outro gênero) ou externa (quando outro gênero concorre para a transmutação).

Costa (2010), por sua vez, prefere empregar o termo *reelaboração*<sup>43</sup> e propõe acréscimos às categorias propostas por Zavam (2009). No que tange à *reelaboração criadora*,

<sup>41</sup> O autor distingue a conectividade da mera digitalidade dos gêneros, isto é, a simples transferência de ambiente do texto, como é o caso de um documento em PDF.

<sup>42</sup> No capítulo 1, já sinalizamos que, de acordo com a visão do Círculo de Bakhtin, os gêneros são formas *relativamente* estáveis de enunciado, maleáveis às necessidades comunicativas dos seres humanos. Assim, os gêneros não apenas estão sujeitos a modificações como novos gêneros podem surgir, tomando como referência gêneros já existentes. Bakhtin (2011) sinaliza, por exemplo, que os gêneros secundários (complexos) se apropriam dos gêneros primários (simples) em sua composição.

<sup>43</sup> O autor considera que o termo *transmutação*, usado nas traduções da edição francesa de *Estética da criação da verbal*, de Bakhtin, e empregado também em outros ramos científicos, como a Física Nuclear e a Biologia, não abarca necessariamente a intervenção humana no processo. Por isso, prefere o termo *reelaboração*, que, a seu ver, contemplaria o protagonismo humano nas práticas de linguagem.

em que surge um novo gênero, o autor distingue gêneros com maior tendência à ruptura e ineditismo (*emergentes*) e outros que são mais próximos de gêneros cujas feições já são conhecidas (*estandardizados*). A imagem abaixo (Figura 7) esquematiza as categorias de reelaboração dos gêneros, proposta por Costa (2010).

Figura 7 – Categorias de reelaboração dos gêneros do discurso



Fonte: Costa, 2010, p. 73.

Em relação ao contexto digital, Araújo (2016, p. 56) comenta que os processos de reelaboração criadora e inovadora dos gêneros discursivos em redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter* são fomentados pela “relativa liberdade de criação proporcionada por esses espaços virtuais”, o que possibilita “aos usuários experimentarem diferentes técnicas de produção de textos híbridos que acontecem por meio de atividades de recortar/copiar e colar, próprias das tecnologias digitais”. O autor observa ainda, no contexto dessas redes, um movimento abrangente de reelaboração criadora, ora com inclinações estandardizadas, ora com inclinações emergentes.

A partir de tais considerações, cabem alguns questionamentos sobre o fenômeno a que popularmente se tem denominado *fake news*: seriam os textos/enunciados que reconhecemos sob tal rótulo uma reelaboração inovadora de gêneros já existentes fora do ambiente digital ou trata-se de um novo gênero surgido nesse contexto?

Para iniciar a discussão, um primeiro passo que consideramos importante é analisar o vínculo dos textos/enunciados a que chamamos de *fake news* a determinado campo da atividade humana. Nesse sentido, o próprio termo utilizado para nomear o fenômeno é bastante elucidativo. A expressão de língua inglesa *fake news* (que poderia ser traduzida literalmente como “notícias falsas”) denota uma clara familiaridade com gêneros do âmbito

jornalístico (especialmente a notícia), no entanto a própria adjetivação empregada (“*fake*”) já sinaliza que se trata de uma relação enganosa. A partir disso, como elucida Bucci (2018, p. 38), antes mesmo de veicular uma mensagem com conteúdo falso, a fraude das *fake news* advém de uma falsificação de seu contexto de produção.

Segundo o autor, apresentam-se como se fossem produto do trabalho de uma redação profissional, reproduzindo jargões e formatos típicos da esfera jornalística sem a ela, de fato, pertencer. Assim, na visão de Bucci (2018, p. 41), trata-se necessariamente de um fenômeno pós-imprensa, pois não apenas herda desta seus formatos, como também tenta tomar-lhe emprestada a aparência de credibilidade.

Seguindo linha semelhante, ao definir as *fake news* como gênero, Guimarães Filho (2022, p. 123) considera apenas “os textos que se travestem de notícia verdadeira e que utilizem em sua constituição elementos do discurso jornalístico e dos gêneros que circulam nessa esfera”. Assim, não inclui no gênero, por exemplo, mensagens com conteúdo falso trocadas no *WhatsApp* e no *Telegram* que, a seu ver, não recorrem a elementos típicos da esfera jornalística em sua composição, replicando características de outros gêneros, como o bilhete e a conversa. Nesse sentido, o autor usa o termo “notícias falsas” para referir aos diferentes gêneros usados na disseminação de mentiras no contexto *online*, reservando a nomenclatura *fake news* a um tipo específico entre estes: aquele que emula aspectos formais do gênero notícia.

Tendo em vista tais ponderações, um primeiro ponto que julgamos central na caracterização das *fake news* como gênero é não a considerar como uma variação dentro do gênero notícia, pois esta genuinamente pertence ao âmbito do jornalismo profissional, ao passo que não pode se dizer o mesmo daquelas. Embora possa haver semelhanças formais entre eles, o projeto interacional proposto por esses dois tipos de textos/enunciados se mostra bastante diferente.

Como exposto no capítulo 3, as *fake news* se caracterizam pela veiculação deliberada de conteúdo de falso e/ou tendencioso capaz de induzir o interlocutor ao erro. Já a notícia pressupõe a veiculação de conteúdo verdadeiro, resultante do trabalho da apuração de profissionais especializados. Obviamente, isso não isenta a imprensa tradicional de, eventualmente, veicular informações imprecisas, equivocadas, irresponsáveis ou até mesmo mal-intencionadas, no entanto, como destaca Bucci (2019), o erro, no âmbito do jornalismo profissional, quando exposto, acarreta consequências negativas para quem o cometeu, como a perda de credibilidade ou a responsabilização jurídica do jornalista ou do veículo de comunicação.

A cobertura da imprensa no famoso episódio da Escola Base<sup>44</sup>, por exemplo, motivou diversas ações judiciais contra os veículos de comunicação envolvidos, o que resultou em condenações e previsão de pagamento de indenizações às vítimas<sup>45</sup>. Além disso, o caso se tornou referência em faculdades e seminários na área do jornalismo para discussões sobre ética e responsabilidade na apuração de fatos. O acontecimento também tem sido revisitado em reportagens e documentários da própria imprensa, como na produção *Escola Base – Um repórter enfrenta o passado* (2022), dirigida por Caio Cavechini e Eliane Scardovelli, em que Valmir Salaro, primeiro repórter a noticiar os supostos abusos cometidos pelos acusados, relembra o caso e admite seu erro e culpa em relação aos danos causados a estes.

Assim, há espaço para erratas e retratações na imprensa tradicional, ainda que costumem ocupar um espaço menor nas publicações e transmissões jornalísticas ou aconteçam de forma tardia. Já, no caso das *fake news*, como o conteúdo é deliberadamente fabricado e/ou apresentado de forma enganosa visando a algum tipo de dolo, não faz sentido um movimento posterior de retratação em relação a ele. Ademais, é difícil responsabilizar ou punir seus criadores, já que a autoria destas é, muitas vezes, não rastreável, ou seja, a fonte original é desconhecida.

Como explica Legroski (2020), considerar as *fake news* apenas como notícias falsas configura uma redução simplista que não abarca as várias nuances do problema. O que está em questão na definição das *fake news* não é apenas a presença de conteúdo falso (ainda que isso seja um aspecto central a ser considerado), mas a produção intencional desse tipo de conteúdo. Conforme pondera a autora:

Uma “notícia falsa” pode acontecer por imprecisões jornalísticas, pela alteração no que se sabe sobre os fatos (por exemplo, uma investigação de um crime que aponta para um culpado que, posteriormente, se descobre inocente), por uma informação errada que tenha sido passada etc. Enfim, em qualquer destes casos, em busca de credibilidade, o meio de comunicação ou o autor do texto pode vir a público atualizar as informações, desmentir os fatos ou, de qualquer outra forma, reestabelecer a conexão com a realidade circundante. (LEGROSKI, 2020, p. 330)

---

<sup>44</sup> Em 1994, os donos e alguns funcionários da Escola de Educação Infantil Base, localizada no bairro da Aclimação, em São Paulo, foram acusados de abusar sexualmente das crianças matriculadas na escola. O caso teve bastante repercussão nos veículos de imprensa, que, antes mesmo de qualquer conclusão sobre a inocência ou não dos supostos envolvidos, passaram a veicular notícias sensacionalistas que tomavam as denúncias como fato. A cobertura da imprensa, totalmente parcial, tinha como base não só os depoimentos das supostas vítimas e de seus pais, mas também as declarações do delegado escalado para investigar o caso, as quais se mostraram infundadas e levianas. Influenciada por tal cobertura, a opinião pública considerou os acusados culpados antes de qualquer julgamento e buscou fazer “justiça com as próprias mãos”. O edifício da escola e os imóveis onde estes residiam foram completamente depredados e eles precisaram se esconder sob a ameaça de linchamento público. Posteriormente, todos os acusados foram inocentados.

<sup>45</sup> Apesar das condenações, as vítimas (ou seus descendentes) até hoje não receberam as indenizações, devido aos recursos que ainda correm na Justiça.

Não é o que ocorre no caso das *fake news*, em que “o conteúdo veiculado é falso, o produtor do texto que contém esse enunciado sabe que o seu conteúdo é falso e o produz com a finalidade de fazer com que seu interlocutor não o identifique como sendo falso” (LEGROSKI, 2020, p. 330-1). Ou seja, para além da veiculação de informações falsas, o próprio pacto de leitura proposto constitui uma fraude, à medida que o propósito comunicativo declarado (informar o interlocutor, apresentando-lhe fatos ou dados verdadeiros) é o oposto do projeto comunicativo real (divulgar informações falsas/tendenciosas para enganá-lo).

Embora inclua no fenômeno das *fake news* a divulgação não intencional ou acidental de conteúdo falso (*misinformation*), a lista estabelecida por Claire Wardle (2017) se mostra como uma referência para entender as razões por detrás da criação deliberada desse tipo de conteúdo. A pesquisadora identifica oito motivos relacionados à produção de conteúdo total ou parcialmente falso, as quais denomina os oito “Ps”. São eles: 1) *Poor journalism* (jornalismo de má qualidade), 2) *To Parody* (parodiar), 3) *To Provoke ou to Punk* (provocar ou debochar), 4) *Passion* (afeto exagerado), 5) *Partisanship* (apoio incondicional a uma causa ou crença), 6) *Profit* (lucro), 7) *Political influence* (influência política), e 8) *Propaganda* (difusão de determinada ideologia).

A partir da lista proposta por Wardle, evidenciam-se diferentes tipos de ganho vinculados à criação das *fake news*. Além da possibilidade de obter lucro financeiro, a divulgação de conteúdo falso também pode atender a interesses pessoais, políticos ou ideológicos de certos indivíduos ou grupos sociais. Por meio das *fake news*, pode-se, por exemplo, difamar um desafeto, conquistar a adesão de outras pessoas a uma causa, estimular a compra ou boicote de determinada marca ou produto, influenciar o voto do eleitorado etc.

Ainda que cada enunciado veiculado na forma de *fake news* tenha um projeto discursivo específico, percebe-se, pois, que o caráter persuasivo é um aspecto importante em sua configuração como gênero, uma vez que visam, por meio de informação deliberadamente falsa ou manipulada, convencer o interlocutor a fazer algo que gera algum tipo de benefício ou satisfação para quem as produz.

Em relação a isso, Velasco, Rocha e Domingos (2020), identificam três perfis principais de criadores de *fake news*:

- 1) Pessoas que ganham dinheiro com a divulgação das mensagens falsas e distorcidas, a partir da monetização gerada pelos cliques, visualizações e compartilhamentos;

- 2) Pessoas que criam desinformação por convicção política e/ou porque são pagas para isso;
- 3) *Trolls* e pessoas que criam *fake news* como forma de piada ou sátira. Nesse caso, para além de usar o humor como forma de satirizar algum fato ou pessoa pública, histórias absurdas podem ser elaboradas pelo simples prazer de gerar confusão e ver seu alcance no público.

Por outro lado, há também um perfil de interlocutor idealizado. Como explicitado no capítulo 2, as *fake news* se estabilizam como gênero em um contexto de ataque a instituições que até então haviam se consolidado como referência de verdade e vêm a atender a certos grupos sociais, que delas se beneficiam para atender a interesses financeiros, políticos e/ou ideológicos. Assim, boa parte das *fake news* em circulação se funda no confronto com certos pilares do estado democrático de direito: questionam o processo eleitoral, atacam o sistema judiciário, criticam a imprensa tradicional, põem em descrédito as recomendações de órgãos governamentais, acusam determinados setores políticos de corrupção etc.

Na era da pós-verdade e da personalização do conteúdo, as *fake news* não se valem de argumentos lógicos ou de dados objetivos e empiricamente comprováveis para garantir a adesão do interlocutor, mas sim dos valores e convicções prévias deste, validando-os e reforçando-os. Assim, têm como interlocutor ideal indivíduos ou grupos sociais que se sintam preteridos/desprestigiados/prejudicados dentro da dinâmica social instituída, que se mostrem integral ou parcialmente contrários a ela e/ou que queiram impor/sobrepôr seu sistema pessoal de crenças<sup>46</sup>. Ou seja, interlocutores mais suscetíveis a acreditar nas mentiras por elas veiculadas.

Nesse sentido, julgamos pertinente remeter ao conceito de comunidade discursiva, concebido por John Swales. Não cabe aqui recobrir toda discussão sobre o termo<sup>47</sup>, mas apresentá-lo brevemente como meio de contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica das *fake news*. Em linhas gerais, Swales (1990) reconhece as comunidades discursivas como grupos que compartilham determinadas convenções discursivas: objetivos em comum, mecanismos próprios de comunicação, envolvimento dos participantes na troca de

---

<sup>46</sup> É importante destacar que nem todas as *fake news* têm esse caráter político tão marcado. Como já dito, algumas são feitas simplesmente para pregar peças nos usuários da rede ou aplicar golpes financeiros. No entanto, mesmo nesses casos, se inserem em uma dinâmica que parte das crenças e da ingenuidade do interlocutor para gerar algum tipo de benefício ou satisfação ao seu criador.

<sup>47</sup> Como pontuam Hemais e Biase-Rodrigues (2005), o conceito de comunidade discursiva foi apresentado por Swales em 1990 e quase foi abandonado pelo autor, devido a críticas que recebeu. Posteriormente, Swales retomou o conceito, reformulando-o.

informações, seleção de gêneros característicos, léxico específico e posição/papel dos membros dentro da comunidade.

Tomando como base esse conceito, percebe-se que o que é dito e a forma de dizer das *fake news* não são aleatórios. A desinformação nelas propagada se insere em toda uma cadeia de discursos prévios, com os quais se identifica por afinidade ou oposição, conformando-se aos anseios e ao sistema de crenças da comunidade discursiva a que se filiam e ativando elementos discursivos por esta reconhecíveis, o que confere verossimilhança e dá validação ao que está sendo veiculado. Assim, traços como o apelo emocional em consonância com as convicções/interesses do público, o uso/a retomada de certos bordões, frases de efeito ou motes que permeiam as interações de determinada comunidade discursiva e a depreciação ou mesmo o apagamento do contraditório são marcas importantes na construção do discurso das *fake news* para garantir a adesão do interlocutor.

O engajamento do receptor, aliás, é um elemento extremamente importante na configuração das *fake news* como gênero. Muito se tem falado sobre a atuação dos *bots* (*softwares* que simulam a ação humana para gerenciar contas em redes sociais de forma automatizada) e dos *trolls* (perfis falsos em redes sociais administrados por pessoas reais com o objetivo deliberado de inflamar os ânimos de outros usuários) na difusão de *fake news*. No entanto, estudos como o desenvolvido pelo *Massachusetts Institute of Technology*, em 2018, segundo Marinoni e Galassi (2020), têm demonstrado o papel central do usuário comum para a propagação massiva de conteúdo falso, ao apontar os humanos e não os robôs como os principais disseminadores de *fake news*.

Assim, embora redes especializadas na criação e divulgação de *fake news* se valham de perfis falsos e/ou automatizados para disparar conteúdo falso, a ação do usuário comum é fundamental para que sua viralização seja bem-sucedida. Tal fato interfere diretamente no modo como as *fake news* são elaboradas, visto que precisam se valer de recursos que captem a atenção do público e mobilizem seus afetos de forma a garantir sua adesão e engajamento.

Como observa Legroski (2020), os compartilhamentos servem não apenas como uma forma de ocultar a autoria original do texto, mas também de conferir-lhe credibilidade. Ao repassar uma *fake news*,

o leitor-compartilhador empresta aspectos da sua identidade, sua credibilidade, sua leitura de mundo, seus anseios e desejos para aquele texto que leu (se leu) e compartilha. Portanto, a *fake news* ressignifica a partir de cada novo compartilhamento. Sua informatividade é afetada a cada novo compartilhamento. (LEGROSKI, 2020, p. 336)

Em outras palavras, a não identificação da origem do enunciado falso garante ao seu autor não só a segurança do anonimato, mas também a própria eficácia do projeto discursivo. Conforme explica Legroski (2020, p. 337), ao compartilharem uma *fake news* em sua própria página, os leitores acabam por se tornarem também autores do texto: endossam, acreditam nele, atribuem-lhe alta informatividade. Chegando ao leitor por meio de um emissor com quem este já compartilha práticas sociais, a aceitabilidade do que foi enunciado está parcialmente garantida.

Nesse sentido, é interessante apresentar o conceito de *lautor*, proposto por Rojo (2013). Segundo a autora, no contexto das novas tecnologias da informação, ninguém é apenas um receptor sem qualquer possibilidade de retorno. Todos somos também, em certa medida, autores, à proporção que reagimos, remixamos, copiamos, colamos, compartilhamos etc. As *fake news* se valem justamente dessa dinâmica das redes em sua elaboração e propagação.

Aliás, outro aspecto imprescindível da caracterização das *fake news* como gênero é justamente o seu espaço de criação e circulação. De acordo com Marcuschi (2008, p. 173), o *midium* (suporte) não é simplesmente “meio”, ou seja, instrumento usado para transportar uma mensagem estável. Como explica o autor, o suporte, definido como o “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”, não é neutro e influencia a própria configuração do gênero que comporta (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

O alcance e o poder de propagação das *fake news* só são possíveis graças ao suporte que lhes serve de veículo. Elas utilizam a internet, mais especificamente as redes sociais que nela existem, como meio de divulgação, o que permite que qualquer usuário possa postá-las ou simplesmente compartilhá-las, ainda que inadvertidamente. Assim, a distribuição massiva de conteúdo, que antes ficava restrita às grandes empresas de comunicação, se torna viável para qualquer indivíduo, desde que esteja conectado à rede.

Não à toa, percebe-se o crescente número de pessoas comuns que, por meio de perfis em redes sociais, atingem milhões de seguidores e se tornam referência (“influenciadores”) nos mais variados assuntos, ainda que sem nenhuma formação específica ou experiência prévia para tal, tendo como chave para seu sucesso a audiência proporcionada pelo suporte. É nas redes sociais, portanto, que conteúdos falsos configurados em *fake news* se tornam “virais” e chegam ao público em escala sem precedentes.

Soma-se a isso o fenômeno da personalização do conteúdo, já discutido no capítulo 2 desta Tese. Sob o filtro dos algoritmos ou de grupos fechados em aplicativos de mensagem e

redes sociais, as *fakes news* chegam mais facilmente ao seu público ideal. Os indivíduos, presos em suas próprias bolhas, só recebem confirmações de suas preferências ou crenças prévias, não havendo espaço para o contraditório, o que potencializa o poder da mentira.

Além disso, as diferentes redes sociais permitem uma variedade de linguagens e semioses que se mesclam e concorrem na construção das *fake news*, aumentando seu apelo e conferindo-lhe credibilidade. Nesse sentido, trata-se de um gênero com múltiplas possibilidades composicionais, a depender das ferramentas disponíveis no contexto de cada uma dessas redes (ou fora delas) e da habilidade dos usuários de manejá-las.

Embora boa parte das *fake news* em circulação emule jargões e estruturas típicas de gêneros atrelados à esfera jornalística, como, por exemplo, a presença de manchete ou lide e o apoio da linguagem não verbal (fotos, infográficos etc.), consideramos equivocada restringi-la a uma formatação específica. Até por sua relação direta com o uso das redes sociais, entendemos que outros formatos usados na interação digital também têm sido apropriados pelas *fake news*, como é o caso de campanhas ou mensagens com teor de denúncia que normalmente circulam na rede.

Nesse sentido, a definição de notícia proposta por Santaella se mostra bastante elucidativa. De acordo com a autora, notícias

são formas de registro pessoais ou coletivas (testemunhos ou formas de expressão midiáticas) de acontecimentos que passam por um filtro seletivo daquilo que vale a pena registrar em signos, ou seja, tornar notícia, em meio à multiplicidade incomunicável de fatos existentes naquilo que chamamos de realidade. (SANTAELLA, 2021, p. 66)

A partir de tal definição, percebe-se, pois, que o ato de noticiar não está restrito aos gêneros que circulam no âmbito do jornalismo profissional. Para além do gênero notícia, há outros tipos de textos/enunciados noticiosos empregados em diferentes contextos da interação humana.

É fato que muitas *fake news* se apropriam de formatos reconhecíveis dos gêneros jornalísticos no intuito de passar credibilidade. Também é evidente que o falseamento do contexto de produção é um aspecto importante do gênero, uma vez que se fazer passar por enunciados legítimos de outros gêneros e ocultar sua real origem são traços importantes de sua composição. Entendemos, entretanto, que esse procedimento não se limita a formatos tradicionais dos gêneros que fazem parte do âmbito jornalístico, englobando também outros que se valem das redes sociais como suporte e meio divulgação, o que evidencia o vínculo estreito das *fake news* com práticas comunicativas realizadas no contexto digital.

Ademais, é importante destacar que até mesmo os gêneros da esfera jornalística têm passado por transformações em função de sua migração para o meio digital (reelaboração inovadora). Como observa Santaella (2021, p. 95), “as redes sociais não mudaram apenas os modos de distribuição das notícias, mas também desafiaram as crenças tradicionais de como as notícias deveriam ser, cabendo, inclusive, em um Twitter de 140 caracteres”.

Além das atualizações, que modificam o texto à medida que novas informações são apuradas, e dos *hiperlinks*, que direcionam o leitor a matérias relacionadas, o próprio formato de apresentação da notícia tem sido impactado pelo uso de plataformas *online*. Já há, por exemplo, publicações em que as informações apresentadas corpo da notícia são desenvolvidas em tópicos<sup>48</sup>. Outro exemplo interessante se encontra abaixo (Figura 8), em que uma notícia é apresentada de forma sucinta para se acomodar à limitação de caracteres imposta pela rede social e vem acompanhada de um *gif*, conferindo-lhe um tom jocoso que não é típico da configuração consagrada do gênero.

Figura 8 – Exemplo de reelaboração do gênero notícia na rede social *Twitter*



Fonte: *Twitter/X*, 2020.

Para além da falsificação de gêneros do âmbito jornalístico apontada por Bucci, é importante, pois, compreender as *fake news* como algo atrelado a mudanças tecnológicas e sociais que afetaram a hegemonia dos veículos oficiais de imprensa. Como exposto no capítulo 2, estudos como os de Pariser (2012) e Santaella (2018) apontam para a gradativa perda de espaço e de credibilidade da mídia tradicional, a partir do advento da internet e, consequentemente, de novas formas de produção e acesso à informação. As *fake news* surgem

<sup>48</sup> A título de exemplo, citamos a notícia “Bolsonaro já fez cirurgias e se recupera no quarto, diz boletim médico”, publicado pelo portal *Uol Notícias*, em 12/09/2023. Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/09/12/bolsonaro-operado-sp.htm> (Acesso em 12/09/2023).

nesse contexto, se apresentando como uma fonte alternativa de transmissão de fatos e de conhecimento.

Dessa forma, mais do que por se apropriar da forma de enunciar dos gêneros jornalísticos, mostram-se como um fenômeno pós-imprensa, pois buscam ocupar uma lacuna gerada pela perda de prestígio da mídia tradicional, adentrando uma função social outrora exercida por esta de maneira hegemônica. Para isso, elas não só simulam gêneros típicos da esfera jornalística, mas também outros gêneros em circulação nas redes sociais que possam se apresentar como uma fonte, ainda que informal e alternativa, de acesso à informação.

Cumprе lembrar que, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, os gêneros não se definem simplesmente a partir de traços formais ou linguísticos, mas, sobretudo, a partir dos aspectos sociocomunicativos envolvidos em sua consolidação, os quais determinam a maneira como seus elementos constitutivos se configuram. Nesse sentido, vale citar como exemplo o gênero crônica<sup>49</sup>, que não apresenta um formato específico e oscila entre os âmbitos jornalístico e literário, sendo definida mais por aspectos do contexto de sua criação e circulação, os quais interferem na forma como é produzida, tais como meio de divulgação (publicações da mídia tradicional), autoria (alguma figura pública convidada pelo veículo de imprensa, normalmente um escritor), disposição no suporte (coluna fixa do jornal ou revista), periodicidade, recorte temático (o cotidiano), relação com o interlocutor (proximidade/intimidade com o leitor) etc.

A partir de tais considerações, no âmbito deste estudo, não restringimos o uso do termo *fake news* em sua caracterização como gênero a textos que claramente apresentem traços formais reconhecíveis de gêneros jornalísticos. Nesse sentido, consideramos mais conveniente pensar em subtipos dentro do gênero: 1) em um sentido mais *stricto*, que buscam emular gêneros da esfera jornalística em sua composição; 2) em um sentido mais *lato*, que usam mais livremente as possibilidades criativas disponíveis no meio digital para elaborar conteúdo deliberadamente falso/tendencioso.

Percebendo-as, pois, como um fenômeno pós-imprensa necessariamente atrelado às interações realizadas no contexto *online*, consideramos acertado entendê-las como um gênero que se enquadra no campo nomeado pela BNCC como jornalístico-midiático, visto que abarca os diferentes discursos que circulam na mídia informativa. Cremos ser este o caminho mais proveitoso para a Tese, já que esta se volta para o estudo das *fake news* como gênero, visando à Educação Midiática. Assim, cumprе abarcar a criação e a divulgação de conteúdo

---

<sup>49</sup> A título de curiosidade, vale conferir as considerações feitas por Ivan Angelo na crônica “Sobre a crônica”. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/materia/sobre-cronica/> (Acesso em 06/02/2020).

falso/tendencioso no meio digital, em seus diferentes formatos, a fim de oferecer subsídios tanto quanto possível para que os usuários da rede possam mais facilmente identificá-lo e, conseqüentemente, lidar criticamente com ele.

Retomando, pois, o conceito de cronotopo, defendemos as *fake news* como um novo gênero porque sua emergência se dá não apenas em função do advento das novas tecnologias da informação e comunicação, mas também de transformações político-sociais características de nosso tempo-espaço. Elas surgem a partir de uma nova compreensão da realidade, em que as crenças, convicções, desejos e preconceitos passam a ancorar a noção de verdade, sobrepondo-se a dados factuais e às referências de verdade que moldaram as democracias modernas. Assim, configuram um modo novo de ver e apreender a realidade, fomentado pela facilidade de criação e propagação de conteúdo (inclusive falso e convincente) propiciada pelas redes sociais, assim como pela personalização do conteúdo que permeia as interações no meio digital.

#### **4.2 Procedimentos envolvidos na fabricação de *fake news***

Embora a presença de conteúdo falso seja um traço definidor do gênero, nem todas as *fake news* apresentam teor inteiramente fabricado. Na verdade, como sinaliza Wardle (2017), o número de casos em que isso ocorre é relativamente baixo. Segundo a autora, boa parte das *fake news* em circulação apoia-se em conteúdos já existentes para criar informação falsa ou tendenciosa. A partir disso, Wardle identifica sete tipos, de acordo com a natureza da manipulação empreendida, os quais se encontram descritos no diagrama a seguir:

Figura 9 – Tipos de produção de conteúdo desinformativo



Fonte: Wardle/First Draft, 2017, tradução nossa.

A fim de ilustrar esses diferentes procedimentos e apresentar de forma mais concreta certos conceitos e aspectos do gênero em pauta já debatidos neste capítulo, demonstramos um exemplo de cada um dos tipos identificados por Wardle, seguido de uma breve análise. Cabe destacar, entretanto, que, dada a multiplicidade de configurações possibilitada pelas redes, a divisão apresentada é meramente didática, pois há casos em que algumas dessas tipologias aparecem combinadas.

Segundo Wardle (2017, 2020), uma das estratégias empregadas na fabricação de *fake news* é o uso de **sátiras ou paródias** jornalísticas, as quais são retiradas de seu contexto original e divulgadas como se fossem verdade. Como explica a autora, embora, a princípio, não haja intenção de dolo em sua criação, quanto mais uma sátira ou paródia é compartilhada, mais se perde a conexão com seu contexto de origem e, conseqüentemente, mais difícil se torna identificá-la como tal.

Ademais, para além da possibilidade de compartilhamento (até mesmo não intencional) de sátiras/paródias genuínas como se fossem notícias verdadeiras, Wardle (2020) aborda o uso estratégico desse recurso de composição como forma de burlar os mecanismos de verificação e, assim, veicular boatos ou teorias conspiratórias de maneira proposital. Corroborando a existência de tal prática, em matéria publicada para o portal *Agência Pública*,

a jornalista Ethel Rudnitzki (2019) denuncia, no Brasil, a criação deliberada de portais e perfis que se autodeclaram como “humorísticos” ou “satíricos”, mas que, na realidade, têm o propósito de confundir o público para divulgar *fake news*.

Conforme esclarece Wardle (2020), a manobra que subjaz tal prática é muito simples: uma vez descoberta a fraude, pode-se alegar que se tratava apenas de uma brincadeira que foi mal interpretada. É o que observamos no exemplo abaixo (Figura 10), em que se encontra uma postagem de um perfil autointitulado “Estabão”, cujo conteúdo, conforme descrição própria, é declaradamente de sátira.

Figura 10 – Exemplo de uso da sátira/paródia na composição de *fake news*



Fonte: *Twitter/X*, 2023.

Como é possível notar, o perfil apresenta elementos que remetem à versão *online* do jornal *O Estado de S. Paulo*, pois tem o mesmo logo como imagem de perfil e nome semelhante, alterando-se apenas uma letra (“Estadão”/“Estabão”). Tais similaridades claramente podem confundir um leitor desatento e levá-lo a crer que se trata de uma publicação do próprio *Estadão*. A estratégia maliciosa identificada por Wardle fica ainda mais evidente se atentarmos para a descrição do perfil, em que se frisa enfaticamente o seu caráter de paródia em contraste com a informação de que a conta é sempre “derrubada”, ou seja, retirada da rede, fato que se dá justamente porque os mecanismos de verificação do *Twitter/X* identificaram caráter malicioso nas postagens.

Assim, embora a informação de que o atual Governo Federal esteja analisando a possibilidade de regulamentar casas de prostituição seja assumidamente falsa, a configuração do perfil, entretanto, induz o leitor a tomar o conteúdo como verdadeiro. Soma-se a isso toda

uma cadeia de discursos já existente que associa o governo do PT e, especificamente, a figura do ministro Fernando Haddad – citado nominalmente e visualmente representado na postagem ao lado de uma prostituta – a atitudes consideradas "libertinas"<sup>50</sup>, o que confere à informação falsa um verniz de verossimilhança aos olhos de grupos conservadores de direita e extrema direita, que se opõem ao governo petista.

Conforme verificação feita pela *Agência Lupa*<sup>51</sup>, a postagem passou a ser replicada nas redes sociais (Figura 11) como se fosse uma informação verdadeira, acompanhada de legendas que contribuem para a construção de uma imagem negativa dos membros do atual governo, em especial do Ministro da Fazenda Fernando Haddad. Além de insinuações que atacam a vida privada de Haddad e de outros políticos governistas (“Os caras não aliviam nem a mãe deles”), os comentários deboçam da atuação da atual gestão por meio de signos verbais (“muito desesperado”, “Rsrtrs”) e não verbais (os emojis representando risadas). Nota-se ainda que o *status* de verdade conferido ao conteúdo falso é reafirmado textualmente (“Fui ver no Google se é verdade, sim é verdade mesmo!”).

Figura 11 – Exemplo de sátira ou paródia convertida em *fake news*



Fonte: *Agência Lupa*, 2023.

<sup>50</sup> Cabe lembrar que durante as eleições presidenciais de 2018, o então candidato Fernando Haddad sofreu forte campanha difamatória por meio de *fake news* que o apontavam como o criador de um suposto “kit gay” a ser distribuído em escolas, que incluía mamadeiras em formato de pênis. Cf. <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/10/28/e-fake-que-pt-distribuiu-mamadeiras-eroticas-para-criancas-em-creches-pelo-pais.ghtml> (Acesso 06/07/2023)

<sup>51</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/07/e-satira-post-dizendo-que-haddad-vai-regulamentar-casas-noturnas-de-prostituicao> (Acesso 01/07/2023)

Outra estratégia usada na composição de *fake news* é o chamado **conteúdo enganoso**. De acordo com Wardle (2020) não se trata de algo novo e pode se manifestar de modos muito variados, como usar manchetes para reenquadrar um fato, apresentar fragmentos de falas para embasar uma extrapolação, manipular estatísticas para se ajustarem a determinado posicionamento, entre outros. Conforme observa a autora, a própria imprensa tradicional pode fazer uso desse tipo de estratégia, como no exemplo a seguir (Figura 12), extraído do jornal *The New York Times*, em que claramente há erro na proporção das ilustrações, induzindo o leitor a pensar que o número de desembargadores de cortes federais indicados por Trump (24) é absurdamente superior ao de indicações feitas por Obama (15).

Figura 12 – Exemplo de conteúdo enganoso na imprensa tradicional



Fonte: *First Draft*, 2020.

Ainda segundo Wardle (2020), trata-se de um mecanismo muito complexo e de difícil identificação. Nesse sentido, a autora observa que a inteligência artificial já é capaz de estabelecer a diferença entre conteúdo falso e verdadeiro. O conteúdo enganoso, entretanto, se encontra em uma “área cinzenta”, pois usa fragmentos de conteúdo verdadeiro, deturpando-os de forma a provocar significativas alterações de sentido.

A “notícia” a seguir (Figura 13) foi publicada em um *site* que se apresenta como um portal de jornalismo independente e replicada em redes sociais. Nela, afirma-se que o Papa Francisco teria se referido a estupradores como “o povo escolhido de Deus”.

Figura 13 – Exemplo de conteúdo enganoso na composição de *fake news*

Início > Editoria > Notícias
INTERNACIONAL

12/05/2023 às 13h41min - Atualizada em 12/05/2023 às 13h41min

## Papa Francisco declara que esturadores de crianças são “o povo escolhido de Deus”

O Papa Francisco declarou que os esturadores de crianças são "o povo escolhido de Deus" e exortou os cristãos a tratar os pedófilos com o "amor e respeito" que eles merecem.



O pontífice fez seus comentários estranhos no mês passado durante uma reunião privada com um grupo de padres jesuítas na Hungria, e foram publicados na terça-feira pelo *La Civiltà Cattolica*, um jornal jesuíta italiano.

Fonte: *Tribuna Nacional*, 2023.

Conforme averiguado pela *Agência Lupa*<sup>52</sup>, trata-se de uma notícia falsa, que traduz de forma deturpada trechos de uma conversa ocorrida durante um encontro entre o Papa e jesuítas, na embaixada apostólica de Budapeste, em 29 de abril de 2023. Na ocasião, ao ser perguntado sobre como lidar com abusadores sexuais, o pontífice reconheceu a complexidade da questão, porém sinalizou que estes também são filhos de Deus. Assim, embora admita a repulsa que naturalmente sentimos por abusadores, conclui que estes devem ser condenados, mas como irmãos: “merecem punição, mas também merecem cuidado pastoral” (*apud Agência Lupa*). Ao final da fala, no entanto, o Papa Francisco admite a dificuldade da missão.

Trata-se, portanto, da prática de um conteúdo enganoso, pois parte de uma declaração real do Papa Francisco, extrapolando-a para desabonar a imagem deste. O pontífice já há algum tempo vem sofrendo ataques difamatórios promovidos por setores conservadores insatisfeitos com alguns de seus posicionamentos<sup>53</sup>.

O construto apresentado toma força e ganha ares de verdade, não só pela referência a uma fala verdadeira do Papa (há até, no corpo da falsa notícia, um *link* para um *site*

<sup>52</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/05/18/papa-francisco-nao-disse-que-esturadores-de-criancas-sao-o-povo-escolhido-de-deus> (Acesso em 05/07/2023)

<sup>53</sup> Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39210072> (Acesso em 06/07/2023)

estrangeiro onde parte da conversa realizada em Budapeste é transcrita), mas também por fazer associações explícitas entre a suposta declaração que ele teria feito durante o encontro e escândalos passados ocorridos dentro da Igreja Católica, amplamente noticiados pela imprensa tradicional. De acordo com a notícia falsa, o “subtexto” para a resposta do Papa Francisco “é o escândalo impressionante que abalou a Igreja Católica envolvendo gerações de padres pedófilos abusando (sic) de centenas de milhares de crianças em todo o mundo”.

Confirmando essa narrativa, a foto que ilustra a falsa notícia apresenta Papa Francisco com uma aparência aterrorizante, segurando uma criança pequena em prantos, numa tentativa clara de provocar repulsa ao associá-lo à prática da pedofilia. Trata-se, na verdade, de uma imagem manipulada para desfavorecer o pontífice, como se comprova abaixo (Figura 14):

Figura 14 – Comparação entre foto original e foto adulterada do Papa Francisco.



Fonte: *Veja* (2014)/*Tribuna Nacional* (2023)

Na foto original, postada em matéria da revista *Veja*<sup>54</sup>, o Papa Francisco não apresenta o mesmo semblante macabro e o contexto não está relacionado com as declarações feitas por ele em Budapeste, pois retrata o momento em que um menino vestido de papa, durante uma

<sup>54</sup> Cf. <https://veja.abril.com.br/mundo/menino-vestido-de-papa-surpreende-francisco-na-praca-sao-pedro> (Acesso em 06/07/2023)

homilia no Vaticano, foi levado para ser beijado pelo pontífice e começou a chorar assustado com a situação.

Outra técnica bastante utilizada na fabricação de *fake news* é o chamado **conteúdo impostor**, em que o conteúdo falso é emoldurado de forma a parecer uma publicação legítima de um portal de jornalismo. Como destaca Wardle (2020), nosso cérebro sempre busca evidências para avaliar a credibilidade de uma informação. Assim, a presença de logomarcas e a imitação de *layouts* de veículos de imprensa conhecidos funcionam para nós como uma espécie de indicativo de que determinado conteúdo é verdadeiro.

Ainda de acordo com a autora, há casos em que falsificação é sofisticada a ponto de o texto da falsa notícia apresentar *hiperlinks* que conduzem ao *site* do jornal verdadeiro, o que torna mais difícil a identificação da fraude. No entanto, há também mecanismos simples de falsificação acessíveis a qualquer usuário da rede. Como denuncia matéria da agência de checagem *Aos Fatos*<sup>55</sup>, já existem até *sites* destinados a facilitar a fabricação de *fake news* desse tipo (Figura 15), os quais fornecem *layouts* prontos de portais de jornalismo reconhecidos, cabendo ao usuário apenas preenchê-los com o texto e a imagem desejados.

Figura 15 – Gerador de *fake news*

Fonte: *Aos fatos*, 2023.

A título de exemplo, apresentamos uma *fake news* criada especialmente para esta Tese (Figura 16) a fim de ilustrar o uso da ferramenta.

<sup>55</sup> Cf. <https://www.aosfatos.org/noticias/gerador-tuite-falso-g1-falso/> (Acesso em 30/09/2023)

Figura 16 – Exemplo de notícia falsa criada com o gerador de *fake news*

Fonte: A autora, 2023.

Para demonstrar o emprego efetivo de tal recurso, analisaremos uma postagem (Figura 17) que circulou nas redes sociais trazendo uma notícia supostamente publicada pelo portal *GI*, a qual anunciava que “o homem mais rico do mundo” estaria financiando um tratamento para diabetes que teria 98% de eficácia comprovada. Junto à manchete, havia uma foto do bilionário Elon Musk, dando a entender que ele seria o referido financiador. A legenda da postagem continha ainda um *link* que direcionava para uma página com o logotipo do programa de TV *Fantástico*, da Rede Globo, pertencente ao mesmo grupo que administra o *GI*. Na página, informa-se que o produto já está disponível no Brasil e há um *link* para que o usuário possa adquiri-lo.

Figura 17 – Exemplo de conteúdo impostor na composição de *fake news*



Fonte: Tik Tok, 2023.

De acordo com checagem feita pela *Agência Lupa*<sup>56</sup>, a empresa *Globo*, responsável pelo *G1* e pelo *Fantástico*, não reconhece a autoria de tais publicações. Além disso, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o produto anunciado não é autorizado no Brasil. Trata-se, portanto, de uma *fake news* usada para aplicar golpes nos usuários, que são direcionados a um falso *link* para compra do tratamento.

Na comparação abaixo (Figura 18), feita pela *Agência Lupa*, fica evidente o uso de conteúdo impostor, já que cores, logomarcas e *layout* semelhantes aos do verdadeiro *site* do *Fantástico* são replicados, ainda que sem total correspondência.

<sup>56</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/04/26/fantastico-diabetes-medicamento> (Acesso em 05/07/2023)

Figura 18 – Comparação entre *site* real e *site* impostor.



Fonte: Agência Lupa, 2023.

Além de tomar emprestada a credibilidade de um órgão de imprensa tradicional, fazendo-se passar como um texto por ela produzido, a postagem tem um apelo sensacionalista que ajuda a captar os afetos do interlocutor, induzindo-o a acreditar no conteúdo falso e, conseqüentemente, a cair no golpe. Ela oferece a perspectiva de um tratamento “extremamente eficiente” para uma doença que afeta muitos brasileiros: a diabetes, que aparece destacada em vermelho na manchete da falsa notícia e em caixa alta na legenda que a acompanha. Retoma, ainda, explicitamente um discurso que questiona a autoridade da mídia tradicional (“passou desconhecido pela mídia brasileira até agora”) e do meio acadêmico (“choca a comunidade científica”), discurso esse amplamente difundido e aceito entre certos grupos da população brasileira.

Como o próprio nome indica, o **conteúdo fabricado** abarca casos em que o conteúdo é totalmente falso, não havendo conexão com fatos reais. Conforme explica Wardle (2020), esse tipo de estratégia tem sido especialmente potencializado pelos avanços da tecnologia na área da inteligência artificial. Como exemplo, a autora menciona o caso de vídeo (Figura 19) supostamente protagonizado por Mark Zuckerberg, um dos fundadores do *Facebook*, em que este denunciaria os perigos da datificação na qual seu próprio negócio se baseia. Trata-se, na verdade, de uma falsificação produzida com uso de *deepfake*<sup>57</sup> por documentaristas que tinham como objetivo testar se os mecanismos de verificação do *Instagram* (do qual Zuckerberg é também um dos donos) removeriam o conteúdo. Ironicamente, a rede social não detectou no vídeo nenhuma violação aos seus termos de uso. Quem denunciou a postagem foi

<sup>57</sup> Trata-se do uso da inteligência artificial para produzir vídeos falsos de forma convincente. Por meio da tecnologia, pode-se trocar o rosto das pessoas, sincronizar movimentos labiais ou expressões faciais etc.

a rede de televisão CBS alegando se tratar de conteúdo impostor, já que o vídeo apresenta o logotipo da emissora.

Figura 19 - Conteúdo fabricado por meio do uso da técnica do *deepfake*



Fonte: *First Draft*, 2020.

O conteúdo fabricado, entretanto, pode ser produzido de uma maneira bem mais simples. Por exemplo, de tempos em tempos, circula nas redes sociais um texto (Figura 20) que apresenta uma suposta cura milagrosa para o câncer baseada no consumo de frutas. A descoberta do tratamento é atribuída a um médico nomeado como Dr. Stephen Mak. O conteúdo desse texto é inteiramente falso, conforme averiguado por várias agências de checagem<sup>58</sup>, e tem sido replicado já há alguns anos, inclusive em outros idiomas. Não há qualquer registro sobre o médico em questão, a não ser em postagens que reproduzem o texto apócrifo, tampouco ocorre, em artigos científicos da área médica, qualquer referência ou estudo sobre o tratamento anunciado.

<sup>58</sup> <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/23/comer-frutas-estomago-vazio-cura-cancer> (Acesso 07/07/2023)

Figura 20 – Exemplo de conteúdo fabricado



Fonte: Agência Lupa, 2023.

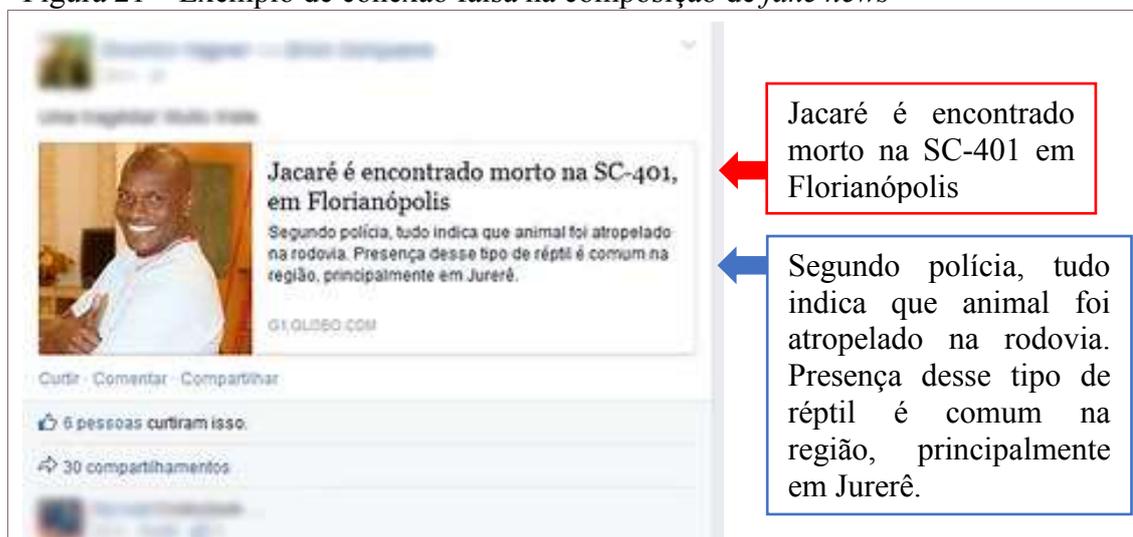
A notícia falsa se vale de recursos semelhantes ao do exemplo apresentado na Figura 16 para captar a atenção do receptor e envolvê-lo. Apela para as emoções do leitor, pois promete uma solução simples (ingerir frutas de estômago vazio), porém extremamente eficaz (com “taxa de sucesso” de “80%”), para uma doença grave (câncer, inclusive em estágio terminal). Como em outras *fake news* já apresentadas, traz em seu bojo um discurso que coloca em descrédito a comunidade científica por ainda prescrever o “método convencional”, levando várias pessoas à “morte”. Traz como argumento de autoridade a palavra de um médico, o fictício Dr. Stephen Mak, que teria criado o surpreendente tratamento. O texto conta ainda com vários apelos ao compartilhamento para que a boa nova alcance o maior número de leitores.

O termo **conexão falsa** é empregado por Wardle (2020) para referir à prática do *clickbait* (caça-cliques), em que títulos e imagens são usados para atrair o leitor, sugerindo direcionamentos que não se confirmam no todo do texto. Trata-se de uma estratégia muito utilizada pela própria indústria da informação e do entretenimento, o que acaba por contribuir para que esta seja vista com descrédito. Como analisa a autora, ao mesmo tempo que é um

modo fácil de conquistar audiência, impacta negativamente a relação da população com a informação.

No exemplo abaixo (Figura 21), mostra-se uma postagem que foi compartilhada em redes sociais, induzindo os usuários a acreditarem que o dançarino de axé conhecido como “Jacaré”, representado na imagem que acompanha a suposta notícia, havia morrido em um acidente de trânsito. Trata-se de uma conexão falsa, uma vez que a leitura da linha fina da chamada da notícia mostra que o “Jacaré” referido na manchete é, na realidade, um “animal”, um “réptil”. O artista apelidado pelo mesmo nome, por sua vez, segue vivo e teve, inclusive, sua participação confirmada na turnê comemorativa de 30 anos do grupo que o tornou famoso<sup>59</sup>.

Figura 21 – Exemplo de conexão falsa na composição de *fake news*



Fonte: *GI*, 2016.

Além da foto do dançarino, a posição da palavra “jacaré” no início da frase corrobora a construção da falsa conexão, já que não fica claro, em um primeiro momento, se se trata ou não de um nome próprio. A desinformação provocada por tal artifício ganha credibilidade ao ser divulgada junto com um suposto *link* do portal *GI*, parecendo, portanto, algo noticiado pela imprensa oficial. Cabe destacar também o forte apelo emocional relacionado à suposta morte trágica de uma pessoa famosa, que pode levar o usuário, impactado pela (des)informação, a agir de forma impulsiva, clicando no *link* ou compartilhando acriticamente a postagem.

<sup>59</sup> Cf. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/06/24/com-scheila-carvalho-sheila-mello-e-jacare-e-o-tchan-annuncia-shows-em-comemoracao-aos-30-anos.ghtml> (Acesso em 06/07/2023)

Outra prática bastante comum na construção de *fake news* é o chamado **contexto falso**, que se refere ao uso de conteúdo verdadeiro, porém retirado de seu contexto original de modo malicioso. Como exemplo, citamos postagens de redes sociais que replicam o vídeo de uma reportagem (Figura 22) que trata da aprovação de um projeto de lei que abriu crédito suplementar de pouco mais de 1 bilhão no Orçamento da União. O valor foi usado pelo governo brasileiro para pagar dívidas da Venezuela e de Moçambique com o banco *Credit Suisse* e com o BNDES. Junto com a reportagem, aparecem imagens do Presidente Lula e legendas que sugerem que o empréstimo teria ocorrido durante seu atual governo.

Figura 22 – Exemplo de contexto falso na composição de *fake news*



Fonte: Terra e Tik Tok, 2023.

Conforme apuração realizada pela *Agência Lupa*<sup>60</sup>, o contexto apresentado é falso. A reportagem da *TV Brasil*<sup>61</sup> é verdadeira, porém foi veiculada em 2018, época em que Michel Temer (MDB) era o presidente da República.

Em suas diferentes versões, o uso do falso contexto tem claramente o intuito de pôr em descrédito o atual governo (“o jeito PT de governar”), colocando-o como irresponsável e até mesmo desonesto (“tô nem aí eu quero robá”), ao empregar dinheiro do “povo trabalhador” brasileiro para pagar dívidas da Venezuela (grifada até em destaque em uma das versões) e de Moçambique. Cabe lembrar que já circula em grupos de direita e extrema direita um discurso de demonização da Venezuela<sup>62</sup> e a sugestão de que o Brasil pode ter uma realidade parecida ao ser gerido por um governo de esquerda, discurso que é retomado nas *fake news*

<sup>60</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/05/26/divida-brasil-venezuela-mocambique> (Acesso em 05/07/2023)

<sup>61</sup> Cf. [https://www.youtube.com/watch?v=r\\_VNNKFFF5E&t=14s](https://www.youtube.com/watch?v=r_VNNKFFF5E&t=14s) (Acesso em 05/07/2023)

<sup>62</sup> Cf. <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/20/brasil-vai-virar-a-venezuela-o-que-esta-por-tras-do-bordao-da-direita-que-segue-vivo-em-2022> (Acesso em 07/07/2023)

apresentadas. Além disso, expressões tipicamente usadas por esses grupos para debochar do atual governo são replicadas nas postagens, tais como “Faz o L” e “O amor Venceu”. Trata-se de bordões originalmente usados por apoiadores de Lula em sua campanha eleitoral, mas que foram apropriados posteriormente por seus opositores para referir de forma irônica supostos erros ou trapaças cometidos por este em seu corrente mandato.

Por fim, o **conteúdo manipulado** consiste em uma técnica utilizada essencialmente em vídeos e fotos, que são adulterados para embasar uma informação falsa. A título de exemplo, recentemente, circulou em postagens de redes sociais uma foto (Figura 23) em que os atuais presidentes do Brasil, Lula, e da Venezuela, Nicolás Maduro, aparecem sem camisa e de mãos dadas. As legendas que acompanham a foto indicam que o registro teria sido feito em 1984 e sugerem uma relação homoafetiva entre os dois.

Figura 23 – Exemplo de conteúdo manipulado



Fonte: *Observador*, 2023.

Segundo apuração feita pela *Agência Lupa*<sup>63</sup>, trata-se de uma montagem. Na verdade, a imagem original foi registrada pelo fotógrafo franco-argelino Jean-Pierre Laffont, no dia 27 de junho de 1971, durante Segunda Semana Anual do Orgulho Gay de Nova York. A imagem

<sup>63</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/01/lula-maduro-foto-1984> (Acesso 05/07/2023)

foi editada e os rostos de Lula e Maduro, inseridos no lugar dos rostos dos rapazes que aparecem na foto original, como se vê na comparação a seguir (Figura 24).

Figura 24 – Comparação entre foto original e foto manipulada para a composição de uma *fake news*



Fonte: Agência Lupa, 2023.

Como no exemplo apresentado na Figura 21, a montagem retoma uma associação negativa entre o Brasil e a Venezuela, que estariam sendo arruinados sob o comando de políticos de esquerda, discurso que circula entre grupos de direita e extrema direita como forma de atacar o atual governo petista. Nesta *fake news*, especialmente, a suposta “união” entre os governantes dos dois países em tal projeto de destruição é ainda reforçada por meio do discurso de ódio à comunidade LGBTQIA+, já que a sugestão de uma relação homoafetiva entre Lula e Maduro é acompanhada de acentuado deboche, como se fosse algo que desabonasse sua reputação.

#### 4.3 Regularidades composicionais das *fake news*

Neste tópico, elencamos algumas das regularidades composicionais observáveis na configuração do gênero *fake news*, a partir de seus elementos constitutivos: conteúdo temático, construção composicional e estilo da linguagem. Cabe, entretanto, ressaltar que a

apresentação de cada um desses elementos de forma separada é meramente didática, visto que é não é possível dissociá-los no todo enunciado. Além disso, considerando a maleabilidade dos gêneros e, conseqüentemente, sua *relativa* estabilidade, não há aqui pretensão de estabelecer uma categorização fixa ou definitiva sobre as *fake news*.

Nesse sentido, é importante destacar mais uma vez que as *fake news* não apresentam um formato padronizado facilmente reconhecível. Por configurarem um gênero essencialmente relacionado ao uso das redes sociais, são múltiplas as suas possibilidades de configuração, já que os usuários dispõem de diferentes semioses e combinações disponíveis para a sua construção. Assim, apesar do nome (que literalmente se traduz como “notícias falsas”) nem sempre estas apresentam características formais que correspondem ao gênero notícia, podendo adquirir diferentes roupagens em sua disseminação.

A partir do exposto, propomo-nos a demonstrar como essas diferentes possibilidades de textualização, de alguma forma, refletem um projeto de concepção, uma arquitetônica, em comum.

#### 4.3.1 Conteúdo temático

Embora cada enunciado apresente um tema específico, o conteúdo temático diz respeito a certo domínio de sentido de que o gênero se ocupa. Conforme explica Medviédev (2012, p. 106), cada gênero “é capaz de dominar apenas determinados aspectos da realidade, e possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela”. Assim, por exemplo, uma notícia versa sobre fatos recentes considerados socialmente relevantes, propondo-se a apresentá-los de forma objetiva e imparcial (embora se saiba que isso não seja inteiramente possível); as receitas culinárias apresentam instruções para o preparo de alimentos; as sentenças têm como conteúdo temático uma decisão judicial.

Ainda que nem sempre repliquem o formato de gêneros dessa esfera, é do jornalismo que as *fake news* herdaram seu material de referência no que tange ao conteúdo temático. Como apontam Fante, Silva e Graça (2020), as *fake news*, para fabricar informação falsa, se valem dos mesmos pressupostos que tornam determinado evento notícia. São os chamados “valores-notícia”, elementos que indicam a noticiabilidade de um fato.

A partir dos estudos de Traquina (2002, 2004), os autores identificam dez valores-notícia que servem de base para a composição de notícias e, conseqüentemente, de *fake news*. São eles: 1) morte, 2) notoriedade (visibilidade do ator principal de um acontecimento), 3) proximidade (geográfica ou cultural), 4) relevância (acontecimentos socialmente importantes), 5) novidade (fato novo ou informação nova sobre notícia velha), 6) tempo (atualidade do assunto, que pode gerar nova notícia ou propiciar a retomada de notícias antigas), 7) notabilidade (dimensão numérica do fato, número de pessoas impactadas por ele), 8) inesperado (fato surpreendente ou que rompe as expectativas), 9) conflito ou controvérsia (violência física ou simbólica), 10) escândalo.

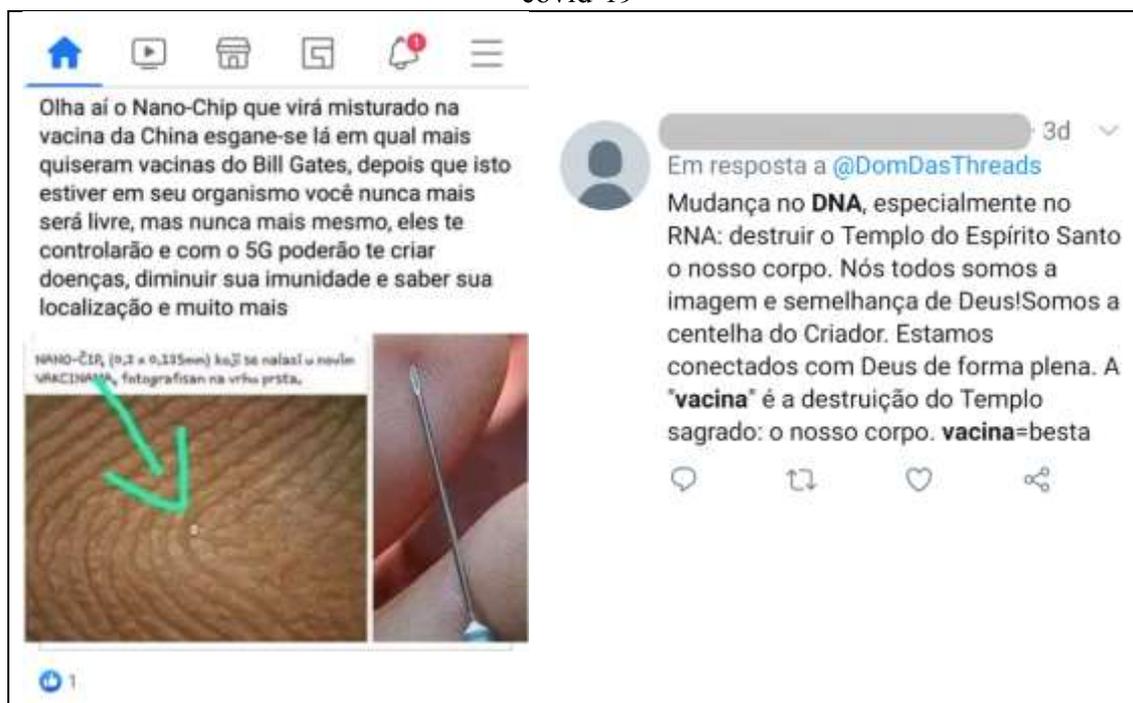
Ao analisar uma série de *fake news* checadas e repostadas pela *Agência Lupa*, Fante, Silva e Graça (2020) constataram que a notoriedade (referência a uma personalidade pública), a notabilidade (o impacto do fato em um grande número de pessoas) e a proximidade cultural ou geográfica com os interlocutores têm sido assuntos especialmente utilizados na produção de *fake news*.

Embora se valham dos mesmos valores que tornam um fato noticiável, há, todavia, uma diferença de abordagem nas *fake news*. Seu recorte procura abarcar supostos dados que foram omitidos e/ou manipulados pela imprensa tradicional ou órgãos oficiais. Assim, é bastante comum a presença de teorias conspiratórias, como, por exemplo, as que dão conta de que as vacinas contra covid-19 podem alterar o DNA dos seres humanos ou serão usadas para implantar *microchips* na população<sup>64</sup>, conforme exemplificado a seguir (Figura 25).

---

<sup>64</sup> Cf. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/12/03/vacina-nao-altera-dna-nem-tem-microchip-as-mentiras-sobre-imunizacao-contr-o-coronavirus.htm> (Acesso em 23/12/2020).

Figura 25 – Exemplos de *fake news* com teorias conspiratórias sobre a vacina contra covid-19



Fonte: Canaltech, 2020.

Considerando o objetivo de atrair a atenção do interlocutor e conquistar seu engajamento, as teorias da conspiração possuem um grande apelo. Franks, Bangerter e Bauer (2013) nos oferecem uma explicação para o fascínio provocado por esse tipo de narrativa. Segundo os autores, as teorias da conspiração apresentam muitas facetas. Primeiramente, elas constituem um mecanismo cognitivo que preenche uma necessidade que temos de explicar eventos incomuns ou perturbadores, como o surto de uma doença, um escândalo ou até mesmo a morte de uma celebridade. Além disso, as narrativas por elas veiculadas reduzem a complexidade de tais eventos, diminuindo as incertezas que estes provocam e transformando uma ansiedade inespecífica em medos focalizados. Por fim, elas se inscrevem no contexto das relações antagônicas entre os diferentes grupos sociais, valendo-se de suas visões negativas para explicar eventos e, por vezes, motivar a ação coletiva. Assim, os autores defendem que podem ser vistas como quase-religiões, ainda que não necessariamente atreladas a grupos religiosos.

Na mesma linha, os discursos de ódio são um viés recorrente nas *fake news*. Considerando objetivos político-ideológicos que podem estar envolvidos na criação de *fake news*, o ataque a determinados grupos sociais, especialmente as chamadas minorias, ou a indivíduos que façam parte destes é algo frequente nas *fake news* que circulam nas redes sociais. É o que acontece nas *fake news* a seguir (Figura 26), em que há uma tentativa de

desabonar a imagem de Lula, durante a campanha presidencial de 2022, ao associá-lo a religiões afro-brasileiras, ainda bastante estigmatizadas por adeptos do cristianismo no Brasil<sup>65</sup>.

Figura 26 – Exemplos de *fake news* baseadas em discurso de ódio



Fonte: Coletivo Bereia/Estadão Verifica, 2022.

Cabe notar ainda uma similaridade entre as *fake news* e o viés sensacionalista já observado em determinados segmentos da imprensa tradicional. Embora não necessariamente apresente um conteúdo falso/incorrecto, a mídia sensacionalista maneja as informações de forma a despertar fortes emoções do público e, assim, angariar sua audiência. Para isso, faz uso de recursos como o exagero na apresentação dos fatos, a falta de objetividade, a omissão de informações relevantes ou o enquadramento tendencioso.

Não à toa, Freire (2019) percebe similaridades entre as notícias sensacionalistas que foram veiculadas sobre o já mencionado caso da *Escola Base* e as *fake news* a respeito do chamado *kit gay*. Como se observa no exemplo abaixo (Figura 27), tomando como base as declarações feitas pelos pais das crianças supostamente abusadas, o veículo de imprensa divulga as acusações como fato e faz extrapolações apelativas, como associar a kombi que transportava os alunos a um “motel” e se referir à instituição de ensino como “escolinha do sexo”.

<sup>65</sup> A esse respeito, recomenda-se reportagem de Carol Macário (2023) publicada pela *Agência Lupa*. Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/11/10/fakes-alimentam-intolerancia-religiosa-em-meio-a-escalada-de-violencia> (Acesso em 12/11/2023)

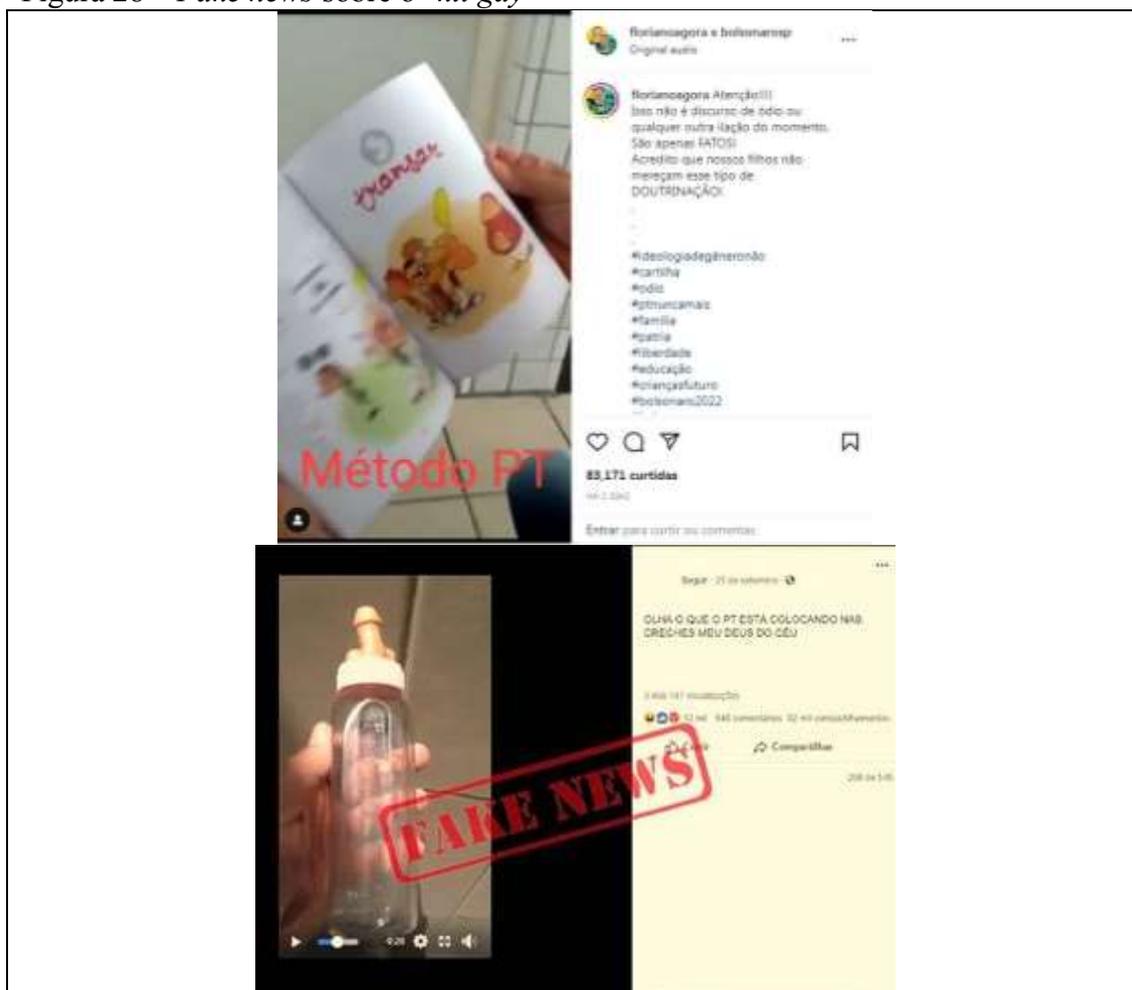
Figura 27 – Exemplo de viés sensacionalista na imprensa tradicional



Fonte: *Folha de S. Paulo*

Operando de maneira similar, as *fake news* a seguir (Figura 28) fazem referência à temática do “*kit gay*”, surgida durante a disputa presidencial brasileira de 2018. À época, esse nome foi criado por opositores da então presidente Dilma Rousseff para referir a uma cartilha de combate à homofobia nas escolas criada em seu governo, mas que, devido à má repercussão, foi cancelada e nunca de fato distribuída. Embora o projeto tenha sido abortado, diversas *fake news* foram criadas a partir de denúncias (falsas) que afirmavam que materiais de cunho sexual estariam sendo oferecidos às crianças nas escolas como parte do tal *kit*. A partir disso, passou a circular como fato, especialmente entre grupos mais conservadores, a ideia de que o governo petista estaria promovendo a chamada “ideologia de gênero” nas escolas, o que, no jargão de tais grupos, significa incentivar ou induzir as crianças a se tornarem homossexuais.

Figura 28 – Fake news sobre o “kit gay”



Fonte: *O Globo*, 2022/*El País*, 2018.

A partir dos exemplos mostrados, nota-se que as *fake news*, em seus diferentes formatos, partem de um repertório temático comum: valem-se dos mesmos pressupostos da imprensa tradicional na seleção de eventos noticiáveis, capazes de despertar a atenção do público. No entanto, investem em temas e recortes com alto potencial de mobilizar os afetos do interlocutor, especialmente o ódio e o medo.

#### 4.3.2 Estilo da linguagem

O estilo se refere à seleção dos meios linguísticos (lexicais, fraseológicos e gramaticais – e, cabe incluir, semióticos) que o autor opera em função da imagem que faz de seu interlocutor em determinada situação sociocomunicativa, bem como da expectativa em

relação à compreensão responsiva ativa deste. Quando se refere ao estilo como elemento composicional dos gêneros, Bakhtin não tem em mente o estilo individual, ou seja, a expressão da individualidade de cada autor, mas as características linguísticas do gênero determinadas pelas condições específicas da esfera comunicativa a que está atrelado. Na seleção lexical de uma petição, por exemplo, são esperados vocábulos específicos ligados ao jargão jurídico, mas não vocábulos informais como gírias, que seriam perfeitamente aceitáveis em uma conversa de bar. Em uma carta de amor, espera-se encontrar palavras ou frases que tipicamente usamos para expressar afetividade, como um “eu te amo”.

O apelo emocional se mostra um fator determinante na seleção de recursos linguísticos empregados nas *fake news*. A depender do formato e do suporte utilizado, diversas estratégias podem ser empregadas para captar a atenção e mobilizar os afetos do interlocutor. A seleção lexical configura um dos aspectos mais relevantes, pois tende a refletir os valores e interesses do campo ideológico a que o conteúdo veiculado se filia. Por exemplo, por meio da escolha lexical, pode-se enaltecer ou depreciar determinada instituição ou pessoa pública. Além disso, recursos estilísticos, como o uso de adjetivações, de ironias, de comparações, de frases no imperativo ou o emprego da pontuação são alguns dos artifícios empregados para cooptar a atenção e engajamento do destinatário.

É interessante destacar também a reprodução de termos ou bordões compartilhados por determinada comunidade discursiva. Por exemplo, em *fake news* que colocam em descrédito as informações dadas por órgãos oficiais a respeito da recente pandemia de Covid-19, são comuns termos como “vachina”, “fraudemia” ou “comunavírus” como forma de reforçar a teoria conspiratória de que se trata, na verdade, de uma farsa perpetrada pela China (país onde teria surgido o novo coronavírus) para implantar o comunismo no mundo. É o que se observa na figura abaixo (Figura 29) que ilustra um suposto dossiê divulgado em uma página de um autodeclarado portal de jornalismo, no qual o então governador de São Paulo João Dória é associado ao esquema.

Figura 29 – Uso de expressões típicas de determinado grupo social em *fake news*



Fonte: *Jornal da Cidade online*, 2020.

O uso de elementos gráficos na disposição das palavras também funciona como um fator de direcionamento do público. O emprego de letras garrafais, pontuação repetitiva ou esquemas de cores, por exemplo, podem ser usados para dar destaque a termos ou informações dentro do texto, realçando seus sentidos para atingir o efeito pretendido e tentar mobilizar o leitor.

Aliás, a linguagem não verbal se mostra como um importante recurso que complementa o texto verbal no objetivo de mobilizar os afetos do público. Muitas *fake news* apresentam ilustrações, gráficos, fotografias, vídeos ou fundos sonoros que têm por objetivo não só conferir maior credibilidade ao discurso veiculado, mas também contribuir para apelar para o emocional do leitor e motivar seu engajamento.

Cabe ressaltar ainda o uso frequente de *emojis*, figuras que são agregadas ao texto escrito para compor a mensagem, tipicamente empregadas em interações informais realizadas no contexto *online*. Figuras de mãos batendo palmas (para indicar aprovação), de bombas explodindo (para anunciar algo impactante), de carinhas com as mais variadas expressões faciais (pânico, raiva, espanto, riso etc.) são usadas como indicativos de como o leitor deve reagir perante o conteúdo verbal apresentado. Na *fake news* abaixo (Figura 30), por exemplo, os emojis de carinhas assustadas e o uso da caixa alta contribuem para provocar a sensação de

pânico em relação à falsa informação de que o STF teria aprovado a implementação de banheiros *unissex* nas escolas. Na verdade, conforme apurado pela agência *Aos Fatos*<sup>66</sup>, a resolução em que se baseia a peça de desinformação é, na realidade, do CNLGBTQIA+ (Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+) e funciona como uma orientação, não tendo força lei.

Figura 30 – Uso de *emojis* e de letras garrafais



Fonte: *Facebook*, 2023.

Assim, o estilo da linguagem acompanha o propósito de captar a atenção do público e mobilizá-lo a agir e reagir de acordo com o efeito pretendido. Nesse sentido, podem ser usadas como referências as quatro grandes tópicos do contrato de comunicação midiático observadas por Charaudeau (2010). São elas: 1) a tópica da “dor” e seu oposto, a “alegria”; 2) a tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; 3) a tópica da “antipatia” e seu oposto, a “simpatia”; 4) a tópica da “atração” e seu oposto, a “repulsa”.

<sup>66</sup> Cf. <https://www.aosfatos.org/noticias/falso-stf-resolucao-banheiros-unissex-escolas/> (Acesso em 12/11/2023)

### 4.3.3 Construção composicional

A construção composicional se refere ao modo como o enunciado é organizado, estruturado. Não deve ser entendida como uma forma rígida, uma vez que determinado padrão pode ser alterado de acordo com as condições enunciativas. Assim, por exemplo, o gênero notícia, tradicionalmente, costuma conter, em seu parágrafo inicial (conhecido como “lide”), um resumo das circunstâncias principais do fato noticiado, tais como o que aconteceu, onde, quando e quais são os principais envolvidos. Também apresenta manchetes (títulos), grafadas com caracteres maiores, que antecipam para o leitor o fato a ser desenvolvido no corpo do texto. Já as receitas costumam apresentar, primeiramente, uma descrição dos ingredientes a serem utilizados para posteriormente expor o passo a passo das ações necessárias para o preparo do alimento, tendo caráter predominantemente injuntivo.

As *fake news* comportam uma variedade de formatos, já que, além da linguagem verbal (escrita ou oral), podem conter *emojis*, fotografias, *prints*, áudios, vídeos, *links*, *hashtags* etc. Como sinaliza Guimarães Filho (2022, p. 44), a linguagem das *fake news* se caracteriza por ser “intersemiótica, multimodal” e encontra apoio em esferas discursivas diferentes. Apesar de tal variabilidade, é possível reconhecer algumas regularidades no seu modo de organização.

Primeiramente, é importante, mais uma vez, ressaltar o suporte como um elemento central na constituição das *fake news*. São as redes sociais que conferem ao conteúdo falso veiculado alcance, volume e propagação sem precedentes. Ainda que possa haver um *site* onde uma notícia falsa apareça desenvolvida em sua integralidade, esta só se torna efetiva como *fake news* quando replicada, por meio de *links* ou *prints*, em redes sociais e aplicativos de mensagem, dado que a página por si só não teria meios de garantir a viralização do conteúdo, aspecto fundamental no fenômeno.

Vale lembrar que boa parte dos usuários, ao visualizarem postagens de *fake news*, sequer acessam os *links* que as acompanham, seja por não terem o hábito, seja por não terem condições de fazê-lo, devido, entre outros motivos, à questão do *zero rating*, já abordada no capítulo 3. Segundo um estudo realizado, em 2016, por cientistas da Universidade de Columbia e do Instituto Nacional Francês, 59% dos *links* compartilhados em redes sociais não são, de fato, acessados (Dewey, 2016). Como observam Delmazo e Valente (2018), uma manchete atraente, normalmente explícita na URL (endereço) do *link*, já seria o suficiente para promover o engajamento.

Assim, até pelo imediatismo que característico das interações realizadas no meio digital, as *fake news* se caracterizam, essencialmente, por serem textos/enunciados de curta extensão, em que fragmentos de outros textos/enunciados – *links* ou *prints* de notícias (falsas ou verdadeiras), vídeos, fotografias, ilustrações etc. – são apresentados para sustentar o conteúdo desinformativo.

A partir disso, embora apresentem em seu bojo simulações/recortes de gêneros discursivos diversos, cremos ser importante entender as *fake news* essencialmente como postagens que podem ser facilmente replicadas por meio de procedimentos como compartilhar, encaminhar, retuitar, repostar etc. Nesse processo, é muito comum que as *fake news* se constituam a partir da mescla de dois componentes: uma espécie de legenda que apresenta, resume ou comenta o conteúdo falso (que pode ser personalizada por quem posta ou ser ela própria também uma reprodução) e um texto principal que funcione como fonte ou validação do conteúdo falso (um *print*, um vídeo, uma foto, um áudio, um *link* etc.), como se observa nos exemplos abaixo (Figura 31).

Figura 31 – *Fake news* que ilustram a construção composicional típica das *fake news* em redes sociais e aplicativos de mensagem



Fonte: Agência Lupa, 2023.

No que tange ao que chamamos anteriormente de texto principal, tomando emprestado terminologia empregada por Bucci (2018, p. 38), as *fake news* se constituem em função de seu “mimetismo comunicacional”. Como buscam emular enunciados legítimos do âmbito jornalístico-midiático, elas se apropriam de características formais de gêneros a elas vinculados, valendo-se, para tal, dos diferentes procedimentos apontados por Wardle (2017): manipulações, falsas conexões, fabricações etc. É o que se observa nas duas *fake news* abaixo (Figura 32), que giram em torno do mesmo tema.

Figura 32 – Simulação de outros gêneros nas *fake news*.



Fonte: *Estado de Minas*, 2022 / *Agência Lupa*, 2023.

No primeiro caso, o texto principal aparece como um *print* de uma suposta notícia sobre o fim do pix, que teria sido anunciado pelo presidente Lula em palestra ao portal *UOL*. Além da presença da manchete e do que parece ser o início de um parágrafo lide, o *layout* da imagem é semelhante ao do portal de notícias *GI*, induzindo o receptor a acreditar que se trata de uma notícia verdadeira que respalda a informação de que o pagamento por pix será cancelado pelo atual governo. Conforme apuração do jornal *Estado de Minas*<sup>67</sup>, na referida palestra, Lula não trata do tema em qualquer momento. Além disso, a matéria, que parece ter sido extraída do *site GI*, é totalmente fabricada.

<sup>67</sup> Cf.

[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/factcheck/2022/09/22/interna\\_internacional,1396931/lula-nao-afirmou-que-acabaria-com-o-pix.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/factcheck/2022/09/22/interna_internacional,1396931/lula-nao-afirmou-que-acabaria-com-o-pix.shtml) (Acesso em 13/07/2023)

No segundo caso, para respaldar a informação de que o governo começou a taxar o pix, apresenta-se um *print* de uma mensagem enviada pela Caixa Econômica Federal. Segundo verificação feita pela *Agência Lupa*<sup>68</sup>, o contexto atribuído à imagem é falso. Em nota, a Caixa Econômica informou que pretendia aplicar a cobrança a pessoas jurídicas apenas, o que é autorizado pelo Banco Central desde 2020, sendo essa uma decisão da própria instituição, sem qualquer relação com o presidente Lula. Após pedido do governo federal, a medida foi suspensa.

Nas duas *fake news* apresentadas, é possível observar legendas que servem para direcionar a interpretação e a reação do receptor. Em ambos os casos, elas induzem o leitor a avaliar o presidente Lula e seu governo de forma negativa. No primeiro caso, opera-se uma oposição entre Lula (subtendido com mau governante) e Bolsonaro (subtendido com bom governante), afirmando-se que aquele acabará com tudo (de positivo) que este realizou, o que incluiria a criação do pix<sup>69</sup>. No segundo caso, o uso irônico do bordão “faz o L” e da imagem de Lula e Haddad sugestionam o público a relacionar, erroneamente, a mensagem da Caixa Econômica ao governo petista. Além disso, a presença de *emojis* de palhaços e a própria ironia contida na expressão “faz o L com força” sugerem que o atual governo engana a população brasileira, provocando o leitor a se indignar com isso.

Mesmo em *fake news* que não apresentam essa divisão clara entre dois componentes, é possível perceber alguns traços composicionais em comum. Por serem “*news*” sempre há alguma novidade ou informação (surpreendente, alarmante, ocultada pela mídia tradicional etc.) sendo anunciada. Na apresentação da novidade (em verdade, desinformação), normalmente há algum fator que confira verossimilhança ao suposto fato noticiado – em consonância com as crenças, valores e desejos do público almejado – e, principalmente, há marcadores (verbais e/ou não verbais) que servem para direcionar a reação/ação do leitor, como é possível perceber no exemplo abaixo:

---

<sup>68</sup> Cf. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/20/e-falso-que-lula-comecou-a-taxar-o-pix> (Acesso em 05/07/2023)

<sup>69</sup> Interessante destacar que essa informação também é falsa, embora muito difundida entre apoiadores de Bolsonaro. Cf. <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/08/03/e-fake-que-bolsonaro-foi-criador-do-pix.ghtml> (Acesso em 13/07/2023)



Assim, como observa Arnoux (2021, p.205),

nos discursos atuais que se inscrevem no domínio da pós-verdade, as emoções (...) são majoritariamente ditas, o que diminui a atividade inferencial por parte do alocutário, de modo a ser necessária, no discurso, a presença de referências explícitas à convicção, à fé ou à crença.

Ainda sobre a construção composicional, é importante destacar que, como costumam ser produzidas de forma massiva, geralmente por pessoas não especializadas, há detalhes que podem denunciar a falsificação. Erros constantes no uso da modalidade escrita, uso excessivo de pontuação ou caixa alta e ausência de fonte das informações fornecidas são marcas típicas da estrutura das *fake news* e podem servir como parâmetro para diferenciá-las de um texto autêntico de outro gênero.

Embora nosso foco aqui sejam as *fake news* propriamente ditas, ou seja, as postagens com conteúdo intencionalmente falso feitas em redes sociais e aplicativos de mensagem com potencial de viralização, é interessante abordar supostos veículos de imprensa que, muitas vezes, lhes servem de sustentação. Além de replicar suposto conteúdo de órgãos oficiais ou da imprensa tradicional (notícias verdadeiras descontextualizadas ou montagens que imitam o *layout* desses veículos), muitas *fake news* se apoiam em publicações do chamado “jornalismo independente”. Embora haja portais de jornalismo independente que atuem com profissionalismo, seguindo o código ético previsto para o exercício do ofício, muitos portais que se descrevem desse modo são, na verdade, comprometidos com interesses pessoais de certos indivíduos ou grupos, produzindo conteúdo personalizado para seu público-alvo, ainda que, em meio a notícias verdadeiras, se encontrem outras com conteúdo sabidamente falso ou enganoso.

No entanto, embora reproduzam elementos típicos dos portais de jornalismo tradicionais, o modo de composição desses *sites* apresenta também detalhes que ajudam a identificá-los como uma mídia tendenciosa, com predisposição a publicar conteúdo falso. Como exemplo, replicamos abaixo imagens do portal *Tribuna Nacional*, onde a falsa notícia sobre o Papa Francisco (Figura 34) foi publicada:

Figura 34 – Exemplo de *site* que se apresenta como portal de jornalismo independente com tendência a publicar conteúdo falso/malicioso



The screenshot shows the website 'Tribuna Nacional' with a main headline: 'Papa Francisco declara que estupradores de crianças são "o povo escolhido de Deus"'. The article text reads: 'Papa Francisco declarou que os estupradores de crianças são "o povo escolhido de Deus" e pediu ao católico a tratar os pedófilos como o "alcega e o ratoeira" que eles merecem.' There is a sidebar with a 'bet365' advertisement and a 'APOIE O JORNALISMO INDEPENDENTE' section.

**Infelizmente, a maioria das pessoas da população em geral ainda não entende o que está acontecendo. Aqui no **Tribuna Nacional** estamos determinados a continuar relatando os planos da elite.**

Por favor, curta e **se inscreva neste canal** para que possamos continuar compartilhando as novidades que o mainstream não ousa tocar. Sinta-se à vontade para **se juntar também ao chat do Tribuna Nacional** para discussão desse e de outros temas.

**Considere apoiar o Tribuna Nacional** - Precisamos do seu **apoio** para continuar nosso jornalismo baseado em pesquisa independente e investigativa sobre as ameaças do Estado Profundo que a humanidade enfrenta. Sua contribuição, por menor que seja, nos ajuda a nos mantermos à tona.

Estamos no **Clouthumb**

**Apoie**

CHAVE PIX: apoio@tribunacional.com.br

AJUDE O JORNALISMO INDEPENDENTE

GOSTOU DESTA INFORMAÇÃO? APOIE ESTE CANAL PARA CONTINUARMOS NA LUTA!

PUBLICIDADE

Fonte: *Tribuna Nacional*, 2023.

Apesar de apresentar elementos típicos do *layout* de portais de jornalismo (como o logo no topo da página, a divisão em seções, a presença de manchetes etc.), há traços que revelam a afinidade do suposto veículo de imprensa com o universo das *fake news*. O excesso de propagandas, que chegam a atrapalhar a leitura da suposta notícia, e o apelo a doações por pix são indícios da tentativa de obter ganho financeiro (monetização) por meio da página. O insistente apelo para inscrição em redes sociais e aplicativos de mensagem relacionados à página evidenciam a necessidade desses suportes como meio de viralização do conteúdo. Por fim, o teor conspiratório típico das *fake news*, também se faz marcadamente presente na configuração da página. Além do apelo ao final para que os leitores ajudem a compartilhar “as novidades que o mainstream não ousa tocar”, “os planos da elite” que não são compreendidos pela “maioria das pessoas da população”, há uma seção especialmente dedicada à “Nova Ordem Mundial”, cujo *link* aparece no topo da página (é o primeiro após o *link* da página inicial do portal) e reaparece em destaque com um sinal de alerta em vermelho na lateral da página.

Assim, apesar da variedade de formatos, percebe-se a presença de traços típicos de composição que caracterizam as *fake news* como gênero e podem servir como índices para seu reconhecimento. Para melhor demonstrar a combinação dos três elementos composicionais que constituem o gênero *fake news*, realizaremos na seção a seguir, uma análise mais pormenorizada de três *fake news* sobre o mesmo tema.

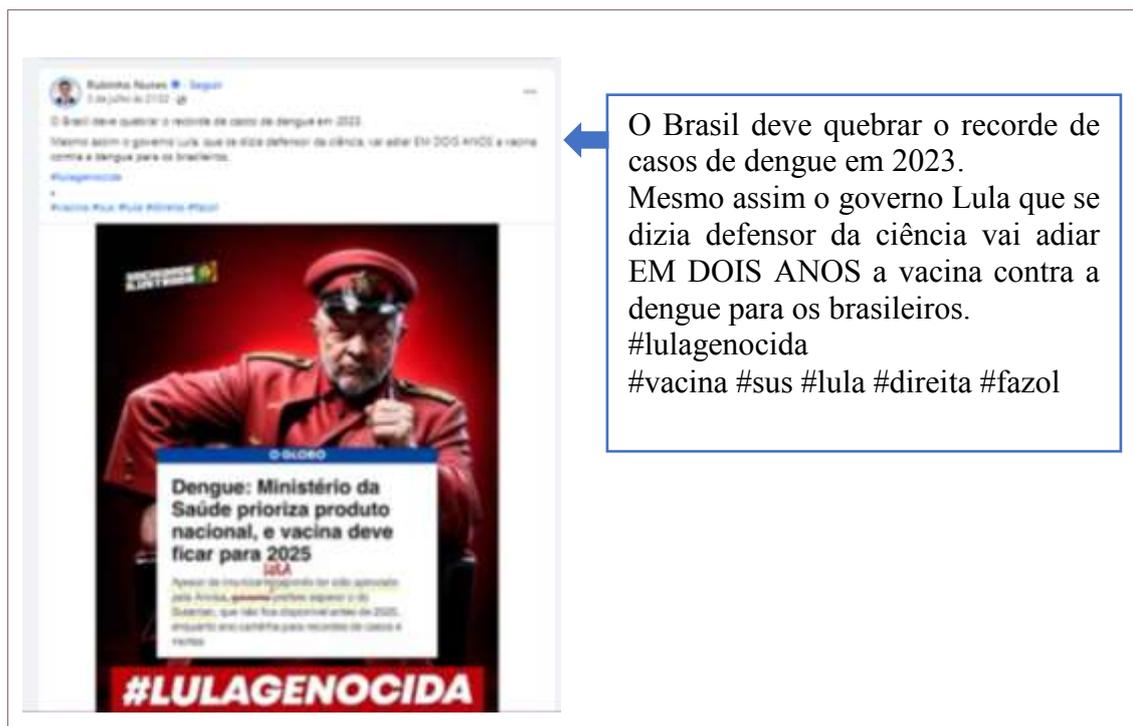
#### 4.3.4 Análise dos elementos composicionais de três *fake news*

Recentemente, circularam nas redes sociais postagens de diferentes formatos acusando o atual de governo de atrasar intencionalmente a aquisição de vacinas contra a dengue, ignorando os inúmeros casos da doença e, conseqüentemente, colocando em risco a vida de várias pessoas que poderiam ser salvas com a imunização. Conforme apurado pela *Agência Lupa*<sup>71</sup>, a informação não é falsa, pois apresenta de forma descontextualizada e enganosa de fatos verdadeiros. Embora aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a referida vacina cujo nome é Qdenga precisaria passar ainda pela avaliação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias do Sistema Único de Saúde (Conitec) para ser

---

<sup>71</sup> <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/07/12/governo-lula-nao-adiou-compra-da-vacina-da-dengue-para-2025> (Acesso em 13/07/2023)





Fonte: Twitter, Facebook e Agência Lupa, 2023.

No que tange ao tema, até por fazerem referência explícita a uma notícia verdadeira, as três *fake news* acima partem dos valores-notícia típicos do âmbito jornalístico. Além de ser uma novidade, a perspectiva de uso de uma nova vacina para imunização dos brasileiros contra a dengue configura fato de notabilidade, pois potencialmente impactaria a vida de muitas pessoas. Também conta com o valor proximidade, já que se trata de uma doença de alta incidência no Brasil. No entanto, é evidente o viés sensacionalista da abordagem, já que, nos três exemplos apresentados, há um ataque ao governo petista por supostamente inviabilizar o acesso dos brasileiros à vacina por motivos escusos.

Nessa abordagem, as três *fake news* apresentam a configuração mais comum do gênero, mesclando um texto de referência a um comentário. Nos dois últimos exemplos, o texto principal, que se apresenta como fonte ou referência de credibilidade da informação, é um *print* de uma matéria do jornal *O Globo*. É interessante destacar que, em ambos os casos, são adicionadas no próprio texto de referência marcações que orientam a leitura: nos dois, há trechos destacados em amarelo, e, em um deles, há também uma espécie de correção que substitui a palavra “governo” por “Lula”, atribuindo ao presidente total responsabilidade sobre o suposto fato. Em relação a este último caso, circunda o *print* da notícia uma montagem de Lula com uma expressão facial ameaçadora e um uniforme vermelho, remetendo à temática da “ameaça comunista” representada por governos de esquerda, teoria conspiratória que circula amplamente em grupos conservadores e/ou de extrema direita.

Nas legendas que acompanham esses dois exemplos, comenta-se o texto principal, com questionamentos à conduta do atual governo que “adia” ou “se recusa” a comprar vacinas que poderiam salvar vidas. No primeiro exemplo, questiona-se também a postura dos apoiadores do presidente Lula, cobrando-lhes seu posicionamento.

Por sua vez, a primeira *fake news* apresentada tem como texto de referência um vídeo, no qual uma pessoa comenta a referida matéria publicada pelo jornal *O Globo*. Acompanha o vídeo uma legenda de teor similar ao das legendas anteriores, cobrando da esquerda brasileira um posicionamento sobre o caso noticiado no texto principal.

Por fim, em relação ao estilo, nota-se o uso de estratégias que visam a persuadir o público e mobilizar seus afetos, como é típico das *fake news*. No segundo exemplo, observa-se o uso expressivo das aspas para retomar, de forma irônica, o suposto discurso do governo e de seus apoiadores (“produto nacional” e “ciência”), além do uso da caixa alta para destacar palavras (“PRONTA” e “VIDAS”), que enfatizam a relação de causa e consequência da suposta ação do governo. No último exemplo, o uso da caixa alta é empregado para reforçar a morosidade do governo federal (“EM DOIS ANOS”) em adquirir a vacina, fato que seria agravado pela situação apresentada como contraponto (“o recorde de casos de dengue em 2023”). Já o primeiro exemplo apresenta expressões típicas usadas por opositores do presidente Lula para se referir negativamente a ele (“molusco” e “ladrão”) e a seus apoiadores (“esquerdopatas”). Interessante notar também o uso de números e outros caracteres na grafia de palavras como “€SQU€RD0P4T4S” e “L4dr40”, antecipando ou sugerindo possível censura do conteúdo veiculado<sup>73</sup>. Todos esses recursos concorrem para despertar a indignação contra o fato noticiado e a aversão à figura do presidente Lula.

Em comum às três *fake news*, observa-se a tentativa de atribuir ao presidente Lula a alcunha de “genocida”, termo normalmente usado por grupos de esquerda e/ou opositores de Bolsonaro para referir o ex-presidente, em função de sua atuação durante a pandemia de Covid-19<sup>74</sup>. Na época, contrariando as orientações da comunidade científica, Bolsonaro desrespeitou publicamente os protocolos sanitários, ao incentivar aglomerações e desestimular o uso de máscaras, além de recomendar tratamentos sem comprovação científica (como o uso de cloroquina) e desencorajar a população a se vacinar contra o vírus. Soma-se a isso, a

---

<sup>73</sup> Os mecanismos de verificação controlados por inteligência artificial são programados para detectar determinadas expressões frequentemente usadas em peças de *fake news*, discursos de ódio, *cyberbullying* e outros tipos de conteúdo problemático. O uso de caracteres especiais na grafia das palavras é uma forma de burlar o rastreamento e a ação da IA.

<sup>74</sup> A esse respeito, vale conferir o artigo “A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista” (2021), de Gilberto Grassi Calil. In: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/>. (Acesso em 13/07/2023).

demora do governo, sob a gestão de Bolsonaro, para negociar a compra de vacinas que garantiriam a imunização da população brasileira contra o novo coronavírus<sup>75</sup>.

Nos três exemplos, há uma comparação implícita entre Bolsonaro, que já é chamado de “genocida”, e Lula, que, consoante a proposição feita, também deveria ser denominado dessa maneira, já que estaria agindo de acordo com interesses próprios (priorizar o “produto nacional”) em relação à compra da vacina da dengue, o que poderia custar a vida de brasileiros. Além disso, cobra-se, em dois dos exemplos, coerência dos apoiadores/eleitores do atual presidente (“pessoal que defendia ‘a ciência’” e “esquerdopatas de plantão”), visto que estariam se omitindo (“cadê?”) diante de uma conduta de Lula que seria semelhante à de Bolsonaro.

Assim, o discurso presente nos três exemplos apresentados retoma uma série de discursos desfavoráveis ao ex-presidente Bolsonaro, rebatendo-os, bem como toda uma cadeia de discursos contrários ao presidente Lula e seus apoiadores, ancorando-se explicitamente em vocabulário típico ou em ideias compartilhadas (como a imagem de Lula no último exemplo) pela comunidade discursiva em que circulam. Embora haja uma variação em suas configurações, as três *fake news* concorrem para a construção de uma imagem negativa do atual presidente (e de seus apoiadores), visando despertar a ira e a indignação do público.

Percebe-se, pois, que, apesar das diferenças observáveis em seu modo de composição, é possível encontrar padrões que identificam os textos apresentados como pertencentes a um mesmo gênero: *fake news*. Trata-se de um gênero bastante variado em seus formatos, já que as redes sociais e os aplicativos de mensagem (seu suporte) possibilitam a mescla de diferentes linguagens. No entanto, observam-se regularidades no seu modo de construção, como a presença de elementos que confirmam verossimilhança ao que é narrado (embora falso) e de signos que sugestionem a reação do leitor.

Feitas tais considerações, no próximo capítulo, apresentaremos reflexões e sugestões sobre como abordar o gênero *fake news* nas aulas de Língua Portuguesa.

---

<sup>75</sup> Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas>. (Acesso em 13/07/2023).

## 5 *FAKE NEWS* NA SALA DE AULA: CAMINHOS POSSÍVEIS

As *fake news* são signos, antes de qualquer outra coisa *fake news* são feitas de linguagem, uma constatação que raramente é lembrada, enquanto muita ênfase é colocada na difusão da mentira e nas suas consequências sociais, sem que as suas características semióticas e os modos pelos quais ela é produzida sejam devidamente colocados em relevo.

*Lúcia Santaella*

Este capítulo propõe-se a apresentar cinco sequências de atividades voltadas para o trabalho com as *fake news* nas aulas de Língua Portuguesa. Tendo como apoio teórico a perspectiva do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem, as atividades buscam evidenciar não apenas aspectos formais desses textos/enunciados, mas, sobretudo, aspectos sociocomunicativos determinantes para sua constituição como gênero. Assim, conceitos apresentados nos capítulos anteriores serão retomados, tais como dialogismo, cronotopo, signo ideológico, valoração, forma arquitetônica e forma composicional. Não se trata, entretanto, de ensinar teoricamente na Educação Básica tais conceitos, muito menos de empregar e cobrar o uso de termos técnicos, que devem ser de conhecimento do professor, mas que são desnecessários aos estudantes. O que se pretende é que, no contato e na interação com os textos/enunciados, os alunos possam perceber as relações dialógicas que se manifestam na materialidade textual.

Cumpramos ressaltar que, ao longo das atividades, opera-se uma transposição didática do gênero para o contexto da sala de aula, já que recuperar o contexto original de criação e circulação de tais textos/enunciados na esfera escolar é tarefa impossível. Cabe destacar, em especial, o uso do impresso como suporte, fato que se dá não só pelo fato de as atividades estarem sendo apresentadas no corpo de uma Tese, mas em consideração a possíveis limitações dos próprios professores que, porventura, possam fazer uso destas, já que é fato conhecido que nossas escolas, especialmente as situadas em localidades mais pobres e periféricas, ainda são carentes de recursos para uso dos meios de comunicação digital.

Embora toda transposição de determinado gênero para o contexto escolar acarrete, necessariamente, alterações em sua configuração, buscaremos, na medida do possível, emular aspectos do contexto original das *fake news* apelando para o conhecimento prévio dos alunos,

a partir das interações que já realizam no meio digital. Além disso, sempre que possível, faremos um aceno para o uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, por meio de QR-Codes ou da indicação de aplicativos.

Em relação a tal questão, é importante lembrar que a teoria bakhtiniana evidencia que as relações dialógicas se fazem presentes e se mostram na própria seleção dos recursos linguísticos empregados no texto:

Quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado, e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia sua expressão (ou melhor, a nossa expressão) a cada palavra que escolhemos; por assim dizer, contagia essa palavra com a expressão do conjunto (BAKHTIN, 2011, p. 291-2).

Assim, acreditamos que, especialmente, o exame da seleção lexical dos textos/enunciados pode oferecer subsídios para a análise e compreensão de aspectos de suas relações dialógicas, ainda que retirados de seus contextos originais para fins didáticos.

Cabe destacar ainda que, conforme aponta a teoria bakhtiniana, os enunciados estão sempre em diálogo com enunciados antecedentes e subsequentes e que um gênero não surge do nada de forma espontânea, mas sim no interior de uma esfera comunicativa em diálogo com outros gêneros. A partir disso, nas atividades propostas, não nos atemos à leitura e análise de *fake news*, apresentando também textos/enunciados de outros gêneros do campo jornalístico-midiático, ressaltando relações entre eles. Entre os aspectos a serem destacados, citamos a apropriação de características formais de outros gêneros pelas *fake news*; o viés tendencioso e sensacionalista de alguns veículos de imprensa, do qual elas são herdeiras; as diferenças entre a mentira intencional das *fake news* e a veiculação de informações inverídicas/equivocadas na mídia tradicional; e o surgimento da verificação de fatos (*fact-checking*) como uma resposta a elas.

Creemos ser de suma importância uma abordagem contextualizada das *fake news*, em diálogo com outros gêneros da esfera jornalístico-midiática, não só para evidenciar aproximações e diferenças entre eles, mas, sobretudo, porque estas não são veiculadas isoladamente, em espaços delas exclusivos. Em interações reais que se dão no contexto virtual, as pessoas recebem desinformação em meio a um grande volume de informação. Assim, um dos grandes desafios da educação midiática é justamente aprimorar a nossa capacidade de julgamento e isso só se dá na relação com e entre os diferentes textos/enunciados que circulam no meio digital. Nesse sentido, as *fake news* reforçam cuidados já necessários no trato com os gêneros da mídia tradicional, como a questão do

recorte/enquadramento, o viés da publicação, a combinação entre verbal e não verbal na construção de sentidos, a expressão de juízos de valor etc.

Por fim, convém esclarecer alguns critérios que determinaram a seleção dos textos/enunciados apresentados nas atividades propostas. Em primeiro lugar, estabeleceu-se como direcionamento abarcar os sete tipos de conteúdo desinformativo identificados por Wardle (2017, 2020), já apresentados no capítulo 4. Tal escolha se pautou na premissa de não abordar as *fake news* apenas como um produto acabado, mas de compreender também o seu processo de criação. Nesse sentido, os procedimentos de fabricação de desinformação evidenciados na tipologia proposta por Wardle configuram, a nosso ver, um bom ponto de partida.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Ribeiro (2018) ao tratar dos gêneros jornalísticos, entendemos que o conhecimento sobre o processo de edição (o como fazer) é um saber valioso para nos ajudar a tomar melhores decisões de leitura, de julgamento, de reação. Como destaca a autora, “não existem textos neutros e todos os elementos da edição trazem sentido ao produto” (RIBEIRO, 2018, p. 38). Assim, cabe compreender como tais elementos foram mobilizados para a composição oferecida à leitura.

Em segundo lugar, como professora da Educação Básica, (re)conheço as limitações a que os professores estão submetidos, não só em relação aos recursos disponíveis para a prática docente, mas também à pressão/coerção ideológica que tem afligido nossas escolas. Idealmente, seria importante que as atividades partissem de assuntos em discussão no momento de sua realização, no entanto, certas temáticas, embora típicas das *fake news*, certamente serão alvo de controvérsias, especialmente aquelas que remetam explicitamente à polarização política que atualmente se observa em nosso país e ao redor do mundo.

Considerando tal problemática, na tentativa de oferecer um material que realmente possa se aproveitado/adaptado pelos professores, optamos por selecionar exemplos de *fake news* e de outros gêneros cujo recorte temático, a nosso ver, evitaria certas polêmicas que poderiam atrapalhar a execução das propostas.

Por fim, cabe sinalizar que as propostas aqui oferecidas não são apresentadas como um roteiro fixo e imutável ser seguido pelos(as) professores(as). São apenas sugestões que podem ser adaptadas ou usadas como referência para a elaboração de novos materiais, a depender do público pretendido. Considerando as diretrizes da BNCC, pensamos no 9º ano do Ensino Fundamental como público-alvo das atividades, mas nada impede seu uso ou adaptação para as séries do Ensino Médio.

Feitas tais considerações, apresentamos, nas seções a seguir, as cinco sequências de atividades propostas.

### 5.1 Proposta 1: conexão falsa/*click-bait*/sensacionalismo

A sequência de atividades apresentadas nesta seção tem como objetivo evidenciar para os alunos que, no meio virtual, a divulgação de informação configura um negócio, gerando lucros para quem a produz por meio do fenômeno conhecido como monetização: uma postagem se reverte em dinheiro em função do número de acessos que pode vir a ter.

Tendo isso em vista, uma estratégia comumente empregada por produtores de conteúdo *online* é o chamado *click-bait* (caça-cliques), em que uma chamada imprecisa e/ou uma ilustração, que induzem ao erro, são usadas para chamar a atenção do leitor e estimulá-lo a acessar um *link* para saber mais detalhes. Como apontado no item 4.2., essa também é uma das estratégias empregadas na fabricação de *fake news*, procedimento que tem sido chamado de conexão falsa. Esta ocorre quando manchetes, imagens e legendas não corroboram o conteúdo que realmente está sendo desenvolvido.

Para demonstrar tal dinâmica, propomos como atividade inicial a leitura e a análise da *fake news* abaixo (Figura 36) em comparação com a notícia original (Figura 37), cuja manchete foi utilizada na confecção do conteúdo falso. Sugere-se que, por meio de discussão mediada pelo professor, sejam reveladas as estratégias empregadas para induzir o leitor ao erro e que se evidencie como estas correspondem a um projeto discursivo que visa a uma atitude responsiva específica do interlocutor: o objetivo de criar falsas expectativas que despertem sua curiosidade para que este clique em ou compartilhe determinado *link*. Também cabe demonstrar que, para garantir sua efetividade, tais estratégias são elaboradas com base em experiências discursivas prévias do leitor, relacionadas ao funcionamento da esfera jornalística-midiática.

- **Primeiro passo: apresentar a postagem abaixo (sem identificá-la como *fake news*) e iniciar a discussão a partir dela.**

Figura 36 – Exemplo de *fake news* construída a partir de conexão falsa



Fonte: Portal *G1*, 2016.

Encaminhamento sugerido:

- 1) Perguntar aos alunos, sem mencionar que se trata de uma *fake news*, que fato esperam ver desenvolvido na notícia compartilhada a partir da postagem.

*Resposta esperada: O falecimento do dançarino Jacaré.*

- Segundo passo: apresentar a notícia de onde a manchete foi extraída e analisá-la em comparação com a *fake news*.

Figura 37 – Notícia original usada como base para composição de conexão falsa

09/01/2015 09h42 - Atualizado em 09/01/2015 09h42

## Jacaré é encontrado morto na SC-401, em Florianópolis

Segundo polícia, tudo indica que animal foi atropelado na rodovia. Presença desse tipo de réptil é comum na região, principalmente em Jurerê.

Do G1 SC

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Um jacaré foi encontrado morto no acostamento da SC-401, em **Florianópolis**, na manhã desta sexta-feira (9). Segundo a Polícia Militar Rodoviária (PMRv), tudo indica que ele tenha sido atropelado. A presença desse tipo de animal é comum na região, informaram os agentes.

Os policiais foram avisados por volta das 7h30 sobre a presença do jacaré. Ele estava no acostamento no sentido praias perto do km 9,500, localizado próximo ao posto da PMRv. O animal, de cerca de 1,5 metro, tinha machucados na cabeça.

Após verificarem a situação do réptil, os policiais acionaram o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICM Bio), que fará o recolhimento do corpo do animal.

De acordo com a PMRv, a presença de jacarés é comum na região, principalmente na SC-402, estrada que vai para Jurerê. Os atropelamentos, porém, não são comuns. O desta sexta foi primeiro em pelo menos dois anos.

Jacarés são comuns na região (Foto: Naim Campos/RBS TV)

Fonte: G1, 2015.

Perguntas sugeridas:

- 1) Que fato é realmente desenvolvido na notícia do *site G1* referenciada pela postagem?

*Resposta esperada: O atropelamento de um jacaré (animal), que resultou em sua morte.*

- 2) Comparando o título e o desenvolvimento apresentados no texto da notícia, pode-se afirmar que o título original apresenta uma informação falsa?

*Resposta esperada: Não, pois todos os elementos que compõem a notícia original (inclusive a imagem) remetem ao animal e não há nada que sugira qualquer relação com o artista.*

- 3) Que elementos presentes na postagem fazem com que o leitor crie falsas expectativas em relação à notícia?

*Resposta esperada: É importante que o professor faça a mediação para que os alunos não apontem só a foto do artista elemento determinante. Não foi escolhida uma notícia qualquer para compor a fake news, mas uma que tinha como título a palavra “Jacaré” no início da frase e que, conseqüentemente, sai grafada com letra inicial maiúscula, podendo ser confundida com o nome próprio que identifica o artista em questão.*

- 4) Por que o tema sugerido pela postagem (não o tema da notícia original) teria sido escolhido na produção de conteúdo falso?

*Resposta esperada: Resgatando as experiências comunicativas prévias dos alunos, mediar o debate para mostrar que, culturalmente em nosso meio social, a morte de personalidades é um tema que gera comoção pública e costuma ser amplamente noticiado em veículos de imprensa. Assim, “morte de artista” é um mote típico de notícias falsas, pois naturalmente mexe com os afetos do leitor e é um tema que ele esperaria ver no noticiário.*

- 5) Como leitor, como você reagiria ou que o faria, ao ler uma notícia como essa sobre um artista de sua preferência, sem perceber que se trata de uma notícia falsa (*fake news*)?

*Resposta esperada: Provavelmente ficaria chocado, impactado e comentaria/espalharia para outras pessoas de seu convívio que conhecem/apreciam o trabalho do artista.*

- 6) Que tipo de ganho/satisfação, você acha que uma pessoa teria ao deliberadamente criar uma publicação como essas?

*Resposta esperada: Provavelmente se divertir ao pregar uma peça nas pessoas (a “zoeira” típica da internet). Caso só essa resposta apareça e os alunos não saibam o*

*que é monetização, ponderar que o número de compartilhamentos também pode gerar ganho financeiro ao produtor da fake news.*

A partir da discussão realizada, cabe destacar para os alunos que a recepção de uma notícia não pode se limitar à leitura da manchete, especialmente se esta apresentar um tema ou um recorte temático passível de comoção ou polêmica. Assim, o ideal é fazer a leitura integral do texto e/ou checar em outras fontes, antes de aceitar uma informação como verdadeira e compartilhá-la com outras pessoas.

- **Atividade complementar sugerida: apresentar outros exemplos de *click-bait* e sugerir a criação de manchetes mais precisas.**

Abaixo, apresentamos alguns exemplos de chamadas *click-bait*. Para tornar a atividade mais próxima das interações feitas no meio digital, foram colocados QR-Codes que direcionam para as notícias completas. Sugere-se que os alunos cotejem as chamadas apresentadas nas postagens com os textos completos das notícias, identificando dubiedades na construção das manchetes que podem induzir o leitor ao erro e propondo alternativas de reescritura que tornem as informações mais precisas. Também seria interessante que os alunos comparassem os novos títulos com as manchetes originais, de forma a evidenciar que o tom apelativo do *click-bait* não se mantém quando a manchete é construída de forma mais objetiva e precisa. Por fim, seria interessante que os alunos observassem, pelos exemplos apresentados, que esse tipo de estratégia é bem comum em notícias que lidam com assuntos relacionados à indústria do entretenimento.

Figura 38 – Exemplo de *click-bait* para análise (Atriz magoada com a Globo)



Fonte: Facebook, 2023.

Na postagem, a foto de Malu Mader induz o leitor a concluir que ela é a atriz citada na manchete. Na verdade, a notícia versa sobre a atriz e dubladora Mônica Rossi, que fazia a voz da personagem Cuca na série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*. A mágoa à qual o título se refere se deve ao fato de a artista nunca ter sido escalada para representar a personagem que dublava em sua forma humana, papel dado a personalidades mais famosas, como Malu Mader e Angélica. Uma sugestão de manchete mais precisa seria: “Dubladora da Cuca lamenta nunca ter sido escalada para atuar como a personagem”.

Figura 39 – Exemplo de *click-bait* para análise (Acidente de Pablo Vittar)



Fonte: Twitter, 2019.

O título qualifica explicitamente o acidente sofrido por Pablio Vittar como “grave” e sugestiona o leitor a pensar em uma amputação permanente (“perde parte do corpo”), quando, na verdade, se trata apenas de uma unha do pé quebrada. A imagem selecionada para ilustrar a chamada corrobora a ideia de gravidade do fato, ao mostrar a artista visivelmente abalada. Apesar de a postagem ter sido mantida nas redes sociais, o *link* para a matéria original não funciona mais, no entanto o texto completo permanece disponível na página direcionada pelo QR-Code. Uma sugestão de manchete mais precisa seria: “Pablio Vittar se acidenta em festa e tem unha de dedo do pé arrancada”.

Figura 40 – Exemplo de *click-bait* para análise (*Remake de Jurassic Park*)



Fonte: Facebook, 2023.

Considerando que vários filmes antigos, considerados clássicos do cinema, vêm ganhando refilmagens mais modernas (o que, muitas vezes, gera críticas e irritação entre cinéfilos), o título da manchete induz o leitor a pensar que o sucesso de bilheteria *Jurassic Park* será refilmado com novos atores. A notícia, entretanto, mostra que o filme apenas será adaptado para o público infantil em uma animação em Lego. Uma sugestão de manchete mais precisa seria: “Jurassic Park ganhará versão em Lego”.

Figura 41 – Exemplo de *click-bait* para análise (Johnny Depp inconsciente)



Fonte: *Tik Tok*, 2023.

Da forma como foi publicada, a manchete induz o leitor a achar que há gravidade no quadro de saúde do ator Johnny Depp, já que foi encontrado “inconsciente” e os *shows* de sua banda foram cancelados, sugerindo uma relação clara entre os dois eventos. Além disso, o uso do tempo presente (o que é um traço estilístico típico na construção de uma manchete) sugere que o artista ainda esteja em uma situação preocupante. No entanto, quando a notícia foi publicada, ele já havia se recuperado. Em nota oficial, a banda esclareceu que um dos cancelamentos se deu por questões de segurança do local (ou seja, sem nenhuma relação com o estado de saúde de Depp) e que todos os integrantes estavam “seguros e saudáveis”. Como opção mais precisa de manchete, sugere-se: “Banda divulga nota para tranquilizar fãs após cancelamento de *shows*” ou “Johnny Depp se recupera após desmaio e cancelamento de *shows*”.

- **Atividade complementar sugerida: mostrar a familiaridade entre o *click-bait* e a abordagem sensacionalista já presente no jornalismo impresso.**

Abaixo, apresentamos duas capas de jornais conhecidos por apresentarem uma abordagem sensacionalista. Sugere-se comparar as manchetes principais das duas capas com as manchetes *click-bait*, evidenciando semelhanças no estilo da composição (a dubiedade, o tom apelativo) e nos propósitos comunicativos (criar falsas expectativas para gerar

determinada resposta no leitor: comprar o jornal ou clicar em um *link*). A atividade se torna uma oportunidade para apresentar aos alunos ou acionar seus conhecimentos prévios a respeito do viés sensacionalista que já existe em alguns veículos de imprensa. Trata-se de uma abordagem caracterizada pelo exagero, pelo apelo emocional, pela imprecisão, pelo conteúdo tendencioso, para chamar atenção e conquistar a audiência do público. Também é um contexto oportuno para mostrar como práticas discursivas típicas do mundo contemporâneo (como o *click-bait*) não surgem do nada, mas tomam como base formas de comunicar preexistentes.

Figura 42 – Chamada sensacionalista (“Mulher dá à luz uma tartaruga”)



Fonte: Ahnegão, 2017.

A manchete “Mulher dá à luz uma tartaruga” chama atenção e gera curiosidade no leitor por apresentar uma informação inusitada, absurda, que foge às expectativas do mundo que conhecemos. Lendo atentamente os subtítulos que a acompanham, vemos que se trata de uma espécie de metáfora, na qual uma criança que nasceu com deformidades é equiparada a uma “tartaruga” (e também a um “cachorro”). Assim, a notícia, na realidade, trata do nascimento de um bebê cuja aparência atípica causou espanto e curiosidade entre a população (“romarias para ver a criança-monstro”).

Como se trata de uma publicação dos anos 70, para além da semelhança composicional com a manchete *click-bait*, caberia, nesse caso, destacar a questão da seleção vocabular. O juízo de valor depreciativo em relação à criança com deficiência, evidenciado pelo uso dos termos “tartaruga”, “patas de cachorro” e “criança-monstro”, reflete o tempo e o lugar (cronotopo) de publicação da notícia, momento em que nosso país ainda carecia

grandemente de políticas voltadas para o cuidado com as pessoas com deficiência. Embora ainda hoje estas sejam vítimas de preconceito, as mudanças sociais ocorridas de lá para cá fazem com que uma manchete assim não seja mais possível no Brasil de hoje (pelo menos, não sem consequências bastante negativas para seus criadores). Assim, a partir da manchete selecionada, pode-se evidenciar a maleabilidade dos gêneros, uma vez que, em função de transformações ocorridas em nossa sociedade, certos recortes temáticos (posicionamentos) que o viés sensacionalista permitia aos gêneros jornalísticos não são mais aceitáveis.

Figura 43 – Chamada sensacionalista (“Luan Santana morto a tiros”)



Fonte: *iBahia*, 2011.

Nesse segundo exemplo, a manchete “Luan Santana morto a tiros”, à semelhança da *fake news* construída a partir de uma falsa conexão, induz o leitor a pensar que o cantor de música sertaneja Luan Santana faleceu, vítima de assassinato. No entanto, como o subtítulo esclarece, trata-se, na verdade, de um xará do cantor. Além do alarde provocado pela sugestão da morte de um artista famoso, o viés sensacionalista também se evidencia pelo humor macabro. Embora tenha como tema principal um assassinato, a seleção vocabular dá à manchete um tom de deboche, evidenciado, principalmente, pelo uso da expressão “meteo de balas” em alusão à canção “Meteoro da paixão”, sucesso do cantor Luan Santana.

Assim, a capa de jornal selecionada também pode ser uma oportunidade para tratar das diferentes abordagens que ocorrem nos veículos de imprensa, de acordo com seus propósitos

comunicativos, público-alvo, recorte temático etc. Por exemplo, acionando o conhecimento prévio dos alunos, seria possível propor como questionamento se a manchete acima poderia figurar na capa de outros jornais conhecidos, como *O Globo* ou *Folha de S. Paulo*, por exemplo.

## 5.2 Proposta 2: Sátira ou paródia/ “barriga”/forma composicional

O objetivo desta sequência de atividades é evidenciar que, além do perigo das *fake news*, há que se ter cuidado e atenção, inclusive, com informações difundidas pela imprensa tradicional. Como exposto no item 4.2, uma das estratégias empregadas na fabricação de *fake news* é o uso de sátiras ou paródias jornalísticas (que, muitas vezes, circulam em grandes veículos de comunicação), as quais são deslocadas de seu contexto original e divulgadas como se fossem verdade. Soma-se ao uso intencional de paródias e sátiras na composição de *fake news*, o compartilhamento inadvertido desse tipo de conteúdo por leitores que têm dificuldades de entender sua finalidade e acabam tomando as informações apresentadas como verdadeiras. Assim, cremos ser importante apresentar e explicar aos alunos o que são a sátira e a paródia para que possam mais facilmente identificá-las e compreender seus propósitos comunicativos.

É importante também esclarecer aos estudantes que a imprensa tradicional não está isenta de cometer erros e de divulgar informações distorcidas ou equivocadas. Imprecisões e deslizos da imprensa tradicional podem, inclusive, ser apropriados na composição de *fakes news*, como demonstrado no exemplo analisado no tópico 4.3.4 (Figura 35). Cabe, entretanto, diferenciar a divulgação de uma informação equivocada por veículos da mídia tradicional – a chamada “barriga”, no jargão jornalístico – da divulgação intencional de conteúdo falso e tendencioso operada na fabricação de *fake news*.

- **Primeira atividade: exibir e analisar uma paródia jornalística.**

Figura 44 – Exemplo de sátira de telejornal



Fonte: YouTube, 2016.

Encaminhamento sugerido:

- 1) Solicitar aos alunos que assistam ao vídeo com atenção e identifiquem elementos de sua composição que sejam característicos do telejornalismo.

*Resposta esperada: Espera-se que os alunos sejam capazes de reconhecer elementos típicos do telejornalismo, tais como: apresentadores sentados atrás de uma bancada, a imagem da redação do jornal ao fundo, a exibição do logo do suposto jornal (JS), uma jornalista com um microfone na mão (que estampa o logo do jornal) reportando a notícia em local relacionado ao fato, as legendas que identificam a jornalista e a criminoso entrevistada, a simulação virtual do fato, a entrevista com a suposta criminoso, a fala de especialistas etc.*

- 2) Perguntar, se a partir dos elementos identificados, esse vídeo pode ser identificado como uma legítima produção telejornalística.

*Resposta esperada: Espera-se que os alunos sejam capazes de perceber que, apesar dos elementos típicos do telejornal, há outros que deixam claro que não se trata de um telejornal real, como a marca d'água "Humor Multishow", o título do vídeo ("Mãe na prisão – Sensacionalista – Humor Multishow") e o nome do jornal ("Sensacionalista", que certamente não seria escolhido por um veículo de imprensa sério). Além disso, há elementos que evidenciam que o próprio fato*

*noticiado não é real, como o ato inusitado e a reação da suposta criminosa diante de sua prisão, o comentário exagerado da suposta especialista etc.*

- 3) Sondar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero a que o vídeo em questão estaria vinculado.

*Resposta esperada: Provavelmente os alunos não saberiam nomeá-lo como uma desnotícia (paródia/sátira de notícia), mas talvez consigam reconhecer (até pelo nome do suposto telejornal) sua familiaridade com portais de humor, como o Sensacionalista.*

A partir das discussões e contribuições trazidas pelos alunos, recomenda-se explicar aos alunos o que são a paródia (um recurso de intertextualidade que toma como referência a estrutura de uma obra para produzir outra) e a sátira (um recurso literário que tem a finalidade ridicularizar/criticar pessoas, instituições, hábitos, costumes, padrões morais etc.). Seria importante também demonstrar como estes mecanismos são empregados na construção do gênero desnotícia<sup>76</sup>, tomando como exemplo o vídeo apresentado, em que elementos do telejornalismo são parodiados e há uma clara sátira sobre a condição da mulher em nossa sociedade.

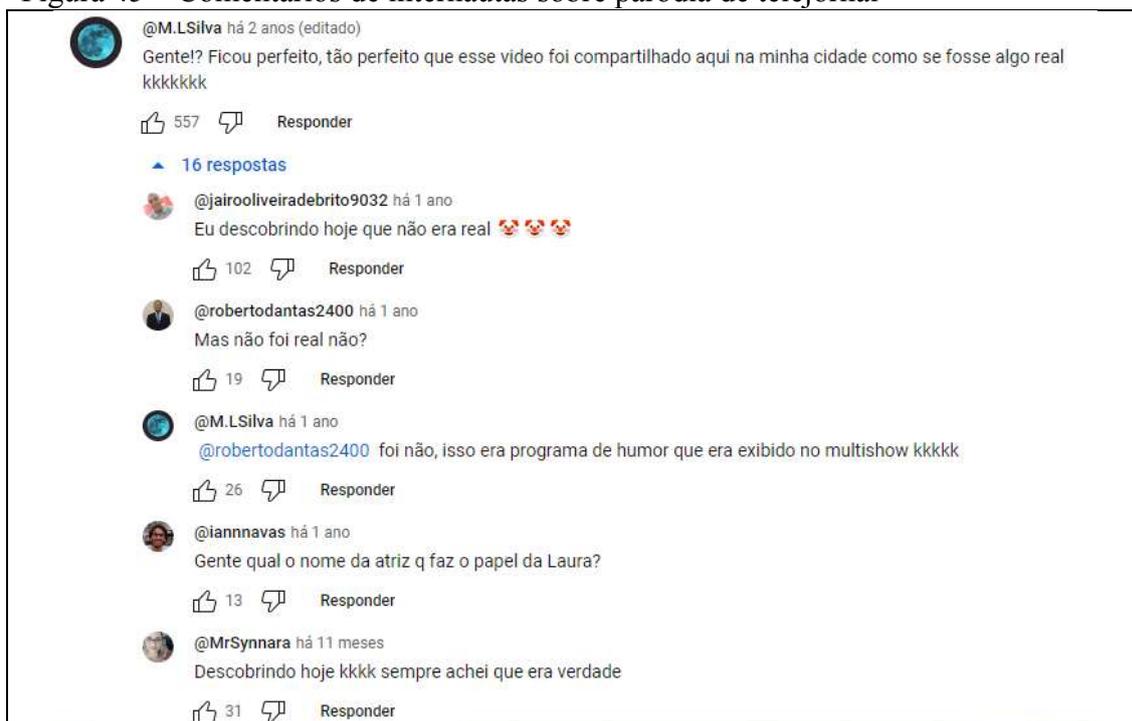
É importante evidenciar durante a discussão sobre o assunto que, apesar do tom cômico e do exagero típicos da desnotícia, não é raro que interlocutores desavisados não percebam sua finalidade humorística ou a crítica apresentada e tomem o conteúdo como verdadeiro. Os comentários da postagem em que se encontra o vídeo em questão (Figura 45) mostram que, ao menos em um primeiro momento, muitos espectadores chegaram a acreditar realmente no suposto fato noticiado<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Para entender melhor a desnotícia como gênero discursivo, recomenda-se leitura da dissertação de mestrado de Figueira (2019).

<sup>77</sup> É importante destacar que o mesmo vídeo aparece em outras postagens do *YouTube* sem marca d'água ou título que deixe claro se tratar de uma peça de humor. Além disso, o vídeo também circulou em aplicativos de mensagem instantânea nas mesmas condições.

Figura 45 – Comentários de internautas sobre paródia de telejornal



Fonte: YouTube, 2016.

- **Segunda atividade: apresentar uma paródia de *fake news*, evidenciando elementos típicos de sua forma composicional**

Nessa atividade, a proposta é mostrar que existem certos elementos formais típicos da composição de *fake news*. Embora o levantamento de atributos composicionais por si só não seja suficiente para identificar e caracterizar um gênero, a atividade serve como uma demonstração da relativa estabilidade que há na configuração das *fake news*, tanto é assim que o autor do texto abaixo (Imagem 46) conseguiu realizar uma paródia em que elementos destas são reconhecíveis e “criar” um novo gênero: a *fake fake news*.

A partir disso, a atividade proposta se volta para a análise da paródia em cotejo com *fake news* de temática similar que circularam na internet. Pretende-se, a partir disso, evidenciar regularidades formais que ajudem na identificação de *fake news* em potencial.

Figura 46 – Fake fake news



Fonte: Facebook, 2020.

Perguntas sugeridas para discussão:

- 1) O autor do texto apresentado acima tipificou a parte inicial de seu texto como uma “fake fake news”. Considerando a intenção do autor (explicitamente expressa no texto), em que sua fake fake news se diferencia de uma fake news?

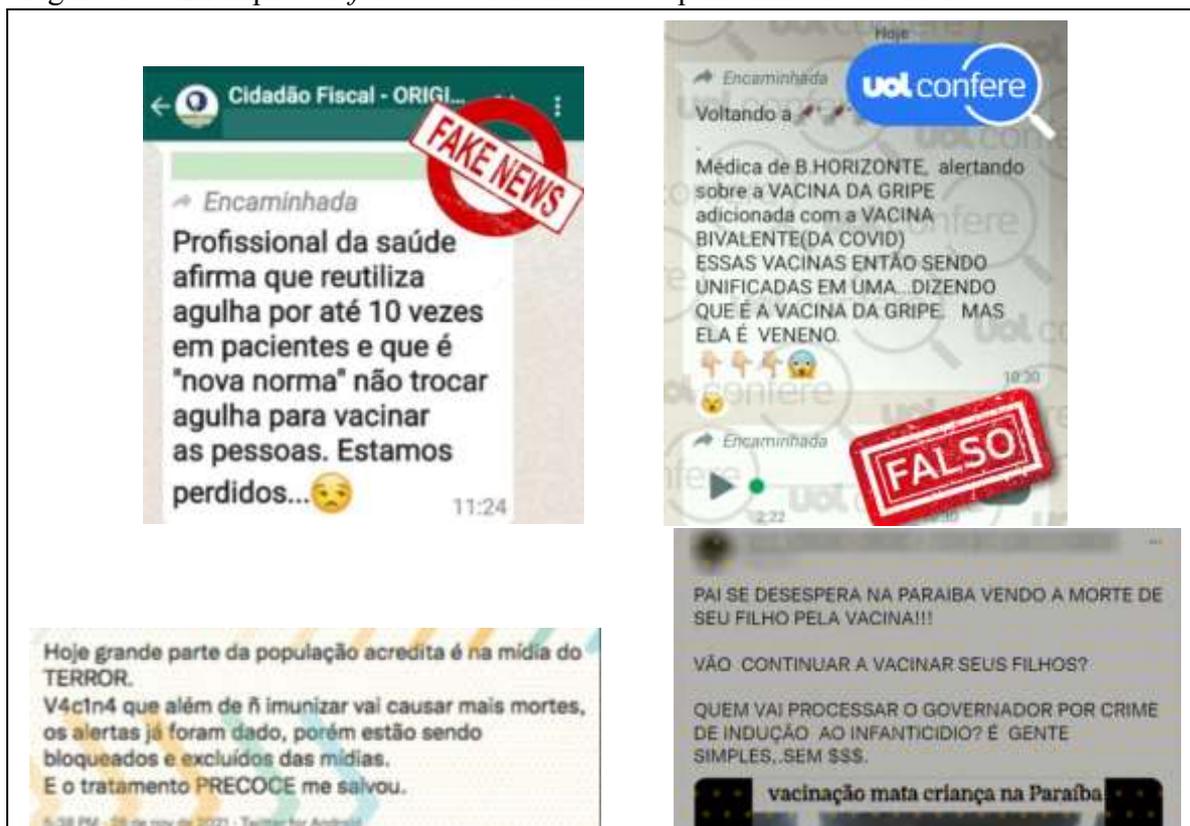
*Resposta esperada: Espera-se que o aluno perceba que o projeto do autor é divulgar informações verdadeiras, de acordo com os resultados das pesquisas realizadas pela comunidade científica; ao contrário das fake news, que deliberadamente apresentam conteúdo inverídico. A partir disso, o professor pode frisar que é característico do discurso das fake news colocar em descrédito o trabalho da comunidade científica.*

- 2) Embora não seja uma fake news, o texto claramente toma como base características típicas de seu estilo, forma e conteúdo. Que características desse tipo você reconhece no texto? (Para facilitar, o professor pode pedir para que o aluno compare o texto com fake news sobre o mesmo tema, com as que se encontram abaixo).

*Resposta esperada: O uso da caixa alta ao longo de todo texto, a utilização recorrente de emojis, erros ortográficos e/ou gramaticais (“descobrio”), a*

referência a uma suposta autoridade que seria a fonte da informação feita de forma vaga (“um cientista americano” – notar, nesse caso, até o tom propositalmente jocoso do nome) e tom alarmista (“a farsa acabou”). No último caso, pode-se até ressaltar que a “farsa” e outras do mesmo campo semântico (“fraude”, “golpe”, “cilada” etc.) são recorrentes em fake news.

Figura 47 – Exemplos de *fake news* relacionadas à pandemia de Covid-19



Fonte: GI, 2021/ Uol Confere, 2023/ Aos Fatos, 2021 e 2022.

- 3) Com que objetivo o autor se apropria do formato típico das *fake news* para apresentar sua mensagem?

*Resposta esperada: Conduzir a discussão de acordo com as expectativas do leitor típico de fake news: provavelmente, o autor se baseia no fato de que os leitores acreditam mais facilmente em fatos noticiados em tom alarmista, ainda que sua veracidade seja questionável.*

Para complementar a atividade, após a leitura e a discussão dos textos, recomenda-se apresentar a “anatomia das *fake news*”, elaborada em material educativo criado pelos grupos de divulgação científica *Vidya Academics* e *Pretty Much Science* (SYED, W. et al., 2020).



- **Terceira atividade:** apresentar a coletânea de textos abaixo com o roteiro de leitura sugerido (recomenda-se dividir os alunos em grupos).

A próxima atividade sugerida tem como objetivo evidenciar como paródias e sátiras podem não ser compreendidas como tal por seus receptores, induzindo-os ao erro. O exemplo aqui apresentado mostra que até mesmo veículos especializados de imprensa podem cometer equívocos e tomar como verdade uma desnotícia, como ocorreu com a revista *Veja*, em uma edição publicada em 1983.

Além disso, propõe-se demonstrar que a imprensa tradicional não está isenta de falhas e pode divulgar, eventualmente, conteúdo inverídico. No entanto, não se deve confundir o erro de veículos da grande mídia (a chamada “barriga”, no jargão jornalístico) com a mentira intencionalmente fabricada das *fake news*.

Para tal, sugere-se a leitura da coletânea de textos abaixo, que demonstram o erro cometido pela revista *Veja* e sua repercussão até os dias de hoje. Recomenda-se dividir os alunos em grupos menores para que leiam os textos e os analisem a partir do roteiro de leitura sugerido. Posteriormente, propõe-se a realização de um debate a fim de que os grupos possam compartilhar suas impressões e conclusões e o professor possa ajudá-los a sistematizá-las.

Figura 49 – Reportagem da revista *Veja* sobre o “boimate”

**A produção do "boimate"**

uma polpa muito mais nutritiva. Os "boimats" têm 50% de proteína vegetal e 50% de proteína animal. No todo, seu valor proteico é quatro vezes maior que o dos tomates comuns.

"Esses tomates híbridos têm um futuro promissor na alimentação de pessoas e animais", diz MacDonald. "Basta produzi-los comercialmente a custos baixos." Isso ainda não é possível.

A experiência dos pesquisadores alemães, porém, permite sonhar com um tomateiro do qual já se colha algo parecido com um filé ao molho de tomate. E abre uma nova fronteira científica. "Os biólogos alemães conseguiram alterar o curso da lei natural, que impede a reprodução de indivíduos de espécies diferentes", diz Ricardo Brito, engenheiro genético da Universidade de São Paulo. "Essa subversão é estimulante para todo pesquisador."

Para chegar ao seu tomate especial, os dois cientistas valeram-se de uma nova técnica de fusão de células de células que utiliza choques elétricos e calor. Algumas células de tecidos de um tomateiro e de um boi foram imersas em um líquido gelatinoso onde, através de um eletrodo, receberam choques elétricos intermitentes que duram apenas 4 bilionésimos de segundo cada um. Esses choques rasgam as membranas externas e dos núcleos celulares — sem, contudo, matar a célula — permitindo que eles se fundam mais tarde, depois de colocados num forno a 40°C centrifugados. Em seguida, as estruturas celulares resultantes da fusão, os híbridos, são submergidas em um caldo nutritivo. Finalmente, os híbridos boimats se transformam em mudas de tomateiro modificadas e prontas para gerar um fruto que jamais existiu antes.

**Lições na caverna**

**Surge uma nova tese sobre as pinturas rupestres**

Novas que levaram povos primitivos a pintar figuras de bisões, veados, cavalos e homens nas paredes das cavernas que habitavam, o antropólogo americano John Edward Pfeiffer, de 68 anos, contraria a tese universalmente aceita de que tais pinturas cumpriam somente a função mágica de trazer sorte aos homens nas caçadas. "As pinturas eram na realidade enciclopédias tribais de sobrevivência", sustenta Pfeiffer em seu mais recente livro publicado, o décimo segundo, *The Creative Explosion* (A Explosão Criativa).

Para chegar a sua surpreendente conclusão, Pfeiffer visitou as cavernas de Altamira, na Espanha, e de Lascaux, na França, onde se encontram os mais impressionantes exemplos de arte rupestre dos Cro-Magnons, povo que habitou a Europa há 20.000 anos. Em seguida estudou a vida dos aborígenes australianos que ainda hoje pintam sobre rochas paisagens do deserto, nas quais se salientam os rastos poços de água existentes na região que habitam. Pfeiffer notou que os indígenas promovem ritos cruéis em que as crianças, proporcionalmente mais e famintas, são levadas à noite aos pais pintados na rocha, que podem ver sob a luz de arcos-íris. "As crianças nunca mais se esquecer dos poços marcados na pintura", diz Pfeiffer. Além de certa semelhança entre as pinturas Cro-Magnons e australianas, o cientista descobriu que, também na Europa, os principais espectadores dessas obras eram crianças — entre as pegadas que achou fossilizadas nevem locais, a maioria era de crianças Cro-Magnons.

**Fruto da carne**

**Engenharia genética funde animal e vegetal**

Familiarizados com as delicadas estruturas das células, os cientistas que trabalham com engenharia genética conseguem há quatro anos produzir microrganismos híbridos, originários de dois ou mais tipos distintos de células. O processo só funcionava, porém, para unir células de animais entre si ou de vegetais com outras células vegetais. Agora, num notável avanço da biologia molecular, dois biólogos da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, fundaram pela primeira vez células animais com células vegetais — as de um tomateiro com as de um boi. Deus certo. Barry MacDonald e William Wimpey, que fizeram a experiência, obtiveram como resultado um tomateiro capaz de produzir frutos parecidos com tomates nas décadas de vida, mas mais resistente e de

**Quando você quiser encontrar esta marca, procure estes endereços**

**O Boticário**  
produtos naturais

**Pinturas em Lascaux: arquivo tribal**

VEJA, 27 DE ABRIL, 1983

Fonte: *Virgula*, 2015.

Quadro 8 – Transcrição do texto da reportagem do “boimate”

**Fruto da carne**  
*Engenharia genética funde animal e vegetal*

Familiarizados com as delicadas estruturas das células, os cientistas que trabalham com engenharia genética conseguem há quatro anos produzir microorganismos híbridos, originários de dois ou mais tipos distintos de células. O processo só funcionava, porém, para unir células de animais entre si ou de vegetais com outras células vegetais. Agora, num ousado avanço da biologia molecular, dois biólogos da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, fundiram pela primeira vez células animais com células vegetais - as de um tomateiro com as de um boi. Deu certo. Barry MacDonald e William Wimpey, que fizeram a experiência, obtiveram como resultado um tomateiro capaz de produzir frutos parecidos com tomates mas dotados de uma casca mais resistente e de uma polpa muito mais nutritiva. Os "boimates" têm 50% de proteína vegetal e 50% de proteína animal. No todo, seu valor protéico é quarenta vezes maior que o dos tomates comuns.

"Esses tomates híbridos têm um futuro promissor na alimentação de pessoas e animais", diz MacDonald. "Basta produzi-los comercialmente a custos baixos." Isso ainda é possível. A experiência dos pesquisadores alemães, porém, permite sonhar com um tomateiro do qual já se colha algo parecido com um filé ao molho de tomate. E abre uma nova fronteira científica. "Os biólogos alemães conseguiram alterar o curso da lei natural, que impede a reprodução de indivíduos de espécies diferentes", diz Ricardo Brentane, engenheiro genético da Universidade de São Paulo. "Essa subversão é estimulante para todo pesquisador."

Para chegar ao seu tomate especial, os dois cientistas valeram-se de uma nova técnica de fusão de núcleos de células que utiliza choques elétricos e calor. Algumas células de tecidos de um tomateiro e de um boi foram imersas em um líquido gorduroso onde, através de um eletrodo, receberam choques elétricos intermitentes que duram apenas 1 bilionésimo de segundo cada um. Esses choques rasgam as membranas externas e dos núcleos celulares - sem, contudo, matar a célula - permitindo que eles se fundam mais tarde, depois de colocados num forno a 40° centígrados. Em seguida, as estruturas celulares resultantes da fusão, os hibridomas, são submergidas em um caldo nutritivo. Finalmente, os hibridomas brotam e se transformam em mudas de tomateiro modificadas e prontas para gerar um fruto que jamais existiu antes.

Fonte: Veja, 1983.

Figura 50 – Retratação da revista *Veja* sobre o caso do “boimate”

■ Na sua edição de 27 de abril de 1983, VEJA publicou uma notícia na qual revelava que cientistas europeus haviam conseguido cruzar células de boi com outras, de tomate, criando uma substância que denominou de “boimate”. A revista, que tirara as informações da publicação inglesa *New Scientist*, caiu numa brincadeira de 1.º de abril, época na qual a imprensa da Grã-Bretanha, por tradição, sempre inclui entre seus artigos uma ingênua mentira.

Fonte: Migalhas, 2013.

Figura 51 – Sátira publicada pela *New Science* como brincadeira de 1º de abril<sup>79</sup>

**Scientists make the first plant–animal hybrid**

**S**CIENTISTS have become so familiar with the fine structure of living cells, that their manipulation and culture now appear commonplace. Intact chromosomes can be lifted out of cells for genetic studies; plant protoplasts (cells devoid of their cell walls) can be persuaded to grow into whole plants and much has been learned of plant metabolism by grafting experiments—for example the grafting of tomato tops to potato tubers demonstrated the energy storing capacity of tubers, although the “hybrid” was of little practical value hybrids of potato and tomato cells have also been grown.

But perhaps the most exciting development has been in the sophistication of techniques used to create novel hybrid cells from two or more different cell types. One example of this has been the production of specific antibodies (monoclonals) made by fusing tumour cells and lymphocytes.

Now Barry MacDonald and William Wimpey of the Department of Biology at the University of Hamburg, have taken this research to its logical conclusion. Reporting in *The Phylogist* (1983, vol 1, p 4) they describe their success in creating the first hybrid from a plant and animal cell.

Cell fusion techniques such as those used in making monoclonal antibodies for example, have always relied on polyethylene glycol to fuse cell membranes together. The German researchers however, owe their bizarre achievement to a novel technique in which the cells are hybridised by a “heat-shock” process.



Placing an electrode into the culture medium and delivering an extremely short burst of current (a matter of nanoseconds) they found that the two different cell types fused together in pairs. (If the electrodes were immersed in the solution long enough, a stable temperature of over 200°C would be reached). The medium contains a high concentration of long chain polyunsaturated fats, similar to those found in some natural vegetable products. Cell pairs were removed, placed on nutrient agar and incubated in a warm (40°C) oven. By experimenting with the duration of incubation they found that fusion occurred after only a few hours, and that viable hybrids could be grown in a liquid culture medium containing glucose, monosodium glutamate, a mixture of vitamins, sodium chloride and extracts of *Raphanus brassica* (common mustard).

Using these techniques MacDonald and Wimpey have fused cells of *Lycopersicon esculentum* with cells of *Bos taurus*. The resulting hybrid grows like its tomato parent but develops a tough leathery skin. Field trials have shown that the mature “plant” has an otherwise normal foliage, although its flowers are pollinated only by horseflies. After fertilisation though, the flowers develop extraordinary clumps of disc-shaped bodies—microscopic examination shows that these bodies are a true hybrid of animal protein sandwiched between a thin envelope of tomato fruit.

Attempts are now being made by the authors to cross these hybrids with wheat cells, hopefully to produce a wheat-tomato-cow “superhybrid”. Whether or not the fruits of such a hybrid could be commercially exploited is not yet clear, however MacDonald and Wimpey feel that they are on to something very exciting.

With the soaring costs of producing meat and feedstuffs for cattle, the animal-plant hybrids may well have a promising future. It would be foolish to dismiss this remarkable innovation out of hand. □

Fonte: *Migalhas*, 2013.

Figura 52 – Reportagem 1 sobre o caso do “boimate”

**Barriga**

**Dia da mentira: Relembre a brincadeira de 1º de abril do "boimate"**

*Em 1983, a revista Veja reproduziu uma reportagem inverídica publicada pela revista New Scientist sobre um fruto resultante da fusão de células de boi com tomate.*

Da Redação  
segunda-feira, 1 de abril de 2013  
Atualizado às 10:44

Compartilhar        [Comentar](#) [Siga-nos no Google News](#) **A - A +**

Quem nunca caiu em uma “pegadinha” no dia 1º de abril? Até a *Veja* já. Na edição 764, de 27 de abril de 1983, a revista publicou a matéria “Fruto da carne”, divulgando a “descoberta” de dois biólogos da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, os quais teriam fundido células de um boi com as de um tomateiro, produzindo o “boimate”. Acontece que o fruto híbrido não passava de uma brincadeira do dia da mentira da revista inglesa *New Scientist*.

*“A experiência dos pesquisadores alemães permite sonhar com um tomateiro do qual já se colha algo parecido com um file ao molho de tomate”, escreveu o jornalista responsável pela “barriga jornalística”.*



Quase um ano depois do erro, em 11/4/84, a *Veja* divulgou uma errata com os dizeres: “na sua edição de 27 de abril de 1983, *Veja* publicou uma notícia na qual revelava que cientistas europeus haviam conseguido cruzar células de boi com outras, de tomate, criando uma substância que denominou de ‘boimate’. A revista que tirara as informações da publicação inglesa *New Scientist*, caiu numa brincadeira de 1º de abril, época na qual a imprensa da Grã-Bretanha, por tradição, sempre inclui entre seus artigos uma ingénua mentira”.

Fonte: *Migalhas*, 2013.

<sup>79</sup> Embora os alunos possam não ter proficiência suficiente em língua inglesa para ler e compreender o texto em sua totalidade, acreditamos ser interessante mostrar como a própria ilustração que faz parte da composição da desnotícia já funciona como indicativo de seu tom cômico.

Figura 53 – Reportagem 2 sobre o caso do “boimate”

REVISTA DO BRASIL, REVISTA DO BRASIL - EDIÇÃO 09

MÍDIA

## Espetáculo e informáculu

Assuntos ligados a ciência e saúde são prato cheio para quem trata informação como espetáculo. A boa ciência, porém, desaconselha essa mistura. Ela pode fazer mal ao veículo e ao seu público. Muitas vezes, os temas entram em pauta porque são pitorescos, geram impacto ou estão atrelados a interesses mercadológicos

Por Cida de Oliveira, da RBA Publicado 04/04/2013 - 12h08



### Fruto da carne

A rotina de trabalho muito em uso nas redações – não raras vezes por falta de condições de trabalho –, pautada mais pelos boletins das assessorias de imprensa (os chamados releases) do que pela investigação jornalística, é uma das principais causas das notícias inverídicas, a chamada barriga, no jargão jornalístico.

O episódio lembra uma hilária e histórica barriga: o caso “boimate”. A proeza coube à revista Veja, que, na edição de 27 de abril de 1983, caiu numa pegadinha que a revista britânica *New Scientist* havia preparado, como de costume, às vésperas de 1º de abril: “o fruto da carne”. Baseada na pesquisa científica de mentirinha, a semanal brasileira publicou que a experiência de misturar células animais com vegetais permitiria sonhar com um tomate do qual seria possível colher algo parecido com um filé ao molho de tomate.

Em artigo, o professor de Jornalismo Wilson da Costa Bueno, da Universidade Metodista de São Paulo, diz que o ridículo é que a revista inglesa deu várias pistas: os fictícios biólogos Barry McDonald e William Wimpey tinham esses nomes para lembrar as cadeias internacionais de alimentação McDonald’s e Wimpey’s. A Universidade de Hamburgo, palco do “grande fato”, foi citada para que pudesse ser cotejada com “hambúrguer”, e assim por diante.

Antes do desmentido, várias cartas chegaram às redações de vários jornais. Uma delas, assinada por “X-Burguer, PhD, Capital”, lembrava que no Brasil já haviam sido feitas descobertas semelhantes: o jeribá, cruzamento de jabá com jerimum, ou o goiabeijo, cruzamento de genes de goiaba, cana-de-açúcar e queijo, e adiantava que seus estudos prosseguiram para criação do porcojão, que ele esperava dar como contribuição para agilizar a tradicional feijoada. Para enterrar a história que divertia muita gente em várias revistas, *Veja* acabou se desculpando 15 anos depois, numa edição comemorativa de 30 anos da publicação: “Desculpe, *Veja* errou”, abria a seção que listava algumas barrigas da semanal, completando: “Como as melhores publicações do mundo, *Veja* também cometeu erros”, para depois admitir que caiu “numa brincadeira de 1º de abril”. A seção comenta também uma série de seis reportagens citando “evidências científicas” do folclórico monstro do lago Ness, na Escócia. Na última, informou tratar-se de uma fraude.

Fonte: *Rede Brasil Atual*, 2013.

Figura 54 – Texto de opinião sobre o caso do “boimate”

**Mais um boimate da Veja**

Apóie o Cafezinho



Já virou lenda a inacreditável barriga da Veja quando reproduziu uma matéria, publicada na imprensa londrina (no dia da mentira), de que cientistas alemães haviam conseguido criar um híbrido entre o boi e o tomate.

O boimate tornou-se símbolo da decadência do jornalismo brasileiro, em especial da facção reacionária representada magnificamente pela revista Veja.

Desde então, a Veja produz boimates em série.

Hoje fiquei sabendo de mais um.

Fonte: *O Cafezinho*, 2014.

Figura 55 – Postagem em *blog* sobre o caso do “boimate”


**O TOMATE E A REVISTA VEJA**

Não é de hoje que a revista Veja possui um amor não correspondido pelo tomate. Esse romance nada normal, já gerou um dos episódios mais mitológicos da história da imprensa brasileira.

**Não sabe do que estamos falando?**

Digite "BOIMATE" lá no Google e prepare-se para rir um bocadinho com essa história pra lá de bizarra.

**BOITATÁ, TOMATE? QUE NADA.... O MAIOR PESADELO DA VEJA É O BOIMATE.**

Fonte: *Luiz Müller Blog*, 2013.

### Roteiro de leitura:

A partir da leitura da coletânea de textos, procure responder às seguintes perguntas:

- 1) O que significa a palavra “barriga” no jornalismo?

*Resposta esperada: É um termo do jargão jornalístico usado para nomear notícias inverídicas publicadas por veículos oficiais de imprensa, como resultado de falha no trabalho do jornalista.*

- 2) Por que a notícia “Fruto da carne”, publicada pela revista *Veja*, se caracteriza como uma “barriga”?

*Resposta esperada: Após ter sido publicada, verificou-se que a informação dada (um experimento que cruzou um boi e um tomate) não era verdadeira. Tratava-se, na verdade, de uma brincadeira de 1º abril publicada pela revista inglesa New Scientist, que foi erroneamente entendida como fato pela redação da revista Veja e publicada como tal.*

- 3) Sobre a palavra “boimate”:

- a) Identifique como ela foi criada e que sentido apresentava em seu contexto original.

*Resposta esperada: Foi o nome criado na matéria da revista Veja para nomear o resultado do suposto cruzamento entre células de boi e de tomate.*

- b) Que sentido ela passa a apresentar depois que a notícia onde foi apresentada foi identificada como uma “barriga”?

*Resposta esperada: O termo passou a ser usado para referir outros supostos erros cometidos pela revista em suas publicações, servindo para ridicularizá-la.*

- 4) Que consequências negativas a publicação da notícia “Fruto da carne” trouxe para a revista *Veja*?

*Resposta esperada: Como a coletânea mostra, mesmo passados tantos anos, até hoje a revista Veja é alvo de chacota pelo erro cometido e o episódio tem servido como argumento para questionar sua credibilidade. Mesmo não tendo acusado o erro na época da publicação, a revista percebeu a necessidade de admitir publicamente o erro e fazer uma retratação tardia.*

Após dar tempo para que os alunos analisem os textos e pensem em respostas para as questões apresentadas no roteiro, sugere-se propor um momento de debate em que os grupos compartilhem suas impressões. A partir disso, cabe ao professor conduzir a discussão, evidenciando como a coletânea de textos apresentada (uma pequena amostra da cadeia discursiva que envolve a notícia publicada pela revista *Veja*) demonstra que a divulgação de

informações equivocadas pode acarretar consequências negativas no âmbito do jornalismo profissional.

Durante a discussão, seria interessante evidenciar a atitude responsiva esperada pela redação da *Veja* ao publicar a notícia – apresentar um fato surpreendente que supostamente interessaria a potenciais leitores para que consumam a revista – e a resposta que esta, de fato, gerou ao se descobrir que seu conteúdo era equivocado (perda de credibilidade, chacota pública, necessidade de retratação etc.).

- **Atividade adicional sugerida: mostrar outros exemplos famosos de “barriga”.**

No exemplo (Figuras 56 e 57) a seguir, mostra-se a publicação acidental, feita em 11 de abril de 2022 no portal e em redes sociais do jornal *Folha de S. Paulo*, de uma notícia que anunciava o falecimento da então rainha do Reino Unido Elizabeth II. A monarca, entretanto, só veio a falecer em setembro do mesmo ano.

Figura 56 – Notícia equivocada sobre a morte da rainha Elizabeth (portal)



Fonte: *Poder 360*, 2022.

Figura 57 – Notícia equivocada sobre a morte da rainha Elizabeth (rede social)



Fonte: *Primeira Página*, 2022.

Como os inúmeros “X” que aparecem no título e no corpo da notícia demonstram se trata de um esboço já preparado previamente pela redação do jornal, antecipando uma previsível morte próxima da rainha, que, à época, estava prestes a completar 96 anos. A retratação publicada no *site* da *Folha da S. Paulo* (Figura 58) confirma isso.

Figura 58 – Retratação da *Folha de S. Paulo* sobre notícia equivocada acerca da morte da rainha Elizabeth



Fonte: *Folha Uol*, 2022.

Assim como o caso do “boimate” da *Veja*, o erro da *Folha de S. Paulo* teve bastante repercussão negativa, sendo um dos assuntos mais comentados do *Twitter*, no dia em que ocorreu a publicação. Como exemplificam as postagens abaixo (Figura 59), o jornal foi exposto a críticas e piadas em decorrência do deslize.

Figura 59 – Postagens que criticam erro cometido pela *Folha de S. Paulo*



Fonte: *Poder 360*, 2022.

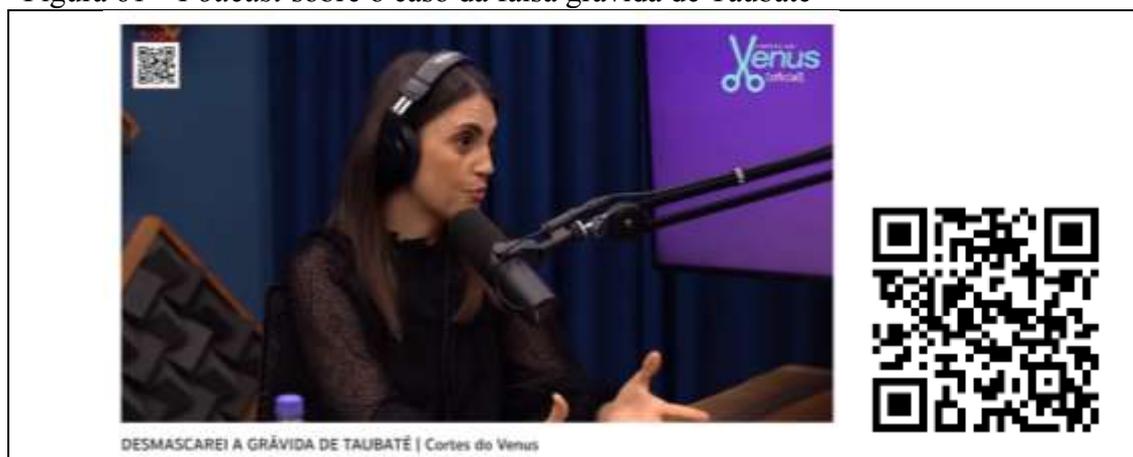
Outro exemplo famoso de “barriga” jornalística é o caso da falsa grávida de Taubaté (Figura 60), em que uma pedagoga passou a frequentar vários programas televisivos e a aparecer em matérias de telejornais por estar supostamente grávida de quadrigêmeas, algo considerado extraordinário. A gravidez, no entanto, se comprovou uma farsa. No vídeo apresentado na Figura 61, a jornalista e apresentadora Chris Flores conta ao *podcast* “Cortes do Vênus” mais detalhes sobre o caso, esclarecendo como o engodo foi desmascarado.

Figura 60 – Matéria do programa *Hoje em dia* sobre a grávida de Taubaté



Fonte: *YouTube*, 2022.

Figura 61 – Podcast sobre o caso da falsa grávida de Taubaté



Fonte: YouTube, 2021.

Assim como os outros dois exemplos de “barriga” anteriormente apresentados, a história da falsa grávida de Taubaté é lembrada até os dias de hoje e ainda é motivo de piada e chacota, sendo, inclusive, mote para a criação de vários memes, como mostra a reportagem abaixo do portal *GI* (Imagem 62).

Imagem 62 – Reportagem sobre o caso da falsa grávida de Taubaté



Fonte: *GI*, 2022.

Trazer exemplos como esses para a sala de aula é uma oportunidade de mostrar aos alunos um pouco dos bastidores de uma redação jornalística. Pode-se ressaltar, por exemplo, que os veículos de comunicação da imprensa tradicional constituem um negócio. Assim, seu propósito de informar o leitor é condicionado a outros interesses. Daí, a tentativa de selecionar fatos inusitados (como o “boimate” e “grávida de Taubaté”) ou impactantes (como a morte de uma personalidade mundialmente conhecida) para atrair leitores (e anunciantes).

Ao mesmo tempo que cabe aos profissionais do jornalismo apurar as informações antes de levá-las ao público, o ritmo de trabalho de uma redação é intenso (vide a prática de

deixar esboços de texto prontos para o caso de morte de celebridades) e, às vezes, há falhas no processo. No entanto, como os exemplos demonstram, o erro no jornalismo profissional apresenta uma dinâmica comunicativa bastante distinta das *fake news*, pois é resultado de acidentes ou descuidos na apuração dos fatos e não uma prática intencional. Além disso, por ter autoria claramente identificável, sofre consequências negativas das quais as *fake news* normalmente escapam.

### 5.3 Proposta 3: Conteúdo enganoso/*fact-checking*

A presente sequência de atividades tem como objetivo evidenciar o caráter ideológico dos signos, consoante a perspectiva bakhtiniana. A partir disso, apresentaremos uma estratégia comum na fabricação de *fake news*: o conteúdo enganoso, que consiste em apresentar uma interpretação distorcida sobre determinado fato para enquadrar de forma tendenciosa uma pessoa ou assunto.

Propõe-se também esclarecer aos estudantes que, apesar de haver um código de ética no jornalismo profissional, pautado pelos princípios da objetividade e da neutralidade, a imparcialidade total é algo inatingível. Assim, a própria imprensa tradicional pode apresentar ou selecionar fatos de maneira tendenciosa ou se posicionar claramente sobre determinado assunto.

- **Primeira atividade: apresentar a coletânea de manchetes sobre o tema das vacinas, evidenciando diferentes conotações da palavra.**

A proposta da atividade é apresentar aos estudantes várias manchetes (Figuras 63 a 70), extraídas de diferentes *sites*, que versam sobre “vacinas”, evidenciando que a conotação da palavra não é a mesma em todos os textos. Assim, sugere-se que o professor divida os alunos em equipes e os estimule a agrupar manchetes em que haja aproximação no sentido atribuído à palavra vacina. Para isso, o ideal é que as manchetes sejam cortadas em tiras de papel, ordenadas aleatoriamente.

Figura 63 – Manchete para análise (Mortes relacionadas à vacina)

NOTÍCIAS > SAÚDE

**BOMBA: CDC dos EUA registra 12 mil mortes relacionadas a vacinas contra covid-19**

Número corresponde a mais da metade dos óbitos de todas as vacinações no país

Fonte: *Aliados Brasil Notícia*, 2022.

Figura 64 – Manchete para análise (Ivermectina mais eficaz do que vacina)

HOME > CORONAVÍRUS >

**IVERMECTINA supera vacinas: mais de 83% de eficácia contra a Covid-19, revela a ciência**

Um estudo do Reino Unido revela que a ivermectina promove uma taxa de sobrevivência acima de 83 por cento contra o coronavírus Covid-19

Fonte: *Coletividade evolutiva*, 2021.

Figura 65 – Manchete para análise (Vacinas como projeto de bioterrorismo)

Início > Editoria > Notícias

SAÚDE

17/08/2023 às 20h00min - Atualizada em 26/08/2023 às 19h00min

**BOMBA! Pfizer afirma que as vacinas eram um projeto militar de bioterrorismo e terrorismo químico do Departamento de Defesa**

O principal papel da indústria farmacêutica no projeto 'pandêmico' tem sido fornecer COBERTURA para o que é um programa militar de bioterrorismo

Fonte: *Verdade censurada*, 2023.

Figura 66 – Manchete para análise (Lote especial de vacinas)

05/08/2023 às 20h21min - Atualizada em 05/08/2023 às 20h21min

**Pfizer admite que funcionários receberam 'lote especial' de vacina, diferente do restante da população**

Um porta-voz da Pfizer admitiu que os funcionários da empresa receberam um "lote especial" da vacina Covid-19, materialmente diferente da vacina distribuída ao restante da população.

Fonte: *Tribuna Nacional*, 2023.

Figura 67 – Manchete para análise (Vacinas atualizadas para novas variantes)



Fonte: *Folha Uol*, 2023.

Figura 68 – Manchete para análise (Vacina brasileira para covid)



Fonte: *G1*, 2023.

Figura 69 – Manchete para análise (Nova vacina contra bronquiolite)



Fonte: *Estadão*, 2023.

Figura 70 – Manchete para análise (Dia D para vacinação no DF)



Fonte: *Correio Brasiliense*, 2023.

Sugestões de perguntas a serem oferecidas aos alunos para orientar a atividade:

- 1) A palavra “vacina(s)” é apresentada de forma neutra nas manchetes apresentadas? Se não, que pontos de vista sobre as vacinas você identificamos textos?  
*Resposta esperada: Não. Há manchetes em que as vacinas são apresentadas de forma negativa e outras em que são referidas de forma positiva.*

- 2) Separe as manchetes, colocando no mesmo grupo aquelas que apresentam uma abordagem semelhante em relação à temática das vacinas.

*Resposta esperada: As quatro primeiras podem ser agrupadas por apresentarem uma visão negativa. As quatro últimas podem ser agrupadas por apresentarem uma visão positiva.*

Após a atividade, sugere-se um debate para que se evidenciem os diferentes posicionamentos sobre as vacinas nas manchetes apresentadas. Eis algumas sugestões de perguntas para a condução do debate:

- 1) Quantos grupos de manchetes foram formados? Que manchetes foram colocadas no mesmo grupo?

*Resposta esperada: Dois grupos. As quatro primeiras formam um grupo e as quatro últimas, outro grupo.*

- 2) Em linhas gerais, que posicionamentos sobre a temática das vacinas foram observados em cada grupo? Justifique suas impressões a partir de elementos dos textos.

*Resposta esperada: As quatro primeiras apresentam um juízo de valor negativo sobre as vacinas, pois sua eficácia é totalmente questionada, já que são associadas a eventos negativos, como “mortes” e “bioterrorismo” e a ivermectina é apontada como um tratamento melhor. As quatro últimas apresentam uma abordagem positiva, pois evidenciam efeitos positivos da vacina (“resposta forte contra variante”, proteção “contra bronquiolite”) e estimulam a população a se vacinar (“Já tomou as vacinas?”, “saiba como ser voluntário”).*

- 3) Algumas das manchetes apresentadas foram analisadas por agências de checagem e foram identificadas como *fake news*. Você saberia dizer quais delas são *fake news*? Se sim, que elementos dos textos auxiliaram na identificação?

*Resposta esperada: Espera-se que os alunos identifiquem as quatro primeiras como fake news, por apresentarem **posicionamento que conflita com o discurso da comunidade científica** sobre a vacinação. Também é importante atentar para o **tom alarmista e conspiratório** evidente em três delas (“BOMBA”, “mortes”, “projeto militar de bioterrorismo e terrorismo”, “lote especial”), mas que também*

aparece de forma mais sutil na segunda ao colocar em caixa alta a palavra “*IVERMECTINA*”, apontando-a como tratamento mais eficaz que a vacina, quando órgãos de saúde e a imprensa tradicional veicularam amplamente o contrário. Outro ponto importante é atender para as **fontes** das manchetes, pois **não fazem referência a veículos de imprensa conhecidos**.

É importante pontuar também que a imprensa tradicional não é “isenta”, como tenta se apresentar. Nos casos apresentados, ela valida o discurso da comunidade científica sobre as vacinas. No último caso, por exemplo, apoia explicitamente a campanha de vacinação no Distrito Federal (“Já tomou as vacinas?”). Já, no segundo caso, de forma mais sutil, estimula o leitor a ser voluntário (“saiba como ser voluntário”, “nenhum efeito grave foi registrado”, “é necessária a participação de voluntários”).

- **Segunda atividade: apresentar o trabalho das agências de *fact-checking*.**

A partir da atividade anterior, sugere-se que o professor apresente o trabalho das agências de checagem de fatos (*fact-checking*), como a *Agência Lupa*, *Aos Fatos* e *Uol Confere*, apresentando verificações das quatro *fake news* cujas manchetes foram analisadas (Imagens 71 a 74). Como já dito no capítulo 3 desta Tese, trata-se de um ramo do jornalismo dedicado a verificar informações que estão sendo amplamente divulgadas nas redes sociais e aplicativos de mensagem, identificando se o conteúdo é falso ou tendencioso.

Figura 71 – Verificação de informação falsa (Mortes relacionadas à vacina)



Fonte: Agência Lupa, 2022.

Figura 72 – Verificação de informação falsa (Ivermectina mais eficaz do que vacina)

The screenshot shows a verification page from 'Aos Fatos'. At the top, there is a navigation bar with 'Checamos', 'Investigamos', 'Radar', 'Golpefifa', and 'Outros'. Below this, a warning icon and text state: 'ESTA REPORTAGEM PODE PUBLICADA HÁ MAIS DE SEIS MESES'. The main headline reads: 'É falso que ivermectina seja mais eficaz que vacinas contra Covid-19'. The author is 'Por Luiz Fernando Meneses' and the date is '24 de março de 2021, 15h28'. The text below the headline states: 'Não é verdade que um estudo publicado por pesquisadores britânicos mostrou que a ivermectina seja mais eficaz do que as vacinas no combate à Covid-19. A peça de desinformação que circula nas redes (veja aqui) distorce as conclusões de uma metanálise que, além de ainda não ter passado por revisão científica por pares, afirma'. On the left side, there are social media sharing icons for WhatsApp, Telegram, Facebook, Messenger, and Email. On the right side, there is a QR code.

Fonte: *Aos Fatos*, 2021.

Figura 73 – Verificação de informação falsa (Vacinas como projeto de bioterrorismo)

The screenshot shows a verification page from 'Uol Confere'. At the top, there is a navigation bar with 'Seu time', 'Seu signo', 'Política', and 'Cotações'. Below this, the headline reads: 'Pfizer não disse que vacinas são parte de projeto militar de bioterrorismo'. The author is 'Letícia Martins' and the date is '15/03/2023 14h40'. Below the headline, there is a sub-headline: '70 Milhões Telegram' and a 'uol.confere' logo. At the bottom, there is a sub-headline: 'BOMBA! Pfizer afirma que as vacinas eram um'. On the right side, there is a QR code.

Fonte: *Uol Confere*, 2023.

Figura 74 – Verificação de informação falsa (Lote especial de vacinas)

The screenshot shows a verification page from 'Lupa'. At the top, there is a navigation bar with 'Lupa', 'JORNALISMO', and 'Seja membro'. Below this, the headline reads: 'É FALSO QUE FUNCIONÁRIOS DA PFIZER RECEBERAM LOTE ESPECIAL DA VACINA DA COVID-19'. The author is 'Sofia Espadas' and the date is '15/03/2023 14h20'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Clique na rede social em vídeo em que funcionários de Pfizer participam de uma reunião no Senado da Austrália. Segundo a agência que acompanha o contato, não foram afetados os funcionários um lote especial de vacina contra a Covid-19. Afirmação ignorada durante ao público. É Falso'. On the right side, there is a QR code.

Fonte: *Agência Lupa*, 2023.

Para um trabalho mais detalhado, sugere-se que o professor selecione uma das *fake news* apresentadas para que os alunos comparem o conteúdo integral da publicação com a verificação realizada pela agência de checagem. A fim exemplificar a estratégia de fabricação de *fake news* conhecida como conteúdo enganoso, recomenda-se que a atividade seja realizada a partir da primeira manchete apresentada (Figura 63). Embora os *links* da falsa

notícia e da respectiva verificação tenham sido apresentados nas Figuras 63 e 71, reproduzimos abaixo os textos<sup>80</sup> para facilitar a comparação entre os textos.

Figura 75 – Print de notícia falsa em portal de jornalismo independente



<sup>80</sup> Tal reprodução se torna especialmente necessária no caso da *fake news*, pois os *links* normalmente se tornam indisponíveis após serem desmascaradas pelo trabalho das agências de verificação.



A-

A+

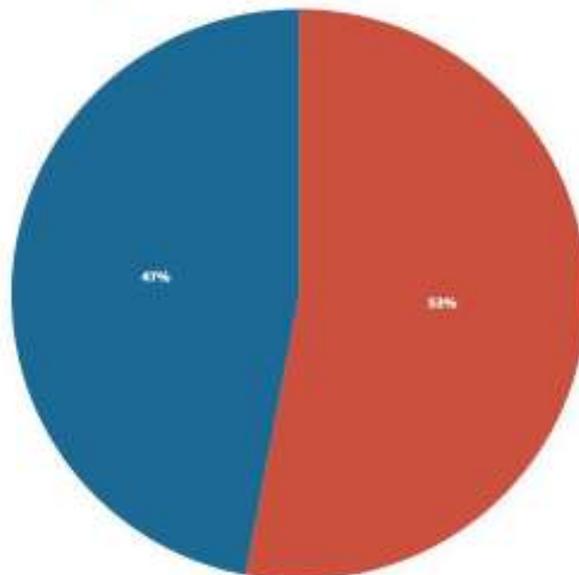
IMPRIMIR

REPORTAR ERROS

Mais da metade das mortes relacionadas a vacinas nos Estados Unidos é de pessoas que tomaram um dos imunizantes desenvolvidos contra a covid-19. Os dados são do [Centro de Controle e Prevenção de Doenças](#) (CDC, na sigla em inglês) do país.

#### Notificações de mortes relacionadas às vacinas

Vacinas contra a covid-19 Outras tipos de vacinas



A atualização mais recente do Sistema de Relatórios de Eventos Adversos de Vacinas (Vaers, na sigla em inglês) do CDC mostra 12 mil mortes relacionadas a vacinas contra a covid-19 até a manhã desta terça-feira. 1º. O número representa 53% de todas as mortes com imunizantes listadas no banco de dados do órgão. O registro teve início no ano de 1900.

O produto da Pfizer lidera com 48% das 12 mil mortes relacionadas a vacinas contra a covid-19. A segunda posição ficou com a fabricante Moderna (41%), seguida da Janssen (11%), e o restante não está com a marca identificada.



Ainda de acordo com o CDC, cerca de 250 milhões de norte-americanos tomaram ao menos uma dose da vacina contra a covid-19. Assim, para cada milhão deles, houve quase 50 notificações de mortes durante a imunização anticoronavírus.



Foto: Reprodução/CDC

As informações no sistema do CDC são alimentadas por profissionais de saúde, fabricantes e pelo público em geral. O órgão avisa que "os relatórios podem conter informações incompletas, imprecisas, coincidentes ou não verificáveis", visto que a maior parte deles é feita por voluntários. Contudo, esse processo se aplica a todos os dados, e não apenas àqueles referentes a mortes relacionadas a vacinas contra a covid-19.

Fonte: *Aliados Brasil Notícia*, 2022.

#### Quadro 9 – Transcrição de verificação feita pela *Agência Lupa*

### **É falso que o CDC dos Estados Unidos registrou 12 mil mortes relacionadas às vacinas**

Circula nas redes sociais um texto dizendo que foram registradas 12 mil mortes relacionadas às vacinas contra a Covid-19 nos Estados Unidos. Essa informação teria sido registrada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) daquele país. Por meio do projeto de verificação de notícias, usuários do

Facebook solicitaram que esse material fosse analisado. Confira a seguir o trabalho de verificação da Lupa:

A informação analisada pela Lupa é falsa. Até 7 de fevereiro de 2022, data da última atualização, o CDC dos Estados Unidos identificou nove mortes — e não 12 mil — por síndrome de trombose com trombocitopenia (TTS), condição causada ou atribuída à vacina da Janssen, do laboratório Johnson & Johnson. A campanha de vacinação contra a Covid-19 começou em dezembro de 2020 no país e, até 8 de fevereiro deste ano, 213,1 milhões de pessoas receberam pelo menos duas doses. Desde o começo da pandemia, mais de 903 mil pessoas morreram por causa do Sars-CoV-2 nos Estados Unidos.

A publicação faz uma interpretação equivocada dos dados do Sistema de Notificação de Eventos Adversos de Vacina (*Vaers*, na sigla em inglês), plataforma pública que reúne relatos não verificados de eventos adversos ocorridos após a vacinação. Os registros publicados no sistema são posteriormente investigados por especialistas e órgãos de saúde. Entre 14 de dezembro de 2020, quando as primeiras doses foram aplicadas no país, e 3 de fevereiro, data da última atualização feita pelo CDC, foram reportados 12.122 relatórios preliminares de mortes entre pessoas que receberam a vacina contra a Covid-19.

Esses relatos, contudo, não significam que as mortes reportadas tenham, de fato, sido causadas pelos imunizantes. Como explicado acima, qualquer pessoa pode registrar um evento adverso no *Vaers* e esse relato pode ou não ser verdadeiro — ou seja, o evento reportado pode ou não ter alguma relação com a vacina.

O próprio site do sistema avisa que os números não podem ser usados para concluir que todos os efeitos informados foram causados pelos imunizantes. “Os relatórios do *Vaers* sozinhos geralmente não podem ser usados para determinar se uma vacina causou ou contribuiu para um evento adverso ou doença. Alguns relatórios podem conter informações incompletas, imprecisas, coincidentes ou não verificáveis. Os relatórios geralmente carecem de informações contextuais, como o total de vacinas administradas ou informações sobre grupos não vacinados para comparação”, alerta o CDC.

### **O que é TTS**

A TTS é uma condição rara e grave que causa coágulos em vasos sanguíneos como o seio venoso cerebral, por exemplo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a incidência cumulativa da TTS em pessoas que receberam as vacinas de vetor viral de adenovírus replicante (Janssen e AstraZeneca) era de 0,5 a 6,8 casos por 100 mil habitantes em julho do ano passado. Segundo o CDC, dentre as 18,2 milhões de doses da vacina da Janssen administradas nos Estados Unidos até 3 de fevereiro de 2022, foram identificados 57 relatos confirmados de pessoas que desenvolveram a TTS após a vacina.

### **Dados do *Vaers* são usados para desinformar**

Desde que as primeiras doses começaram a ser aplicadas no mundo, dados do *Vaers* foram usados para desinformar sobre a segurança dos imunizantes e induzir à interpretação equivocada de que as vacinas contra a Covid-19 são perigosas ou causam mortes — o que não é verdade.

A Lupa já desmentiu diversos boatos nos quais relatos do *Vaers* foram tirados de contexto. Em 27 de janeiro, uma peça de desinformação falsamente alegava que as vacinas foram responsáveis pela morte de 400 mil pessoas — essa informação não

procede. Em 1º de fevereiro, também foi desmentido um conteúdo falso acerca de 21 mil casos de miocardite que teriam sido causados pelas vacinas, mais uma vez usando os dados do *Vaers* de modo enganoso.

Fonte: *Agência Lupa*, 2022.

Sugere-se que o professor, após a leitura dos textos, promova uma discussão em que se evidencie por que o conteúdo do texto apresentado na Figura 75 é falso, de acordo com a explicação apresentada pela *Agência Lupa*. Espera-se que os alunos percebam que a informação apresentada na manchete (mais de 12 mil mortes associadas ao uso de vacinas contra covid-19) é resultado de uma distorção dos dados realmente apresentados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). O número, na verdade se refere a dados preliminares de falecimento entre pessoas que receberam a vacina (mas que não necessariamente morreram em decorrência dela), de acordo com Sistema de Notificação de Eventos Adversos de Vacina (cuja sigla em inglês é *Vaers*).

É importante frisar ainda que ao final do texto da verificação, é destacado que se trata de uma prática recorrente a distorção de dados do *Vaers* para induzir o público à interpretação de que as vacinas são perigosas e até letais. Assim, dados verdadeiros têm sido deturpados (retirados de contexto) para colocar em descrédito a eficácia das vacinas (conteúdo enganoso).

Para concluir a atividade, orienta-se demonstrar como esse discurso está associado ao chamado movimento antivacina, mencionado na seção 3.1 desta Tese. Valorizando o conhecimento prévio e as experiências dos alunos em relação ao assunto, seria interessante estimular o debate para que estes percebam como as vacinas têm sido alvo frequentes de peças de *fake news*, causando medo e incerteza quanto à sua eficácia e impactando negativamente a cobertura vacinal da população. A fim de auxiliar o debate, recomendamos o informativo abaixo (Figura 76), extraído de uma matéria da *BBC*, em que são elencados os principais recortes temáticos usados em peças de desinformação do movimento antivacina.

Figura 76 – Recortes temáticos típicos de *fake news* antivacina

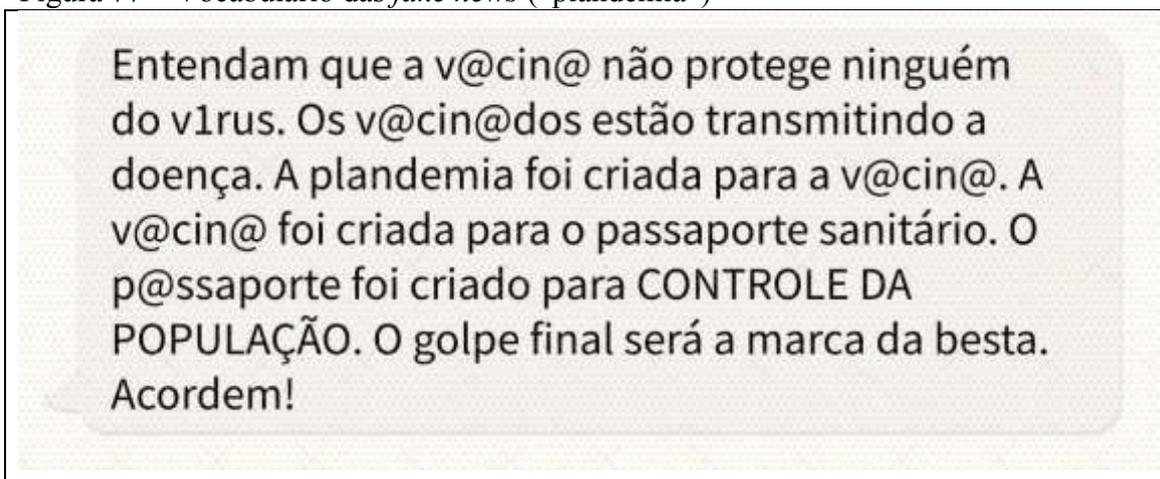
Fonte: *BBC News Brasil*, 2021.

- **Atividade adicional sugerida: analisar a seleção lexical em *fake news* relacionadas à pandemia.**

Como apontado no item 4.3.1, as *fake news* têm como referência os mesmos temas abrangidos pela imprensa tradicional (os chamados “valores-notícia”), no entanto o tratamento dado a tais temas (valoração) é diferente, pois, via de regra, apresentam um tom alarmista, promovem discursos de ódio, além de difundir teorias conspiratórias. A próxima atividade tem como objetivo evidenciar como a seleção lexical é um elemento importante na construção das *fake news*.

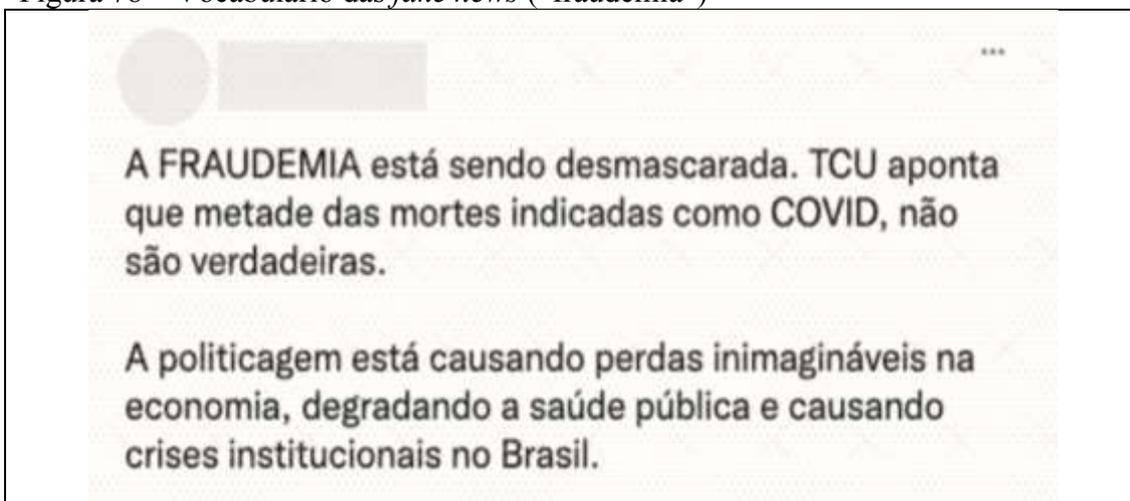
Para tal, sugere-se apresentar a coletânea de *fake news* abaixo (Figuras 77 a 81), postas em circulação no contexto da pandemia do novo coronavírus. Propõe-se que os alunos identifiquem nelas palavras ou expressões usadas para referir termos como o coronavírus, a pandemia e a vacina.

Figura 77 – Vocabulário das *fake news* (“plandemia”)<sup>81</sup>



Fonte: *Aos Fatos*, 2021.

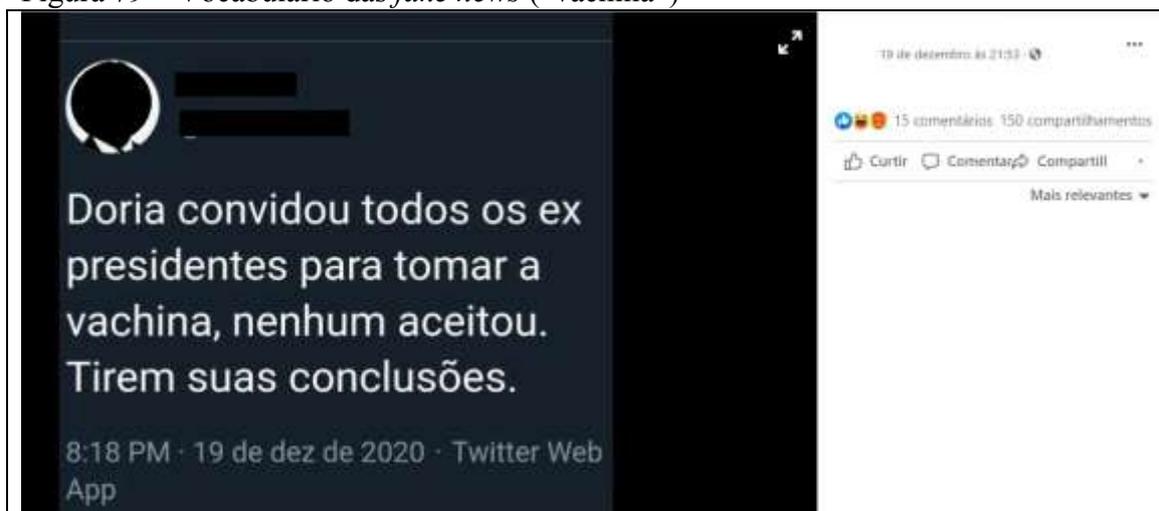
Figura 78 – Vocabulário das *fake news* (“fraudemia”)



Fonte: *Aos Fatos*, 2021.

<sup>81</sup> Nesse exemplo, é conveniente destacar o uso de caracteres especiais (como @) e de números na escrita de palavras para tentar burlar a ação de buscadores que auxiliam no trabalho de verificação de conteúdo falso. Assim, esse tipo de grafia é outro elemento típico da composição de *fake news*.

Figura 79 – Vocabulário das *fake news* (“vachina”)



Fonte: Agência Lupa, 2020.

Figura 80 – Vocabulário das *fake news* (“picada da serpente”)



Fonte: Aos Fatos, 2021.

Figura 81 – Vocabulário das *fake news* (“absorvente de boca”)



Fonte: *Instagram*, 2020.

Após dar um tempo para que os alunos leiam os textos e façam suas marcações, o professor pode usar o quadro branco ou outro recurso para coletar e sistematizar o levantamento lexical realizado, conforme o quadro abaixo:

Quadro 10 – Levantamento do vocabulário referente à pandemia nas peças de *fake news* apresentadas

<b>Termo de referência</b>	<b>Seleção lexical apresentada nos textos</b>
Pandemia	“ <i>plandemia</i> ”, “ <i>fraudemia</i> ” (também aparecem como termos relacionados “ <i>golpe final</i> ”, “ <i>politicagem</i> ”, “ <i>mentiras</i> ” e “ <i>objetivo</i> ”).
Vacina	“ <i>vachina</i> ”, “ <i>picada da serpente</i> ”, “ <i>arma biológica</i> ”, “ <i>marca da besta</i> ”.
Coronavírus	“ <i>viruschino</i> ”, “ <i>peste chinesa</i> ”.
Máscara	“ <i>absorvente de boca</i> ”.
Passaporte sanitário	“ <i>controle da população</i> ”.

Fonte: A autora, 2023.

Posteriormente, recomenda-se que o(a) professor(a) discuta com os alunos que ideias e juízos de valor sobre a pandemia são evidenciados a partir do léxico levantado. Para orientar as discussões, destacamos os seguintes tópicos:

1) A negação da existência da pandemia, caracterizando-a como uma farsa (“*plandemia*”, “*fraudemia*”) elaborada para fins políticos (“*politicagem*”, “*controle da população*”);

2) A ridicularização, o descrédito e o tom alarmista conferido a medidas sanitárias e preventivas para controle da pandemia (“absorvente de boca”, “controle da população”, “marca da besta” etc.);

3) O discurso de ódio direcionado à China, associando o surgimento do vírus e a suposta fraude ao governo chinês (“vachina”, “viruschino”, “peste chinesa”).

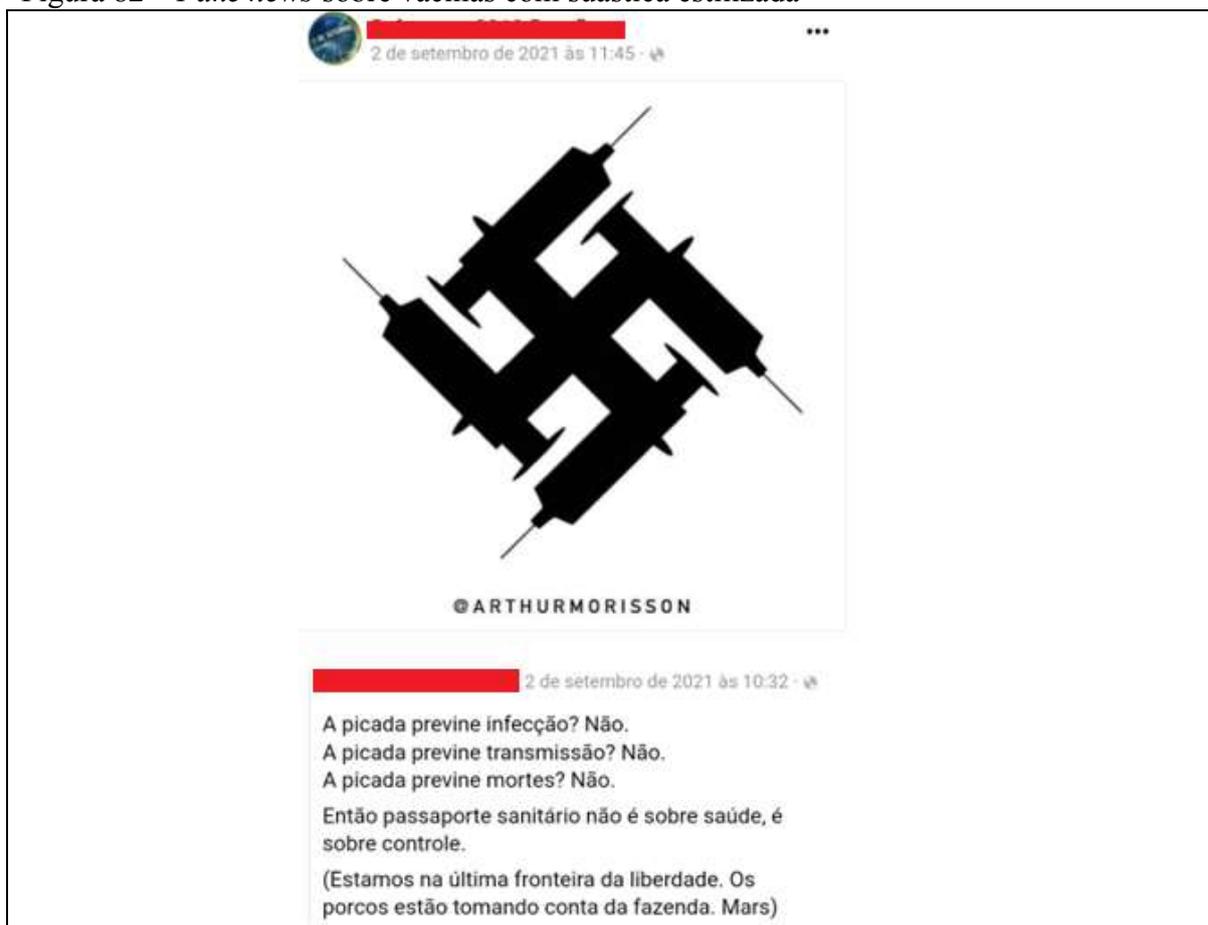
Assim, contrariando o discurso da comunidade científica, todo léxico empregado na construção das *fake news* apresentadas corrobora uma teoria conspiratória que nega a existência real de uma pandemia e a associa a um plano, elaborado pela China, para fins políticos. Interessante destacar a associação de figuras do cenário político brasileiro à suposta fraude, como ocorre na Imagem 76 (e também na Imagem 28, apresentada no tópico 4.3.2).

- **Atividade adicional sugerida: analisar léxico e imagens em peças de desinformação sobre vacinas.**

Para demonstrar o potencial da linguagem não verbal na elaboração de conteúdo falso e malicioso, apresentamos dois exemplos de *fake news* em que o uso das imagens corrobora uma visão negativa sobre as vacinas, associando-as um plano de extermínio da população.

Sugere-se a apresentação das imagens seguida de um debate, se possível, realizado de maneira interdisciplinar com docentes da disciplina História. Propõe-se evidenciar como símbolos e termos vinculados ao nazismo têm sido apropriados na fabricação de *fake news* sobre as vacinas, insinuando uma relação entre estas e um dos maiores genocídios de que se tem notícia.

Figura 82 – *Fake news* sobre vacinas com suástica estilizada



Fonte: *Facebook*, 2021.

Assim como nas *fake news* apresentadas na atividade anterior, a seleção lexical da parte verbal do texto se refere à vacina pejorativamente como uma “picada” e associa o passaporte sanitário (liberação de acesso a determinados espaços mediante comprovação de vacinação) a uma medida de “controle” da população. A imagem que acompanha o texto verbal não só corrobora essa narrativa como a amplia, ao equiparar a vacinação a um dos maiores genocídios registrados da História Ocidental por meio de uma suástica estilizada com pontas em formato de seringas.

Nesse caso, seria interessante a intervenção de um docente de História para explicar como esse signo adquiriu uma conotação negativa no contexto da 2ª Guerra Mundial, em função de sua apropriação como símbolo pelos nazistas (sentido que é retomado e ampliado no exemplo de *fake news* apresentado). Entretanto, originariamente e até hoje na cultura oriental, a suástica (cruz gamada) é associada à boa sorte e bem-estar<sup>82</sup>. Assim, evidencia-se, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, como o sentido de palavras e outros signos não é

<sup>82</sup> Cf. [https://brasil.elpais.com/icon\\_design/2020-01-24/por-que-teremos-que-nos-acostumar-a-ver-suasticas-na-proxima-olimpiada.html](https://brasil.elpais.com/icon_design/2020-01-24/por-que-teremos-que-nos-acostumar-a-ver-suasticas-na-proxima-olimpiada.html) (14/10/2023)

estático, mas se atualiza de acordo não só com o contexto imediato, mas também com o tempo e o lugar históricos (cronotopo).

Figura 83 – *Fake news* sobre vacinas com associação ao holocausto



Fonte: Facebook, 2023.

No segundo exemplo, a associação ao nazismo se dá essencialmente pelo uso da palavra “holocausto”, usualmente utilizada para nomear a perseguição sistemática e o extermínio de judeus<sup>83</sup> durante o regime nazista alemão. A imagem apresentada (uma seringa composta por uma bala na ponta) e a música de fundo que acompanha a postagem original (a canção “Zombie”, do grupo irlandês *The Cranberries*<sup>84</sup>) contribuem para a construção de um clima de guerra em que as vacinas são consideradas uma “arma”.

Mais uma vez, seria interessante a intervenção de um docente da cadeira de História para explicar o sentido recorrente do termo “holocausto” em nossa sociedade, fazendo

<sup>83</sup> Embora os nazistas também tenham se voltado contra outras minorias, como ciganos e *gays*, o termo “holocausto” é mais comumente usado para tratar da perseguição aos judeus.

<sup>84</sup> Infelizmente, não é possível reproduzir o áudio em um material impresso como esta tese, mas a canção foi inspirada na morte de duas crianças em função da explosão de bombas colocadas pelo grupo armado IRA, num atentado que deixou mais de 50 pessoas feridas. Cf. <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/a-tragica-historia-por-tras-de-zombie-sucesso-do-cranberries-composto-por-dolores-oriordan.ghtml> (Acesso em 14/10/2023)

referência especialmente ao genocídio de judeus durante a 2ª Guerra Mundial, mas também podendo ser utilizado para referir outros eventos, vide o “holocausto brasileiro” (RODRIGUES *et al.*, 2021). Também seria importante trazer o questionamento do uso do termo em contraponto com seu emprego no contexto bíblico, em que se associa a um sacrifício voluntário e não ao extermínio massivo de pessoas (DANZIGER, 2007). Assim, tem-se a oportunidade, mais uma vez, de evidenciar o caráter ideológico dos signos, consoante a teoria do Círculo de Bakhtin.

#### 5.4 Proposta 4: Conteúdo impostor/Falso contexto/*Remix*

A próxima sequência de atividades tem como objetivo mostrar como algumas *fake news* se valem da credibilidade dos veículos da imprensa tradicional para ludibriar o interlocutor. Para tal, evidenciaremos duas estratégias comumente envolvidas na fabricação de *fake news*: o conteúdo impostor e o falso contexto. O primeiro consiste na falsificação de elementos típicos de determinada empresa do jornalismo profissional (marca, logotipo, *layout* etc.), fazendo-se passar por esta. O segundo se refere ao uso de notícias verdadeiras, publicadas na grande mídia, fora de seu contexto original.

- **Primeira atividade: comparar uma notícia falsa e uma notícia verdadeira com temática semelhante.**

Sugere-se que o professor apresente as duas notícias abaixo (Imagens 84 e 85), sinalizando que uma delas é verdadeira e outra falsa, sem especificá-las. A partir disso, recomenda-se a proposição de questões oralmente que estimulem os alunos a perceber qual delas pode ser identificada como uma *fake news*, além de reconhecer as estratégias e objetivos envolvidos em sua fabricação.

Figura 84 – Notícia falsa sobre suposto leilão dos Correios



Fonte: *Notícia ao vivo online*, 2023.

Figura 85 – Notícia verdadeira sobre leilão dos Correios



Fonte: *G1*, 2023.

Sequência de perguntas sugerida:

- 1) Que semelhanças podem ser percebidas na forma como as duas notícias são apresentadas em seus respectivos suportes (os *sites* onde foram publicadas)?

*Resposta esperada: Espera-se que os alunos reconheçam como elementos em comum entre as duas páginas reproduzidas a presença do logotipo do portal de notícias G1, o uso do mesmo esquema de cores (branco e vermelho), a veiculação de propagandas*

*em torno da notícia, os títulos de seções típicos de portais de jornalismo, a manchete em destaque no topo da notícia etc.*

- 2) Apesar das semelhanças, uma delas não foi realmente publicada pelo portal *G1*. Você(s) saberia(m) identificar qual delas é falsa? Se sim, que elementos permitiram a identificação.

*Resposta esperada: A notícia apresentada na Figura 84. Espera-se que os alunos percebam inconsistências que denunciam a falsificação: por exemplo, no site falso não há links de outros serviços relacionados da empresa (como o Globoplay e o Gshow), não há espaço para login do assinante e algumas das seções apresentadas (“mega sena”, “imposto”, “golpes”) não são típicas de portais de jornalismo profissional. Sobretudo, espera-se que os alunos identifiquem que o endereço que aparece no topo da página (<https://noticiaovivoonline.com/>) não corresponde ao endereço do portal do *G1*.*

- 3) Pense(m) em hipóteses: por que razão o falso portal imita o *layout* do *G1*?

*Resposta esperada: Para que o leitor pense que se trata de uma notícia realmente publicada pelo *G1* e, portanto, ache que a fonte da informação é confiável.*

Após o debate, sugere-se que o professor apresente a verificação realizada pela *Reuters* (Figura 86) e explique que a falsa notícia, na verdade, faz uso de duas estratégias para enganar o leitor. Além de imitar características do *site* do portal *G1* (conteúdo impostor), ela replica fotos e vídeos de matérias antigas de telejornais sobre um leilão dos Correios que realmente aconteceu em outro momento (falso contexto).

Figura 86 – Verificação realizada pela agência *Reuters*



Fonte: *Reuters*, 2023.

Como explica a verificação feita pela *Reuters*, a “notícia” apresentada na Figura 84 se trata de um golpe. A falsa notícia induz o leitor a achar que produtos caros estão sendo vendidos a preços bem abaixo do mercado e o direciona para um *link* onde supostamente poderia adquirir os itens anunciados no leilão. A postagem reproduzida abaixo (Figura 87), extraída da página do *Reclame aqui* (um *site* especializado em receber reclamações de consumidores) mostra que, na verdade, o *link* é falso e é usado para lesar possíveis compradores.

Figura 87 – Denúncia sobre o falso leilão no portal *Reclame Aqui*

Veja também todas as reclamações não respondidas respondidas finalizadas

**LEILAO CELULARES CORREIOS - ALERTA**  
**[Editado pelo Reclame Aqui]**

Nexus Pay  
 Brasília - DF 13/09/2023 às 22:41 ID: 172006097

Meios de pagamentos eletrônicos Aparelhos Propaganda enganosa

Hoje 13/09/2023 vi uma publicação no Instagram sobre leilão nos Correios de celulares. Abri a notícia do G1 que direcionou para site do suposto leilão. Disponibilizaram algum lotes de aparelhos celulares. Onde havia vários comentários positivos de supostos compradores e efetuei a compra de um lote com 3 iPhones. Fiz pagamento com cartão de crédito que foi debitado em nome da Nexus Pay. Em seguida recebi e-mail enviado por noreplay@processadorpagamentos.online entretanto aparecia a logomarca do MERCADO PAGO nesse momento percebi que tratar de ação ilícita e [Editado pelo Reclame Aqui] contra consumidores de boa fé. Nessa operação não existe mercadoria nenhuma você faz o pagamento e já era . Vi aqui a resposta da NEXUS PAY dizendo que é uma plataforma que só intermedia a compra entretanto ja existem varias reclamações que deixam claro que é [Editado pelo Reclame Aqui] contra consumidor, se ela esta mantendo serviço pra quem esta deliberadamente lesando de maneira [Editado pelo Reclame Aqui] ela tbm responde solidariamente tendo em vista estar ciente da pratica delitiva. Já fiz o boletim de ocorrencia na Policia Civil e sugiro a todas as vitimas que tambem façam. Exijo o cancelamento dessa suposta "compra" e a devolucao com o estorno do valor 386,28

Não respondida

Fonte: *Reclame Aqui*, 2023.

Como demonstra verificação de notícia falsa similar (Figura 88), feita pela *Agência Lupa*, o anúncio de supostos leilões e de queimas de estoque é uma temática típica de *fake news* fabricadas para aplicação golpes financeiros.

Figura 88 – Uso de notícias falsas para aplicação de golpes financeiros



Fonte: Agência Lupa, 2023.

- **Segunda atividade: apresentar variações da mesma *fake news* como ponto de partida para debate.**

Tomando como base o exemplo anterior, propõe-se apresentar aos alunos variações da mesma *fake news*, postadas nas redes sociais *Instagram* e *Tik Tok*. O objetivo é motivar um debate sobre as diferentes ferramentas de edição disponíveis para qualquer usuário na internet, estimulando os alunos a compartilharem experiências e conhecimentos prévios sobre o assunto: se usam ferramentas de edição disponíveis em redes sociais e outros aplicativos, o que são capazes de fazer com tais ferramentas, se sabem reconhecer recursos que podem ter sido empregados na fabricação das *fake news* apresentadas etc.

Figura 89 – *Fake news* do falso leilão dos Correios postadas no *Instagram*



Fonte: *Instagram*, 2023.

Figura 90 – *Fake news* do falso leilão dos Correios postadas no *Tik Tok*



Fonte: *Tik Tok*, 2023.

O debate deve servir para evidenciar não apenas as vantagens, mas principalmente os riscos do uso indiscriminado de tais ferramentas. Como mostram os exemplos acima, com ferramentas de edição simples, facilmente acessíveis a qualquer usuário da rede, é possível criar postagens convincentes, que reproduzem logotipos e *layouts* de empresas do jornalismo profissional e/ou mesclam informações falsas com reportagens produzidas pela imprensa tradicional, as quais são retiradas de seu contexto original e/ou editadas para enganar o destinatário.

## 5.5 Proposta 5: Conteúdo fabricado e manipulado/Inteligência Artificial/Datificação

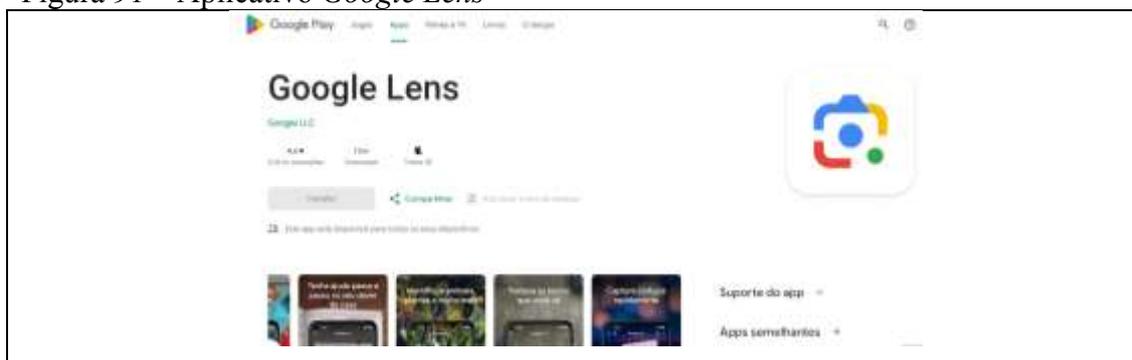
O objetivo das atividades a seguir é sondar o conhecimento prévio dos alunos sobre o uso da inteligência artificial na criação/manipulação de textos, imagens e vídeos e promover

um debate crítico sobre o assunto. Ao longo da proposta, serão apresentadas duas estratégias de fabricação de *fake news* que têm sido impulsionadas pelo avanço dessa tecnologia: o conteúdo manipulado (quando conteúdo real é adulterado para enganar o destinatário) e o conteúdo fabricado (quando o conteúdo é inteiramente falso).

- **Primeira atividade: pesquisar imagens manipuladas, verificando em que contexto foram utilizadas.**

Embora seja cada vez mais difícil, devido aos avanços tecnológicos, detectar a olho nu manipulações em imagens, é importante mostrar aos alunos que existem ferramentas que podem auxiliá-los nessa tarefa. Uma delas costuma já vir instalada de fábrica em aparelhos *smartphone*: o aplicativo *Google Lens*<sup>85</sup> (Figura 91). A ferramenta está disponível para *download* na *Play Store* do *Google*.

Figura 91 – Aplicativo *Google Lens*



Fonte: *Play Store* do *Google*.

Caso seja possível, recomenda-se que os alunos sejam divididos em grupos e que cada um destes receba uma imagem adulterada ou inteiramente fabricada para pesquisá-la por meio do aplicativo *Google Lens*. A partir do resultado da busca, o grupo deve verificar que tipo de falsificação ocorreu e sondar detalhes de seu contexto de criação e circulação (por exemplo, onde foi veiculada, com que objetivos etc.).

Considerando que a atividade depende do uso de *smartphones* ou de computadores com acesso à internet, uma opção, na falta desse recurso, é oferecer aos alunos uma seleção de textos que tenham relação com a imagem (por exemplo, *prints* de postagens em que tenham

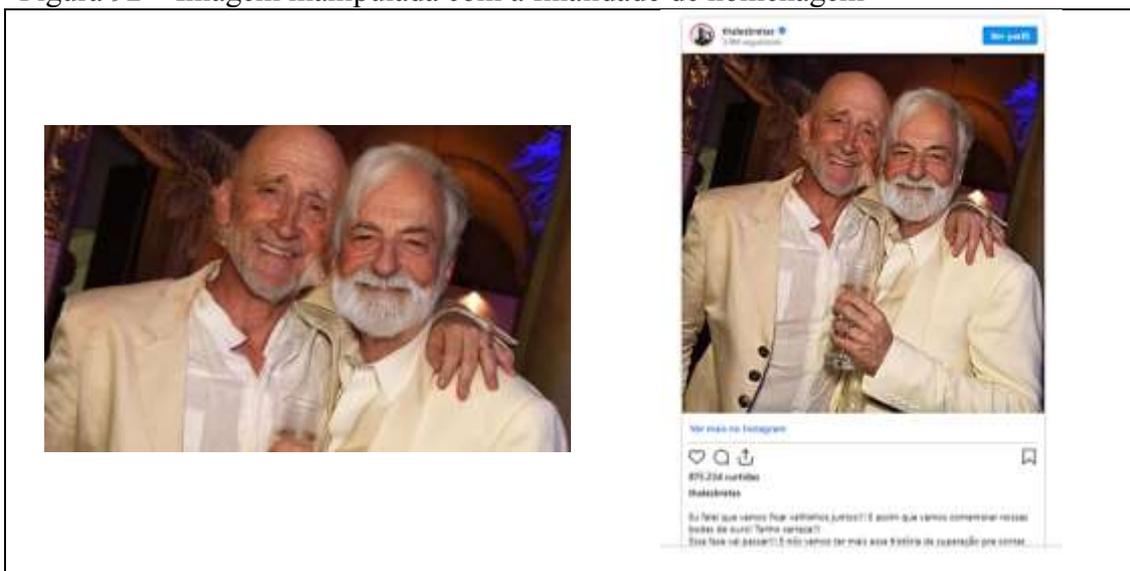
<sup>85</sup> Para mais detalhes sobre o uso da ferramenta, recomendamos a leitura da matéria de Pablo Nogueira para o portal *Giz\_br*: <https://gizmodo.uol.com.br/pesquisa-reversa-no-google-lens-identifica-fotos-fake-geradas-por-ia-saiba-como/> (Acesso em 12/10/2023).

sido utilizadas, reportagens ou notícias relacionadas, verificações realizadas por agências de checagem etc.).

Como sugestão para execução da atividade, apresentamos abaixo oito imagens adulteradas ou fabricadas, com um breve resumo sobre o seu contexto de circulação.

A imagem reproduzida abaixo (Figura 92) foi usada em postagem feita pelo dermatologista Thales Bretas para falar de seu marido, o ator Paulo Gustavo, que, na ocasião se encontrava internado em estado grave após ser infectado pelo novo coronavírus. Bretas usou um aplicativo de edição de fotos para envelhecer a si próprio e a seu companheiro em um registro do casamento dos dois a fim de expressar a crença na completa recuperação de Paulo Gustavo. A postagem inclui ainda uma mensagem de combate a *fake news* que circulavam à época, propagando informações falsas relacionadas ao estado de saúde do artista. O ator, infelizmente, não resistiu à doença e faleceu aos 42 anos de idade.

Figura 92 – Imagem manipulada com a finalidade de homenagem



Fonte: *Notícias da TV*, 2021.

O próximo exemplo (Figura 93) apresenta uma prática muito comum entre perfis e grupos em redes sociais de fãs de animes e mangás: usar programas de inteligência artificial para criar imagens realistas de personagens de seus desenhos favoritos. Na imagem abaixo, extraída da página de *Instagram* do artista Alan Lee, a personagem Hyoga de Cisne, do anime *Cavaleiros do Zodíaco*, ganha uma versão realista criada por meio desse recurso.

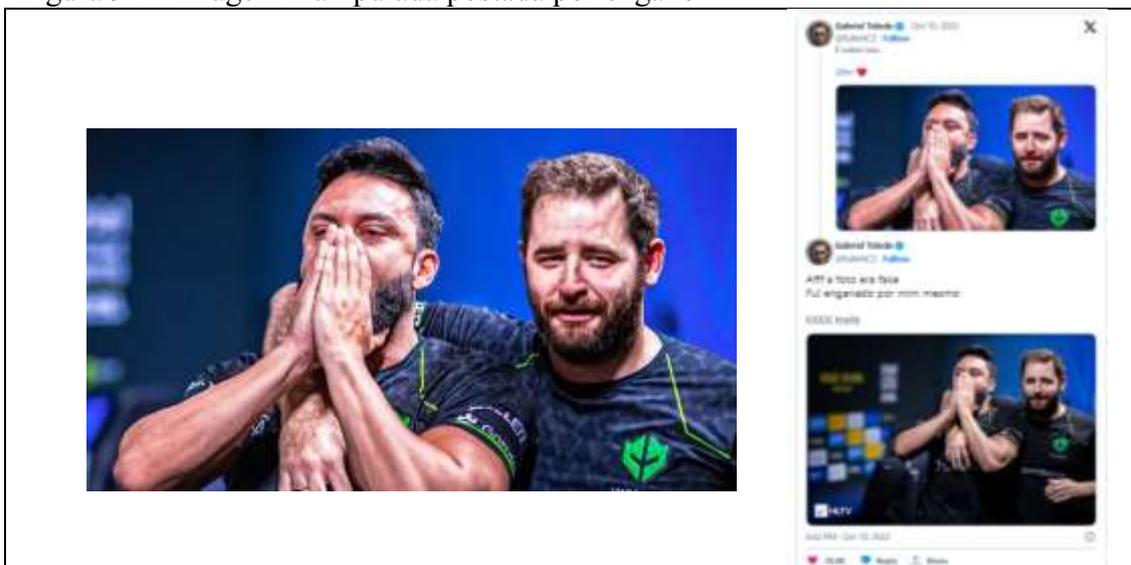
Figura 93 – Uso da IA para criar imagens realistas de personagens de desenhos



Fonte: *Instagram*, 2023.

A imagem reproduzida abaixo (Figura 94) mostra o *gamer* Gabriel Toledo chorando após seu time ter conquistado a classificação para o campeonato mundial do jogo *Counter-Strike: Global Offensive*. Toledo postou o suposto registro em suas redes sociais para comemorar o feito. Pouco depois, fez uma nova postagem explicando que a foto, na verdade, havia sido manipulada por terceiros e admitiu que ele próprio havia sido enganado pela montagem. Na foto original, não há expressão de choro em sua face.

Figura 94 – Imagem manipulada postada por engano



Fonte: *GE*, 2022.

Na montagem abaixo (Figura 95), uma foto antiga de Barack Obama e de sua esposa, Michelle Obama, foi editada para que esta se assemelhasse a um homem. Essas e outras

imagens manipuladas<sup>86</sup> têm sido usadas para sustentar a informação falsa de que Michelle Obama teria nascido como Michael LaVon Robinson e passado por uma transição de gênero, sendo, portanto, uma mulher transexual. Além da transfobia presente em algumas postagens, as falsificações têm servido para questionar a idoneidade do casal, que estaria escondendo seu passado e mentindo para os eleitores.

Figura 95 – Imagem adulterada de Michelle Obama



Fonte: *Snopes*, 2023.

No exemplo a seguir (Figura 96), exibe-se uma suposta foto do Papa Francisco usando uma jaqueta *oversized* no lugar de sua tradicional indumentária eclesiástica. Trata-se de uma montagem feita com uso de inteligência artificial, que viralizou e divertiu internautas em diferentes redes sociais, ao apresentar um papa estiloso.

<sup>86</sup> Também têm sido replicadas na internet fotos manipuladas de Michelle Obama em que se vislumbra um volume na altura de sua virilha, sugerindo a presença de um pênis. Cf. <https://maldita.es/malditobulo/20221228/fotografia-michelle-obama-pene/> (Acesso em 15/10/2023)

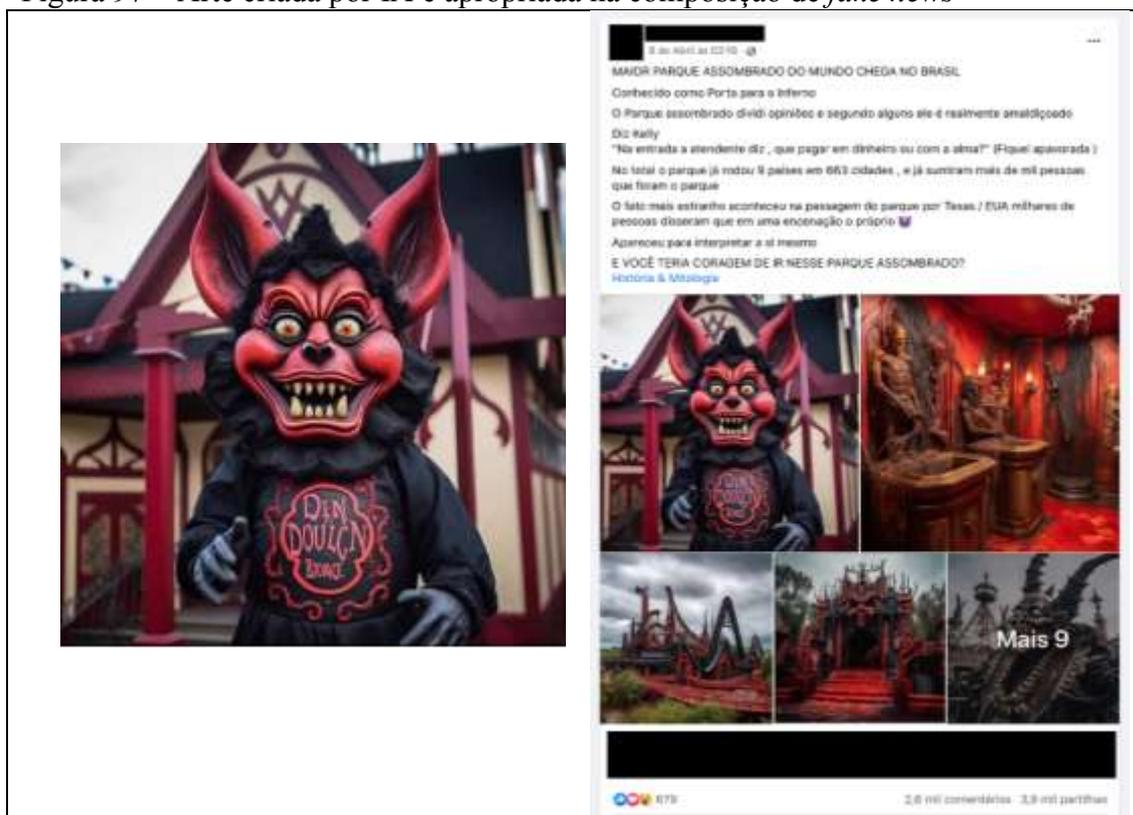
Figura 96 – Imagem manipulada do Papa Francisco com finalidade de humor



Fonte: *Tilt Uol*, 2023.

A imagem em destaque abaixo, assim como outras relacionadas (Figura 97), foram criadas artificialmente pela artista Dolly Cypher para representar um lugar ficcional: o “parque de Lúcifer” (em inglês, *Lucifer’s playground*). Posteriormente, elas foram usadas para ilustrar a informação falsa de que um parque temático denominado “Porta do inferno” teria chegado ao Brasil. De acordo com o texto da postagem, o suposto parque seria mal-assombrado e várias pessoas teriam desaparecido dentro dele nos países por onde já circulou.

Figura 97 – Arte criada por IA e apropriada na composição de *fake news*



Fonte: Polígrafo, 2023.

Desde meados de abril de 2019, a foto abaixo (Figura 98) tem sido viralizada em redes sociais junto com uma história comovente: o ator Keanu Reeves teria resgatado muitos gatos ao redor do mundo, salvando-os da eutanásia. O suposto registro é, na verdade, uma montagem em que o artista é inserido em uma foto em que, originalmente, se encontrava outra pessoa. A imagem do ator é extraída de uma foto real, em que ele aparecia sentado em um banco de praça. A história sobre o salvamento dos animais também é completamente inventada.

Figura 98 – Foto manipulada para ancorar *fake news* sobre ator Keanu Reeves



Fonte: *e-farsas*, 2019.

No exemplo abaixo (Figura 99), aparece uma comparação entre o antes e o depois da ex-participante do programa *Big Brother Brasil* Sarah Andrade, publicada originalmente por uma página de fofocas. Como esclareceu a assessoria da empresária em seu perfil oficial, a postagem apresenta uma foto antiga da ex-BBB que foi manipulada, fazendo com que o tom de sua pele se tornasse mais escuro e seu nariz ganhasse maior volume. O sensacionalismo em torno do suposto fato fez com que Sarah Andrade se tornasse alvo de críticas pela aparente transformação radical. Soma-se a isso, a associação da imagem falsa a discursos de ódio, já que a suposta fisionomia original da famosa (a de uma pessoa negra) foi relacionada nas redes a adjetivos como “feia” e “pobre”, ao passo que sua versão modificada (loira) foi avaliada positivamente.

Figura 99 – Foto manipulada com finalidade sensacionalista

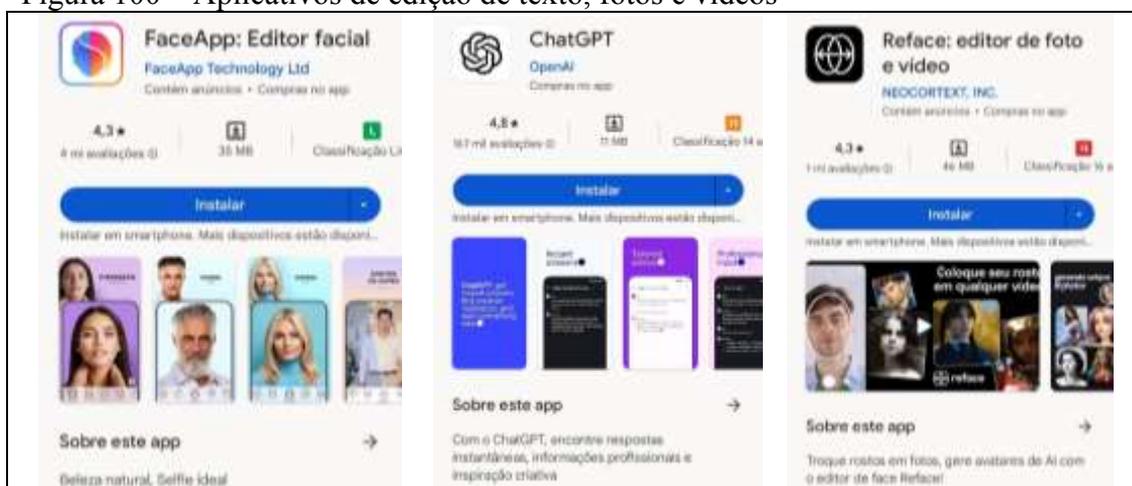


Fonte: *Uai*, 2021.

Sugere-se que, após a análise das imagens, os grupos apresentem os resultados de suas pesquisas e se inicie uma discussão sobre o uso de programas de edição. Considerando que o público discente da Educação Básica é atualmente formado por nativos digitais, recomenda-se que o professor dê protagonismo a eles no debate sobre o uso de ferramentas de edição disponíveis no contexto *online*. Assim, sugere-se que o professor sonde o conhecimento prévio e a experiência dos alunos com esse tipo de recurso: se têm o costume de editar imagens e vídeos, se usam filtros para modificar sua aparência nas redes, quais aplicativos normalmente usam, se usam o apoio de aplicativos para fazer pesquisas ou redigir textos etc. Seria interessante também, caso possível, que os alunos mostrem exemplos edições ou montagens que já tenham feito.

Caso o professor não tenha muita familiaridade com essas ferramentas, apresentamos abaixo alguns exemplos bastante conhecidos, que estão disponíveis para *download* na *Play Store* do *Google* (Figura 100): 1) o *FaceApp*, que permite editar o rosto de pessoas, alterando idade ou gênero, mudando expressões faciais etc.; 2) o *ChatGPT*, que cria textos completos a partir de comandos dados pelos usuários; 3) o *Reface*, que permite trocar o rosto de uma pessoa por outra em vídeos ou *gifs*.

Figura 100 – Aplicativos de edição de texto, fotos e vídeos



Fonte: *Play Store* do *Google*.

Ao longo do debate, orienta-se que o professor estimule os alunos a elencar motivações que levam os usuários da rede a fazer uso de tais recursos. Além das contribuições trazidas pelos alunos, sugere-se que os exemplos analisados sirvam como apoio para discussão. Nesse sentido, é importante destacar que, além do uso aparentemente inofensivo (melhorar aparência em fotos, fazer uma homenagem ou uma brincadeira etc.), há o emprego malicioso das ferramentas de edição para conferir ar de veracidade a informações falsas. Nas

imagens apresentadas, observa-se alguns exemplos de *fake news* em que o uso de imagens adulteradas ou forjadas serve de base para a difamação de pessoas ou para a propagação de discursos de ódio (caso das fotos editadas de Michelle Obama e Sarah Andrade), assim como para sensibilizar o usuário ou despertar sua curiosidade para alcançar cliques, curtidas e compartilhamentos (como ocorre nos exemplos do parque assombrado e da suposta boa ação de Keanu Reeves).

Seria interessante também dar destaque ao caso da foto de Gabriel Toledo. A princípio, não havia intenção de dolo na manipulação, mas o próprio *gamer* retratado na imagem acreditou na autenticidade do conteúdo e o compartilhou como se fosse verdadeiro.

Sugere-se ainda que, durante a atividade, o professor chame atenção para dois tipos de manipulação de informação envolvidos nos exemplos dados. Em alguns casos, registros verdadeiros foram modificados para validar uma informação inverídica (conteúdo manipulado). Em outros, o conteúdo é inteiramente inventado (conteúdo fabricado).

- **Segunda atividade: apresentar reportagem e vídeo de campanha sobre o uso do *deep fake***

O objetivo da próxima atividade é aprofundar o conhecimento dos alunos sobre o uso da inteligência artificial na edição de imagens, áudios e vídeos, dando destaque à tecnologia do *deep fake*. Pretende-se demonstrar como funciona esse tipo de recurso e que intencionalidades podem estar vinculadas a seu uso.

Para iniciar a atividade, sugere-se a exibição da reportagem abaixo que reproduz parcialmente um vídeo supostamente protagonizado pelo ex-presidente norte-americano Barack Obama. Trata-se, na verdade, de uma falsificação, produzida por meio da tecnologia *deep fake* pelo cineasta Jordan Peele para alertar o público sobre o uso da inteligência artificial na produção de conteúdo falso. A reportagem traz ainda outros exemplos que mostram como funciona a ferramenta.

Figura 101 – Reportagem sobre o uso do *deep fake*



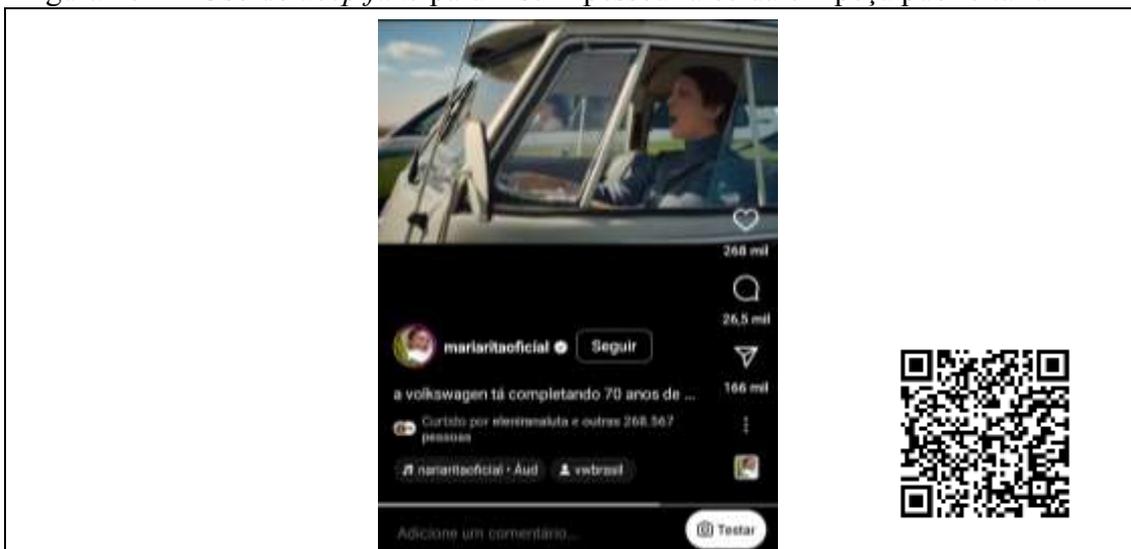
Fonte: *Facebook*, 2018.

Tomando a reportagem como texto motivador, sugere-se um debate sobre os perigos e questões éticas envolvendo o uso da inteligência artificial. Mais uma vez, recomenda-se acionar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto.

Além do uso da ferramenta para a produção de conteúdo falso e malicioso, recomenda-se a discussão sobre o uso não autorizado da imagem e da voz de pessoas, sem seu consentimento prévio, para fins artísticos, lúdicos ou publicitários. A propaganda abaixo (Figura 102), por exemplo, realizada em 2023, teve bastante repercussão e gerou polêmicas ao reunir a cantora Maria Rita e sua mãe, a também cantora Elis Regina, falecida em 1982. Além da comoção pretendida, o dueto entre mãe e filha, só possível graças à inteligência artificial, também levantou dilemas éticos, já que houve questionamentos quanto ao uso da imagem de uma pessoa falecida (e que, portanto, não deu seu consentimento para tal) em uma peça publicitária. Tendo em vista tal tendência, há artistas, como a cantora Madonna<sup>87</sup>, que já estão estabelecendo cláusulas quanto ao uso de suas imagens após a morte.

<sup>87</sup> In: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/07/10/madonna-estabelece-regras-para-uso-de-sua-imagem-e-divisao-de-fortuna-de-r-4-bilhoes.ghtml> (Acesso em 17/10/2023).

Figura 102 – Uso do *deep fake* para inserir pessoa falecida em peça publicitária



Fonte: *Instagram*, 2023.

Por fim, recomendamos a exibição do vídeo “Nachricht von Ella” (em português, “Mensagem de Ella”), feito para uma campanha promovida pela empresa alemã *Deutsche Telekom* para alertar sobre os perigos de postagens inocentes feitas em redes sociais. O vídeo serve como base para discutir a questão da datificação. É importante deixar claro para os alunos, ao longo das discussões, que nossas interações na internet deixam rastros. Ações, comportamentos e informações pessoais postadas em rede viram informação valiosa para diferentes fins, que vão desde à oferta personalizada de produtos à aplicação de golpes. Há, inclusive, empresas especializadas em coletar e vender dados de usuários.

Figura 103 – Vídeo de campanha “Mensagem para Ella”



Fonte: *YouTube*, 2023.

Nesse sentido, seria interessante perguntar aos alunos se eles têm o costume de ler os termos de uso dos diferentes aplicativos que baixam em seus aparelhos ou das redes sociais

em que são cadastrados. Em geral, os usuários aceitam as condições impostas nesses termos, sem entender os riscos implicados em certas cláusulas, como demonstra a reportagem abaixo sobre o aplicativo de edição de fotos *FaceApp* (Figura 104).

Figura 104 – Reportagem sobre os riscos do *FaceApp*



Fonte: *TechTudo*, 2019.

Assim, por meio das atividades propostas, pretende-se evidenciar não apenas as técnicas e ferramentas utilizadas na manipulação de imagens e vídeos, mas também identificar objetivos (maliciosos ou não) relacionados ao seu uso.

## CONCLUSÃO

Nos últimos anos, o termo *fake news* se popularizou como forma de referir a divulgação de conteúdo falso e/ou malicioso no meio virtual, especialmente por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. Embora a mentira, em suas diferentes variações e intencionalidades, não seja uma novidade na trajetória da humanidade, entendemos que o surgimento da nova nomenclatura ocorre atrelado a mudanças sócio-históricas que caracterizam as *fake news* como algo específico do mundo contemporâneo.

Ao longo desta Tese, buscamos demonstrar como os textos/enunciados a que temos denominado *fake news* configuram necessariamente um fenômeno pós-imprensa não só por, em muitos casos, emular características formais de gêneros da esfera jornalística, mas, principalmente, por ameaçar a hegemonia da mídia tradicional como fonte de acesso à informação.

As transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas permitiram não só a difusão de (des)informação em volume, escala e velocidade sem precedentes, mas também mudanças profundas na forma como as pessoas elaboram e recebem informações. O advento e a expansão da internet, bem como de dispositivos móveis, permitiram que qualquer usuário da rede pudesse ser também produtor de conteúdo, com amplas possibilidades de criação, devido à multiplicidade de linguagens e semioses viabilizadas pelo ambiente digital, e com facilidade de propagação a baixo custo. Assim, a distribuição da informação, que antes era limitada a poucas fontes (os grandes veículos de comunicação), passa a ser disponível para qualquer pessoa com acesso à rede.

Também a forma de receber informação foi alterada, já que em vez de uma programação única com possibilidades restritas de escolha, como ocorria na cultura de massa, agora cada um pode acessar de forma personalizada diferentes conteúdos segundo suas preferências. Soma-se a isso a tecnologia dos algoritmos que, a partir de dados obtidos por meio das atividades dos usuários no meio digital, filtram as informações de acordo com o perfil traçado de cada um, direcionando cada conteúdo disponível na rede a seu(s) destinatário(s) ideal(is).

Tal mecanismo concorre para o fenômeno das bolhas (também chamadas de “câmaras de eco” ou “salas espelhadas”), em que os usuários da rede acabam por ficar circunscritos a conteúdos que, de alguma forma, reflitam e confirmem seus interesses, crenças e concepções, sem margem para o diferente ou o contraditório. Assim, independentemente do grau de

veracidade das informações veiculadas, as preferências e convicções dos indivíduos configuram um fator determinante para o direcionamento dado pelos filtros e, conseqüentemente, um elemento central nas interações que se dão no contexto *online*.

Nesse sentido, cabe ainda ressaltar outro fenômeno associado, conhecido como pós-verdade. O termo reflete uma mudança de mentalidade observada na contemporaneidade em que elementos factuais se tornam menos influentes na formação da opinião pública do que apelos às emoções e às crenças pessoais. A partir disso, mentiras tendem a ser mais bem recebidas e creditadas, desde que se conformem aos desejos, valores, crenças e preconceitos prévios do público.

As *fake news* surgem, portanto, em um contexto em que não só a criação e a divulgação de conteúdo falso e/ou enganoso são potencializadas pelos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, mas também em que o próprio conceito de verdade (e quem está autorizado a desvelá-la) está em disputa. Instituições que até então figuravam como referência de verdade nas sociedades democráticas ocidentais (a imprensa, a comunidade científica, o sistema judiciário e a própria estrutura política) se encontram sob ameaça.

A partir disso, entendemos que os textos/enunciados a que temos chamado de *fake news* (nome que mantemos nesta Tese por sua popularidade) configuram um novo gênero discursivo surgido na contemporaneidade. Não se trata, portanto, apenas de uma variação do gênero notícia, em que, eventualmente, pode haver conteúdo errôneo ou tendencioso. As *fake news* se baseiam em pressupostos comunicativos diferentes e, principalmente, refletem e refratam uma compreensão de mundo bastante distinta das notícias veiculadas pela imprensa tradicional. Tampouco devem ser equiparadas às diferentes formas de propagar mentiras que já ocorriam fora do meio digital, já que as *fake news* envolvem não só novos modos de criação e distribuição de conteúdo falso, mas também uma nova percepção sobre o próprio conceito de verdade.

Tendo em vista tal pressuposto, o capítulo 4 da presente Tese foi especialmente voltado para a análise da constituição das *fake news* como gênero discursivo, a partir da teoria desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Buscou-se, assim, evidenciar não só traços típicos de sua forma composicional, mas também, e principalmente, aspectos de sua concepção arquitetônica que determinam e se refletem na materialização textual. Retomaremos aqui, resumidamente, as conclusões a esse respeito que a pesquisa empreendida permitiu alcançar.

Certamente a presença de conteúdo falso e/ou enganoso é um elemento central na definição de *fake news*. No entanto, cabe destacar que nem sempre nos textos/enunciados que identificamos sob tal rótulo, o conteúdo será inteiramente fabricado. Na realidade, a maioria

das *fake news* em circulação se baseia em recortes manipulados ou distorções de fatos reais e/ou de notícias verdadeiras. Assim, diferentes processos de falsificação são envolvidos em sua composição, como adulteração de textos/imagens/vídeos, uso de fragmentos retirados de seu contexto original, direcionamento enganoso a partir de conteúdo verdadeiro, entre outros.

Outro aspecto importante é que tal manipulação é feita com o objetivo de enganar o destinatário para atender a diferentes interesses (financeiros, políticos, ideológicos) de quem produz esse tipo de conteúdo. Diferencia-se, portanto, da distribuição inadvertida e acidental de informações errôneas ou equivocadas, havendo, inclusive, verdadeiras agências especializadas na fabricação de conteúdo falso. As *fake news* envolvem, portanto, um dolo intencional, em que o propósito declarado (compartilhar com o interlocutor fatos ou dados que se creem verdadeiros) é o oposto do projeto comunicativo real (divulgar informações sabidamente falsas/tendenciosas para enganá-lo).

Embora o nome *fake news* aponte para um vínculo com a esfera jornalística, estas, na realidade, surgem em um movimento de ataque aos veículos de imprensa tradicional (e a outras instituições que são tidas como referência de verdade nas democracias modernas). Assim, apesar de se valerem dos mesmos pressupostos que qualificam um fato como noticiável no jornalismo profissional (os chamados valores-notícia), o recorte dado é diferente. Em geral, os textos/enunciados que identificamos como *fake news* se apresentam como uma fonte alternativa de informação, ao trazer supostos fatos ou detalhes que os grandes meios de comunicação ou órgãos oficiais estariam ocultando do grande público. Conseqüentemente, teorias conspiratórias e discursos de ódios contra certas personalidades ou grupo sociais são tópicos recorrentes.

Ademais, embora boa parte das *fake news* em circulação se apropriem de características formais de gêneros do âmbito jornalístico, nem todas se assemelham a estes. Devido às múltiplas possibilidades propiciadas pelas redes sociais e aplicativos disponíveis no meio digital, as *fake news* apresentam uma variabilidade de formatos. Apesar disso, é possível reconhecer características recorrentes em sua configuração, como a presença de elementos que confirmam verossimilhança ao que é apresentado (a partir das expectativas e do sistema de crenças do público almejado) e de marcadores verbais e/ou não verbais que visam direcionar as (re)ações do público. Em sua configuração mais típica, há um texto principal (uma imagem, um vídeo, um *link* etc.), que opera como fonte ou validação do conteúdo falso, e um texto secundário, uma espécie de comentário que visa direcionar a interpretação (e, conseqüentemente, a atitude responsiva) do interlocutor.

Nesse sentido, é importante destacar o suporte como um aspecto central na caracterização das *fake news* como gênero. Além de propiciarem a propagação fácil, ágil e massiva de desinformação, a internet, com suas redes sociais e ferramentas, determina e diferencia as *fake news* de outros textos/enunciados usados na veiculação de conteúdo falso e/ou malicioso. As novas tecnologias não só permitem que qualquer usuário possa se tornar produtor de conteúdo, como também garantem a segurança do anonimato. Diferentemente das notícias difundidas pelos grandes veículos de imprensa, a real origem das *fake news* se perde, em meio a compartilhamentos, remixagens, perfis falsos/adulterados. Sua autoria é desconhecida ou forjada, o que torna difícil a responsabilização ou qualquer tipo de retratação de seus criadores.

Por outro lado, a dinâmica das redes sociais potencializa o papel do interlocutor na propagação de conteúdo falso e/ou enganoso. Além dos algoritmos, que ajudam a direcionar o conteúdo ao destinatário mais suscetível a acreditar nele, e dos disparos automáticos feitos por meio de perfis falsos, os usuários comuns, ainda que inadvertidamente, são corresponsáveis pelo alcance e pela efetividade das *fake news*. Eles não só contribuem para a viralização do conteúdo, por meio dos compartilhamentos, mas também emprestam a ele sua própria credibilidade, endossando-o e validando-o para outros indivíduos de seu círculo social. Em outras palavras, tornam-se uma espécie de coautores dos textos/enunciados que replicam em seus perfis pessoais.

Para garantir esse engajamento dos usuários, as *fake news* recorrem a seus afetos e seus sistemas de crenças. Assim, a linguagem (verbal e não verbal) desses textos/enunciados costuma ser carregada de forte apelo emotivo. Além disso, observa-se a retomada explícita ou implícita de discursos que circulam na comunidade discursiva a que se destinam/filiam.

Cabe destacar que, como frisa claramente a teoria bakhtiniana, os gêneros se caracterizam como tipos *relativamente* estáveis de enunciados, sujeitos a modificações de acordo com as necessidades comunicativas dos seres humanos. Dessa forma, as considerações que ora fazemos acerca do gênero *fake news* se baseiam em aspectos que se puderam observar no processo de escrita da Tese, mas que são passíveis de mudanças.

Em vista disso, já visualizamos alguns fatores que podem impactar a forma como as *fake news* são criadas e recebidas, como os avanços recentes no campo da Inteligência Artificial. Aplicativos como Chat GPT e o resultado cada vez mais realista do CGI (*Computer Graphic Imagery*) e do *deepfake* são indicativos das possibilidades que se anunciam na fabricação e difusão de *fake news*.

Considerando os impactos negativos das *fake news* e a necessidade urgente de meios para combatê-las, a Tese se voltou não só para sua caracterização como gênero discursivo, mas também para a aplicação desse conhecimento para a sala de aula. Visando a tal objetivo, apresentamos no último capítulo cinco propostas voltadas para a leitura e análise de *fake news* em diálogo com textos/enunciados de outros gêneros da esfera jornalística-midiática. Por meio das atividades, buscou-se apontar caminhos para que os estudantes possam mais facilmente identificar e lidar com conteúdos falsos e/ou maliciosos que circulam nas redes, evidenciando não só traços típicos de sua configuração formal, mas também aspectos de seu contexto de criação e circulação que caracterizam sua constituição como gênero.

Reconhecemos que nem sempre haverá condições ideais para a execução de tal proposta, não só pela falta de infraestrutura apropriada que ainda atinge grande parte das escolas brasileiras, mas também, no caso específico das *fake news*, pelas próprias coerções ideológicas que o assunto envolve. Ademais, convém lembrar que, ao serem transpostos de suas esferas de origem para a sala de aula, os gêneros, inevitavelmente, sofrem alterações. No entanto, ainda assim, insistimos na necessidade de que as atividades desenvolvidas no contexto escolar se aproximem e emulem tanto quanto possível aspectos dos contextos de interação que ocorrem fora dele.

Embora as *fake news* apresentem especificidades que devem ser observadas, considerou-se que o ponto de partida das atividades aqui propostas deveria ser o cuidado que se deve ter com o acesso à informação de maneira geral. Assim, além da leitura e da análise de *fake news* que efetivamente circularam nas redes sociais e foram identificadas como tal por agências de verificação, buscou-se evidenciar relações dialógicas entre estas e textos/enunciados de outros gêneros da esfera jornalística-midiática. Trata-se, a nosso ver, de uma abordagem necessária, já que, em interações reais, os estudantes recebem desinformação em meio a um grande volume de informação, de forma que um dos grandes desafios da educação é justamente aprimorar a capacidade de julgamento.

Considerando a novidade do tema e, conseqüentemente, a carência ainda observada de materiais e propostas pedagógicas que abordem as *fake news* não apenas de uma maneira conceitual, mas também praxiológica e procedimental, de forma a viabilizar o desenvolvimento discursivo e crítico dos estudantes, esperamos que as atividades aqui propostas sejam uma contribuição inicial nesse sentido. Assim, desejamos que a presente Tese seja referência e inspire não apenas pesquisadores que queiram dar continuidade aos estudos sobre as *fake news*, mas, principalmente, professores e professoras de língua materna que entendam a sala de aula como um espaço de transformação.

Defendemos que um trabalho pedagógico voltado para a educação midiática não pode se dar de forma abstrata, por meio do mero debate de temas pertinentes, como é o caso combate às *fake news*. Somente por meio da interação concreta com textos/enunciados que circulam na rede é que os alunos poderão ampliar sua capacidade crítica e sua competência discursiva para lidar de forma ética, responsável e consciente no meio digital.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES Filho, Francisco. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMORIM, Eduardo; VIEIRA, Ramênia. Muito barulho para silenciar. *In*: MARTINS, Helena (org.). **Desinformação: crises políticas e saídas democráticas para as fake news**. São Paulo: Veneta, 2020. *E-book*.

ANSTEAD, Nick. **What do we know and what should we do about fake news?** Londres: Sage, 2021. *E-book*.

ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, Júlio; LESSA, Wilson. (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

ARNOUX, Elvira Narvaja de. A verdade e as emoções: retórica e pós-verdade no discurso político. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BEVÓRT, Evelyne e BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *In*: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e conceitos teórico-metodológicos. *In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 39-49.

BOYD, Danah. Did Media Literacy Backfire? **Quartz**, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://points.datasociety.net/did-media-literacy-backfire-7418c084d88d>. Acesso em: 07 out. 2020.

BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. *In: ROJO, Roxane (org.). A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.* Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 15-25.

BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. *In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (org.). Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, Beth e PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/6VGDTp93BHDqyWfKF5TsDpf/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 08 ago. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum.** Brasília: MEC, 2017 (EF) e 2018 (EM). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BUCCI, Eugênio. *News não são fake – e fake news não são news.* *In: BARBOSA, Marina (org.). Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 37-48.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corresão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574/140220>. Acesso em: 12 set. 2020.

BUENO, Luzia. Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. **Revista Instrumento**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18612> . Acesso em: 10 jan. 2016.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social e Sociedade**, n.140, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português Linguagens (9º ano).** São Paulo: Atual, 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. As emoções no discurso.* Campinas: Mercado das Letras, 2010. v. 2.

CHOKSHI, Niraj. That Wasn't Mark Twain: How a Misquotation Is Born. *The New York Times*, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/04/26/books/famous-misquotations.html>. Acesso em: 30 jun. 2023.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. *Revista Idioma*, Rio de Janeiro, n. 23, 2003. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/23/idioma23.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2016.

COSTA, Rafael Rodrigues da. **A TV na web**: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CRUZ, Adriane. A queda da imunização no Brasil. *Revista Consensus*, 4. trim. 2017. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/revistaconsensus\\_25\\_a\\_queda\\_da\\_imunizacao.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/revistaconsensus_25_a_queda_da_imunizacao.pdf). Acesso em: 22 nov. 2020.

D' ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova Guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Fato editorial, 2018.

DARNTON, Robert. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, 18 fev. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: 07 out. 2020.

DARNTON, Robert. **O diabo na água benta**: ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007. ISSN: 1982-3053. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13903/11084>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, v.18, n.32, p.155-169, 2018. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_32\\_11/4561](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11/4561). Acesso em: 13 out. 2023.

DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 27, p. 7-39, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8934>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DEWEY, Caitlin. 6 in 10 of you will share this link without reading it, a new, depressing study says. *Washington Post*, 16 jun. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-intersect/wp/2016/06/16/six-in-10-of-you-will-share-this-link-without-reading-it-according-to-a-new-and-depressing-study/>. Acesso em: 13 out. 2023.

FALLON, Claire. Where Does The Term ‘Fake News’ Come From? The 1980s, Apparently. **HuffPost**, 24 mar. 2017. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/where-does-the-term-fake-news-come-from\\_n\\_58d53c89e4b03692bea518ad](https://www.huffpost.com/entry/where-does-the-term-fake-news-come-from_n_58d53c89e4b03692bea518ad). Acesso em: 16 mar. 2022.

FANTE, Alexandra; SILVA, Tiago Marthias da; GRAÇA, Valdete da. *Fake news* e Bakhtin: Gênero Discursivo e (Des)Apropriação da Notícia. In: TOURAL, Carlos; CORONEL, Gabriela; FERRARI, Pollyana (org.). **Big data e fake news: na sociedade do (des)conhecimento**. Avieiro: Ria Editorial, 2020. p. 70-88.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC-Armazém da Cultura, 2018.

FIGUEIRA, Filipo Pires. **Três faces das desnotícias: paródia, jornalismo e política nas publicações do The Piauí Herald**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FRANKS, B.; BANGERTER, A.; BAUER, M. W. Conspiracy theories as quasi-religious mentality: An integrated account from cognitive science, social representations theory, and frame theory. **Frontiers in Psychology**, n. 4, Article 424, 2013. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2013.00424/full>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FRIAS FILHO, Otavio. O que é falso sobre *fake news*? **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576>. Acesso em: 21 set. 2020.

FREIRE, Débora Fabianne da Silva. **Discurso e força estética das notícias falsas: um estudo sobre a configuração do gênero fake news**. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pereira; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. Fato ou *Fake*? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, supl. 2, p. 4201-4210, 2020. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csc/2020.v25suppl2/4201-4210/pt> . Acesso em: 06 jan. 2021.

GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 45-58, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577>. Acesso em: 21 set. 2020.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUIMARÃES FILHO, José Arnaldo. **Mentira e pós-verdade: a linguagem nas *fake news***. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HARARI, Yuval Noah. Yuval Noah Harari extract: ‘Humans are a post-truth species’. *The Guardian*, 05 ago. 2018. <https://www.theguardian.com/culture/2018/aug/05/yuval-noah-harari-extract-fake-news-sapiens-homo-deus>. Acesso em: 27 abr. 2022.

HEMAIS, Barbara e BIASI-RODRIGUES. A proposta sociorretórica de John Swales para o estudo dos gêneros textuais. *In*: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.

HIGGINS, Kathleen. Post-truth: a guide for the perplexed. *Nature*, 28 nov. 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/540009a>. Acesso em: 27 abr. 2022.

KEYES, Ralph. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **A new literacies sampler**. Nova Iorque: Peter Lang Publishing Inc., 2007.

LARSSON, Paula. Movimento antivacina usa os mesmos argumentos há 135 anos, aponta cientista. **Revista Galileu**, 25 out. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/10/movimento-antivacina-usa-os-mesmos-argumentos-ha-135-anos-aponta-cientista.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

LEGROSKI, Marina Chiara. O gênero textual *fake news*. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 9, n.1, p. 328-340, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/16393/209209214002>. Acesso em: 20 set. 2023.

MALIK, Kenan. Fake news has a long history. Beware the state being keeper of ‘the truth’. *The Guardian*, 11 fev. 018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/feb/11/fake-news-long-history-beware-state-involvement>. Acesso em: 27 mar. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARINONI, Bruno e GALASSI, Vanessa. Aspectos da desinformação, capitalismo e crises”. *In*: MARTINS, Helena (org.). **Desinformação: crises políticas e saídas democráticas para as fake news**. São Paulo: Veneta, 2020. *E-book*.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** São Paulo: Contexto, 2018.

MELO, Rosineide de & ROJO, Roxane. A arquitetônica Bakhtiniana e os multiletramentos. *In:* NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane H. R. (org.). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade.** Campinas: Pontes, 2019.

MOITA LOPES, L.P.; ROJO, R. H. R. Linguagens, códigos e tecnologias. *In:* BRASIL/DPEM. **Orientações curriculares do ensino médio.** Brasília: MEC, p. 14-59.

PAIVA, A. M.; BARRETO, R. G; MARTINS, M.; STRECKER, H. Penteados, A. E. de A.; ABREU, L.S.; PRADO, M.; CLERO, M. L.; BERGAMIN, C. **Ser protagonista – a voz das juventudes – Língua Portuguesa.** São Paulo: SM, 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes; COSTA-HÜBES, Terezinha. O estudo dos gêneros sob a perspectiva dialógica da linguagem: considerações sobre *cronotopo*, *ideologia* e *valorização*. *In:* NASCIMENTO, Elvira Lopes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; LOUSADA, Eliane. (org.). **Gêneros de texto/discurso: novas práticas e desafios.** Campinas: Pontes, 2019.

PEROSA, Teresa. O império da pós-verdade. **Época**, 25 abr. 2017. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>. Acesso em: 04 mai. 2021.

PINHEIRO, Joel. *Fake news* e o futuro da nossa civilização. *In:* BARBOSA, Marina (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 87-107.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação.** São Paulo: Parábola, 2018.

ROBERTS, David. *Post-truth* policy. **Grist**, 30 mar. 2010. Disponível em: <https://grist.org/article/2010-03-30-post-truth-politics/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Articulações teórico-conceituais nos PCNs: uma análise crítica. *In:* ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: CELSUL, 2003. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/6572/4261>. Acesso em: 20 mar 2021.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In:* MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso nas aulas de Língua Portuguesa: (re)discutindo o tema. *In:* NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane H. R. **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade.** Campinas: Pontes, 2019. p. 35-54.

RODRIGUES, Ilana H. F. de S.; SILVA, Karina M. C.; COELHO, Gilson Gomes. Holocausto brasileiro: da violação de direitos à construção de uma sociedade sem manicômios. **Composição**, 2021, v. 2, n. 24. p. 48-66. Disponível em: [file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/13476-Texto%20do%20artigo-50167-1-10-20210823%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/13476-Texto%20do%20artigo-50167-1-10-20210823%20(1).pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.

ROJO, Roxane. A concepção do leitor e produtor de textos nos PCNs: “Ler é melhor que estudar”. In: FREITAS, Maria Teresa A.; COSTA, Sérgio Roberto (org.). **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEUER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, I. (org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 73-108.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

ROJO, Roxane. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. **Palimpsesto**, v. 14, n.21, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/marcelaansaloni,+Palimpsesto21entrevista01.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2023.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROMANET, Ignacio. Geopolítica da pós-verdade: a informação na era das *fake news*. In: MORAES, Dênis (org.). **Poder midiático e disputas ideológicas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 113-130.

RUBEL, Steve. The attention crash: a new kind of dot-com bust. **AdAge**, 18 jun. 2007. Disponível em: <https://adage.com/article/steve-rubel/attention-crash-a-kind-dot-bust/117325>. Acesso em: 06 out. 2023.

RUDNITZKI, Ethel. Perfis de paródia se organizam no Twitter em apoio a Bolsonaro e contra a imprensa. **Agência Pública**, 18 fev. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/02/apos-exclusao-de-contas-perfis-de-parodia-se-organizam-no-twitter-em-apoio-a-bolsonaro-e-contra-a-imprensa/>. Acesso em: 15 out. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é falsa ou verdadeira?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018. *E-book*.

SANTAELLA, Lucia. **De onde vem o poder da mentira?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2021.

SAYAD, Alexandre. Idade mídia: uma idade média às avessas. *In*: BARBOSA, Marina (org.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 69-77.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.46, n.1, p. 37-45, jan./mar. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9246/6370>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: CUP, 1990.

SYED, Wasim; ACELINO, Artur; MOREIRA, Eduarda A.; VALEZ, Rayane G.; MORO, Francisco. Fake news e como identificá-las. **Vydia Academics**, 2020. Disponível em: [https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2020/06/Coronav%C3%ADrus-Fake-News\\_Vydia\\_academics\\_FCFRP\\_USP.pdf](https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2020/06/Coronav%C3%ADrus-Fake-News_Vydia_academics_FCFRP_USP.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **A lógica do cisne negro**: o impacto do altamente improvável. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TESICH, Steve. The Watergate Syndrome: A Government of Lies. **The Nation**, v. 254, 1992. Disponível em: <https://www.thefreelibrary.com/A+government+of+lies.-a011665982>. Acesso em: 06 out. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade transnacional. Lisboa: Editoriais Notícias, 2004.

TUFTE, Edward R. **Computer literacy bookshop interview 1994-1997**. Disponível em: [https://www.edwardtufte.com/tufte/complit\\_9497](https://www.edwardtufte.com/tufte/complit_9497). Acesso em: 02 nov. 2023

VELASCO, Clara; ROCHA, Gessyca; DOMINGOS, Roney. Fato ou Fake: Por que as pessoas criam fake news?. **G1**, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou->

fake/noticia/2022/03/14/fato-ou-fake-por-que-as-pessoas-criam-fake-news.ghtml. Acesso em: 30 out. 2023.

WARDLE, Claire. Fake news. It's complicated. **First Draft**, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>. Acesso em: 07 out. 2020

WARDLE, Claire. Understanding Information disorder. **First Draft**, 22 set. 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

WILSON, Carolyn; GRIZZLE, Alton; TUAZON, Ramon; AKYEMPONG, Kwame; CHEUNG, Chi-Kim. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO/UFTM, 2013.

ZANARDI, Juliene Kely. **Jornada Legendária**: o jornal escolar como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ZAVAM, Aurea Suely. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso**: o conceito de tradição discursiva e sua aplicação em um estudo sobre editoriais de jornais. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.